

ALMANAQUE *agosto 1960*





Neste número não se «repensa». A série de artigos que, subordinados a esse tema, começámos a publicar em Julho, não tem neste número, a devida continuidade.

Espantar-se-ão porventura os leitores deste aparente desleixo, desta aparente incapacidade de respeitar compromissos tácitamente estabelecidos — desta falta afinal de determinação e persistência, deste cansaço de inteligência cuja necessidade tanto se apregouu.

É injusto, porém, este espanto. Foi numa patriótica intenção que suspendemos a secção «repense». Foi animados de grande portuguesismo que decidimos não fornecer, a nós e aos leitores, nestes meses quentes de Verão, mais motivos para pensar.

Agosto e Setembro são meses calmosos. Portugal é um país do Sul. Pensar — por gosto, por necessidade intelectual — não apetece geralmente ao português.

Estendido na praia, sentado na pequena esplanada do café, apanhando o fresco do seu alpendre ou da sua parreira — bem se rala ele que o mundo vá direito ou torto, longe do que os seus olhos alcançam e nem cuida que valha a pena dispensar a esse mundo longínquo um minuto de atenção.

Foi pensando nele — nesse simpático, amável, preguiçoso, tristonho e pouco saudável português que somos nós todos e na sua simpática, amável, preguiçosa, tristonha e pouco saudável esposa, que são as esposas de nós todos — que resolvemos este Verão, não pensar.

Fica para Outubro. Outubro é mês de grande actividade: abrem as aulas e a caça, começa a «season» nas artes, nas letras e na vida social. E talvez que a outra temperatura mais amena permita aos nossos encéfalos debilitados pela poluição atómica e baixos níveis proteicos, dar uma pequena achega a essa coisa supérflua, incómoda, e estrangeira a que se chama pensamento humano.





agosto/60

ABERTURA	1	
CALENDÁRIO	6	
EFEMÉRIDES	10	o que passou para a história
ACTUALIDADES	14	o que não passa à história
OS DESTINOS DO MÊS	20	pelo prof. Carlos Radini
FLORICULTURA	27	
FLOS-SANCTORUM	33	S. Lourenço
OS ANIMAIS DO MÊS	37	
ALFRED NOBEL	41	
A HISTÓRIA DO LEQUE	47	quase tão velho como Eva...
OS GRANDES CONTISTAS	52	o defunto por Luigi Pirandello
O FILME DO MÊS	58	conspiração dos corações
BOÊMIA DE OUTROS TEMPOS	63	como se divertiam os nossos avós
CAUTELA COM AS CRIANÇAS	67	as doenças causam menos mortes do que os envenenamentos acidentais
A CARTA PERDIDA	70	conto cor-de-rosa por Sylviane de Lavigne
A VERDADEIRA HISTÓRIA	73	dos 3 mosqueteiros
ESSE ESPÉCIME ESTRANHO QUE SE CHAMA	76	turista
NOS BASTIDORES DA V-1	85	

DIÁRIO EUROPEU	89	não se esqueça estimado leitor de que é europeu
ANTIQUARIUM	96	das afamadas colchas de Castelo Branco por Manuel Deslandes
O MARINHEIRO DE AMSTERDÃO	99	conto policial por Guillaume Apollinaire
AS LATITUDES DA FELICIDADE	103	Itália
GENEALOGIA DOS ALMANAQUES	111	
OS ESPARTILHOS E A BOLSA	115	
ARMAZÉM DAS LETRAS	117	& Diversos o livro do mês a noiva inconsolável — conto por Maria Judith de Carvalho no reino de Pacheco afogam-se no Egipto 4.000 anos de história
SURPRISE-PARTY	131	aperitivo culinária determine o seu grau de estupidez — «test» domingo de Agosto George Brassens aprendeu a sorrir um desconhecido desacredita Hollywood o crime ao alcance de todos o sono — um negócio da China nos Estados Unidos as «bluebell girls» passatempos anedotas

ALMANAQUE

Director: J. A. de Figueiredo Magalhães
 • Orientador gráfico: Sebastião Rodrigues •
 Editor e proprietário: Grupo de Publicações Periódicas •
 Redacção e Administração: Rua da Misericórdia, 125-1.º •
 Expediente e contabilidade: Rua da Misericórdia, 67-2.º •
 Telefones: 3 18 92/3 • Composto e impresso na Casa Portuguesa, Rua das Gáveas, 109 •
 Revista mensal • Cada volume: 15\$00 •
 Assinatura semestral: 75\$00 • Anual: 145\$00



agosto/60

*

Durante este mês o Sol encontra-se no signo zodiacal do Leão até ao dia 23; neste dia às 3 h e 35 m o Sol entra no signo da Virgem.

Durante o mês de Agosto o dia diminui 1 h 6 m.

O dia 1 dura 14 h 10 m; o dia 15 — 13 h 42 m; o dia 31 — 13 h 4 m.

1

1 — Segunda-feira. — Santos Mártires Macabeus. — Feiras: Bombarral, Idanha-a-Nova; Pe-reiras, Portimão, Silves, Tavira, Vimeiro, Arraiolos.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 10.22	HO RA 22.52
ALT. 3.12	ALT. 3.16

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 3.50	HO RA 16.32
ALT. 1.09	ALT. 1.18

2

2 — Terça-feira. — Santo Afonso. — Feiras: Torrão (Alcacer do Sal).

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 11.37	HO RA —
ALT. 3.16	ALT. —

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 5.18	HO RA 17.52
ALT. 1.13	ALT. 1.14

3

3 — Quarta-feira. — Santa Lidia. — Feiras: Alhos Vedros, Constância, Malmica, O uvida, Vila do Conde.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 0.17	HO RA 12.58
ALT. 3.18	ALT. 3.31

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 17.52	HO RA 6.28
ALT. 1.14	ALT. 1.04

4

4 — Quinta-feira. — S. Domingos de Gusmão. — Feiras: Giões, Serra d'El-N.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 1.32	HO RA 14.01
ALT. 3.34	ALT. 3.55

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 7.24	HO RA 19.56
ALT. 0.87	ALT. 0.74

5

5 — Sexta-feira. — Nossa Senhora das Neves. — Feiras: Alvarenga, Beja, Colos (Odemira), Ferrel, Freixo de Espada à Cinta, Prouença-a-Velha, Ramalhal.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 2.34	HO RA 15.00
ALT. 3.54	ALT. 3.80

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 8.12	HO RA 20.51
ALT. 0.66	ALT. 0.52

6

6 — Sábado. — S. Tiago. — Feira: Nespereiras (Cinfães).

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 3.24	HORA 15.48
ALT. 3.73	ALT. 4.02

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 9.07	HORA 21.37
ALT. 0.49	ALT. 0.36

7

7 — Domingo. — S. Caetano. — Feiras: Sandel (Sabrosa), Alhos Vedros, Alter do Chão, Amêndoa (Mação), Ares (Nisa), Guimarães, Lohuga (Seia), Ramalhal, Sob. Formosa. — Lua Cheia às 2 h 41 m.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 4.16	HORA 16.30
ALT. 3.88	ALT. 4.16

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 9.54	HORA 22.25
ALT. 0.37	ALT. 0.27

8

8 — Segunda-feira. — S. Ciriaco.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 5.00	HORA 17.20
ALT. 3.95	ALT. 4.21

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 10.41	HORA 23.10
ALT. 0.34	ALT. 0.27

9

9 — Terça-feira. — S. Romão. Feiras: Avelada (Lousada), Bairros.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 5.40	HORA 18.03
ALT. 3.95	ALT. 4.16

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 11.20	HORA 23.52
ALT. 0.37	ALT. 0.37

10

10 — Quarta-feira. — Santa Filomena. — Feiras: Ancião, Caria (Belmonte), Castelo de Vide, Celorico da Beira, Juro-menha, Monforte da Beira, Vimioso.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 6.26	HORA 18.45
ALT. 3.95	ALT. 4.02

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA —	HORA 12.06
ALT. —	ALT. 0.47

11

11 — Quinta-feira. — Santa Susana.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 7.08	HORA 19.30
ALT. 3.70	ALT. 3.81

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 0.36	HORA 12.48
ALT. 0.53	ALT. 0.66

12

12 — Sexta-feira. — Santa Clara. — Feiras: Lousada, Relíquias.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 8.00	HORA 20.21
ALT. 3.50	ALT. 3.54

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 1.18	HORA 13.32
ALT. 0.75	ALT. 0.89

13

13 — Sábado. — Santo Hipólito. — Feiras: Aparecida, Castanheira (Guarda), Orada (Albufeira), T. de Moncorvo, Portuzelo (Viana do Castelo).

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 8.45	HORA 21.08
ALT. 3.28	ALT. 3.27

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 2.05	HORA 14.28
ALT. 1.01	ALT. 1.14

14

14 — Domingo. — Santo Eusébio. — Feiras: Castro Marim, Peso da Régua, Rouqueiro, Sabóia, Sertã, Algoz, Cardigos, Gouveia. — Quarto Minguante às 5 h 37 m.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 9.40	HORA 22.10
ALT. 3.10	ALT. 3.05

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 3.02	HORA 15.31
ALT. 1.26	ALT. 1.38

15

15 — Segunda-feira. — Assunção de Nossa Senhora. — Feiras: Alcanede, Alfaiates, Batalha, Caldas da Rainha, Campo Maior, Flor da Rosa, Junça, Paçô (Arcos de Valdevez), Pínel, Sarzedas, Sines, Sobral de Monte Agraço, Vila da Marmeleira.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 10.42	HO RA 23.19
ALT. 2.96	ALT. 2.90

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 4.14	HO RA 16.51
ALT. 1.45	ALT. 1.52

16

16 — Terça-feira. — S. Joaquim. — Feiras: Avis, Baltar, Covelo (Tábua), Lagos, Mido, Teixoso, Vila Flor.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 12.00	HO RA —
ALT. 2.93	ALT. —

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 5.25	HO RA 18.17
ALT. 1.53	ALT. 1.52

17

17 — Quarta-feira. — S. Roque. — Feiras: Algés, Martiálongo.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 0.38	HO RA 13.12
ALT. 2.88	ALT. 3.02

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 6.33	HO RA 19.19
ALT. 1.48	ALT. 1.41

18

18 — Quinta-feira. — Santa Clara. — Feiras: Trouxemil, Viana do Castelo, V. do Touro.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 1.48	HO RA 14.07
ALT. 2.96	ALT. 3.17

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 7.29	HO RA 20.00
ALT. 1.37	ALT. 1.27

19

19 — Sexta-feira. — Santo André. — Feiras: Figueira de Castelo Rodrigo, Coimbra, Portel, Salvada, S. Luis.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 2.38	HO RA 14.51
ALT. 3.10	ALT. 3.34

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 8.04	HO RA 20.39
ALT. 1.22	ALT. 1.12

20

20 — Sábado. — S. Bernardo. — Feiras: Alcobaça, Azinhal (Castro Marim), Cernache do Bonjardim, Sátão, Trancoso.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 3.13	HO RA 15.29
ALT. 3.24	ALT. 3.50

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 8.43	HO RA 21.09
ALT. 1.06	ALT. 0.96

21

21 — Domingo. — Santa Joana Chantal. — Feiras: Agualva, Bufarda, Lameira (Celorico de Basto), Canha, Carvoeiro (Mação), Torres Vedras, S. Domingos (S. Tiago do Cacém).

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 3.44	HO RA 16.00
ALT. 3.37	ALT. 3.62

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 9.20	HO RA 21.41
ALT. 0.90	ALT. 0.80

22

22 — Segunda-feira. — S. Timóteo. — Feiras: Almogrove, S. Bartolomeu, Charneca. — Lua Nova às 9 h 16 m.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 4.20	HO RA 16.31
ALT. 3.49	ALT. 3.72

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 9.50	HO RA 22.10
ALT. 0.76	ALT. 0.66

23

23 — Terça-feira. — S. Filipe. — Feiras: Arouca, Mexilhoeira Grande, Ponte da Barca, Proença-a-Nova, Salvaterra do Extremo.

MARÉS

PREIA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 4.51	HO RA 17.04
ALT. 3.57	ALT. 3.78

BAIXA - MAR	
MANHÃ	TARDE
HO RA 10.21	HO RA 22.43
ALT. 0.62	ALT. 0.56

24

24 — Quarta-feira. — S. Bartolomeu. — Feiras: Bihó, Cano (Souzel), Charneca (2.ª), Penafiel, Proença-a-Nova, S. Bartolomeu (Lourinhã), Serpa.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 5.20	HORA 17.32
ALT. 3.63	ALT. 3.82

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 10.54	HORA 23.24
ALT. 0.56	ALT. 0.51

25

25 — Quinta-feira. — S. Luís. — Rei de França. — Feiras: Lamego, Sabugal, Vermelha.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 5.50	HORA 18.09
ALT. 3.65	ALT. 3.79

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 11.33	HORA —
ALT. 0.54	ALT. —

26

26 — Sexta-feira. — Santa Rosa. — Feiras: Assente, Felgueiras.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 6.29	HORA 18.42
ALT. 3.62	ALT. 3.73

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA —	HORA 12.10
ALT. 0.54	ALT. 0.58

27

27 — Sábado. — Santo Armando. — Feiras: Atalaia (Montijo).

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 7.02	HORA 19.20
ALT. 3.54	ALT. 3.59

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 0.38	HORA 12.56
ALT. 0.62	ALT. 0.71

28

28 — Domingo. — Santo Agostinho. — Feiras: Turcifal, Valada, Vila Velha de Ródão, Alenquer, Bucelas, Grândola, Miranda do Douro, Torres Novas, Vale do Peso (Crato), Caxarias.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 7.51	HORA 20.21
ALT. 3.42	ALT. 3.43

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 1.20	HORA 13.50
ALT. 0.78	ALT. 0.88

29

29 — Segunda-feira. — Santa Sabina. — Feiras: Barrancos, Loulé, Vila Viçosa. — Quarto Crescente às 19 h 23 m.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 8.50	HORA 21.19
ALT. 3.28	ALT. 3.24

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 2.19	HORA 14.46
ALT. 0.98	ALT. 1.08

30

30 — Terça-feira. — Santa Rosa de Lima. — Feiras: Castelo Branco.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 9.52	HORA 22.38
ALT. 3.18	ALT. 3.13

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 3.24	HORA 16.00
ALT. 1.18	ALT. 1.23

31

31 — Quarta-feira. — S. Raimundo.

MARÉS

PREIA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 11.11	HORA —
ALT. 3.16	ALT. —

BAIXA - MAR

MANHÃ	TARDE
HORA 4.45	HORA 17.37
ALT. 1.29	ALT. 1.23



efemérides

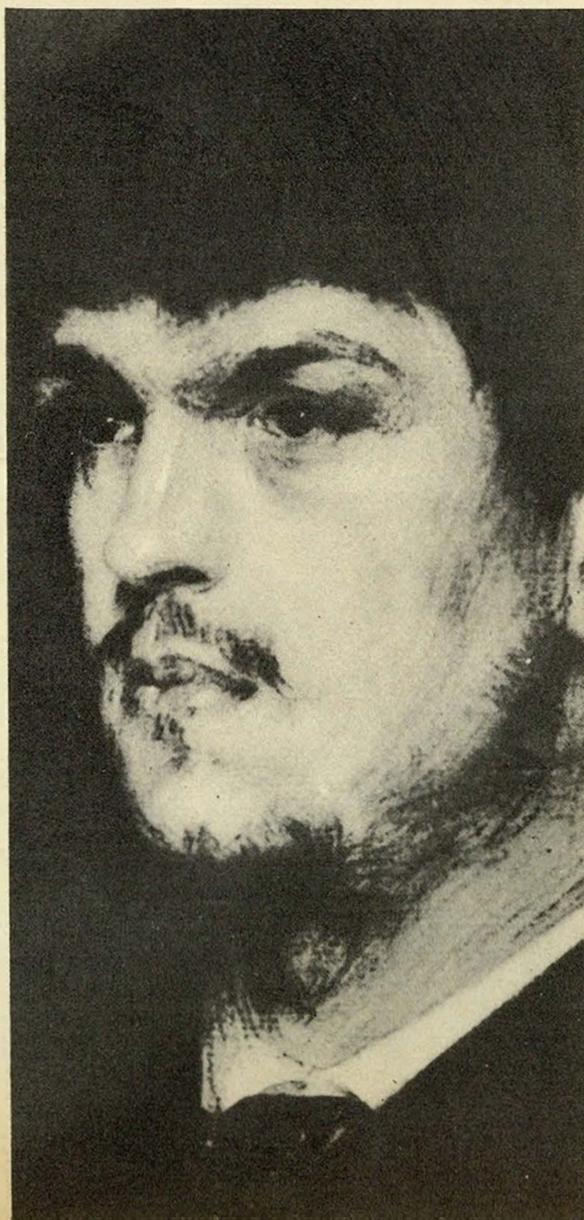
DEBUSSY

22 de Agosto de 1862: nascimento de Claude Debussy. Músico genial, inovador ousado, a sua arte nem sempre foi acolhida com a merecida simpatia. André Gide conta a seguinte anedota a propósito da primeira audição de uma das obras do autor do «Pelléas»:

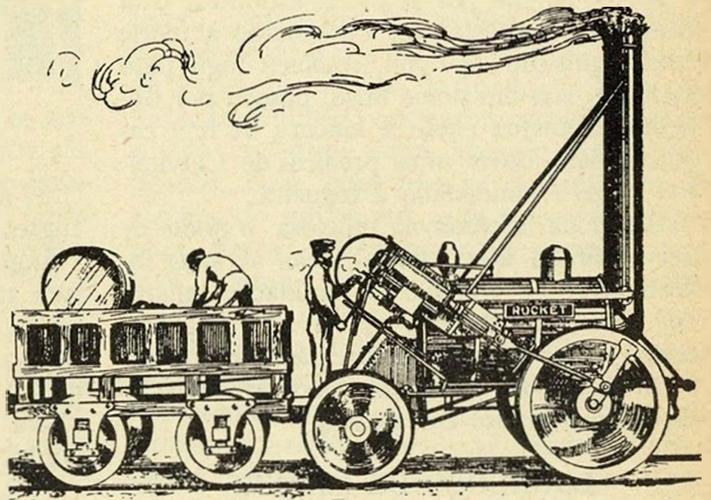
Debussy atrasara-se na entrega de um dos trechos da sua composição — precisamente o mais difícil de todos, o mais original — e os executantes não tiveram tempo para o ensaiar; quando o concerto começou estavam absolutamente em branco. Perturbados com as inovações de Debussy, a execução saiu-lhes péssima, e os assobios do público não se fizeram esperar. Mais tarde, como o chefe de orquestra, grande admirador do mestre, procurasse explicar a vários espectadores o que havia sucedido, e que a música era muito bela e não podia ser responsabilizado pelo fracasso da execução, disse-lhe um ouvinte: «Com uma música assim, que importância tem que se toque uma nota em vez de outra?».

Perante isto — conta Gide — o chefe de orquestra sentiu-se mal e foi para casa muito doente. Num acesso de desespero acabou por se suicidar, engolindo a batuta.

Mais tarde esta anedota aplicou-se a Stravinsky. A quem se aplicará ela no futuro?



agosto através dos tempos



JORGE STEPHENSON

12 de Agosto de 1848. Morre Stephenson. Proveniente de uma família de operários e iniciando a sua carreira como operário, Jorge Stephenson introduziu um certo número de modificações na locomotiva a vapor de Trevilck e criou em 1829 a primeira locomotiva verdadeiramente prática: o **Foguete**. Puxando um comboio de trinta toneladas o **Foguete** de Stephenson conseguiu atingir uma velocidade de 64 quilómetros por hora. A inauguração da primeira linha de caminho de ferro (entre Stockton e Darlington) é um dos acontecimentos fundamentais da história moderna. O comboio modificava completamente as condições de vida dos homens. «Após a retirada da Rússia, Napoleão levou 312 horas para ir de Wilna a Paris. Era uma

travessia de cerca de 2.500 quilómetros. Viajou nas melhores condições possíveis da época, fazendo nove quilómetros por hora. Um viajante comum teria gasto três vezes mais tempo para cobrir a mesma distância. Era mais ou menos em idênticas condições que no século I da nossa era um viajante iria de Roma à Itália. Ora, de repente, produziu-se uma mudança radical. O comboio tornou possível a viagem de Paris a Wilna em menos de quarenta e oito horas, reduzindo deste modo, na Europa, as principais distâncias a um décimo do que até então haviam sido» (Wells).

PRISÃO DE SERVET

13 de Agosto de 1553. Calvino ordena a prisão de Servet. Nascido em Espanha, Ser-

vet revelara muito cedo os seus extraordinários dotes para a especulação teológica. A época, porém, era de intolerância religiosa e Servet acabou por se incompatibilizar com católicos e protestantes. Condenado à morte pela inquisição de Lyon, resolveu fugir para Itália, e, sob um nome falso, passou por Genebra. Cometeu então a loucura de ir à catedral para ouvir uma pregação de Calvino. Foi preso e condenado à fogueira.

Mártir da intolerância religiosa, o nome de Servet brilha ainda hoje graças às suas investigações no domínio da circulação sanguínea. Precursor de Harvey, deixou uma descrição muito rigorosa da circulação pulmonar e do papel da respiração na transformação do sangue venoso em arterial.

LOURENÇO DE MÊDICIS

6 de Agosto de 1448. Nasce Lourenço de Médicis. Tornou-se em 1469 o chefe do Estado de Florença. A facilidade com que se impunha a todos quantos o rodeavam não provinha da sua condição principesca, mas da inteligência e do modo como se comportava com os amigos permitindo-lhes que livremente desenvolvessem as suas próprias personalidades. Pode dizer-se que Lourenço, o **Magnífico**, não soube compreender o génio de um Leonardo ou de um Toscanelli, mas isso não basta para lhe roubar a merecida glória de protector genial das artes e letras. De resto ele mesmo era um poeta notável e não seria inútil recordar esta quadra:

Quanto è bella giovinezza,
Che si fugge tuttavia!
Chi vuol esser lieto, sia:
Di doman non c'è certezza.



INGRES

29 de Agosto de 1780; nascimento de J. D. Ingres em Montaulaor.

Ingres é um dos casos mais curiosos da pintura moderna. Por um lado, ele representa um espírito académico, frio, sem compreensão pelos novos caminhos da arte; pelo outro, ele não hesita em cometer terríveis audácias... «Viva a mediocridade!» costumava dizer. E também:

«Não há duas artes, mas apenas uma: aquela cujo fundamento é o belo eterno e natural. Aqueles que a buscam fora desse objectivo enganam-se. Que pretendem dizer esses pretensos artistas que pregam a descoberta duma «forma nova?» Haverá alguma coisa de novo neste mundo? O nosso papel não é inventar, mas continuar e já não é pequeno o esforço de nos cingirmos às inúmeras formas que nos oferece a natureza, interpretando-as com toda a sinceridade da nossa alma, enobrecendo-as mercê de um estilo puro e nítido, sem o qual não há beleza possível. Como é absurdo supor que as disposições e as faculdades naturais podem ser comprometidas pelo estudo e pela imitação das obras clássicas!».

MATANÇA DE SÃO BARTOLOMEU

24 de Agosto de 1572. O casamento de Henrique de Navarra com a irmã do rei

Carlos IX significava uma política de conciliação que poria termo às terríveis lutas religiosas que dividiam a França.

Catarina de Médicis receava, porém, que a influência de Coligny — chefe huguenote — anulasse completamente a sua. Aconselhada pelos Guise procurou assassinar Coligny, mas este apenas ficou ferido num braço. O rei prometeu vingá-lo, mas a rainha, receando que se descobrisse a sua interferência no caso, conseguiu convencer Carlos IX de que os protestantes preparavam um atentado contra ele.

Convencido o rei de que era preciso liquidar os chefes huguenotes, o duque de Guise agiu rapidamente. A ideia era apenas matar os chefes, mas acabou por transformar-se numa matança geral que se estendeu durante dois dias a toda a França.

Em Lisboa a matança de Saint-Barthélemy (assim chamada porque se iniciou no dia consagrado a esse santo) foi celebrada com missa solene em São Domingos e procissão de graças. D. Sebastião enviou a Carlos IX uma embaixada especial para o felicitar por tão grande feito.

CONSPIRAÇÃO E MORTE DO DUQUE DE VISEU

27 de Agosto de 1484. A morte tão digna do duque de Bragança excitou as ambições de vingança da nobreza, e positivamente começou a tramar-se o assassinato do rei, que o sabia. Os seus espiões andavam por toda a parte; e a política dependia das intrigas de alcova e dos serviços dos miseráveis. O rei usava de todos os instrumentos e o *sancta santis* da razão de Estado absolvía-o de todos os crimes. Havia um Tinoco, privado do bispo de Évora, o qual tinha por manceba uma irmã dele, e que por isso lhe queria muito.

O rei descobriu o caso e comprou-o. Tinoco veio disfarçado de frade a Setúbal contar

a conspiração em que o prelado estava, e de que o duque de Viseu era o chefe. Estava compilada e tratada «a segunda e desleal desventura que causou a triste morte do duque de Viseu». O rei chamou-o a Setúbal e matou-o por suas mãos às punhaladas. Prescindiu de processo, mas não de um auto póstumo, com o fim de justificar o seu crime e a perseguição dos mais conjurados. O bispo de Évora foi metido no fundo de uma cisterna em Palmela, onde com peçonha acabou a vida; os outros foram assassinados ou justicados, onde quer que os encontraram os algozes do rei, e um, que conseguira fugir para França, nem por isso escapou com vida, porque o rei mandou um sicário matá-lo (...). Ninguém lhe resistia, mas no fundo da consciência alguma coisa o denunciava como assassino. Uma noite, em Santarém, acorda em sobressalto, ouvindo alguém chamá-lo. Quem era? Ninguém, «Ilusões!», dizia-lhe a rainha no leito — era coisa má que andava pelos vãos dos telhados. O rei não sossegava, porém, e levantou-se, vestiu um roupão, tomou a espada e a rodela, na mão esquerda uma tocha, e viu que uma sombra o guiava. Quem era? Abria as portas diante do rei, e mostrava-lhe o caminho. Foram assim até aos vãos dos telhados, a sombra e o rei. Aos gritos da rainha acudiram todos, e acharam-no no sótão «despejado, alegre e seguro», diz o cronista mentindo palacianamente. A coruja noctívaga perseguia o ambicioso falcão: a educação do príncipe não conseguira apagar de todo a consciência do homem. (Oliveira Martins, «História de Portugal»).

CACÓGRAFO

27 de Agosto de 1957. A palavra «caco-graphe foi adoptada pelos revisores de dicionário da Academia Francesa. Significa «mau escritor».

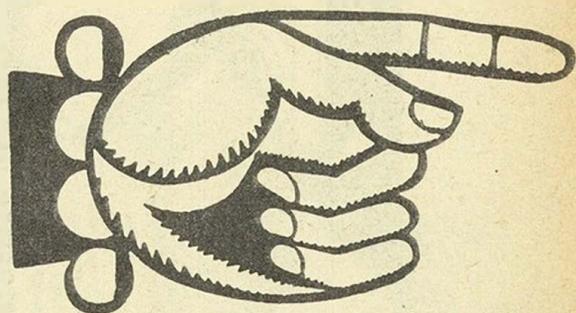


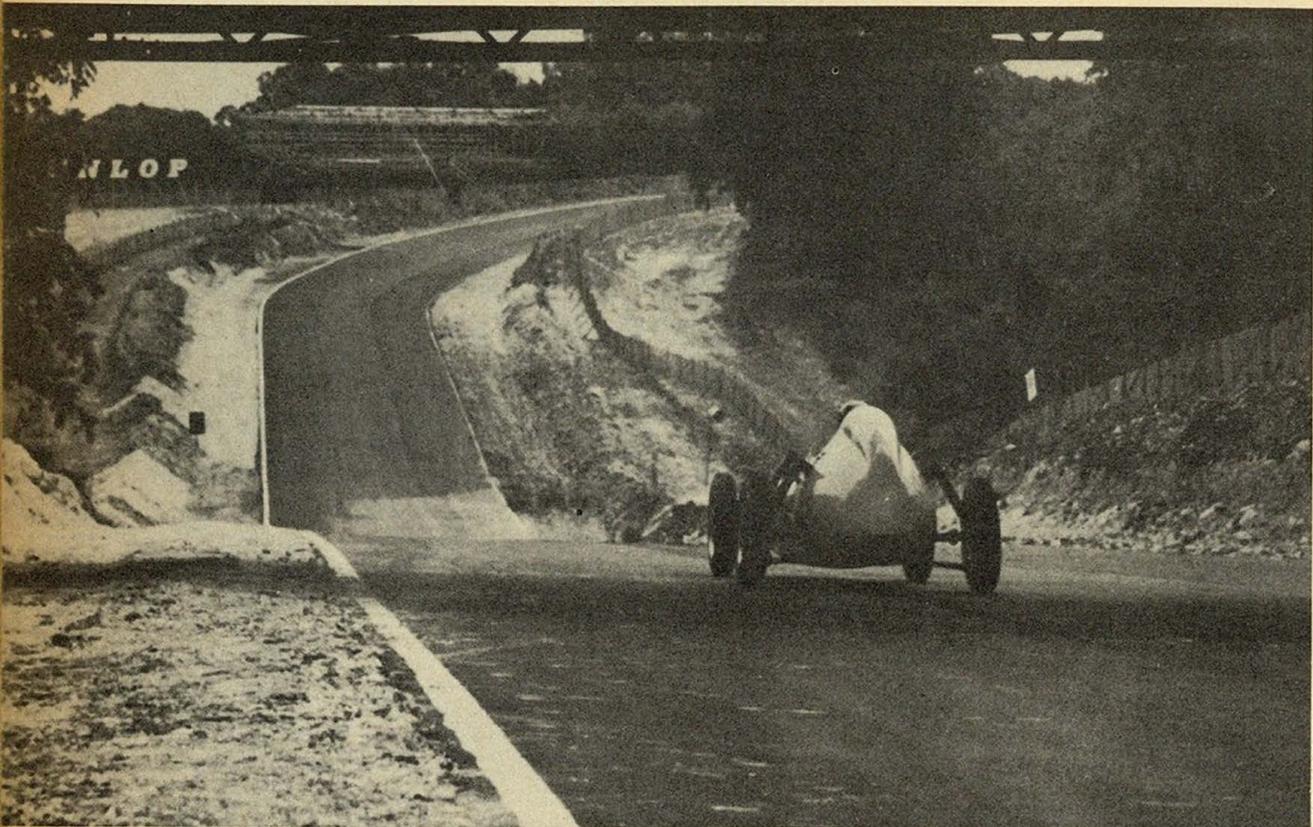


actualidades

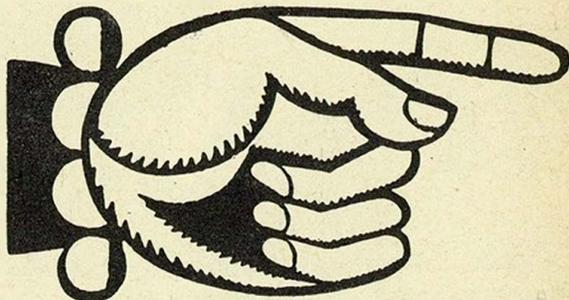
Natalie Wood, que actuou na «Fúria de Viver», apresenta aos leitores do «Almanaque» as actualidades deste número

As empregadas do bar dum dos melhores hotéis de Tóquio adoptaram um traje original que certamente aquecerá os turistas que chegam pela rota polar





Brand's Hatch, o circuito inglês onde se licenciaram quase todos os campeões do nosso tempo, acaba de sofrer uma remodelação total. Chamam-lhe o «Nurburgring em miniatura». Para quantos corredores será esta a última paisagem que vão ver?



O Dr. Kwame Nkrumah tomando posse do cargo de Presidente da República do Ghana — uma nova república integrada na Comunidade Britânica

actualidades



O gigantesco Douglas D.C.8 chega a Paris para ser entregue a uma companhia francesa e é recebido por esta hospedeira de Paris que chegou ao campo numa liteira do tempo de Luís XV. É o que se chama passar de burro para cavalo!



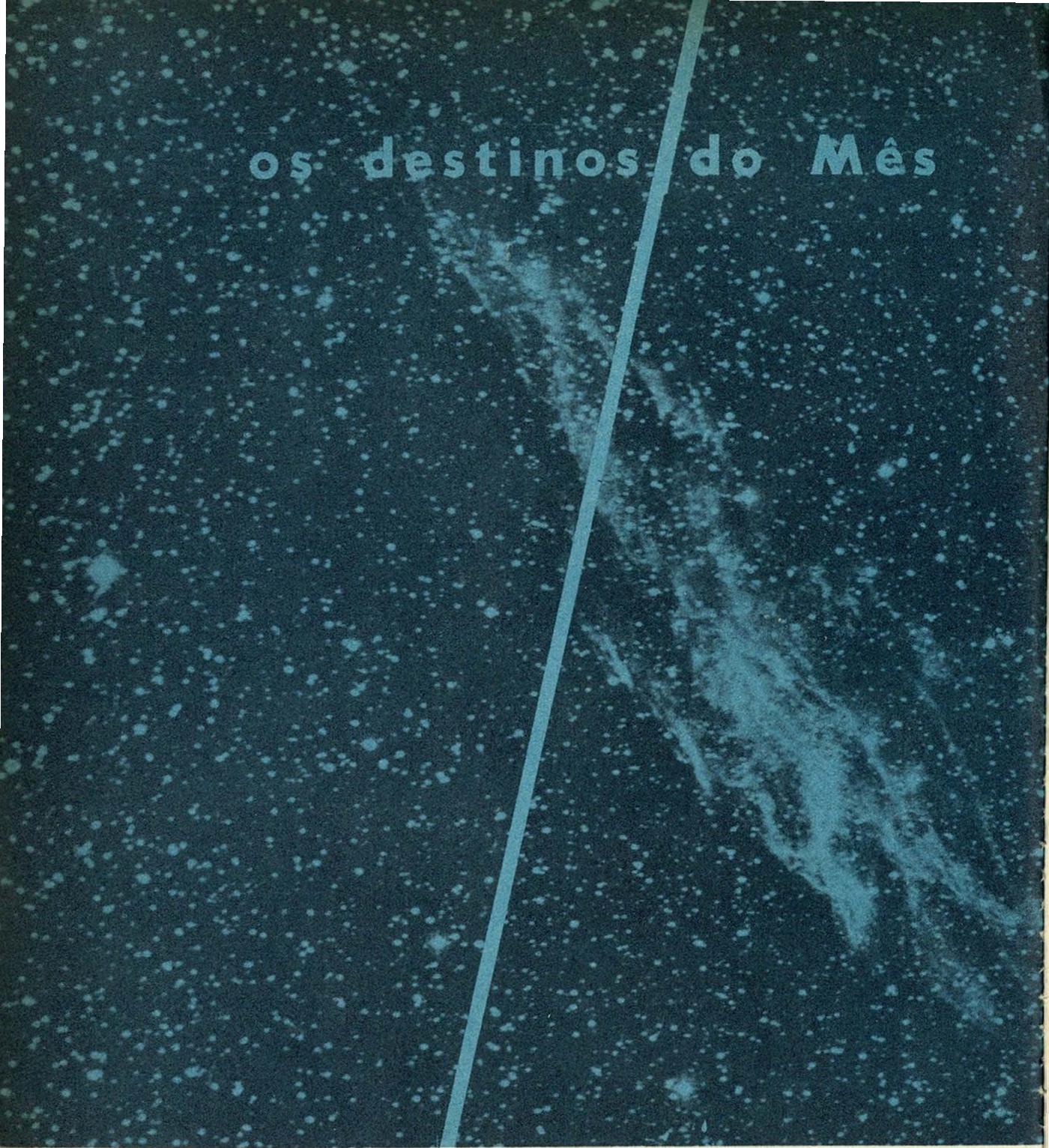
O Vadim das «ligações perigosas» acaba de romper mais uma ligação: aqui vemos Annette Vadim (Stroyberg quando solteira) após a separação, ao chegar a Paris com a filha



Montgomery, um general que, terminada a guerra, resolveu viajar para fomentar o espírito da paz... Aqui o vemos numa rua de Paris com o embaixador do seu país nessa capital. Antes de Paris visitara a China, a Rússia e os E. U.

Duas crianças ajudam o mundo dos adultos: Emma e Louise ao entrarem no teatro Adelphi onde vão tomar parte numa festa de caridade destinada a socorrer os que a sorte abandonou...





os destinos do Mês

o signo do Leão

Leão é a imagem que Júpiter pôs no Zodíaco representando a vitória de Hércules contra aquele animal. Leão tem servido de símbolo a muitos povos. Os alquimistas utilizavam a sua forma em cores como Leão Verde, Leão negro, Leão vermelho, etc. Os Egípcios tinham-lhe grande estima. Foi também o símbolo de Judá no tempo dos Hebreus.

Representando a glória e o poder, Leão indica grande força de vontade e generosi-

dade, apesar de pressupor igualmente orgulho e vaidade.

A sua personalidade é representada pela legenda: «Amái-me e amái o cão».

Conta-se a seguinte história para demonstrar a sua personalidade e orgulho:

Andava o Leão pela floresta perguntando a todo o bicho quem seria o rei dos animais. Satisfazendo o seu orgulho, eles respondiam: És tu Leão,...

Satisfeito lá ia em busca de outro animal para repetir a pergunta e obter idêntica resposta. Entretanto passa por um ribeiro e, aí encontra um elefante. Feita a pergunta da praxe, não consegue resposta alguma. Irritado, insiste. O elefante limita-se a erguer a tromba cheia de água e a banhá-lo calmamente. O Leão sacudindo-se, não querendo dar parte de fraco diz: Óh! Trombudo, ouve: Eu sou o Rei dos animais! O elefante, já aborrecido, como resposta envolve-o na tromba e atira-o ao ar. Ao cair, o Leão parte uma perna, e afasta-se manquejando, a juba a escorrer água e resmungando: — Lá para me dizeres que eu era o rei dos animais escusavas de ser tão bruto!

O período que corresponde ao Signo de Leão vai de 22/23 de Julho a 22/23 de Agosto, dependendo do ano e da entrada do Sol nos Equinócios e Solstícios.

Os Decanatos segundo a tradição são governados respectivamente:

O 1.º por Saturno, o segundo por Júpiter e o terceiro por Marte. As datas correspondentes são: 23 de Julho a 2 de Agosto; de 3 a 12 de Agosto e de 13 a 22 de Agosto.

Pela astrologia moderna dentro daquelas datas os decanatos são governados: o primeiro pelo Sol, o segundo por Júpiter e o terceiro por Marte, de acordo com a encarnação «Fogo» a que o signo de Leão pertence, recebendo neste caso, influências de Sagitário, Carneiro e do próprio signo de Leão.

O governo do Signo está confiado ao Sol onde tem o seu domicílio. Mercúrio encontra-se em Queda e Saturno em Exílio, assim como Urano.

Leão é um signo de Fogo, masculino, fixo, diurno, estéril. Representa o princípio da vontade e da autoridade.

Correspondências:

— Cor — Amarela.

Pedras preciosas — Rubi, crisolita, topázio, brilhante e carunato.

Metal — Ouro.

Perfumes — Heliotrope, Alfazema, Ambar.

Flores — Geradim, Jasmim, e miozitis.

Vegetais — Laranja, palmeira, nós moscada.

Número favorável — 1 e 7.

Número desfavorável — 5 e 8.

Dia favorável — Domingo.

Dias desfavoráveis — Quartas e Sábados.

Animais — Águia, carneiro, leão, zebra, falcão, canário, condor.

O indivíduo nascido sob o signo de Leão tem natureza dinâmica, e impulsiva. As faculdades e defeitos encontram-se na ambição, entusiasmo, na generosidade, no orgulho, na violência e no ardor. A justiça, a aplicação, a procura de honras e a prontidão na vingança são as características típicas do indivíduo de Leão que possua grande influência solar. O temperamento é bilioso e quente.

O homem de Leão

Estes possuem normalmente força de carácter, bondade, espírito de justiça e capacidade de se dedicarem. Têm verdadeira tendência para o comando. Em amor poderão assumir posições extremas desde que sejam compreendidos.

O signo zodiacal de Leão desenvolve as faculdades afectivas, deixando-se por isso às vezes dominar pelo coração, muito embora possuam natureza impulsiva e, portanto, sujeitos a bruscas cóleras.

De uma maneira geral os indivíduos de Leão são pródigos. Algumas das dificuldades com que podem deparar na sua existência relacionam-se com o seu orgulho e nítido amor à independência.

DESTINO

Os indivíduos deste signo poderão ter uma existência feliz se dominarem o seu espírito impulsivo e conseguirem tornar-se mais positivos. Triunfarão na política, empregos públicos, literatura, escultura e em todos os trabalhos intelectuais em geral incluindo laboratórios.

AS MULHERES DE LEÃO

As mulheres nascidas sob o signo de Leão serão amadas e inspirarão a admiração no sexo oposto.

Artistas por índole, gostam de tudo o que é belo ou grandioso.

Sabem gostar. Mas se sentirem que alguém as engana não perdoam. Compreensivas, e inteligentes são ótimas companheiras quando houver de parte a parte sentimentos verdadeiros.

CRIANÇAS DE LEÃO

Bastante caprichosas, necessitam nos primeiros anos ser tratadas com energia e sobretudo justiça. Têm um sentido de independência muitíssimo desenvolvido.

OS DECANATOS

1.º Decanato — De natureza afectuosa e fiel. No entanto violentas e sujeitas a cóleras. Não suportam contrariedades. Por vezes, influenciadas por outros planetas têm

tendência para a vocação monástica, amor à solidão e gostos místicos.

2.º Decanato — Natureza confiante em si própria, ambiciosas e nítidas capacidades para dirigir. Embora voluntariosas podem dominar-se.

3.º Decanato — Natureza franca e generosa mas impulsiva. Tendências para a inflexibilidade e daí resulta o desejo do poder, tirânico e violento. Bons resultados nos sectores em que a energia aliada à inteligência se possa combinar com a força.

Sob o signo de Leão nasceram algumas personalidades ilustres quer no teatro, cinema, literatura, política, etc. Tais como: Bernard Shaw, André Maurois, Alexandre Dumas (filho), Walter Scott, Robert Taylor, Cecil B. de Mille, Alves da Cunha, Eunice Muñoz, Hervy Ford, Denis Papin, Napoleão Bonaparte, Benito Mussolini, etc., etc.

astrologia

Destino do mês de Setembro

No decorrer do mês há dois eclipses, um da Lua outro do Sol. O eclipse lunar do dia 5 marca alguns infortúnios nos mares, dificuldades no sector religioso, roubos, e a morte de alguém actualmente bastante em evidência.

O eclipse solar confirma estas previsões. No que se refere à morte de um ilustre personagem, sobretudo. Poderá ser um governante.

Conforme as tendências evidenciadas no início do ano, mantêm-se as possibilidades de tremores de terra, pequenas guerras, etc.

SIGNO DE AQUARIO



EQUILIBRIO MENTAL

O mês de Setembro embora apresente um determinado número de situações instáveis garante-lhe, no entanto, possibilidades de equilíbrio. As condições planetárias deixam-lhe o espírito aberto — deve por isso evitar recalamentos ou vinganças.

NOTÍCIAS FAVORAVEIS

Receberá certamente de pessoa amiga ou de família notícias de longe — estrangeiro ou ultramar — agradáveis.

Alguém inesperadamente prestar-lhe-á um favor ou ajudá-lo-á a resolver determinado problema pessoal.



SIGNO DOS PEIXES

FALTA DE SEQUÊNCIA E SENTIMENTOS INDEPENDENTES

Os seus pensamentos e sentimentos têm tendências negativas pelo que lhe podem proporcionar dúvidas e intranquilidade. Domine, sobretudo, as suas tendências para a independência.

CUIDADO COM OS COMPROMISSOS

Não deve, de modo algum, assumir qualquer compromisso que mais tarde não possa cumprir. As ligações superficiais e as amizades mal fundamentadas, são imensamente prejudiciais.

SIGNO DE CARNEIRO



RESULTADOS DEPENDENTES DO DINAMISMO

Até ao dia 21, altura em que Marte transita de signo as condições planetárias não permitem reagir de forma positiva, sobretudo nos assuntos de ordem intelectual. A partir daquela data a sua mente será influenciada mais no aspecto positivo, embora sujeita a exageros. Deverá estabelecer um equilíbrio entre as suas preocupações diárias e os resultados ou dificuldades já conhecidos.

CONFIE NAS SUAS POSSIBILIDADES

Desde que seja suficientemente activo pode confiar nas suas possibilidades para resolver quaisquer problemas que se lhe deparem.

SIGNO DE TOURO



INDECISÕES PREJUDICIAIS

Devido a assuntos pendentes de terceiros, ser-lhe-á difícil evidenciar as suas possibilidades. No entanto, se empregar toda a sua

boa vontade (e dominar o amor-próprio quando em demasia), poderá obter os resultados desejados.

Os dias 3 e 27 são os mais favoráveis.

SIGNO DOS GÊMEOS



DINAMISMO AFECTADO PELOS EXCESSOS

O seu dinamismo encontra a partir do dia 12 dificuldades reais devido à tendência para os divertimentos ou excessos. É mais favorável o sector das artes, letras, ou música do que outro qualquer. Mercúrio que governa o seu signo irá ligar-se ao de *Balança* incitando-o a dispendar energias ou dinheiro.

Quanto a assuntos sentimentais o aspecto geral não é muito estável.



SIGNO DO CARANGUEJO

O AMOR-PRÓPRIO PREJUDICA-O

Tem tendências para agir contrariamente à lógica. A excessiva sentimentalidade proporcionar-lhe-á reacções demasiado fantásticas. Cuidado, portanto, com a imaginação e o orgulho.

SIGNO DE LEAO



PRUDÊNCIA NAS REALIZAÇÕES

Esta não é a época propícia à realização das suas ambições. O eclipse solar do dia 20 de Setembro apresenta dúvidas quanto à efectivação dos seus desejos, pelo que deve usar de prudência. Entretanto alguém, inesperadamente, ajudá-lo-á nos seus empreendimentos. Podendo dominar-se um pouco no que respeita à ambição e entusiasmo demasiado obterá os resultados desejados.



SIGNO DA VIRGEM

O SECTOR SENTIMENTAL EM DÚVIDA

Mercúrio que a partir do dia 12 se encontra em *Balança* pode criar-lhe ligeiras complicações no plano afectivo. Assim, talvez

haja dificuldade nesse plano em obter os resultados ambicionados. Alguém das suas relações íntimas agirá de modo a ferir a sua sensibilidade se não souber adaptar-se e dominar um pouco o amor-próprio.

SIGNO DA BALANÇA



DINAMISMO FAVORECIDO

Mercúrio e Vénus irão permanecer no seu signo durante parte do mês. Portanto se as suas preocupações são, sobretudo, de ordem intelectual obterá os resultados desejados. No entanto cuidado com as atitudes precipitadas e orgulhosas no capítulo de relações.

OS AMORES TÊM BOAS PERSPECTIVAS

Os assuntos afectivos, especialmente os relacionados com o casamento, têm um clima astrológico favorecido, especialmente a partir do dia 3.

Deve evitar cenas de ciúmes ou atitudes acentuadamente irónicas. As ligações episódicas não têm carácter favorável.

SIGNO DE CAPRICÓRNIO



RESULTADOS PRÁTICOS

O período que decorrerá a partir de 6 de Setembro encontra um bom clima planetário devido à marcha directa do planeta Saturno que governa o seu signo.

É particularmente favorável aos indivíduos que já ultrapassaram os 40 anos. Em qualquer dos casos o seu dinamismo ocasionar-lhe-á um ambiente propício a resultados práticos.

No sector profissional predomina a estabilidade.

PEQUENOS PROBELMAS AFECTIVOS

A partir do dia 3 e especialmente depois do dia 12 recomenda-se cuidado e atenção

nos assuntos sentimentais. Nos seus actos e palavras deve usar de prudência pois há certa dificuldade em obter dos outros a compreensão desejada.

SIGNO DE ESCORPIAO



BONS RESULTADOS NOS SEUS EMPREENDIMENTOS

Marte que a partir do dia 21 entra em contacto com o seu signo de nascimento permite-lhe obter os resultados que ambiciona de harmonia com o seu trabalho. Os resultados têm perspectivas felizes, sobretudo, se atender ao ambiente que o rodeia e souber dominá-lo quando necessário.

ASPECTO SENTIMENTAL — IRREGULARIDADE

A partir do dia 3, Vénus influenciá-lo-á e terá tendências para dispende exageradamente, quer energias quer dinheiro. Assim poderá ver-se envolvido em assuntos de ordem afectiva que poderão comprometer a sua estabilidade financeira.

SIGNO DE SAGITARIO



PRUDENCIA NOS EMPREENDIMENTOS

As realizações que empreender durante este mês estão favorecidas devido à posição de Júpiter mas aconselha prudência nas suas relações e empreendimentos. Todos os assuntos de ordem financeira devem ser devidamente controlados. Doutro modo as dificuldades daí resultantes poderão provocar-lhe um desequilíbrio.

REALIDADES AFECTIVAS

No domínio sentimental, qualquer problema antes em suspenso será resolvido pois o ambiente astrológico favorece o aspecto prático das questões afectivas e faz afastar, portanto, quaisquer incompreensões.



quirológia

o dedo de Saturno

O dedo de Saturno e especialmente o monte que se encontra na raiz deste dedo indicam «tristeza», «melancolia», «ideias negativas», e aptidão aos estudos.

As capacidades conferidas ao dedo médio, podem ainda tornar um indivíduo céptico, que não crê senão naquilo que observa ou estudou por si próprio.

DEDO MÉDIO LONGO

Duma maneira geral revela **cepticismo**, mas anuncia **aptidões para estudos particularmente os de carácter científico**. Afirma que o destino pode ser definitivamente estabilizado. A boa ou má sorte é indicada pelo monte respectivo e pelas linhas que se cruzam nesse monte.

Para se fazer uma ideia exacta sobre o destino terá de se tomar em consideração todas as outras linhas que se encontram na mão.

DEDO MÉDIO CURTO

Quando o dedo médio é curto a mentalidade é superficial. Revela, também aptidão aos estudos, mas por outro lado, denota que o destino (bom ou mau) pode ser modificado, pelos próprios actos.

Desta forma os resultados desastrosos serão devidos à própria vontade. As situações possíveis são também criadas pelo indivíduo possuidor dum dedo médio curto, se as outras linhas o confirmarem.

DEDO MÉDIO MUITO CURTO

A pessoa que possui um dedo médio com

esta característica olhará tudo duma forma superficial:

O dedo de Saturno muito curto predirá também grande flutuação (quase contínua) do destino.

DEDO MÉDIO GROSSO

Se não for curto, e sobretudo se não for muito curto, poderá indicar amor aos estudos mas somente de utilidade material ou positiva.

O médio espesso indica também materialismo e grosseria.

DEDO MÉDIO FINO

A pessoa que possui o dedo de Saturno fino será incrédula e céptica.

Contrariamente ao dedo grosso, o dedo médio fino, será mais espiritual do que material.

DEDO MÉDIO LISO E PONTIAGUDO

Este dedo, especialmente se for pontiagudo, indica inspiração e espontaneidade.

O dedo de Saturno liso e pontiagudo dá aptidão aos estudos e a buscas científicas, especialmente aquelas que demandem uma certa dose de energia e muito de perseverança.

DEDO MÉDIO NODOSO

Quando o dedo de Saturno é nodoso (desde que não seja por doença) anuncia um carácter meticoloso, metódico e tenaz, porém não forma qualquer dose de inspiração ou de espontaneidade.

A pessoa que possua este dedo só admite aquilo que ele próprio possa verificar. É realista e céptico.

DEDO MÉDIO MAL FEITO

Quando o médio é mal feito ou mal constituído será signo de perda de situação, podendo (em certos casos) indicar crime, prisão e mesmo suicídio.

DEDO MÉDIO RIJO

Quando o dedo médio se apresenta com esta faceta demonstra um carácter brutal ou egoísta com uma falta quase total de adaptação.

O detalhe deste dedo revela um carácter inflexível e o seu destino será igual desde o nascimento até à morte.

DEDO MÉDIO FLEXIVEL

Quase sempre o dedo de Saturno maleável revela um indivíduo de carácter alegre e sociável, indicando também facilidade de adaptação.

O destino que este dedo indica poderá ser modificado pela perseverança e força de vontade.

A TERCEIRA FALANGE DO DEDO MÉDIO

Se a terceira falange é longa indica pa-

ciência remarcada. Revela espírito de cálculo excessivo em todos os domínios sobretudo nos assuntos de ordem material.

Se for **curta** indica economia.

Se for **grossa**, revela materialismo, mas ao mesmo tempo sociabilidade.

Se for **seca**: indica espírito de buscas técnicas ou científicas.

A SEGUNDA FALANGE DO DEDO DE SATURNO

Longa: Gesto acentuado para as ciências.

Curta: Indiferença e incapacidade para estudos científicos ou minuciosos.

Grossa: Indica capacidade para trabalhos manuais mas falta de capacidade para estudos ou trabalhos intelectuais.

Seca: Aptidão para trabalhos de ordem intelectual mas carência de aptidão para os manuais.

A PRIMEIRA FALANGE DO DEDO MÉDIO

Longa: Indica cepticismo, excesso de prudência ou de reserva.

Curta: Revela um espírito superficial e inconstante.

Grossa: É signo de vulgaridade e de materialismo.

Seca: Revela orgulho e egoísmo.





floricultura

AS FLORES NO SÉCULO XX

por Lúcia de Sttau Monteiro

Todos nós sabemos da reviravolta que houve no princípio do século em que vivemos — esta reviravolta foi mais profunda do que talvez o imaginassem aqueles que para ela contribuíram e que decerto não imaginaram que a sua maneira de sentir era como que a fermentação das ideias e das revoltas de hoje. Estavam a usufruir a prosperidade trazida por muitos anos de paz — e não previam o cataclismo que dentro em pouco viria revolucionar o Mundo e fazê-los encarar realidades que ignorara a classe a quem cabe naturalmente fazer e substituir a moda. Não havia peias ao desejo de gozar a vida. Todas as Cortes e seus satélites se divertiam e em quase todas se sentia a influência de Londres, onde Eduardo VII reinava agora. A rainha Vitória, com o peso da sua moralidade e do seu luto eterno, sucedera o príncipe de 56 anos que encobria o profundo bom-senso e a amargura de lhe ter sido negada a intervenção em assuntos que eram seus de direito, sob uma capa de frivolidade e de irresponsabilidade aparentes. Para o público continuava a ser o príncipe embaixador, o **Dandy** que marcara a moda, o rei das salas e das valsas, para quem a fidelidade conjugal, apesar de ser casado com a mais linda mulher do seu tempo, não contava em excesso!

A França, onde estava estabilizada a 3.^a República era o país da Arte e da liberdade de pensamento e dos costumes. Os quadros de então como os de Toulouse-Lautrec, por

exemplo, assim como os romances da época dão-nos uma ideia do luxo e da elegância do tempo.

Era a época dos grandes chapéus de plumas e dos «boas», das creplisses e das cambraias plissadas; das corridas de cavalos em que o interesse pela beleza das mulheres concorria com o interesse pelo vencedor, em que, na Ópera, os mais lindos decotes ostentavam jóias preciosas, em que aos Verões na Riviera se sucediam os Invernos em Londres; as célebres caçadas da Alemanha e da Rússia rematavam a época das regatas de iates particulares.

Era a era dos **bilhets doux**, dos 5 a 7, do **demi-monde** em competição com o **vrai-monde!**

Da América vinham ideias novas, em que se falava no voto feminino e nas carreiras das mulheres libertadas do jugo familiar, etc. — mas na Europa, só numa pequena parcela da sociedade tiveram essas ideias relevo; no mais eram assunto de troça porque, a verdade, é que nunca as mulheres, mesmo sem «voto» tiveram tanta importância e foram tão aduladas. Nunca o requinte do seu vestuário atingiu tais alturas, nunca foram mais apreciadas e os seus gostos mais estudados.

Tudo passou a ser leve, feminino. Substituíram-se os pesados móveis vitorianos por mesas e colunas frágeis; os espelhos tomaram o lugar das escuras gravuras de caça, os **bi-belots** frívolos encheram os móveis. Forram-se as paredes de papel às riscas com gri-



2.º quartel
do séc. XX

naldas de rosas, os móveis pintaram-se de **ripolin** branco ou verde-alface, nas poltronas esticaram-se cretones com desenhos de papoilas e de lírios. As paredes cobriram-se de aguarelas claras e de pinturas de flores sobre vidro; os móveis, de tapos bordados com nenúfares e de almofadinhas de cambraia encrustada a **valenciennes**.

Entrou o **solitário** em voga, acompanhado das taças de mármore branco com cúpidos a mirarem as flores que os enchiam e dos pratos de Lalique com borboletas em relevo.

A avenca era infalível em todos os arranjos de flores, escolhidos pelos seus tons macerados, e as próprias rosas foram estilizadas, por enxertias complicadas, ao ponto de perderem a personalidade e de ficarem como as mulheres, artificiais e esguias.

As **kentias** eram de bom-tom: enchiam os cantos das salas em enormes potes da China moderna e abrigavam os **flirts** das **causeuses**. Eram muito apreciadas as orquídeas e os cravos **souffre** (de um roxo doentio), assim como tudo o que era exótico, desde os roupões dos homens em brocados persas, até às otomanas forradas de tapeçaria de desenho turco.

Os livros de Oscar Wilde, Onida, os romances de Bourget, passavam de mão em mão e as peças de Ibsen eram entusiasticamente aplaudidas.

A guerra de 1914 veio pôr cobro a isto tudo — e veio revelar o valor potencial de

cada homem, por muito efeminado ou degenerado, em aparência, pela doçura e pela facilidade da vida.

Tudo o que era decoração, fosse em que ramo fosse, deixou de interessar.

Havia coisas mais graves em que pensar; coisas mais humanas em que se ocuparem as mulheres.

Eram os cemitérios que pareciam, agora, jardins floridos. Muitos dos ramos, representando apenas, tantas vezes, a memória dos que nunca ocupariam o seu lugar ao lado dos que, através dos séculos, descansavam ali!

Plantaram-se os jardins de batatas; transformaram-se os solares em hospitais, cobriram-se os móveis preciosos com lençóis velhos. Construíram-se aviões, tanques, material de guerra. Quem tinha tempo, ou disposição, para cuidar de rosas, ou coragem de sonhar num mundo em que elas tomassem de novo o seu lugar?

Foi à volta de 1925 que uma senhora inglesa, que se chama Constance Spry, fez reviver em Inglaterra o culto das flores e sobretudo renovou as melhores escolas, esquecidas, de ramos decorativos para ornamentar as casas.

As coisas pareciam mais calmas pelo Mundo, a vida recomeçava em moldes diferentes, é certo, mas com certa despreocupação e com certo à vontade. Se muitos dos velhos palácios estavam fechados e muitos dos seus

2.º quartel
do séc. XX



valores artísticos tinham sido vendidos (os mais valiosos para países mais ricos ou menos tocados pelo horror dos últimos anos) certo é que muitas casas de tamanho médio eram habitadas agora, muitos andares se tinham renovado e muitas das preciosidades das grandes casas velhas davam beleza e encanto aos relativamente modestos lares do após-guerra.

Eu nem sei dizer-lhes a repercussão que teve pelo mundo a iniciativa de Constance Spry — mas posso afirmar-lhes que a «escola moderna de decoração de flores» a ela se deve. Tanto na América, como em França, como na Itália, hoje se arranjam flores «à Constance Spry» e todos os estabelecimentos que se dedicam a esse ramo de arte se inspiram nas suas lições e nos seus livros, quando não vão a Londres estudar, com as suas discípulas, a maneira de misturar flores, de decorar igrejas para casamentos, ou mesas para banquetes oficiais.

Quando eu cheguei a Londres, depois de ver o requinte dos arranjos em toda a parte, e consciente de que o meu louco amor por flores me não preparara para competições dessa natureza, decidi optimisticamente encomendar um arranjo para as salas da Embaixada para o primeiro almoço de categoria.

Custou-me essa veleidade a módica quantia de 2.000\$00, o que em 1937 não era brincadeira — e qual não foi o meu espanto e a minha indignação, quando às 5 da tarde me vieram buscar os meus lindos ramos, com que eu me propunha deleitar os olhos e fazer esquecer o dinheirinho gasto!

Foi nesse dia que eu resolvi ir fazer o Curso com Constance Spry. Custasse o que

custasse, seria mais barato por fim do que me custara um almoço — e sempre gozaria do resultado.

Considero hoje que nunca 2.000\$00 foram mais bem empregados — porque não só o que com ela aprendi me tem sido muito útil e me tem dado um dos grandes prazeres da minha vida — como encaro hoje essa arte como uma das mais delicadas e das mais pessoais — dando ao poder criativo de cada uma de nós possibilidades sem limites e sempre renováveis.

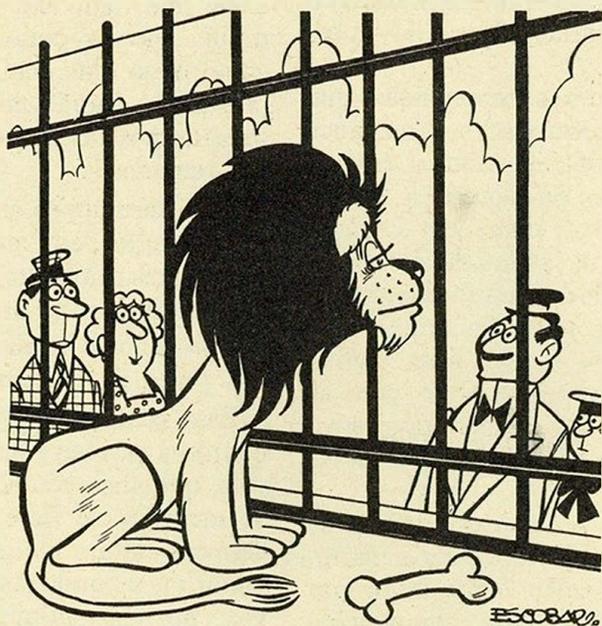
Aqui há tempos ouvi dizer a uma senhora: «que a enjoa esta maneira nova de arranjar flores artisticamente, como se toda a vida não tivessem sido arranjadas flores sem «estudos» e como se não fosse a beleza das flores, por ela, que tem importância».

Essa senhora revelara bastante ignorância quanto à primeira informação — como vimos pelo que lhes contei já, visto haver escolas de arranjos de flores com muitos séculos — algumas datam até de antes da nossa era —; quanto à segunda declaração, revelava a meu ver, apenas optimismo: ninguém me convence de que uma maravilha é só por si uma «maravilha» e de que uma orquídea selvagem não faça lembrar um bicho — e peçonhento!

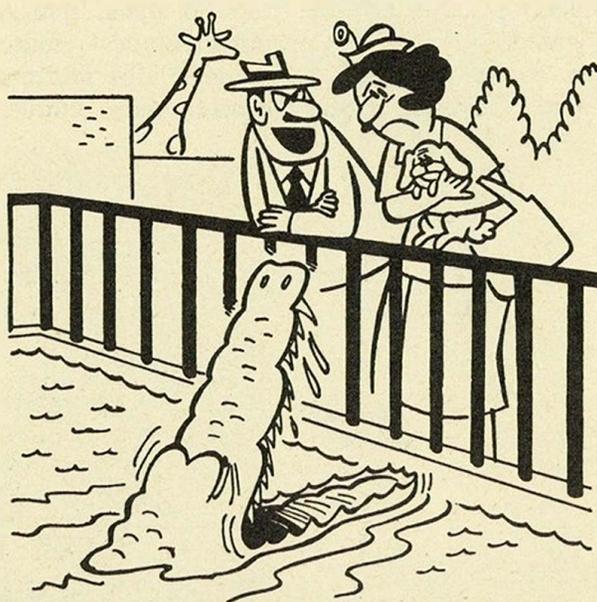
Se ela dissesse que o excesso daquilo a que hoje se chama «sophistication», no arranjo de flores é lamentável, teria a maior razão — porque no arranjo de flores, como em tudo o mais, tem de haver simplicidade e naturalidade — todas nós sabemos que os modelos dos vestidos mais caros são os de aspecto mais simples.

1.º quartel
do séc. XX





PONTOS DE VISTA: — Pobres homens! passam o tempo atrás de grades!



— Parece mesmo que está a pedir qualquer coisa!



flos
sanctorum

S. LOURENÇO

Diz mestre João Beleth, que vindo S. Xisto, Papa, a Espanha, achara ali dois mancebos parentes e de santos costumes, a saber, S. Lourenço e S. Vicente, e que os levara consigo a Roma, onde S. Lourenço ficou com S. Xisto, que o fez seu arcediogo, e S. Vicente voltou para Espanha, e na cidade de Valença foi coroado de glorioso martírio. Neste tempo se tinha convertido à fé o imperador Filipe, e seu filho do mesmo nome, e determinava exaltar a igreja de Jesus Cristo. Este foi o primeiro imperador dos romanos que recebeu perfeitamente a fé de Cristo; mas não pôde fazer o que desejava a favor da igreja, porque foi morto à traição, como logo se dirá. E porque depois o imperador Constantino Magno, foi o primeiro que dilatou a fé por todo o romano império, por isso se diz ser o primeiro que dos Augustos creu no Senhor, ainda que antes dele tinham Filipe e o seu filho recebido o baptismo.

No tempo deste imperador Filipe, se cumpriu o ano milésimo da Fundação de Roma, em cujo dia os romanos fizeram grande festa. Tinha Filipe na sua corte Décio, cavaleiro mui discreto e esforçado, e começando a rebelar-se a França contra o império romano, Filipe o mandou lá, para que a subjugasse. Indo Décio a França, a reduziu à vontade, e voltou a Roma vitorioso; e querendo o imperador honrá-lo saiu a recebê-lo à cidade de Verona, mas Décio vendo a honra que lhe fazia o imperador, desvaneceu-se com soberba, e começou a desejar o império, e a tratar como mataria o seu senhor. Estando o imperador dormindo em sua tenda, entrou Décio secretamente e o matou, vencendo com dinheiro e promessas a gente que acompanhava o imperador, e se foi para Roma com grande pressa. Sabendo do caso Filipe, o menor, e que Décio vinha para Roma, temendo-se encomendou os seus tesouros a S. Xisto, Papa,

e a S. Lourenço, rogando-lhes que se ele fosse morto, os distribuíssem pelas igrejas e pelos pobres, e logo se ocultou.

E por esta causa os tesouros, que S. Lourenço repartiu se chamam «tesouros da igreja», porque Filipe os deixou para ela.

Saíram os senadores a receber a Décio, e o confirmaram no império; para que não parecesse, que por cobiça do império matara o imperador, affectando grande zelo do culto dos deuses e bem dos romanos, começou a perseguir cruelmente aos cristãos, a quem matara com toda a impiedade. Nesta perseguição morreram muitos mil mártires, e entre eles Filipe, o menor. Depois disto mandou Décio tirar devassa dos tesouros que o imperador e seu filho possuíram, e foi preso o Papa S. Xisto, como culpado nela para que entregasse os tesouros e negasse a fé de Cristo. Ia em seu seguimento S. Lourenço, dando grandes vozes e dizendo: «Onde ides, padre, sem o filho? Onde ides, sacerdote Santo, sem o diácono? Nunca vós costumastes oferecer sacrificio sem ministro. Porque vos degostastes de mim? Porventura não me achastes fiel ministro em todas as vossas coisas? Vêde por experiência se escolhestes ministro fiel e suficiente, e se entregastes a dispensação do sangue de Cristo a fiel dispenseiro». Respondeu o Papa S. Xisto: «Não te desamparo, filho, mas maiores batalhas te estão aparelhadas pela fé de Jesus Cristo, porque eu assim como velho recebo a pena desta peleja, e a ti, como mancebo valente e forte te espera triunfo mais alto e glorioso, para vencer o tirano, e depois de três dias me seguirás, porque convém que haja este intervalo entre o sacerdote e o diácono»; e deu-lhe as chaves dos tesouros para que os repartisse pelas igrejas e pelos pobres. Buscou S. Lourenço com diligência de dia e de noite, todos os cristãos pobres que pôde achar, e distribuiu os tesou-

História do martírio do glorioso S. Lourenço, segundo Santo Antonino, parte I e outros.

ros segundo a necessidade de cada um. Chegou a casa de uma viúva de nome Cyriaca, que tinha nela muitos cristãos escondidos, e era muito atormentada de dores de cabeça, e pondo-lhe o Santo as mãos sobre ela, logo ficou sã. Lavou os pés aos pobres que ali estavam e deu-lhes esmola larguíssima. Chegou essa noite a casa de um cristão, e achando aí um que era cego, fez-lhe o sinal da cruz sobre os olhos e logo sarou.

Apresentado S. Xisto ao imperador Décio, não querendo entregar os tesouros o mandou Valeriano levar ao templo de Marte, e recusando sacrificar, deu sentença que fosse degolado; e sendo levado S. Xisto, incitado S. Lourenço com fervor do espírito, começou a bradar atrás dele, dizendo: «Não me desampareis, Santo Padre, porque já despendi os tesouros que me destes». Os soldados, ouvindo nomear tesouros prenderam S. Lourenço e o levaram a Décio, e degolaram S. Xisto, com Agapito e Felicíssimo. E apresentado S. Lourenço não lhe respondeu coisa alguma, e Décio o mandou entregar a Valeriano, e que soubesse dele onde tinha escondidos os tesouros; e que, se não quisesse sacrificar aos deuses, o matasse com diversos tormentos. Entregou Valeriano, S. Lourenço a Hipólito, carcereiro, o qual o meteu no cárcere com outros muitos. Estava entre eles preso um gentio chamado Lucilo, que de muito chorar havia cegado, ao qual disse S. Lourenço: crê em Jesus Cristo, e logo sararás. Respondeu ele: eu creio em Cristo, e arrenego os ídolos. Informou-o S. Lourenço nas coisas da fé, e o baptizou, e logo foi sã, e disse: «Louvado seja Jesus Cristo, Deus eterno, que me sarou por intercessão do seu servo Lourenço». Ouvindo outros cegos dizer que S. Lourenço dera vista a Lucilo, vinham muitos pedir-lhe que os sarasse, e pondo-lhe o Santo as mãos nos olhos saravam logo.

Disse Hipólito a S. Lourenço: «Mostra-me os tesouros que tens escondidos». Respondeu S. Lourenço: «Ó Hipólito, se tu cresses em Jesus Cristo, eu te mostraria os tesouros, e alcançarias a vida eterna». Respondeu Hipólito: «Se fazes o que dizes eu farei o que me aconselhas»; e informando-o o Santo na fé, ele recebeu o baptismo com toda a família.

Mandou Valeriano a Hipólito que lhe levasse a S. Lourenço, o qual, sabendo isto, disse: «Vamos ambos lá, que já se nos aparelha a coroa de nossa glória». Chegando a casa de Valeriano, disse ele a S. Lourenço: «Acaba de nos dar os tesouros que tens da igreja». Respondeu o Santo: «Dá-me espaço de três ou quatro dias, e trá-los-ei aqui». Concedeu nisto Valeriano, e ficou Hipólito por fiador. Foi então S. Lourenço e naqueles três dias ajuntou quantos pobres pôde achar, e os levou ao paço do imperador, e em voz alta disse a Décio e a Valeriano: «Estes são os tesouros eternos, que nunca faltam, antes sempre crescem: e os tesouros que pedes, as mãos dos pobres os levarão aos tesouros do Céu!». Enfurecido Décio o mandou açoitar, e disse o Santo: «Dou graças a Deus, porque é servido de me juntar aos seus servos: miserável de ti, que com os demónios serás atormentado».

Com isto se enfureceu Décio muito mais, e o mandou açoitar cruelmente segunda vez, e o Santo levantando a voz, tornou a dizer: «Conhece ó mísero, que agora alcanço os tesouros do Céu, e por isso não temo os teus tormentos». Disse Décio aos algozes. «Tomai outras varas para o açoitar, e ponde-lhe nas costas chapas de ferro ardente». Disse S. Lourenço: «Ó mal-aventurado, estas delicias e convite desejei eu sempre». Respondeu Décio: «Se tu te glorias disso, diz-me onde estão escondidos os outros semelhantes a ti, para que juntamente contigo gozem deste

convite»; mas o Santo lhe respondeu: «Não és digno de os ver». Irado Décio tornou a mandar açoitá-lo por maior espaço de tempo, e o Santo orou ao Senhor, dizendo: «Senhor Jesus Cristo, recebei o meu espírito». Veio então do Céu esta voz que todos os circunstantes ouviram: «Ainda te está aparelhada maior batalha de tormentos por Cristo». Ouvindo Décio isto, disse: «Varões romanos, não ouvistes a consolação que os demónios deram a este sacrílego, que despreza os deuses e desobedeceu às ordens dos príncipes?». E o mandou estender sobre um leito de ferro, onde foi açoitado com azorragues feitos à maneira de escorpiões; mas o Santo sem afrouxar de sua constância, se sorriu, e deu muitas graças a Deus.

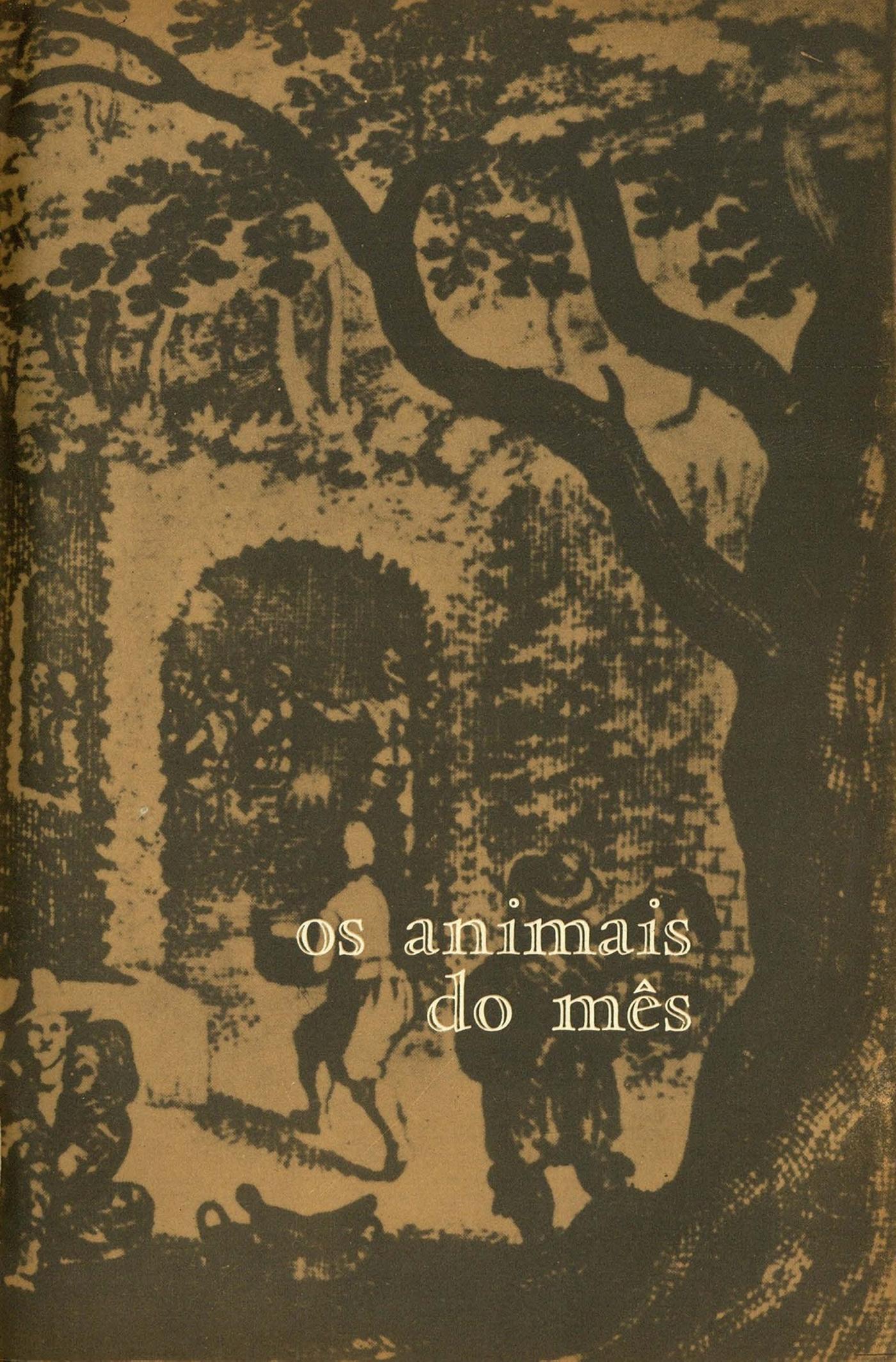
Um cavaleiro chamado Romano, que estava presente quando açoitaram a S. Lourenço, converteu-se à fé, e bradou, dizendo: «Vejo um formoso mancebo diante de ti, que com uma toalha está limpando os teus membros, e isto me move a pedir-te pelo Deus que mandou o seu Anjo, me não desampares». Irado Décio o mandou encarcerar, dizendo: «Entendo, que por arte mágica, somos vencidos». Foi-se então Romano a S. Lourenço com um vaso de água, e com ela baptizou o Santo. Sabendo Décio isto mandou-o açoitar e Romano bradava: «Eu sou cristão»; e depois foi degolado fora dos muros da cidade, junto à porta, chamada Salária, a 9 de Agosto. Naquela mesma noite mandou Décio trazer perante si a S. Lourenço e que lhe mostrassem todos os tormentos, e lhe disse: «Sacrifica aos deuses; senão, toda esta noite se gastará em te atormentar». Respondeu S. Lourenço: «A minha noite não tem escuridade, toda é cheia de claridade». Ouvindo isto o tirano o mandou ferir na boca com pedras, e o Santo, com grande ânimo, disse: «Graças Vos dou, Senhor Jesus Cristo, porque livrais aos que em vós crêem». Mandou o tirano trazer um leito de ferro, ao modo de grelhas, e despido o fez estender nele; puseram os algozes muitas brasas debaixo, e assavam o Santo, ápertando-o nas grelhas com forquilhas de ferro. Disse então S. Lourenço a Valeriano: «Conheces, miserável, a grandeza do poder do meu Senhor: ele sabe

que não neguei o Seu santo nome quando fui acusado, e que o confessei sendo perguntado, e que agora assado o estou louvando. Estas brasas não me dão tormento mas sim refrigério, e para ti, miserável, aparelham tormento eterno no Inferno». Todos os circunstantes se admiravam de ver o ânimo com que sofria aquele tormento. Levantou o Santo os olhos para Décio e disse-lhe: «Mal-aventurado, já está assada uma parte, vira-me da outra, come e farta-te, já vejo o que dias há que desejava; e olhando para o Céu, disse: «Graças Vos dou, Senhor Jesus Cristo, porque permitistes que eu fosse digno de entrar em Vossa Casa», e dito isto expirou. Décio e Valeriano se foram dali, deixando o corpo queimado sobre as grelhas. Na manhã do seguinte dia tomaram os cristãos o corpo do Santo mártir e o enterraram honradamente. Foi o seu trânsito a 10 de Agosto do ano de 261. Outros acrescentam 16, pondo-no de 277.

Foi S. Lourenço natural de Huesca, filho de Orêncio e Paciência que foram santos, e como tais são celebrados naquela cidade.

É de advertir, que desta história, em que se diz que S. Xisto e S. Lourenço padeceram por ordem de Décio e Valeriano, há muita dúvida entre os historiadores, porque nas crônicas dos Papas se acha que, muito tempo depois do império de Décio, fora S. Xisto, Papa, cujo arcediogo foi S. Lourenço, e assim diz Santo Antonino, que não foi aquele Décio o que martirizou a S. Lourenço, mas sim outro Décio, cujo nome mais comum era Galierro, o qual se conta no número dos imperadores por filho de Valeriano: nem contraria a isto os tesouros, que pedia, de Filipe, porque como eram grandes, e encomendados ao Sumo Pontífice, cuidaria este Décio, que pelos predecessores viriam a Xisto e, por isso, lhos pedia. Outras opiniões há acerca de quem foi este Décio, que se deixam por abreviar. É este o Santo Mártir que com maior solenidade se celebra em todo o mundo, assim pela excelência ou grandeza do seu martírio, como por ser padroeiro da cidade de Roma, cabeça da igreja católica, e assim só ele (além de Santo Estêvão), é geralmente celebrado com jejum, dia santo de guarda e oitavário.





os animais
do mês

QUE SABEMOS NÓS, DA BICHARADA QUE VIVE NOS NOSSOS JARDINS?

Sabemos quanto pesa o Sol, sabemos mesmo quantos astros existem (pelo menos «Sir» Arthur Eddington garante-nos que sabe), começamos a saber que a Terra tem a forma de uma pêra. Mas, muito perto de nós, ali no nosso jardim (ou no jardim do vizinho), o mistério dos pequenos animais, alguns dos quais nos são familiares, permanece inalterável. Enquanto o infinitamente grande vai sendo progressivamente descoberto o infinitamente pequeno continua, muitas vezes, infinitamente obscuro. Não sabemos como a vida se desenvolveu durante milhões de anos, inventando, aperfeiçoando, ou abandonando à sua sorte bilhões de espécies animais.

O cão que abana a cauda quando nos aproximamos de'e ainda não nos desvendou o mistério do seu olfato. A abelha que nos oferece o mel guarda o segredo da escolha das flores. A aranha que intempestivamente se suspende num fio no tecto do nosso quarto não nos explica o rito do amor. A andorinha que todas as Primaveras volta ao mesmo ninho não nos desvenda as coordenadas do itinerário que a leva a cruzar o Mediterrâneo. As borboletas que voam em volta das nossas lâmpadas não nos ensinaram ainda como conseguem simular a morte para escapar aos inimigos.

As aves cantam nos nossos jardins, fazem os seus ninhos, as formigas cavam os seus formigueiros, os cães previnem-nos da aproximação de desconhecidos. Sob os nossos pés, cruzam-se e entrecruzam-se, nós passamos orgulhosos da nossa inteligência e dizemos: «O instinto é uma coisa maravilhosa». No entanto, por muito inteligentes que sejamos, ignoramos tudo acerca do instinto: nós não

sabemos como é que esses animais inventam as suas reacções às dificuldades do ambiente. E tudo quanto podemos fazer é baixarmo-nos sobre a Terra para melhor observarmos o que se passa.

AS CATEGORIAS SUBMERSAS

Não são apenas os homens que constróem casas. Os animais também. O mais simples, o mais pequeno de todos os animais é também um construtor. O nosso corpo é constituído por triliões de células, mas cada foraminífero é constituído apenas por uma célula, uma gota informe de protoplasma atirada para o fundo do mar: e é no fundo do mar que eles constróem as suas catedrais, edifícios de calcáreo constituídos por «mosaicos» harmoniosos que rivalizam com os mosaicos de Ravena. Mas como erguem eles as suas catedrais? Mistério inviolado. Mas as formigas, as abelhas, as vespas são grandes arquitectos. E não aprendem o ofício. Os bebês formigas, separados dos adultos, descobrem sem hesitação as leis architectónicas dos formigueiros.

Para as aves o problema da habitação é tão importante como para os homens. E elas constróem os seus ninhos sólidos, vastos e elegantes.

O melharuco com a sua longa cauda é um megalómano: desaparece no seu enorme ninho, como nós desaparecemos na igreja de São Pedro em Roma... Esse ninho decora-o ele com mil cuidados: cerca de duas mil penas multicolores são-lhe necessárias e ele procura-as com determinação durante oito dias. Para quê tanta paciência? Para quê tal esco'ha? E como escolhe?

O «bower-bird» é um pássaro que constrói o ninho antes de procurar a esposa. Esse ninho não é apenas um palácio. É também



uma praça forte com poderosas muralhas e uma torre interior na qual a fêmea põe os ovos. E enquanto ela os choca, o macho decora o palácio com penas, folhas, flores, conchas e até papéis, cápsulas de garrafas, botões. Para terminar em beleza, esse estranho pássaro pinta o seu palácio com tintas extraídas de certos vegetais. A sua esposa deve ficar maravilhada. Quantos homens tratarão assim as suas mulheres quando elas deixam a Maternidade?

Os mistérios sucedem-se: o cuco rouba os ninhos das outras aves. Outros pássaros chegam a fazer doze ninhos por estação mas ocupam apenas um.

Os animais constroem casas, «inventam» armas para se defender, disfarces para enganar a morte. A carapaça da tartaruga, a juba do leão, os espinhos do porco-espinho são armas defensivas. A tinta que o polvo expele contra o inimigo, o cheiro nauseabundo segregado por certas borboletas para afastar os perseguidores também são armas que significam já uma actividade ofensiva. Mas, por vezes, os animais não desejam defender-se ou atacar. Preferem passar despercebidos. O camaleão muda de cor, confunde-se com os ramos das árvores. As borboletas conhecem também todos os artifícios da dissimulação: fingem-se mortas, imitam uma folha seca, procuram um ângulo de inclinação do corpo que reduza a quase nada a sombra que atrai as atenções do inimigo. Que riqueza de pormenores! Que obstinação em evitar a morte, em evitar esses cataclismos que tantas vezes destruíram para sempre certas espécies!

A SOBREVIVÊNCIA DAS ESPÉCIES

Mas os animais não sabem apenas fugir à morte, procuram propagar-se. A fêmea de certas borboletas usa um perfume para atrair

os machos. Uma minúscula glândula colocada sobre o abdóme segrega um cheiro irresistível. A onze quilómetros de distância ainda ela atrai a borboleta macho! À escala humana as coisas passar-se-iam assim: Em Faro uma rapariga abria um frasco de perfume e em Valença um rapaz aspirava esse perfume e apaixonava-se por ela! Incrível, não é? Mas o perfume é um dos grandes meios de sedução dos animais, como as plumas do pavão, como armas do veado, como as cores dos peixes.

Geralmente esses animais escolhem um lugar privilegiado para o amor, um lugar que eles delimitam, proibindo a todos os outros machos a entrada. O peixe nada em torno do seu domínio, parando por vezes nos pontos estratégicos. Ele avança com a boca aberta, com o corpo em posição de batalha. As aves esvoaçam também em torno das fronteiras que elas mesmas escolhem.

A garça real executa pomposas figuras coreográficas, o caranguejo agita em cadência as suas pinças, o pinguim oferece pedras brancas, a borboleta macho aperta ternamente entre as suas asas as antenas da borboleta do seu coração, o corvo marinho abre o bico para mostrar o amarelo brilhante da sua garganta. Tudo isso para quê? Para conquistar uma esposa. Esposa essa que tantas vezes, devora o marido após a cerimónia nupcial. A louva-a-Deus corta a cabeça do macho durante a cobrição porque, é graças a esse gesto que se realiza o reflexo terminal do acto sexual.

Por vezes as fêmeas têm um aspecto que deve meter medo aos pretendentes. Estes actuam então com todos os cuidados. É o caso de certas aranhas: os machos não se atrevem a aproximar-se das fêmeas (que têm um ar terrível).

Assim, ele tece uma teia minúscula na qual

segrega uma gota de líquido seminal. Depois recolhe esse líquido nas pinças que lhe ornaram a cabeça. E só então procura a fêmea da qual se aproxima com todos os cuidados. Dos casos mais difíceis ele começa por lhe oferecer um moscardo para a distrair e quando a apanha desprevenida fecunda-a, pondo-se rapidamente ao fresco.

A INTELIGÊNCIA DA ABELHA

Todos os animais obedecem a esse instinto mais forte do que a morte e que consegue vencê-la, graças à sobrevivência da espécie. Mas a palavra «instinto» que acabámos de empregar, que tantas vezes empregamos, serve apenas para esconder a nossa ignorância.

O que é o instinto? Uma espécie de hábito transmitido de geração em geração e corrigido de milénios em milénios para vencer as novas dificuldades que o meio suscita?

E que diremos do prodigioso génio matemático dos pombos correios? Donde lhes vem essa ciência do espaço que os leva a percorrer o céu em linhas rectas de mais de mil quilómetros e que vão direitas ao ninho? Nada lhes escapa, nem mesmo a rotação da Terra!

Quanto às abelhas sabe-se hoje que as danças delas são uma linguagem. Elas explicam, graças ao ritmo dos seus gestos a distância a que está do cortiço um campo de flores: e nessa distância de dois quilómetros a margem de erro nunca é superior a 15 centímetros!

A inteligência caracteriza-se por inventar soluções novas, ao contrário do instinto que seria sempre igual de pais para filhos. Pois bem: nós sabemos que as abelhas aperfei-

çoam a sua linguagem. Uma abelha estranha aos usos duma família engana-se na interpretação da linguagem dessa família. Mas, rapidamente aprende esse novo dialecto essa capacidade de se corrigir, de se adaptar, de inventar, não é aquilo que designamos pelo nome de inteligência?

Inteligência lógica e não simplesmente inteligência pré-lógica: as abelhas não gostam de voar muito alto: pois bem: se um campo de flores se encontra para além de uma colina, a dança indicadora do local esclarece rigorosamente o desvio que as outras abelhas devem seguir para contornar a colina.

Enfim, o animal mais próximo de nós. O mais familiar, o cão nosso amigo, vive também um mundo totalmente incompreensível para nós.

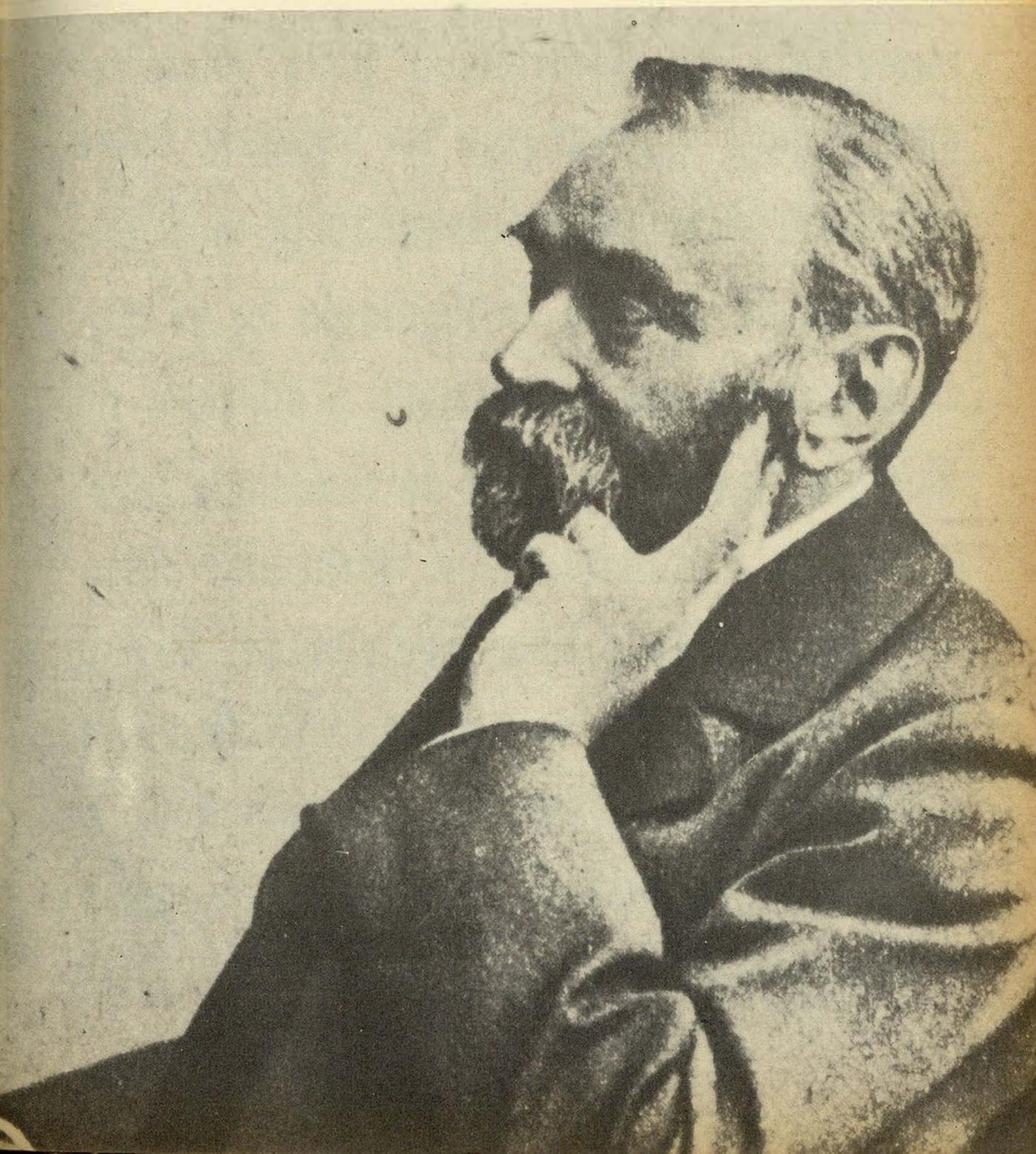
Esse mundo é constituído por cheiros que se multiplicam a cada um dos seus passos. Ele vê mal, mas tem um olfacto prodigioso: Os cheiros frescos relacionados com o presente, os cheiros fanados relacionados com o passado? Um cão de pastor alemão pode identificar entre cem bordões um bordão que fora vinte quatro horas antes empunhado durante alguns segundos por determinado homem. Esse olfacto excepcional vale por muitos olhos: desvenda-lhes um universo cem vezes mais extenso do que o nosso.

Quando o nosso cão passeia na rua com o focinho rente ao chão os odores contam-lhe múltiplas histórias. Elas abrem-lhe numerosas possibilidades. Mas qual delas ele escolherá? O mais extraordinário é que ele não escolhe nenhuma: continua preso aos nossos tacões, continua a seguir-nos... Porquê? Porque gosta de nós...

Problema complicado também: que vem a ser isso de um cão gostar de nós?



Alfred Nobel



«...O juro do capital investido será dividido em cinco partes iguais que serão distribuídas da forma seguinte: uma parte por quem tiver descoberto a invenção mais importante ou contribuído mais decisivamente para o progresso da química; outra por quem tiver feito a descoberta mais importante no domínio da fisiologia ou da medicina; outra por quem tiver produzido, no domínio literário, a obra de tendência idealista mais significativa; e finalmente outra por quem melhor tiver contribuído para a fraternidade entre as nações, a abolição ou a redução dos exércitos permanentes, a reunião e organização de congressos para a paz...».

Alfred Nobel

ACREDITAVA QUE O DINAMITE ERA UM MÉTODO SÉGURO DE INSTAURAR A PAZ ENTRE AS NAÇÕES

Em 3 de Setembro de 1864 a cidade sueca de Heleneborg foi abalada por uma terrível explosão. Emilio Nobel, o benjamim da família, trabalhava num laboratório na companhia de alguns assistentes. Ele e os seus amigos ficaram desfeitos, sob os escombros...

Apesar da sua dor, Alfred Nobel limitou-se a dizer:

— O infeliz aqueceu a nitroglicerina para além da temperatura que eu lhe indicara!

Alfred Nobel tomara conhecimento da nitroglicerina em 1835. Mas, por essa altura, ela era um produto instável que apenas poderia ter interesse se alguém encontrasse um meio de a controlar. Alfred sentia-se fascinado pelos problemas que a nitroglicerina suscitava e pelas possibilidades de exploração industrial desse explosivo líquido.

Ora o fim súbito da guerra da Crimeia levava Emmanuel Nobel (grande industrial de explosivos) a uma situação que se aproximava da falência. As investigações de Alfred inserem-se pois nessa conjuntura. Com elas pretendia Alfred reconstituir a fortuna da família. Por outro lado, foram as experiências para dominar a demoníaca nitroglicerina que o salvaram de uma perigosa crise de neurastenia...

A tragédia de Heleneborg não o impediu de continuar os seus estudos e em breve o grande industrial fundou uma fábrica na Suécia e outra na Alemanha. Depois de 1866 partiu para Nova Iorque a fim de organizar a sua indústria na América.

Mas a 1 de Abril de 1866 o «Demónio» vencido levantou a cabeça: uma grande explosão em São Francisco pulverizava um armazém e matava 15 operários. Seis dias

depois ia pelos ares um navio e com ele perdiam-se 50 vidas.

Então uma vaga de terror e de cólera agitou a América. E, sob a pressão dos jornais, foi submetido à aprovação do Congresso um projecto de lei que previa a pena de morte para todos aqueles que transportassem o terrível explosivo.

UMA VITÓRIA EFÊMERA

Nobel bateu-se para que tal lei não fosse aprovada. De resto, ele estava convencido de que o pânico desencadeado pelas recentes explosões era injustificado.

A 25 de Abril de 1866 Nobel foi ouvido pela Comissão encarregada pelo Congresso para recolher informações sobre a nitroglicerina.

Acariciando a sua barba, Nobel observava os funcionários, quase todos incompetentes, que o interrogavam. Sentia-se nervoso mas afectava indiferença.

— A fórmula do produto é, ao que julgo, C6 H5 O3 (NO5)3.

Os membros da Comissão olhavam sem simpatia aquele homem de voz calma. Mas ele prosseguia:

— Uma explosão espontânea de nitroglicerina é inconcebível, a menos que o produto seja submetido a altas temperaturas.

— E os recentes desastres? — perguntaram-lhe.

— Defeitos de embalagem, com toda a certeza. Deve ter-se produzido uma fâsca e o calor desenvolvido provocou a explosão.

Nobel conseguiu convencer aqueles homens e a lei aprovada estabelecia a pena de morte somente para quem não obedecesse às regras de segurança impostas pelo próprio Nobel.

Este êxito, quase inesperado, confirmava os pontos de vista de Alfred Nobel. Vitória efémera, no entanto! Dias depois a fábrica de Kummel (perto de Hamburgo) ia pelos ares. Nos meses seguintes registaram-se novas explosões na Noruega e na Austrália.

A partir de então já não era possível ter ilusões. A confiança de Nobel na nitroglicerina, quando manipulada com todos os cuidados, era excessiva. Afinal havia qualquer coisa de imprevisível nas reacções daquele composto.

Os acidentes sucediam-se, pressagiando a derrocada da indústria de Nobel. Numerosas

companhias de navegação, começaram a recusar o transporte de tal mercadoria e vários países europeus proibiram o seu uso.

Nobel tinha então trinta e três anos e uma maldição parecia pesar-lhe sobre os ombros. Desistiria ele? Deixar-se-ia arruinar, entregar-se-ia ao desespero por ver tantas mortes?

O acaso ou a obstinação deram-lhe a tempo a solução do problema. Finalmente convencido de que a nitroglicerina era de facto instável Nobel resolveu introduzir-lhe algumas substâncias absorventes.

De princípio as investigações não o levaram a bom porto, mas o acaso (e a obstinação) ajudaram-no. De certa vez ele notou que um pedaço de areia se misturava com a nitroglicerina provocando uma mistura sólida e porosa. Nobel levou uma boa porção dessa mistura para o seu laboratório e procedeu a novas investigações.

A sua intuição não o enganara: a mistura fazia-se nas condições ideais! Combinando as duas substâncias na proporção de dois para um ele obteve um produto sólido de um poder explosivo inferior ao da nitroglicerina mas duma estabilidade quase perfeita e muito fácil de manejar e de transportar. Estava criado o dinamite.

A DESCOBERTA DO DINAMITE

Em 1867, as suas fábricas produziram onze toneladas de dinamite. Sete anos depois produziam três mil. E entretanto ele fundava 12 companhias em 10 países da Europa e criava nos E. U. A. uma grande cadeia de fábricas.

A sua vida de industrial, porém, não foi completamente feliz. Nobel estava constantemente envolvido em processos motivados pela desonestidade dos seus administradores. E em França, de início, a situação complicou-se muito. Por lei os explosivos eram monopólio do Estado, pelo que Nobel não foi autorizado a montar as suas fábricas. A guerra de 1870 em que os alemães utilizaram amplamente o dinamite convenceu os franceses da necessidade de modificar a legislação em tais matérias e Gambeta pediu a ajuda do industrial sueco.

Assim, em 1873 Nobel fixou-se em França e Paris tornou-se o seu quartel general. Para gerir os seus interesses ele descobriu mesmo

um homem de confiança, o metalurgista francês Paul Barbe.

Quis o destino que Barbe se metesse na política. Foi eleito deputado em 1895 e entretanto viu-se implicado no famoso escândalo do Canal do Panamá.

Violentemente atacado pelo Imprensa, Barbe morreu oportunamente escapando assim à cadeia. Mas Nobel sofreu indirectamente as imprudências do amigo. Para mais ele inventara uma pólvora sem fumo que vendera ao exército italiano. Isso valeu-lhe a acusação de espionagem! A verdade é que tinha procurado interessar o exército francês nesse invento, muito antes de o vender ao italiano...!

Entretanto os seus negócios em França, mal geridos por um director sem escrúpulos estavam à beira da ruína. Consegue evitar a catástrofe e escreve a um sócio:

«Referes-te aos meus numerosos amigos. Mas onde estão eles? Afundaram-se no mar das ilusões perdidas ou no desejo de ganhar dinheiro. Garanto-te que só entre os cães possuo amigos.»

A um dos seus parentes que em 1870 lhe pedia uma auto-biografia ele respondeu:

«Alfred Nobel, miserável aborto, devia ter sido esganado ao nascer, por um médico filantropo. Defeitos principais: não tem família, possui um carácter terrível e uma péssima digestão. Qualidades principais: não tem as mãos sujas, não é um fardo para ninguém. Um só e único desejo: não ser enterrado vivo. Principal pecado: não adora Manon. Acontecimentos importantes da sua vida: nenhum.»

Daqui para ali, Nobel passeava a sua solidão através do mundo. Metido consigo, ele passava por um cínico totalmente desprovido de coração. Muitos repetiam como um modelo de desprezo pelos homens a frase que ele pronunciara um dia: «Não é possível introduzir no mercado um novo explosivo sem correr o risco de provocar uma centena de vítimas.»

QUEM TEM CASA QUER CASAR

Afinal, esse homem tinha um coração terno e sensível. Aos dezanove anos já escrevera um poema auto-biográfico. E, não obstante o seu ar de celibatário empedrenido, Nobel apaixonara-se perdidamente por uma pari-

siense aos 18 anos. Ah! Esse idílio fora breve e terminara tràgicamente com a morte da mulher amada. Escrevera então um poema onde dizia: «A minha vida tinha um único objectivo: ganhar-te para sempre. Mas o destino escolheu-te outro esposo: O túmulo!».

Nunca se soube o nome dessa rapariga. Mas Nobel nunca se casou, embora, por duas vezes, isso tenha estado para suceder.

Em 1875, com 41 anos de idade, esse vagabundo perpétuo sentiu o desejo de criar raízes em qualquer parte, de ter uma casa, de fugir aos hotéis. Comprou um belo palacete perto da Place de L'Étoile em Paris. Mas quem tem casa quer casar. Por isso escreveu a um amigo: «Os meus olhos estão em tão mau estado que já nem servem para olhar as mulheres bonitas conforme aconselha a Bíblia. E a propósito: tens a morada daquela deliciosa governanta que eu vi recentemente em Viena? Era absolutamente de primeira ordem!».

Como o amigo não lhe respondeu satisfatoriamente, Nobel mandou publicar no *Neue Freie Presse* de Viena um anúncio assim redigido:

«Cavalheiro idoso, muito rico e culto, vivendo em Paris, deseja conhecer senhora de idade conhecedora de línguas, que aceite ser sua secretária e que esteja disposta a dirigir-lhe a casa.»

Bertha Kinsky von Chinic und Tettan, condessa austríaca arruinada, trabalhava como governanta em Viena na casa do barão Von Sutter. Mas sucedera-lhe um precalço: apaixonara-se pelo filho mais velho do barão que tinha menos sete anos do que ela. Os pais opuseram-se e a condessa submettera-se nobremente. Estando desempregada lera o anúncio de Nobel e respondera-lhe.

Alfred Nobel vive então os dias mais felizes da sua existência. Ele sentia-se à vontade com essa mulher inteligente, bondosa, distinta, dotada de uma forte personalidade.

Em breve fazia-lhe confidências, falava-lhe da rapariguinha que amara aos 18 anos, mostrou-lhe os poemas que escrevera durante a adolescência.

— São muito belos! — dizia ela sinceramente.

Mas havia um assunto que particularmente interessava à jovem condessa: A Guerra e a Paz. Nobel também reflectira nisso muitas vezes.

— Consideram-me um cínico porque tenho ganho muito dinheiro — confessava — na verdade eu sou um idealista, mas um idealista inteligente. Creia-me: o único meio de acabar com a guerra é criar explosivos tão poderosos que os homens passem a ter medo...

A MOBILIZAÇÃO DA OPINIÇÃO PÚBLICA CONTRA A GUERRA

Ela mostrava-se escandalizada. Achava preferível mobilizar a opinião pública contra a guerra.

Nobel sorria do que considerava uma opinião ingénua, mas sentia um grande prazer naquelas conversas.

Certa tarde ele perguntou-lhe:

— O seu coração está livre?

Ela tinha por ele uma amizade demasiado forte para que aceitasse enganá-lo:

— Não.

E contou-lhe o seu amor contrariado pelo jovem barão Von Suttner.

Foi a única alusão que ele fez a um possível casamento. Três dias depois Nobel partia para a Suécia e, na sua ausência, Bertha recebeu um telegrama do jovem barão:

«Não posso viver sem ti.»

A condessa apanhou o primeiro comboio para Viena e casou-se com Arthur Von Suttner.

Esses dias de felicidade transformaram completamente a vida de Alfred Nobel. No plano das ideias, a perspectiva de contribuir para a Paz do mundo pareceu-lhe mais importante do que a fabricação e a distribuição de explosivos.

Na esperança inconfessada de reencontrar Bertha e o seu jovem marido, Nobel dirigiu-se a Viena mas eles não estavam lá. Seguiu para Baden, estância termal nos arredores de Viena. De certa vez entrou numa loja de flores. A florista era jovem, graciosa, faladora.

— Como se chama? — perguntou ele.

Chamava-se Sofia Hesse, tinha 20 anos e substituiu rapidamente no coração de Alfred o lugar ocupado pela condessa. Levou-a para Paris e pretendeu ser um novo Pigmalião: transformá-la.

Mas Sofia passava o seu tempo nas casas de modas e nas pastelarias. Pouco se impor-

tava com os professores que Nobel lhe arran-
jara.

Anos depois Nobel mandava-a de novo
para Viena, com uma pensão generosa.

Em 1187 voltou a ver Bertha pela primeira
vez depois que dela se separara. Esta ga-
nhara entretanto uma certa fama com a
publicação de um romance psicológico: **In-
ventário de uma Alma.**

Falaram da Paz como nos velhos tempos.
Bertha tinha a ideia de fundar uma Socie-
dade dos Amigos da Paz. Ele deixou-se con-
vencer. Resolveram então fazer um apelo
aos governantes de todos os países para que
eles se comprometessem durante um ano a
evitar qualquer acto de hostilidade.

Em 1891, um romance pacifista de Bertha
Von Suttner — **Abaixo a Guerra!** — obtinha
um grande êxito e a Sociedade dos Amigos
da Paz realizava o seu primeiro congresso
em Viena. Nobel assistiu incógnito.

Em 1893 decidiu consagrar uma parte da
sua fortuna a um prémio anual para o homem
ou a mulher que melhor tivesse contribuído
para o progresso da ideia de Paz. No seu
espírito esse prémio devia ser atribuído pri-
meiramente à baronesa Bertha, o que não
veio a suceder, de resto.

A 22 de Novembro de 1896 ele retirou-se
para San Remo. E na manhã de 10 de De-
zembro o seu criado encontrou-o morto no
leito, vitimado por um ataque cardíaco.

CAVALOS EM BICICLETAS

ou o modo de resolver o problema dos transportes

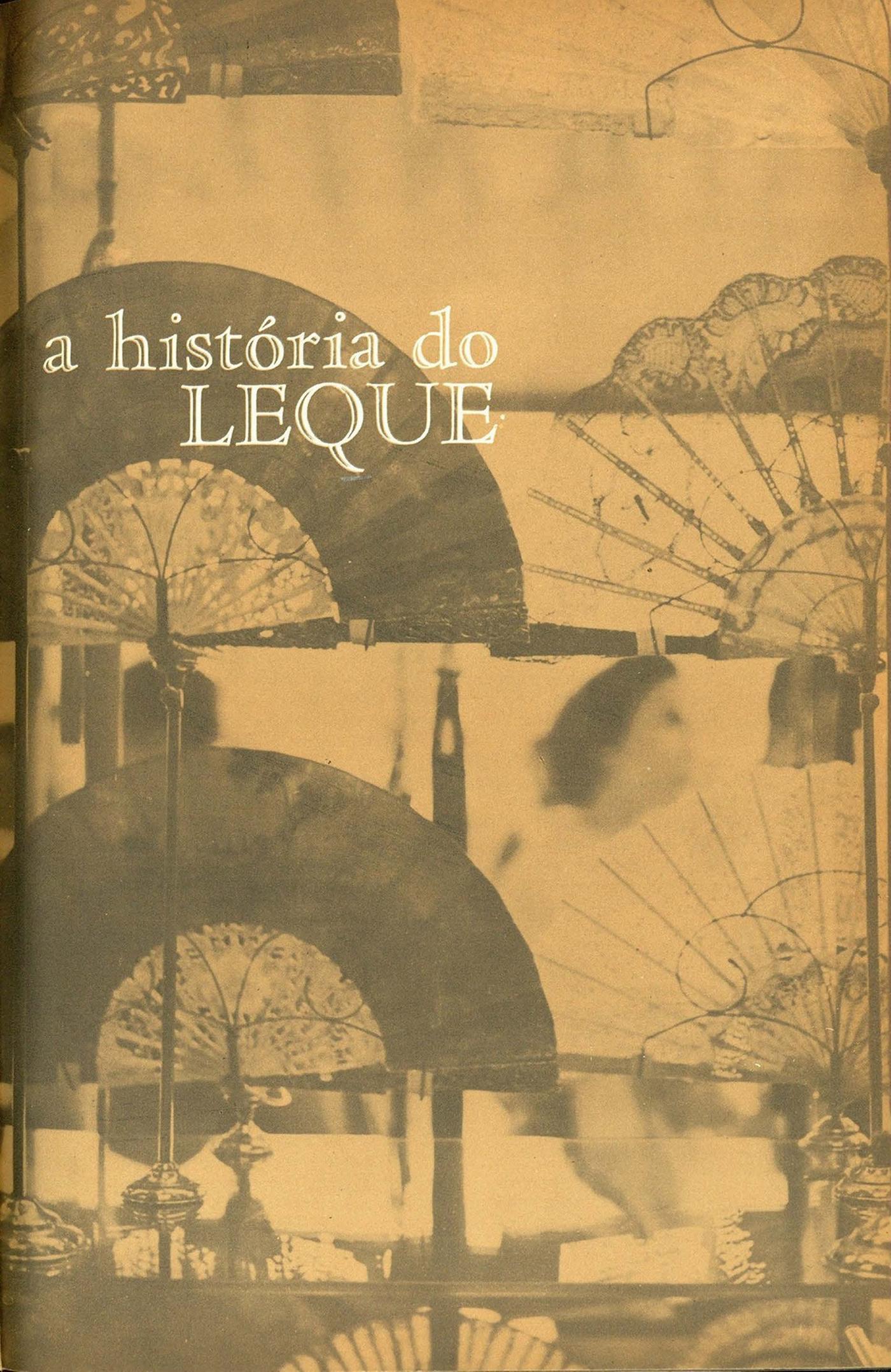
Os satélites artificiais e a discussão das suas
possibilidades e consequências enchem mui-
tas dezenas e dezenas de livros, muitos mi-
lhares e milhares de páginas. Imaginamos
nós que a maior parte dessa literatura passará
como ridícula aos olhos dos nossos netos? Para
que o leitor possa ter uma ideia aproximada
do que pensarão sobre o assunto os homens
do século XXI, aqui transcrevemos o que o
Senhor Jacques Soldanelle escreveu em 1880
sobre a bicicleta. Que preocupações eram as
dele? Que preocupações são as nossas?

«Se há cinquenta anos alguém tivesse dito
que graças à ajuda duma maquineta com ro-
das, o homem tão lento, tão desajeitado a
correr, seria capaz de bater os velozes cava-
los, ninguém levaria a sério estas palavras.
É indubitavelmente estranho que as fracas
forças humanas aplicadas numa bicicleta con-
sigam atingir tais velocidades.

«Mas significará isto a derrota definitiva
dos cavalos? De maneira nenhuma. Mas é
preciso grande imaginação para prever que
o dia virá em que corcéis (graças ao homem,
evidentemente) poderão desferrar-se. De que
maneira? Substituindo os homens nas bici-

cletas (nos triciclos ou nos quadriciclos).
É na verdade inadmissível que esse admirá-
vel animal não tenha podido ainda utilizar
a sua maravilhosa organização numa má-
quina simples e prática. Nessas condições o
cavalo tomará de novo a dianteira sobre o
homem e é muito possível que vença a pró-
pria locomotiva. A partir desse dia o cavalo
ganhará de novo a estima de todos nós e a
admiração não só da bicicleta como da pró-
pria locomotiva. Uma força viva, sempre
pronta, pouco volumosa, terá sempre gran-
des vantagens (sobretudo em pequenos tra-
jectos e quando o número de viajantes é re-
duzido) sobre uma máquina cega: sem falar
no seu encanto, incomparavelmente maior do
que o da locomotiva.

Aceitemos este feliz augúrio e na veloci-
pedia não vejamos apenas uma excelente
utilização da força humana, vejamos também
o meio de aperfeiçoar um dos mais belos
animais do nosso planeta — um artifício para
salvar da destruição esse animal de incom-
parável elegância, esse pobre animal que está
em risco de desaparecer, por culpa dos pro-
gressos no domínio dos transportes.»



a história do
LEQUE

quase tão velhos como

QUASE TAO VELHOS COMO EVA...

Diz um escritor espanhol que o leque é tão antigo como a própria mulher. E acrescenta: É certo que a Bíblia não se refere a ele, mas isso deve-se apenas ao facto de ela não se preocupar com coisas tão superficiais. Afinal, o primeiro gesto de Eva foi o de estender um braço para apanhar uma folha da árvore mais próxima. Com essa folha abanou-se, com a maçã que vinha presa à folha seduziu o pobre Adão.

Como toda a gente sabe o leque serve para as senhoras se abanarem. O leque produz, quando se move, uma corrente de ar que favorece a evaporação da humidade do rosto. O calor que se consome nesta evaporação provoca a agradável sensação de frio que todos conhecemos. Quem se poderá gabar de nunca ter ficado num concerto ao pé duma senhora com um leque? Não é magnífico o ruído que ele produz?

Mas o leque teve e tem ainda outras funções tão importantes como as de refrescar. A graça e a coqueteria femininas fizeram dele um instrumento de sedução, um instrumento que encerra toda uma linguagem amorosa, uma janela aberta sobre o coração ou um muro protector quando as circunstâncias assim o exigem.

AS ORIGENS DO LEQUE

Existem muitas teorias sobre a origem do leque. A mais bela das lendas — a mais improvável também — é chinesa.

Ora aconteceu que certa noite, a formosa Kan-Si, filha dum poderoso mandarim, assistia a um baile de máscaras no palácio imperial. Mas o calor era sufocante e todas as raparigas suavam angustiosamente por causa das máscaras e dos complicados vestidos. Kan-Si, quase desmaiada, tirou então a máscara, mas para que ninguém a reconhecesse abanou-a com muita força em frente do rosto e tão veloz era o movimento com que agitava a máscara que ninguém a reconheceu. Ninguém? Um príncipe, o jovem príncipe herdeiro assim pôde aproximar-se dela e declarar-lhe o seu amor.

A história correu de boca em boca pelo país fora e todas as raparigas chinesas desejando ter a mesma sorte, repetiram o gesto de Kan-Si. Se conseguiram ou não arranjar marido, não nos informa a lenda. Mas a verdade é que o costume se generalizou e que as mulheres aprenderam a manejar o leque com a mesma habilidade com que um pescador maneja o anzol.

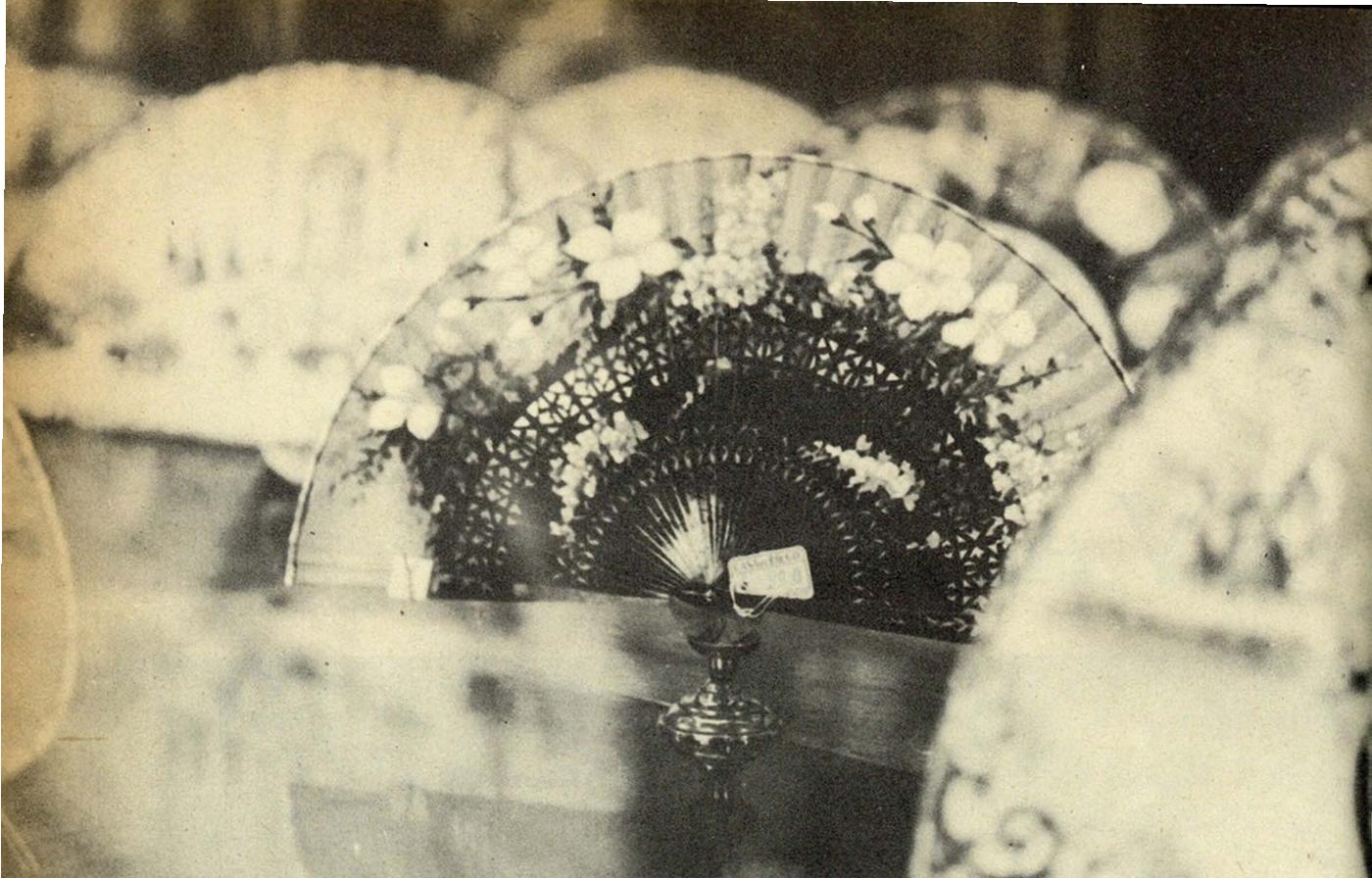
Também se diz que o leque iniciou a sua carreira como abano para espezitar o fogo, como enxota-moscas ou como sombrinha. De facto, no velho Egipto os escravos manejavam-no para espantar as moscas dos cadáveres enquanto não eram embalsamados e metidos nas sepulturas. É evidente que esta última explicação das origens do leque é muito menos poética do que a outra...

Mas é facto averiguado que no Egipto já havia leques nos séculos XVIII e XIX A. C.

Também na China uns baixos relevos da dinastia Chu (Século XII A. C.) revelam-

EVA...♦♦♦





-nos formosos leques de marfim. Tanto na China como no Japão os leques eram um símbolo de poder e de distinção. Eram oferecidos como prémio aos bons alunos nas escolas. No teatro as artistas usavam-nos como meio de expressão.

Ao que parece foram os portugueses que introduziram o leque na Europa. Em França, Watteau pintou no século XVIII numerosos leques. E com a Revolução Francesa os leques serviram de propaganda política pois que neles se inscreviam legendas patrióticas e retratos de heróis da Revolução: Marat, Danton, Robespierre...

Mas actualmente a pátria do leque é a Espanha. Qual é o turista que não leva um como recordação de viagem?

Valência é o grande centro produtor de leques e a exportação de tão delicados objectos é uma das suas grandes fontes de riqueza, tal como as laranjas! E podem comprar-se por todos os preços. Há-os de 10 pesetas e há-os também de 25.000!

A LINGUAGEM DO LEQUE

Quem não leu ou ouviu qualquer coisa sobre o leque como forma de expressão? O leque é um objecto valiosíssimo que se fecha, abre, agita com extrema graça, se a mulher que o empunha é graciosa. É certo que a sua função fundamental é a de refrescar mas ele

serve também para mostrar as mãos quando são belas, para ocultar os dentes feios, esconder as emoções, dissimular ou salientar um sorriso.

Dantes existia um código para os movimentos do leque. A chave desse código era dada pelas quatro orientações (para cima, para baixo, à esquerda, à direita) que se podia imprimir ao leque. Dentro dessas quatro orientações havia cinco posições diferentes que simbolizavam ao todo, vinte letras, as suficientes para o efeito.

Seja como for, esse alfabeto era demasiado complexo e havia uma série de frases feitas: as mais importantes para as damas e os seus apaixonados nos bailes e nos salões.

Apoiar os lábios no leque, significa: «Não acredito» ou «não acredites nesse homem com quem estás a falar». Passar os dedos pelas varetas indicava: «Temos de falar». Pôr o leque na cabeça: «Não te esqueças de mim». Se uma senhora se abanava com a mão esquerda queria dizer: «Não estejas com essa mulher». Ir à varanda, abanando-se com um leque era uma promessa: «Espera por mim. Vou sair à rua».

Os tempos são outros. A linguagem do leque tornou-se inútil nesta nossa época de cinemas com ar condicionado, de automóveis, e de liberdade plena. É mais fácil telefonar a combinar um encontro do que ir à varanda com um leque... E dá menos nas vistas...



os grandes contistas

o Defunto

Desde o primeiro dia Bartolino Fiorenzo ouvira dizer à noiva:

— Lina, realmente... Lina, não, não é o meu verdadeiro nome. Chamo-me Carolina. O meu defunto quis chamar-me Lina, e assim fiquei.

O defunto era Cosme Taddei, o primeiro marido.

— Lá está o retrato dele.

E indicara-lhe a noiva, porque ainda lá se encontrava, sorridente no gesto de saudar com o chapéu (um instantâneo fotográfico muito vivo, ampliado), na parede em frente do sofá, ao pé do qual Bartolino Fiorenzo estava sentado. E, instintivamente, Bartolino teve vontade de curvar a cabeça, para corresponder àquele cumprimento.

Lina Sarulli, a viúva Taddei, nem por sombras se lembrara de tirar aquele retrato da sala, o retrato do dono da casa. Pertencia a Cosme Taddei, de facto, a casa em que ela morava; ele, que era engenheiro, projectara-a; e, depois mobilara-a com muita elegância e tinha-lha deixado por fim em testamento, com todo o seu património.

Lina Sarulli continuou, sem notar a confusão do noivo:

— A mim não me agradava mudar de nome. Mas o meu defunto, então disse-me: «E se, em lugar de Carolina, eu te chamasse Cara Lina, não seria melhor? É quase a mesma coisa, mas muitíssimo mais. Estás de acordo?».

— Pois claro! Estou! — respondeu Bartolino Fiorenzo, como se o defunto lhe tivesse proposto a ele o seu alvitre.

— Então, Cara Lina. Está dito? — concluiu a noiva sorrindo.

E Bartolino Fiorenzo:

— Está dito... sim... está dito... — gaguejou, perdido de confusão e de vergonha, pensando que o marido, entretanto, o observava sorridente da parede e o cumprimentava.

Quando, três meses mais tarde, os Fiorenzo, já casados, acompanhados à estação pelos parentes e pelos amigos, partiram em viagem de núpcias, com destino a Roma, Hortense Motta, íntima da família Fiorenzo e também muito amiga de Lina Sarulli, disse ao marido, referindo-se a Bartolino:

— Pobre rapaz! Então dizem que tem esposa? Eu digo antes que tem marido!

Mas note-se que, com aquilo, Hortense



por
Luigi Pirandello

não queria dizer que Lina Sarulli primeiro Lina Taddei e agora Lira Fiorenzo, tivesse mais de homem que de mulher. Nada disso. Sobejamente mulher, até, aquela «Cara Lina»! Dentre os dois, todavia, era preciso concordar que ela tinha muito mais experiência da vida e muito mais juízo do que ele. Ah! Ele, redondo, loiro e rubicundo, dir-se-ia um menino gorducho, um curioso menino gorducho: era calvo, mas duma calvície que parecia fingida, como se ele próprio tivesse rapado o alto da cabeça para tirar a si próprio aquele ar tão infantil. E sem o conseguir, pobre Bartolino!

— Qual pobre! Mas porquê? — Miou, na sua voz que parecia sair do nariz, irritado, Motta velho marido da jovem Hortense, o qual arranjara aquele casamento e não permitia que se dissesse mal dele. — Bartolino não é nenhum parvo. Um ótimo químico...

— Sim, de primeira qualidade! — riu a mulher.

— De primeiríssima qualidade! — reforçou ele.

Ótimo químico! se consentisse em mandar imprimir os estudos profundos, novos, de originalidade indiscutível, que fizera quando

adolescente naquela ciência (paixão até então única, exclusiva da sua vida), sem dúvida, quem sabe... no primeiro concurso, quem sabe de qual Universidade do reino, ficaria professor! Um sábio, um sábio! E agora, como marido, seria exemplar. Na vida conjugal, entrava puro, virgem de coração.

— Lá quanto a isso... — concordou a mulher, como se, pelo que dizia respeito àquela virgindade, estivesse disposta a conceder ainda mais.

O facto é que ela, antes de se concluir o enlace com Lina Sarulli, cada vez que em casa dos Fiorenzo ouvia o seu marido aconselhar ao tio de Bartolino que era preciso arranjar uma esposa para o rapaz, desatava a rir. Ah, as gargalhadas que ela soltava!

— Arranjar-lhe esposa, sim, minha senhora, arranjar-lhe esposa! — insistia o marido, com fúria.

Então ela acalmava-se de chofre:

— Mas casem-no à vontade, meus amigos! Eu rio sòzinha, rio do que estou a ler.

De facto ela lia, enquanto Motta jogava a habitual partida de xadrez com o Sr. Anselmo, o tio de Bartolino; lia um ou outro

romance à velha senhora, havia seis meses presa a uma poltrona, por uma paralisia.

Ah, que alegres realmente aqueles serões! Bartolino, fechado herméticamente no seu laboratório de química; a velha tia, que fingia dar ouvidos à leitura, e já não percebia patavina: os outros dois velhotes, atentos à sua partida... Era realmente preciso conjugar o Bartolino, para haver um pouco de alegria em casa. E eis que, pobre rapaz, o tinham casado de verdade!

Entretanto, Hortense pensava nos dois recém-casados já em viagem, e ria imaginando Lina a sós com aquele rapagão calvo, ingénuo, inexperiente, virgem do coração, como dizia o marido: Lina Sarulli, que vivera durante quatro anos com aquela simpatia do engenheiro Taddei, esperto, vivo, despreocupado, e empreendedor... até demais!

Talvez, naquele momento, a noiva viúva já tivesse notado a diferença entre os dois.

Antes que o comboio partisse, tio Anselmo dissera à nova sobrinha:

— Lina, recomendo-te Bartolino... Guia-o tu!

Queria dizer: «Guia-o em Roma», onde Bartolino nunca tinha estado antes.

Ela sim, já lá fora, na primeira viagem de núpcias, com o seu defunto; e conservara a lembrança até dos mais pequeninos nada, dos mais ligeiros acontecimentos; pormenorizada e nítida lembrança, como se se tivessem passado, não seis anos, mas seis meses.

A viagem com Bartolino durou uma eternidade: as cortinas não podiam baixar-se. Mal o comboio parou na estação de Roma, Lina disse ao marido:

— Agora deixa tudo comigo, por favor. Tira as malas!

E ao carregador que veio abrir a portinhola:

— Aqui tem: três malas, duas caixas de chapéus, não, três caixas de chapéus. Este saco, mais outro saco... que mais há? Nada, não há mais nada. Hotel Vitória!

Ao sair da Estação, depois de receber o baú, reconheceu logo o boleiro do hotel. Fez-lhe sinal. Depois de subir para a carruagem disse ao marido:

— Verás: um hotel modesto, mas muitíssimo cómodo; bom serviço, asseio, preços em conta! E central...!

O seu defunto, ela recordava-o sem querer, declarara-se muito satisfeito com aquele hotel. Era natural que também Bartolino, agora, se sentisse bem lá. Ah, que jóia de rapaz! Nem falava sequer!

— Atorreado, não é? — disse-lhe ela. — Também a mim me produziu o mesmo efeito, da primeira vez... Mas verás: Roma vai agradar-te. Ora vê, vê... Praça das Termas... das Termas de Diocleciano... Santa Maria dos Anjos... E aquela, volta-te! Até ao fundo, a Rua Nacional... magnífica, não achas? Depois passaremos por lá...

Desceram no hotel e Lina sentiu-se como em sua casa. Teria gostado de que a reconhecesse alguém, como ela reconhecia quase todos: aquele velho criado, por exemplo... Pippo chamava-se ele, sim, é verdade... o mesmo de há seis anos.

— Que quarto?

Tinham-lhes destinado o quarto n.º 12, no primeiro andar: um belo quarto amplo, com alcova, bem mobilado, mas Lina disse ao velho criado:

— Pippo, e o quarto n.º 19, no segundo andar? Fazia o favor de ir ver se se encontra livre?

— Vou já — respondeu o criado, inclinándose-se.

— É muito cómodo — explicou Lina ao marido. — Deve haver um pequeno quarto ao lado da alcova... e depois, mais ar, e menos barulho. Estaríamos muito melhor...

Lembrava-se de que também ao seu defunto acontecera a mesma coisa: tinham-lhe reservado um quarto no primeiro andar, e ele pedira para o substituir.

O criado, pouco depois, veio dizer que o n.º 19 estava livre e ao dispor deles, se assim preferiam.

— Claro que sim! Claro! Apressou-se a dizer Lina, muito satisfeita, batendo as palmas.

E, mal entrou, teve a alegria de rever aquele quarto, tal como o deixara, com o mesmo papel nas paredes, os mesmos móveis, dispostos da mesma maneira... Bartolino permanecia estranho àquela alegria.

— Não gostas? — perguntou-lhe Lina, tirando o chapéu diante do espelho conhecido, sobre a cómoda.

— Aquele quadro, lá ao fundo, não estava cá, então... Havia um prato japonês... Naturalmente partiu-se. Mas diz: não gostas? Não, não, não... Nada de beijos, por en-

quanto... com a cara suja... Tu, lavas-te aqui; eu vou ali, ao meu quatinho... Adeus!

E fugiu, feliz, exultante.

Bartolino Fiorenzo olhou em volta, um tanto mortificado; depois aproximou-se da alcova, levantou as cortinas, e viu a cama. Devia ser a mesma em que a sua mulher dormira pela primeira vez com o engenheiro Taddei.

E de longe, dum retrato pendente na parede da sala da casa da mulher, pareceu a Bartolino que o defunto o cumprimentava.

Durante todo o tempo que durou a viagem de núpcias, não somente se deitou naquela cama, mas almoçou e jantou nos mesmos restaurantes onde o defunto levava a mulher a almoçar e jantar; visitou as antiguidades, os museus e as galerias, e as igrejas e os parques, vagueou por toda a cidade de Roma, seguindo como um cachorro os passos do defunto que o guiava na recordação da mulher, vendo e observando tudo o que o defunto fizera ver e observar à esposa.

Era tímido, e não se atrevia a demonstrar, naqueles primeiros dias, a mortificação, o desalento que começava a experimentar, tendo de seguir assim, em tudo e por tudo, a experiência, o alvitre, os gostos, as tendências daquele primeiro marido.

Mas a mulher não o fazia por mal. Não dava por isso, nem aliás poderia notá-lo.

Aos dezoito anos, falha ainda de qualquer experiência, de qualquer noção da vida, fora tomada completamente por aquele homem que a instruíra, a formara, a tornara mulher; era, em suma, uma criação de Cosme Taddei, devia tudo, tudo, a ele, e não pensava, não sentia, não falava e não se mexia, senão à maneira dele.

Como é que então tornara a casar? Casou porque Cosme Taddei lhe ensinara que as lágrimas não dão remédio às desgraças. A vida para quem fica, a morte para quem vai. Se ela tivesse morrido, ele teria sem dúvida tornado a casar; então...

Então, agora, Bartolino devia viver à maneira dela, isto é, à maneira de Cosme Taddei, que era o seu mestre e o seu guia: não pensar em nada, não se afligir com nada, rir e divertir-se visto que era tempo de alegria. E ele não o fazia por mal.

Sim, ao menos, vamos... um beijo, um afago, qualquer coisa, enfim, que não fosse exactamente à maneira do outro... Nada,

nada, nada de particular devia ele fazer sentir àquela mulher? Nada de seu, que a subtraísse nem que fosse por pouco, ao domínio daquele morto?

Bartolino Fiorenzo procurava... Mas a timidez impedia-o de imaginar carícias novas.

Isto é, imaginava-as, para si, e até algumas muito ousadas; mas, depois, bastava que a mulher, ao vê-lo corar, lhe perguntasse:

— Que tens?

Ora adeus, evaporavam-se logo todas! Tomava uma expressão de parvo e respondia:

— Que tenho?

No regresso da viagem de núpcias, foram perturbados por uma triste notícia inesperada: Motta, o autor do seu casamento, falecera súbitamente.

Lina Fiorenzo que, por morte de Taddei, encontrara a seu lado Hortense e recebera dela conforto e cuidado de irmã, correu logo a ter com ela, para a consolar, por sua vez.

Não imaginava que essa tarefa lhe apresentasse dificuldades: Hortense, vamos, não devia, no fundo, estar demasiado pesarosa com aquela desgraça; boa pessoa, sim o pobre Motta, mas maçador como nenhum e bastante mais velho que ela.

Ficou, no entanto, consternada ao encontrar a amiga, dez dias depois do doloroso acontecimento, absolutamente inconsolável. Supôs que o marido a tivesse deixado em más condições financeiras. E, com boas maneiras e grande cuidado, lançou uma cautelosa pergunta.

— Não, não! — apressou-se a responder-lhe Hortense, entre as lágrimas. — Mas... comprehendes...

O quê? Toda aquela mágoa... a sério? Não percebia, Lina Fiorenzo. E quis confessá-lo ao marido.

— Mas... — murmurou Bartolino, encolhendo os ombros, corado que nem um camarão diante daquela espécie de inconsciência da mulher que sabia sempre tudo. — Afinal... quero dizer... sempre lhe morreu o marido...

— Ora... ora!... Marido!... — exclamou Lina. — Quase podia ser pai!

— E isso parece-te pouco?

— Mas nem pai era!

Lina tinha razão; Hortense chorava de mais.

Nos três meses de noivado de Bartolino, Hortense Motta notara que o pobre rapaz fi-

cara muito transtornado com a facilidade com que a noiva falava diante dele no primeiro marido; perturbado, porque não conseguia pôr de acordo a memória viva, contínua, persistente que ela guardava daquele homem, com o facto de agora ir casar de novo com outro. Bartolino discutira o assunto, em casa, com o tio, e este procurara tranquilizá-lo, dizendo-lhe que era, pelo contrário, uma prova de franqueza, da parte da noiva, com a qual não poderia ofender-se, porque, justamente, do facto de ela tornar a casar devia vir-lhe a certeza de que a memória daquele homem já não tinha raízes no seu coração, mas só na mente; de forma que ela já podia falar no primeiro marido sem escrúpulos, mesmo na presença dele. Bartolino, porém, apesar deste raciocínio, não sossegara. Hortense sabia-o bem. Para mais, agora, ela tinha razões para crer que o turbamento do rapaz, por aquela chamada franqueza da mulher, devia depois da viagem de núpcias, ter crescido bastante. Ao receber a visita de pêsames dos recém-casados, ela quisera, portanto, mostrar-se inconsolável, não tanto a Lina quanto a Bartolino.

E Bartolino Fiorenzo ficou tão simpaticamente impressionado com aquela dor de viúva, que, pela primeira vez, ousou contradizer a mulher, que não queria acreditar naquela dor. E disse, com o rosto em chamas:

— Mas tu, desculpa, tu não choraste, porventura, quando te morreu...

— Não há comparação possível! — interrompeu-o Lina. — Em primeiro lugar, o meu defunto era...

— Ainda novo, sim — disse depressa Bartolino, para não deixar dizer a ela.

— E depois, eu — continuou Lina — chorei, chorei, chorei, é verdade...

— Não choraste muito? — ousou dizer Bartolino.

— Muito, muitíssimo... mas, no fim, conformei-me, está visto! Acredita Bartolino; este choro da Hortense é demais.

Bartolino não quis acreditar. Bartolino sentiu dentro de si, depois desta conversa, ainda mais áspera irritação não tanto contra a mulher, como contra o defunto Taddei, porque já compreendia bem que aquela maneira de raciocinar, aquela maneira de sentir, não eram próprias dela, da esposa, mas fruto da escola do primeiro marido, que

devia ter sido um grande cínico. Não via, porventura, Bartolino, todos os dias, quando entrava na sala, aquele homem, que lhe sorria e o cumprimentava?

Ah, aquele retrato, ali na parede, já não o podia ver! Era uma perseguição! Tinha-o sempre diante dos olhos. Entrava no escritório, e, pronto! a imagem de Taddei sorria-lhe e cumprimentava-o, como para lhe dizer:

— Passe... passe à vontade! Eu também aqui tinha o meu escritório de engenheiro, sabe? Agora você instalou cá o seu laboratório de química? Bom trabalho! A vida para quem fica, a morte para quem vai!

Entrava no quarto de dormir? Pronto, a imagem de Taddei perseguia-o também lá. Também lá. Ria e cumprimentava:

— Sirva-se! Sirva-se à vontade! Boa noite! Está satisfeito com a minha mulher? Ah, instrui-a bem... A vida para quem fica, a morte para quem vai!

Não podia mais! Toda a casa estava cheia daquele homem, como a sua mulher. E ele, tão sossegado dantes, agora achava-se possuído duma contínua excitação, que, no entanto, se esforçava por disfarçar.

Por fim começou a fazer extravagância, para sacudir os hábitos da mulher.

Mas o pior era que, estes hábitos, Lina adquirira-os durante a viuvez: Cosme Taddei, de temperamento muito vivo, não tinha hábitos, nunca os quisera ter. De forma que Bartolino, às esquisitices, ouviu-se censurado pela mulher:

— Valha-me Deus, Bartolino! Já me parece o meu defunto!

Mas não quis dar-se por vencido. Forçou violentamente a sua natureza para ver se fazia alguma coisa de novo. Mas, fizesse o que fizesse, sempre parecia a Lina que já o tinha feito o outro, o qual, na verdade, fizera trinta por uma linha.

Bartolino desanimou; de mais a mais, Lina mostrava gostar de novo daquelas loucuras. Continuando assim, ela acabaria por se convencer de que vivia de novo com o seu caro defunto.

E então... então Bartolino, para desabafar a excitação que de dia a dia ia crescendo, concebeu um mau projecto.

Realmente, ele não tencionava trair tanto a mulher, como vingar-se daquele homem que lha tomara por completo e ainda a possuía. Julgou que este pensamento tão mau

tinha nascido nele espontâneamente, mas, para falar verdade, devemos dizer em seu abono que quase lhe foi sugerido, insinuado, infiltrado pela mulher, que em vão, quando ele era solteiro, tinha amiudadas vezes tentado arrancá-lo ao excessivo estudo da química.

Para Hortense Motta, aquilo foi uma dorforra. Mostrou-se muito aflita por ter de enganar a amiga; mas fez compreender a Bartolino que ela, ainda antes de ele casar... Enfim... era quase fatal!

Esta fatalidade não se apresentou a Bartolino muito clara; e portanto, como bom rapaz que era, ficou um tanto desapontado

com a facilidade com que conseguira o seu fim. Achando-se de repente só, no quarto do bom do velho Motta, arrependeu-se da sua má acção. A certa altura, os olhos caíram-lhe por acaso sobre uma coisa que brilhava no tapete, do lado de Hortense. Era um minúsculo estojo de ouro, com uma corrente, que devia ter deslizado do pescoço dela. Apanhou-o do chão, para devolver-lho; mas, enquanto esperava, com os dedos nervosos, sem querer, abriu-o.

Pasmou!

Um retrato do Cosme Taddei, também naquele estojo!

Ria e cumprimentava...



«Não - cinco - te apresses - seis - temos - sete - todo o tempo - oito - que quiseres»



o filme do mês:

«conspiração dos corações»

**uma produção Rank com
Lilli Palmer
Sylvia Syms
Ronald Lewis
Yvone Mitchell
realizado por Ralph Thomas**

A história decorre na Itália do Norte em 1943. Perto dum convento situado nos arredores de Florença, existia um campo para refugiados velhos e para crianças. Os seus ocupantes eram principalmente crianças judias que haviam sido afastadas dos seus pais pela perseguição dos nazis

A madre-superiora (Lilli Palmer) e as outras freiras procuram com o auxílio dos patriotas italianos dar fuga às crianças e mandá-las para famílias que estão a acolhê-las. Felizmente as tropas que guardam o campo são italianas e o seu comandante (Ronald Lewis) é um homem de coração, para mais, está apaixonado por uma das freiras (Sylvia Syms) que ele havia conhecido em Roma quando ela ainda não se acolhera ao convento. Ele finge ignorar a actividade das freiras e explica aos seus superiores o desaparecimento das crianças, dizendo que elas morreram

Tudo correu muito bem até ao dia em que o campo passou a ser comandado por um oficial alemão (Albert Lieven). Com o antigo comandante italiano ele vai visitar a madre superiora

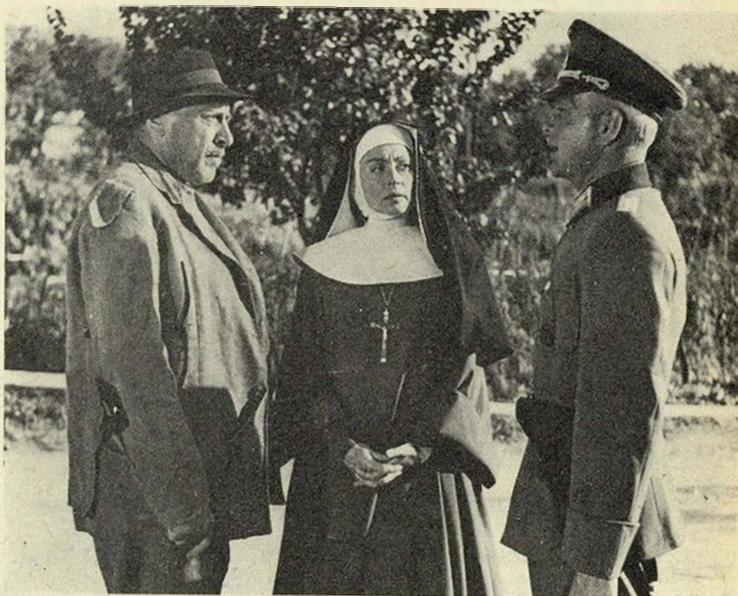
Os alemães cercam o campo com arame farpado e punem com a pena de morte quem tentar auxiliar a evasão dos prisioneiros. Uma freira perde a vida numa dessas missões. Mas a madre superiora insiste, com o auxílio dum patriota (George Coulouris), em salvar as crianças



Petrelli (o patriota que as ajuda) insulta de certa vez o comandante alemão e tenta refugiar-se no convento. Há um momento de pânico entre as freiras que têm escondidas numerosas crianças



O alemão não dá pelas crianças mas prende Petrelli



O comandante alemão desconfia da actividade das freiras. Entretanto elas procuram que as crianças judias sigam a sua viagem, mas estas recusam-se por ser o «Yom Kippur» que é o dia em que os judeus jejuam, pedem o perdão para os seus pecados e em que não podem viajar. Conseguem o auxílio dum rabino e permitem-lhe que ele transforme um dos celeiros do convento em Sinagoga. Mas os alemães surgem de repente e matam o rabino



O coronel alemão descobre finalmente que as freiras ajudam as crianças e pretende saber os nomes dos patriotas italianos que as auxiliam. Ameaça fuzilar a madre superiora mais duas freiras, a menos que elas denunciem os patriotas

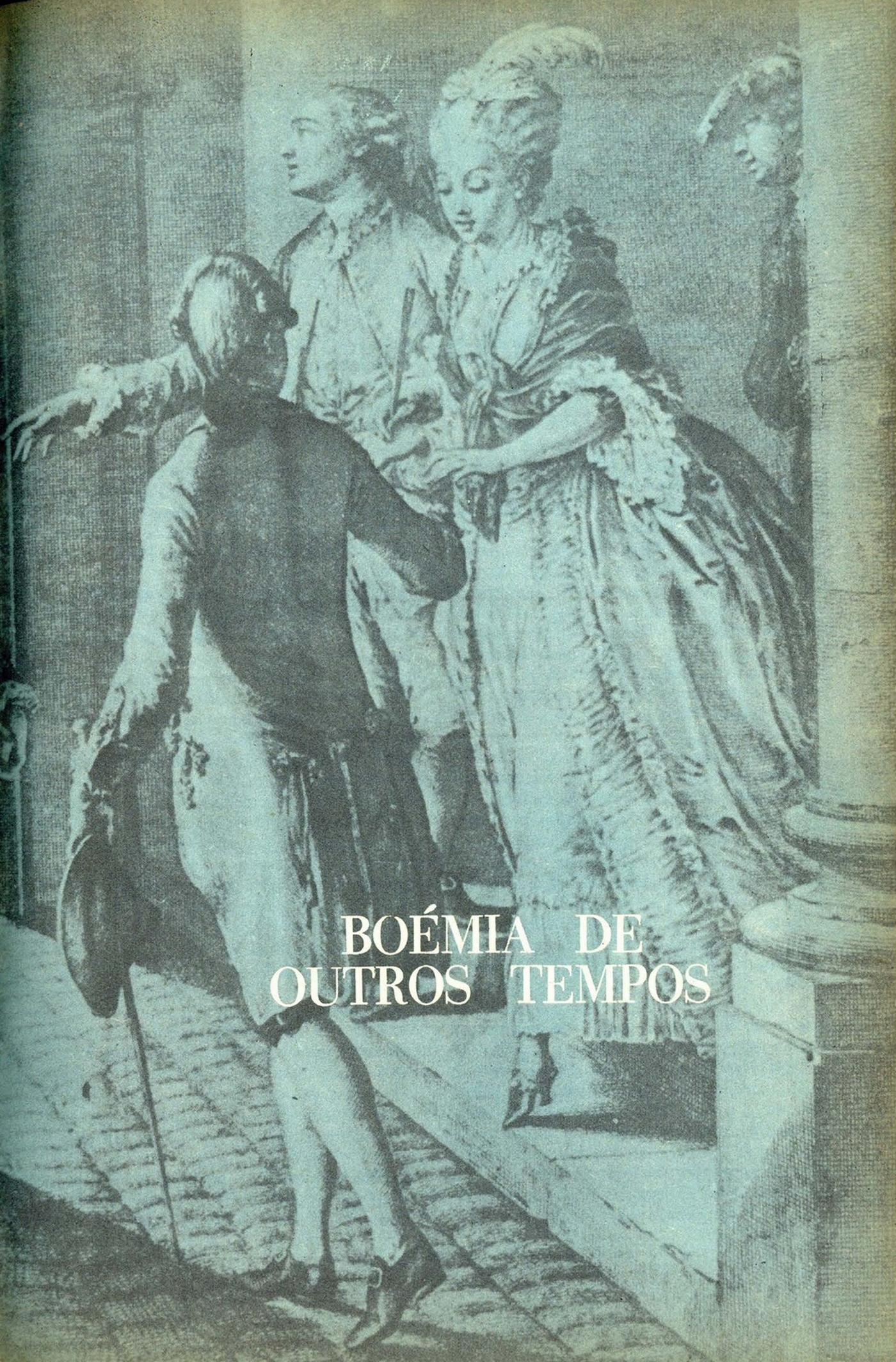


O antigo comandante italiano, perante a recusa das freiras em falarem, oferece-se para conferenciar em particular com a madre superiora e avisa-a de que vai matar o alemão. Mas este ouve-o e manda prendê-lo, enquanto as freiras rezam. «Fogo!» grita o alemão, apontando para as freiras



Mas os soldados italianos não cumprem as ordens. Spoletti aproveita então a oportunidade e ataca os alemães. Depois Spoletti e os soldados italianos fogem para as montanhas e reúnem-se aos patriotas, enquanto as crianças continuam a sua marcha para a liberdade





BOÉMIA DE
OUTROS TEMPOS

como se divertiam os nossos avós

por Lourenço Rodrigues

«Les Portugais sont toujours gais», é uma velha frase que afinal corresponde à verdade.

Os portugueses, com as suas preocupações normais e a braços com todos os problemas constantes da vida, não abdicam de se divertir, sempre que podem. Nas antigas feiras, apinhadas de barracas toscas de **comes e bebes**, de fenómenos baratos e divertimentos populares, o lisboeta folgazão passava as suas noites enlevado e alegre.

Portugal sempre foi um país onde se comeu e petiscou succulentamente. País de conventos e de doçarias afamadas, aqui morreu a lendária Soror Mariana que, apesar da sua paixão celebrada por cartas, pelo ingrato conde de Chamilly, resistiu até aos noventa anos a fazer boiões de marmelada... Por aqui se prova que as paixões não matam...

Ficou na história e Júlio Dantas relata-o em um dos seus livros, uma visita cerimoniosa que um bispo pantagruélico fez ao Mosteiro de Alcobaça. Ali lhe foi oferecido um opíparo almoço e os frades foram à sua preciosa frasqueira, buscar vinhos preciosos.

O abade notou que o ilustríssimo hóspede não se dignara provar nenhuma das especialidades alcoólicas, apesar do ágape já ir no décimo prato.

Houve então este picaresco diálogo:

— «Lamentamos que Vossa Reverência não nos dê a honra de apreciar os nossos vinhos».

E o bispo, risonhamente, respondeu: — «É que eu tenho o hábito de só começar a beber, depois de metade do almoço».

Como dissemos, já iam no décimo prato...

Por conseguinte, Clero, Nobreza e Povo tiveram o prazer da mesa, incorrendo sem relutância no pecado mortal da gula.

Como se divertiam os nossos avós?

Mal chegava o Verão, coroando a nossa terra com a formosura de um incomparável céu azul e um radioso sol doirado, o lisboeta

e a mulher, assim que o calendário apontava o domingo, pegavam num farnel e lá iam pelos campos fora, à procura de uma árvore frondosa onde pudessem gozar um pouco de ar fresco.

Claro que isto ainda hoje se faz, mas compete-nos nestas saborosas recordações, lembrar retiros de outros tempos, já desaparecidos como o **Calixa**, as **Pedralvas**, o **Charquinho** e outros, onde os nossos simpáticos avós se banquetevavam com apetite e satisfação.

Havia o conhecido **Perna de Pau** ali ao Areeiro, agora retalhado de prédios modernos, para lá da linha férrea e à direita da estrada de Sacavém. Lá, o glorioso Ramalho Ortigão, inveterado **Gourmet**, cozinhou bastantes vezes alguns dos seus pratos predilectos para gáudio dos amigos onde se encontravam amiúde os «Vencidos da Vida».

Quem deu o nome a esta verdejante horta às portas de Sacavém, foi a sua proprietária, uma rotunda senhora que há mais de cem anos geria aquela pitoresca locanda. Chamava-se Gertrudes e era muito senhora do seu nariz, o que lhe valeu o desastre que a alcunhou.

Estava-se no período das lutas internas entre os Liberais e os Miguelistas.

Gertrudes era partidária ferrenha dos liberais e num dia fatal para ela, quando as tropas de D. Miguel pensavam atacar as barreiras da cidade, então ocupadas pelas tropas fiéis a D. Pedro, um soldado dos realistas pediu uma gota de água à irrequieta Gertrudes.

Ela respondeu numa fúria, recusando-se a matar a sede ao soldado. A época era de exaltação e ele, disparou um tiro de escopeto na pobre e assomadiça mulher.

A bala alojou-se na perna da locandeira e foi preciso amputá-la para lhe salvar a vida. Daí derivou o nome de **Perna de Pau**,

Lisboa inteira por lá passou: fidalgos e plebeus, literatos e analfabetos. O seu vinho era notável e o peixe frito com salada, nunca faltava.

O **Braço de Prata**, tem outra história muito mais antiga. É o erudito Matos Sequeira que nos informa: Aí por 1638, os holandeses tinham a sua esquadra em frente de Pernambuco. A esquadra portuguesa comandada pelo conde da Torre ia defrontá-la. E o combate começou com violência. Uma das balas que veio cair em cima duma das naus portuguesas, atingiu o bravo capitão de infantaria António Meneses que ficou a esvaír-se em sangue pois que a bala lhe levou o braço direito.

Voltando a Portugal, mandou fazer um braço de prata e recolheu à sua quinta do Poço do Bispo. Mesmo defeituoso, não se eximiu às campanhas da Restauração e morreu aos 75 anos. Daí lhe veio a alcunha do **Braço de Prata**.

Já que estamos tratando de divertimentos populares, temos de nos referir às feiras, e é curioso falarmos de uma que houve na actual Praça do Rio de Janeiro, então chamada Patriarcal Queimada, cheia de barracas de quinquilharias e de frutas, de queijadas da Lapr e do Ramalhão, onde havia um teatro em barracão dos irmãos Dallot que fizeram furor em Portugal.

Nunca se soube ao certo a sua preferência pelo nosso país onde se mantiveram longo tempo. Trabalharam no Teatro do Salitre, na Praça do Campo de Santana e no Circo Price.

Clowns, ginastas, acrobatas, eram o encanto dos nossos avós. Uma das raparigas de nome Júlia, requestada pelos galãs da época, por cá casou e deixou descendência que abraçou o mesmo modo de vida.

Um dos Dallot em 1909, portanto há cinquenta anos, ainda dirigia uma barraca no Dafundo onde representaram uma série de dramas de agrado certo.

Também a feira das Amoreiras teve larga frequência de público e a população ingénua desse tempo, por lá se divertiu e bem.

Outras das diversões predilectas do século passado eram as corridas de cavalos. Aí afluía tudo quanto Lisboa tinha de elegante. As primitivas faziam-se no Campo Grande.

Em 1859 lá se realizaram umas corridas onde o conde de Farrobo apresentou famosos

cavalos que mandara vir de Inglaterra. Várias peripécias se passaram nestas aristocráticas corridas, longas para contar.

A época era de boleiros. As seges com um grupo de pândegos, voavam até às adegas da Porcalhota ou do Cacém, à procura de um copinho de vinho maduro. Às vezes, a paródia estendia-se até Sintra. Cada batida de Lisboa até à garrida terra das queijadas, custava uma moeda.

Foi no reinado brilhante e tumultuoso do boleiro **Facareno**, um pimpão destemido, do **Pinoca**, cocheiro seguro e sempre estimado pelos fregueses, do **Faia**, do **Timpanas**, do **Feliciano das Seges**, que tinha o seu retrato pintado a carvão por um artista desconhecido na **Cova Funda**, taberna subterrânea onde ele ia desedentar-se amiúde.

O pai tinha uma cocheira e o filho não quis fugir à tradição. Ia todas as tardes à Câmara dos Deputados ouvir a eloquência de Passos Manuel, os arrebatamentos de José Estevam e a primorosa retórica de Garrett. Como se vê, tinha a sua categoria. Toda a boémia mocidade o conheceu e quando numa tarde infeliz, se envolveu em desordem com um moço de estrebaria, causando-lhe ferimentos, o seu julgamento, do qual saiu absolvido, teve como testemunhas de defesa, entre outros, o conde de Fonte Nova e o brilhante escritor Teixeira de Vasconcelos.

Acabou à porta do Café Central, alugando os seus trens já bastante desconjuntados.

A sua obesidade era notória e ajudou-o a popularizar-se. Merece uma especial deferência este **As** das traquitanas que no tempo da Maria da Fonte, começou a dar que falar. Podemos colocá-lo à frente do **Malaquias** (hábil cocheiro do nobre marquês de Ponte de Lima) do **Meca** que deixou a sua profissão para ir morrer, contínuo da Câmara dos Pares, do aguerrilho **Pingalho**, do **Gradil** e do **Anão**. Temos de concordar que o progresso matou a poesia da Tipoia. As patas dos cavalos deram lugar ao rodar sereno dos modernos e espaventosos automóveis.

Entre as figuras populares do tempo, o **José das Pinguinhas** merece um lugar de destaque.

Era uma individualidade marcante no **Baldonga**, baiúca muito frequentada pelos boémios do século passado, no **Magino**, restaurante famoso pela especialidade das iscas, do **Pessoa** da Rua de Santa Justa onde se

comiam as melhores canjas de Lisboa e do botequineiro da Rua do Arsenal onde os garfos e as facas estavam presos em correntes às mesas, para evitar o perigo dos fregueses os levarem para recordação...

Enfim, onde houvesse um copo para beber do bom vinho e um agradável petisco para saborear, o **José das Pinguinhas** não faltava. Todos o conheciam porque ele apresentava-se a si próprio e o seu feitio pitoresco atraía facilmente as atenções e as simpatias. Andava numa roda viva da **Perna de Pau** para a **Quinta do Papagaio** e do Areeiro para o **José dos Caracóis**.

Outro divertimento da Lisboa do século passado, eram as burricadas à Cova da Piedade e a outras povoações da Outra Banda. Os burros, alguns deles muito quezilentos alugavam-se em Cacilhas.

É curioso saber-se que a moda do passeio burricial foi instituída pelo rei D. Fernando.

Quando se aborrecia da atmosfera enfadonha do Paço ou com as intrigas dos políticos, pegava em dois ou três amigos e ia até Almada. Ao menos aí, ninguém o importunava. A sua preferência por este género de diversões, deu origem ao hábito que mais tarde se tornou num folgado popular.

Os marinheiros ingleses, sempre que uma esquadra bloqueava no Tejo, tinham inevitavelmente no seu programa, uma burricada a Cacilhas. Havia também os clássicos botes, hoje relativamente modernizados e as **faluas** que transportavam em passeio pelo rio acima, os seus passageiros a pataco cada pessoa.

A Lisboa estúrdia, elegante, ou popular, muito se embriagou para esses lados.

Sintra era, como hoje, uma vila muito apreciada para quem queria matar o tempo agradávelmente.

O pior é que os **ónibus** que só funcionavam três vezes por semana, levavam cinco horas a lá chegar! Cada passagem custava 720 réis.

Em 1876, a Câmara Municipal pôs a concurso o Passeio Público para ser explorado durante o Verão. Por lá se divertiu o povo e se algumas sarrafuscas houve, não tiveram consequências.

Sempre o povo, fiel às petisqueiras, mal

apanhava um Dia Santo, não faltava ao popular **Colchoeiro do Loreto**, exímio na feitura de irresistíveis pastéis de bacalhau; no **Bucelas**, nas traseiras da igreja de São Domingos, especialista em vinho branco e ovos cozidos; no **Pãozinho com Chouriço** do Beco do Forno, nas iscas do **Marreco** da Rua das Pretas e nas apetitosas canoas de São Paulo.

Como se vê, em matéria de gastronomia, os pândegos lisboetas não deixavam os seus créditos por mãos alheias. Sempre comeram e beberam de harmonia com os seus capitais, sem esquecerem, para desenjoar, as humildes queijadinhas de Sintra, os saborosos cacetes de Paço de Arcos e a clássica marmelada de Odivelas, guloseimas cujo início se perde na bruma dos tempos.

À noite, razoavelmente consolados da paródia diurna, marchava tudo para o Baile Nacional da Rua de São Vicente (à Guia), onde os estúrdios iam namoriscar as raparigas pobres, alegres empregadas de fábricas e modestas criadas de servir.

Havia também o Jardim Mitológico em Alcântara que o introdutor dos fósforos em Portugal, um tal José Osti, fundou com variados jogos de toda a espécie, aparatosa montanha russa e fogo de artifício todas as noites.

Houve depois, perto da igreja de São Mamede, outro centro de diversões populares, mas não teve longa vida.

Outro passeio favorito era o Campo Grande onde as famílias abriam os seus farnéis sobre a relva e se deliciavam ao visitar o extinto **Chalet das Canas**. Tudo isso acabou. O **Chalet** que era bastante curioso desapareceu e sob os tapetes de relva, já ninguém saboreia os seus petiscos.

Os lisboetas de hoje, na sua maioria, têm o futebol como principal diversão e as lisboetas vão ao cinema divertir-se com os galãs importados da América.

Um século modificou por completo a vida do mundo em geral e de Portugal em particular. O progresso alterou hábitos, criou novos divertimentos e deu à cansada e turbulenta humanidade, sensibilidade diferente.

cautela com as crianças...



*as doenças
causam menos mortes
do que
os envenenamentos
acidentais*

A mortalidade infantil tem decrescido duma forma impressionante nestes últimos tempos. Pelo menos esta afirmação é verdadeira para os chamados países desenvolvidos — a Europa, os Estados Unidos e os territórios da Comunidade britânica habitados por brancos. A elevação do nível de vida, uma melhor higiene, a generalização dos métodos de vacinação preventiva, a qualidade dos médicos e dos organismos sanitários, a descoberta de tratamentos eficazes, os progressos da cirurgia, todas essas conquistas reduziram de uma forma colossal a morbilidade e a mortalidade infantil. Muita coisa está por saber no domínio da primeira infância, é certo, mas entre os dois e os quinze anos de idade as mortes por doença são mais raras do que as mortes por acidente. O desenvolvimento rapidíssimo da nossa civilização mecânica, o uso de numerosas máquinas, a utilização de meios de transporte cada vez mais intensos e rápidos expõem as crianças a riscos novos. As mortes por precipitação, por afogamento, por queimaduras, por esmagamento, tornam-se de ano para ano mais numerosas.

Dessas mortes acidentais muitas são devidas a envenenamentos. Na Grã-Bretanha, em catorze mortes acidentais, quinhentas são provocadas pela ingestão de diversos venenos. Nos Estados Unidos os números são mais graves ainda. Na França o número de acidentes fatais resultantes de envenenamento cresceu assustadoramente nestes últimos anos.

CAUTELA COM OS REMÉDIOS

Claro: o envenenamento acidental assim como os traumatismos de toda a espécie que

nós sofremos são o tributo que temos de pagar ao progresso. Numerosos produtos de cozinha e de limpeza estão actualmente à disposição das donas de casa e muitos deles podem ocasionar graves acidentes. Nas aldeias numerosas substâncias favorecidas pela química moderna e utilizadas para combater os inimigos da agricultura são altamente tóxicas. Enfim, é também um dos marcos do nosso tempo o vertiginoso acréscimo do consumo de medicamentos. Não há casa nenhuma que não tenha a sua pequena farmácia; muitos desses medicamentos podem provocar acidentes fatais quando ingeridos inadvertidamente por uma criança.

As idades mais perigosas situam-se (dizem-nos as estatísticas) entre os doze meses e os cinco anos. Nessas idades as crianças ainda não frequentam a escola e passam todo o tempo em casa. Pretendem então descobrir o pequeno universo que é a casa onde vivem. E tudo quanto lhes passa pelas mãos é levado à boca. Detergentes, álcool desnaturado, petróleo, produtos para limpar metais, tubos de aspirina... Os acidentes podem ser graves. Queimaduras locais da boca, da língua, da faringe, do esôfago, do estômago. Perturbações nervosas, sintomas pulmonares inquietantes podem ser a consequência da ingestão ou inalação de várias daquelas substâncias (ou de outras): o próprio álcool, o vinho, os licores, podem ter consequências gravíssimas.

Por muito paradoxal que possa parecer é a aspirina, a banalíssima aspirina, a responsável pela grande maioria dos acidentes. É certo que a aspirina não é um veneno violento, mas a sua absorção em grandes doses pode provocar perturbações metabólicas perigosíssimas.

Os anti-histamínicos, os tranquilizantes, os toni-cardíacos, etc., podem, também, causar graves envenenamentos, por vezes mortais.

Que fazer para reduzir a frequência destes acidentes? Alguns princípios de ordem geral deviam ser estabelecidos pelos poderes públicos. Os rótulos dos produtos tóxicos deviam indicar sempre a composição e o antidoto adequado para os casos de uma absorção accidental. Por outro lado, as rolhas dos frascos de medicamentos deviam ser feitos de tal modo que uma criança não pudesse abri-los.

OS PAIS PRECISAM DE SER INFORMADOS

O grande público ignora geralmente a gravidade e a frequência de envenenamentos accidentais. Pertence pois às autoridades a responsabilidade de o informar. O cartaz, o jornal, o filme, a rádio são meios a ser utilizados.

Além disso o médico, a enfermeira, a assistente social devem indicar às mães os perigos a que os filhos estão sujeitos. E todos os ingredientes perigosos devem ser fechados à chave.

Não se esqueça também que muitas intoxicações são consequência de tratamentos medicamentosos.

Ninguém ignora o desenvolvimento prodigioso da terapêutica nestes últimos anos. Mas alguns dos agentes químicos empregados, certas vitaminas, os antibióticos, as hormonas, podem provocar acidentes graves. Algumas preparações salicílicas são utilizadas quotidianamente pelos médicos contra o reumatismo e,

mais raramente, sob a forma de salicilato de alumínio para o tratamento de certas perturbações digestivas. Se a dose for demasiada, os riscos podem ser grandes.

O bismuto muitas vezes empregado contra as anginas pode agravar uma nefrite na sua fase inicial.

Os vermicidas são muitas vezes empregados, sem consulta médica. Muitas dessas preparações contêm substâncias que podem ser tóxicas.

CAUTELA COM AS GOTAS PARA O NARIZ

As sulfamidadas dadas em grandes doses às crianças que bebem pouca água podem ser precipitadas nas vias urinárias sob a forma de cristais e bloquear o funcionamento dos rins.

A vitamina D tem um papel importantíssimo contra o raquitismo. Nos países em que os responsáveis pela saúde pública velam pela administração desse produto o raquitismo desapareceu. Mas os perigos do excesso da administração da vitamina D são grandes. As crianças empalidecem, perdem o apetite, começam a ter muita sede, a taxa de cálcio e de ureia no sangue aumenta. Nesses casos o perigo é mortal.

Os antibióticos, não obstante serem uma arma prodigiosa contra a doença, têm os seus perigos. E a utilização de desinfectantes tais como as gotas nasais nunca se deveria fazer sem receita médica.

Num século em que a higiene preventiva e a medicina alcançaram tão grandes progressos, não é desolador verificar que muitas crianças ainda morrem por descuido nosso?

conto cor-de-rosa

por Sylviane de Lavigne

A carta perdida



Os sobrinhos de Clotilde tinham chegado muito tarde. Estavam cheios de sono, não deram mesmo pela satisfação com que ela os acolhera. Choramingaram, esfregaram os olhos, foram para a cama.

Tudo isso era natural. Mas Clotilde sentia-se desiludida, irritada contra o mundo. Durante esta última semana não pensara noutra coisa. E de repente... repetiu: «É natural, a viagem foi longa, eles estão cansados». Encostou-se à janela e tentou rasgar a noite e ver o jardim que se estendia longamente até ao rio, a alameda de plátanos que ia dar ao pequeno lago onde os sobrinhos no dia seguinte haviam de pôr barcos de papel. A noite era escura, não conseguiu ver nada. Mas era agradável sentir a frescura do vidro morno na testa, era agradável imaginar os sítios onde tencionava esconder caixas de chocolate e brinquedos para os sobrinhos procurarem e sentirem o prazer da descoberta.

Todas as férias o irmão de Clotilde lhe mandava os filhos, o que era um modo de alegrar aquela velha casa. Aquela velha casa! Clotilde com a testa encostada aos vidros frios da janela pensa nas férias da sua infância. E na tia Luciana que costumava esconder caixas de chocolates no jardim.

— Que tinha ficado de tudo isso?

A mãe morrera e Clotilde herdara aquela grande casa, aquela grande quinta. Tinha vinte anos. E toda a sua energia se exercera a impedir que houvesse modificações, a impedir que os móveis mudassem de lugar,

como se assim evitasse que os seres humanos e as coisas inanimadas envelhecessem.

A tia Luciana morrera. Morrera depois o caseiro, o velho tio João, cuja impaciência metia medo às árvores de fruto, e às flores obrigando-as a renovar-se.

Depois fora a mulher do tio João. E agora Clotilde tinha trinta anos e continuava solitária, obstinadamente empenhada em parar o tempo.

Não era feia. O ar puro ajudava-a a conservar uma pele fresca e o corpo mantinha sob os vestidos simples e confortáveis o equilíbrio e a flexibilidade dos vinte anos.

— Levanto-me pelas seis horas e vou esconder as coisas...

E assim foi.

João Luís, o sobrinho preferido de Clotilde meteu-se pelo parque à procura dos presentes da tia. Assobiando sempre ele observava a relva húmida a ver se descobria sinais recentes de alguém ter por ali passado. Duas folhas cortadas indicavam que a tia Clotilde estivera por ali. E era verdade: mas era um rebate falso. Apenas um envelope e um cartão onde se lia: «Quem procura sempre alcança».

Prosseguiu nas suas buscas. Levantou pedras, afastou arbustos, sentou-se a pensar em que sítio esconderia ele as coisas se fosse ele a ter de escondê-las. Viu um velho castanheiro e procurou ver se num dos buracos... Sim! Lá estava... Ou não? Era também uma folha de papel. Duas aranhas, fu-

giram rapidamente quando ele estendeu a mão. Ao alto da página estava escrito: «Para Clotilde-Robin» depois havia uma data: «1948». Doze anos se haviam passado! — pensou João Luís. Mas não pôde continuar o exame. Os gritos dos irmãos aproximavam-se. João Luís mal teve tempo de ler outras duas palavras que o impressionaram ainda mais do que as primeiras e meteu rapidamente o rolo de papel no bolso.

Clotilde aparecia entretanto.

— Jovem detective... — disse ela — então?

Triunfante, ela aproximou-se de um banco de madeira e afastou uma pedra que se achava perto.

— Vês? — disse, tirando dum buraco uma caixa.

Mais tarde ele deu-lhe a carta que encontrara.

— Onde achaste isto? — perguntou ela, vendo o seu nome escrito ao alto da página.

João Luís explicou-lhe. Acrescentou: «No princípio supus que era um dos teus velhos cadernos diários, mas a letra...».

Cautelosamente ela desdobrou as folhas humedecidas com frases inteiras apagadas pelo tempo e leu: «Hoje deste um passeio até ao rio. Da minha janela eu via-te caminhar (imaginavas tu que alguém te observava tão atentamente?). Descalçaste os sapatos, meteste os pés na água e ficaste assim durante muito tempo».

Os dedos de Clotilde tremiam.

— João Luís — disse ela — não sei ainda o que é isto. Não te importas de sair por um momento, de me deixares sòzinha?

Clotilde aproximou-se da janela e leu mais uma vez: «Para Clotilde Robin... 1948... João Laussier».

Leu ao acaso outra folha.

«...Há certos hábitos, certos jeitos que não podem enganar ninguém. É impossível que tu não gostes profundamente da terra sobre a qual passeias todos os dias, das árvores que te dão a sombra, do sol que ilumina os

teus cabelos. Dir-se-ia existir uma harmonia, uma cumplicidade entre ti e o vento, entre ti e a chuva, entre ti e o nevoeiro, o sol, as árvores, as estrelas».

Com a testa encostada ao vidro frio da janela, Clotilde pensava nesse longínquo Verão de 1948 em que o pavilhão da entrada fora alugado pela senhora Laussier. Lembra-se do filho da senhora Laussier que convalescia duma grave doença.

Tinha o rosto pálido, um rosto muito branco em contraste com os cabelos escuros. É certo: Clotilde surpreendera-o muitas vezes encostado à janela; mas não sabia então que ele a observava longamente, que lhe escrevia uma carta imensa...

«...Esta manhã levaste aquele vestido azul de riscas brancas... Tinhas os cabelos caídos sobre os ombros. Saberás que é assim que eu desejaria que sempre os tivesses? Avançavas lentamente com olhos muito azuis... E eu caminhava ao teu lado escondido na tua sombra. Mas tu não sabias...».

Febrilmente Clotilde saltou várias folhas para ler a última: «...Deixarei estas linhas ali a recordar-te o meu amor. É esse canto do parque que tu costumavas visitar mais vezes, é ele com toda a certeza que tu mais aprecias. E se o acaso quiser saberás onde eu vivo. Irás ter comigo...». E com as lágrimas nos olhos Clotilde fechou a carta numa gaveta, desceu lentamente as escadas que iam dar ao parque. No caminho encontrou João Luís.

— Então? — disse ela.

— Então... É estranho...

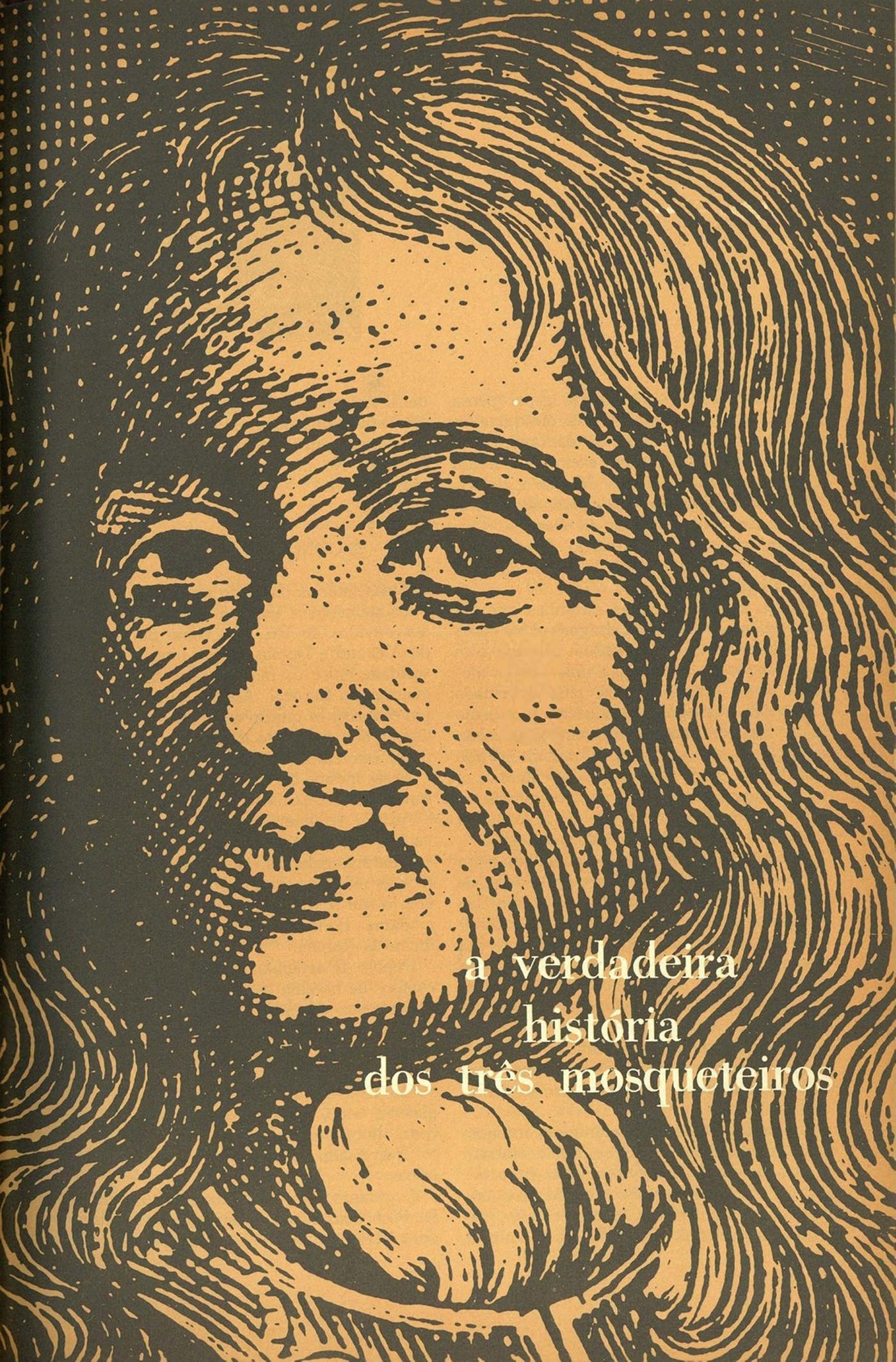
— O que é que é estranho?

— O nome... Sabes? O meu professor chama-se Laussier. Não sei se será João... Clotilde observou o sobrinho um instante e depois disse-lhe em voz muito baixa:

— És capaz de saber...? E se for João não te esqueces de me avisar?

João Luís apertou-lhe a mão em silêncio.

fim



a verdadeira
história
dos três mosqueteiros



Ao contrário do que muita gente pensa nem D'Artagnan nem os Três Mosqueteiros são produto da fantasia de Alexandre Dumas. Todos eles existiram e em 1701 foram mesmo publicadas umas *Mémoires de Mr. D'Artagnan, Capitaine Lieutenant de la Compagnie des Mousquetaires du Roy*.

Escreveu-as não o próprio D'Artagnan, mas um seu amigo dado às letras: Gratien Courtils de Sandras.

Entre as muitas coisas estranhas que caracterizam a vida de D'Artagnan deve citar-se o facto de ele ter passado à História com um nome falso. Pertencia a uma família modesta que, graças a uma feliz actividade comercial, conseguiu enriquecer no século XVI. Mas com o andar dos tempos as coisas começaram a correr mal. E assim quando Charles de Batz (que assim se chamava o futuro mosqueteiro) resolveu ir tentar a sorte em Paris escolheu o nome de D'Artagnan que era muito mais sonoro do que o seu.

O jovem Charles levava pouco dinheiro mas melhor do que o dinheiro era a carta de recomendação que se destinava a um seu conterrâneo que fizera carreira na capital: Jean-Arnaud de Troisvilles, comandante dos mosqueteiros do Rei e santo protector dos jovens Gascões. Este senhor de Troisvilles será o senhor de Treville no romance de Dumas...

Depois de muitas aventuras D'Artagnan chegou finalmente à capital de França com a bolsa vazia mas o espírito cheio de ambições.

A antecâmara do comandante dos mosqueteiros estava cheia de gascões que acolheram D'Artagnan com benevolência e simpatia. Entre eles contavam-se Porthos, Atiôs e Aramis. Estes últimos dois eram, de resto, parentes do senhor de Troisvilles. E a amizade

de D'Artagnan pelos Três Mosqueteiros foi tão rápida que nesse mesmo dia eles o ajudavam num duelo contra quatro guardas do Cardeal. No dia seguinte D'Artagnan feria outro guarda.

A CONQUISTA DE PARIS

Essas vitórias do moço provinciano deram imediatamente a volta a Paris e chegaram aos ouvidos do Rei. Tal como no romance de Alexandre Dumas, havia uma grande rivalidade entre os mosqueteiros do Rei e os guardas do Cardeal. Assim, Luís XIII desejou conhecer os quatro mosqueteiros. A D'Artagnan deu cinquenta luízes para que se equipasse convenientemente.

Nesse mesmo ano o jovem gascão bateu-se com a sua companhia em Arras. De regresso a Paris D'Artagnan procurou esquecer as privações que sofrera na batalha dedicando-se a aventuras galantes. Mas a mais notável parece ter sido uma locandeira. Dumas, porém, com o seu sentido das hierarquias fará dela madame Bonancieux, confidente e conselheira da Rainha.

Depois D'Artagnan esteve em todos os campos de batalha onde a França procurava impor a sua vontade. Além disso foi encarregado de várias missões diplomáticas em diversas capitais estrangeiras e obteve sempre êxitos.

Em 1643 encontramos D'Artagnan em Inglaterra onde, no séquito do conde de Harcourt, lutou por Carlos I contra o Parlamento. Regressado a França entrou em novas batalhas.

Entretanto, em 1642, morrera o Cardeal De Richelieu, sendo substituído por Mazarino, o prelado italiano educado na sua escola.

No ano seguinte subiu ao trono Luís XIV, mas Ana de Áustria, dócil instrumento nas mãos de Mazarino, ficou na regência.

Foi somente nos fins de 1644 que D'Artagnan obteve a sua casaca de mosqueteiro. Recebeu-a do próprio Mazarino que no ano anterior lha havia recusado por sabê-lo protegido do senhor de Troisville, seu inimigo pessoal.

D'Artagnan foi depois encarregado pelo cardeal italiano de numerosas missões.

CASAMENTO INFELIZ

Em 5 de Março de 1659 D'Artagnan casou-se com Charlotte — Anne de Chantecy, baronesa de Sainte-Croix, que era viúva. Entre os assistentes ao casamento estavam nada mais nada menos do que Luís XIV e o Cardeal Mazarino. D'Artagnan tinha então trinta e cinco anos. O casamento, porém, não foi feliz. Nem mesmo o nascimento de dois filhos conseguiu unir o casal. Madame D'Artagnan acabou por se acolher a um convento, deixando o marido e os filhos.

Por ocasião do casamento de Luís XIV com a Infanta Maria Teresa, filha de Filipe IV de Espanha, D'Artagnan acompanhou o soberano a Saint-Jean-de-Luz. Depois foi mandado a Inglaterra para ajudar o general Monk.

Luís XIV tinha D'Artagnan em grande consideração. Em 1665 conferiu-lhe o posto de lugar-tenente e o comando da Companhia na ausência do duque de Nevers. A acção de D'Artagnan foi tão notável que o Rei Sol lhe mandou uma carta onde se declarava «muito satisfeito» e lhe prometia protecção.

Os seus feitos continuavam brilhantíssimos. Feito marechal de campo, D'Artagnan assu-

miu o comando da região de Lille. Acabou por morrer à frente dos seus mosqueteiros no cerco de Maestricht. Como disse o duque de Saint Simon nas suas memórias «D'Artagnan viria a ocupar os mais altos postos se a morte prematura em Maestricht não lhe tivesse cortado a carreira».

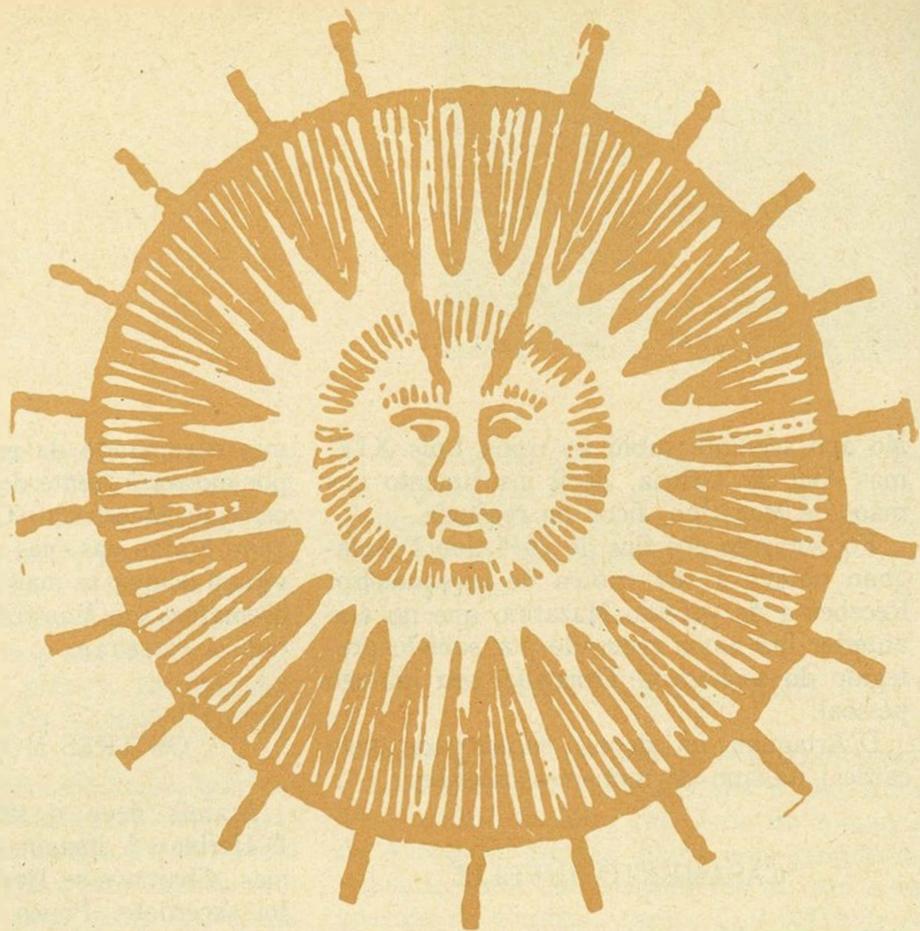
OS TRÊS MOSQUETEIROS

Aramis deve o seu título de cavaleiro D'Herblay à imaginação de Alexandre Dumas. Chamava-se Henry D'Aramitz e nunca foi sacerdote. Pouco se sabe da sua vida: casou-se com Jeanne de Béarn-Bonasse e desse casamento resultaram dois filhos que morreram cedo.

Acerca de Porthos e de Athos quase nada se sabe.

Athos é o nome duma aldeia situada nas margens do Oloron. O único documento que dele possuímos refere-se à sua morte em 21 de Dezembro de 1643, três anos depois da chegada de D'Artagnan a Paris. Esse documento informa que ele foi encontrado morto na rua, provavelmente em consequência de um duelo.

Porthos nasceu em Pau. O seu nome verdadeiro era Isaac de Portau. Sabe-se que só em 1643 recebeu a sua casaca de mosqueteiro, o que não perturbou o nosso conhecido Alexandre Dumas. Pois não é verdade que ele já envergava casaca nas primeiras páginas do romance? Mas não é também verdade que o autor dos *Vinte Anos Depois* fez muito bem em trair a verdade? Porque o caso dos Três Mosqueteiros é um desses casos em que a fantasia supera a realidade. Coisa que não é tão fácil como isso, no que parece. Porque a realidade é cada vez mais imaginação...



esse espécime estranho que

se chama

TURISTA

por Mário Ventura



O «mayflower» é assim: calções às riscas, bigode à «ancien régime» e cesto de palha na mão. Ninguém dirá, ao vê-lo, que se trata de um homem de Estado

Como se comporta em Portugal o estrangeiro — que sempre nos encontra de braços e... bolsa abertos para o receber

O turista rico visita cada vez menos Portugal.

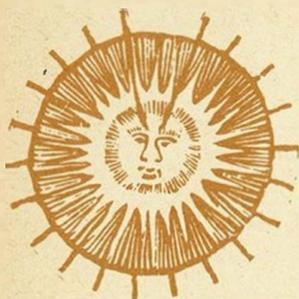
Aliás, em todo o mundo, as pessoas de largas posses visitam cada vez menos seja o que for. As preocupações causadas pelo esforço, que aumenta sempre, para continuarem ricas, leva-as a restringirem certos prazeres ou a gozá-los da forma menos evidente possível. Entre nós diz-se, até, em consequência, que o milionário é avarento. Fraca explicação de quem se recusa a ir até ao nó do problema.

O turismo socializa-se. Hoje, quem nos visita, em vagas de ano para ano maiores — cuidado, porém, que a mina não é inesgotável —, são os que, em toda a parte tra-

balham, empregando parte das suas economias — eles, os que nos visitam —, em viagens pelo estrangeiro.

Actualmente, os agentes de viagens trabalham apenas para o tipo de turista que menos pode gastar — mas que mais lucros lhe pode proporcionar —, empreendendo o que começa a ser conhecido por «socialização do turismo». O turista, espécie de bisbilhoteiro internacional, já não viaja só, mas sim em grupos que, quanto mais numerosos, mais económica tornam a digressão. As viagens podem, até, ser pagas em prestações suaves. Pode-se, pois, concluir: menos turistas ricos favoreceram o desenvolvimento do turismo, pois todos os preços baixaram. E, além disso, é nas classes menos abastadas que se encontram os turistas mais cultos...

No primeiro semestre do corrente ano desembarcaram em Portugal naturais de cerca de cinquenta países, num total de 102.381 visitantes, cuja maioria sabe ser esta a Pátria



O Estoril é ainda a maior vitória da nossa propaganda turística. Os turistas continuam a cair lá — só porque é o Estoril...

do «navegador» D. Henrique, de quem se comemora presentemente o «centenário». (Deve ser o facto que nos diz respeito mais conhecido no estrangeiro).

Nessa centena de milhares de turistas, que nos invadiram por terra, mar e ar, predominam os alemães, os brasileiros, os espanhóis, os americanos, os franceses, os ingleses e os italianos. A maior parte, porém, diga-se de passagem, visita-nos de caminho para Espanha e outros países da Europa, embora depois se arrependa de ter estado no nosso País apenas um dia ou uma tarde.

São dos mais diversos tipos os estrangeiros que vêm a Portugal, e vão desde os que desconhecem, acerca de nós, tanto a existência política como a localização geográfica, aos que chegam repletos de ideias sobre o nosso País e aqui esbarram com a contradição absoluta de tudo que julgavam saber. São estes os turistas mais difíceis, por passarem o tempo da sua estadia a fazer perguntas, que são, muitas vezes, um verdadeiro desafio aos conhecimentos dos guias profissionais.

Inclui-se neste grupo o turista alemão,



actualmente o mais rico, e que antes de sair do seu País ouve palestras e lê livros sobre Portugal. Vem disposto a contemplar tudo o que já conhece em teoria, e a comprovar a veracidade de todas as ideias laboriosamente construídas pela leitura. Não se contenta com as explicações superficiais, desejando antes aprofundar os seus conhecimentos. Deve ser, de todos, o que menos goza o prazer da descoberta, aplicando-se fria e metódicamente, a um trabalho de análise que, aliás, os breves dias da estadia não permitem que faça.

O MELHOR TURISTA...

Os que, por dever de profissão, têm de contactar diariamente com estrangeiros, estão de acordo em afirmar que o francês é o turista ideal. Possuindo, em geral, cultura, mesmo quando se trata de um operário, interessa-se por tudo quanto vê e pelo que lhe queiram ensinar, sobretudo acerca da nossa História e Arte. E o guia profissional, que a

experiência tornou psicólogo, conquista-o definitivamente relatando-lhe os factos que possuem relação com a história da França. Curioso, também, pela nossa organização política, desfaz sempre um equívoco que lhe é peculiar: confunde o Presidente da República com o Presidente do Conselho.

Contudo, segundo diversas opiniões, a França começa a ser um mercado de turistas cansado.

Em contrapartida os belgas substituirão os franceses, embora não tão numerosos nem tão bons turistas. Revelam, contudo, uma curiosa característica: todos, com poucas excepções, manifestam o desejo de admirar os painéis de São Vicente que se encontram no Museu de Arte Antiga.

Outros mercados a explorar — através de uma boa propaganda turística que, na maior parte dos casos ainda não se verifica —, são a Holanda, a Alemanha, e todos os países nórdicos, estes com vista, sobretudo, ao turismo de fixação no Inverno. Para um sueco, que em Estocolmo tem vinte graus negativos no mês de Dezembro, deve ser muito gra-

Legenda? Para quê? Não é bem eloquente esta gravura, a traduzir um dos poucos exemplos que os estrangeiros trazem aos portugueses, e que estes desfrutam em vez de adoptarem?...



dável desembarcar em Lisboa com doze positivos.

...E O PIOR

Dois casais de brasileiros vão visitar os Jerónimos. Eles, usam Dr. antes do nome. Fazem-se acompanhar por um guia, a quem um deles diz em tom de voz camarada:

— Você agora me tem de explicar essa história do «Manelinho»...

E o guia explicou, descendo aos pormenores, e, no final, os brasileiros confessaram ter ficado plenamente esclarecidos.

No dia seguinte os dois casais visitaram Sintra, na companhia do mesmo guia e, ao contemplar a miscelânea de estilos logo à entrada do Palácio da Pena, um dos brasileiros quis fazer prova dos conhecimentos adquiridos na véspera e exclamou:

— Sim senhor, que belo exemplar do «Manelinho»!

É um turista estranho, o brasileiro, e bastante mau para si próprio. Quase sempre novo rico, as suas «viagens a Portugal», como as denomina, são-no sempre a uma parte da Europa, de que se esforça por percorrer o maior número de itinerários. Pode dizer-se que o brasileiro é o turista da importância quilométrica, que ambiciona «pisar» países. Se, no regresso, puder relatar ao vizinho que não passou da França, a sua viagem pela Suíça, sentir-se-á o homem mais feliz do Globo.

Traz sempre um questionário bem elaborado, cujas perguntas dispara em estilo de metralhadora, mas não chega sequer a ouvir as respostas.

Visitam um museu em dez minutos e, já na rua, copiam laboriosamente todas as inscrições da fachada.

É se nem todos são assim, capazes de perguntar, como um deles o fez, em Fátima, onde se encontrava o túmulo de Nossa Senhora, ou se um pinheiro com a tacinha é a árvore da borracha, a verdade é que, na maioria, dão a verdadeira sensação da inutilidade de uma viagem de milhares de quilómetros.

UM AMERICANO EM LISBOA...

...ou em qualquer outra parte do mundo constitui sempre um espectáculo. Ele não é

própriamente um viajante, mas sim, umleccionador de números que gosta de dar umas corridas pelo estrangeiro.

Uma ocasião, em Sevilha, conheci uma família americana, constituída por mãe e dois filhos, com quem entrei em contacto devido à sua impossibilidade de compreenderem os naturais. Disseram-me depois que tinham vindo à Europa para um breve passeio. Vejamos de que forma decorreu esse «breve» passeio: chegaram uma tarde a Lisboa, de avião, pernoitaram no Estoril e, no dia seguinte, tomaram um comboio para Sevilha, onde chegaram já de noite. Ali dormiram e, no dia imediato, pela manhã, embarcaram no comboio — em que eu também seguia —, com destino a Granada e daí a Algeciras. Perdi-os nessa altura de vista, quando se preparavam, sem qualquer interrupção, para galgar o estreito de Gibraltar e ir apanhar, em Tânger, um avião que os levaria de volta aos Estados Unidos! Falta dizer que, para este passeio de seis dias, aquela família americana transportava catorze volumosas e pesadas malas!

O americano culto e verdadeiramente interessado em aprender, aquele a quem, com bastante propriedade, alguém chamou de «Mayflower», é raro, quase não viaja. São sobretudo os operários e os empregados médios que se deslocam ao estrangeiro, contando-se por muitas centenas de milhares os que permanentemente se encontram ausentes do país. Interessam-se, em geral, pelo preço em dólares da estátua do Marquês de Pombal e pela área que ocupa o Palácio de Queluz. Goza da sua admiração incondicional tudo o que lhe for apresentado como «único no mundo».

É muito vulgar ouvi-los formular perguntas deste género: quantos habitantes tem Lisboa? Qual é a produção de sal? Quais os preços dos bilhetes de eléctricos?

Todos, com raras excepções, pretendem saber quanto ganha o operário português. Evidentemente, se se lhes diz que o seu ordenado médio é de dois dólares, a eles que ganham seis dólares por hora, ficam loucos e quase sempre exclamam, de forma impertinente, com uma satisfação regalada de quem chegou a uma conclusão pelos seus próprios meios:

— Vocês têm uma vida miserável! Oh, a vossa democracia!

Se, por acaso, vislumbram de relance um vulgar «bairro da lata», exclamam infalivelmente com um horror «snob»:

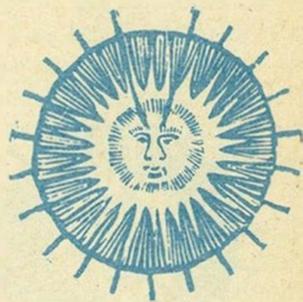
— Mas vivem no meio da miséria!

Recolhem-se, porém, a um mutismo embaçado, se o guia lhes pergunta em guisa de resposta:

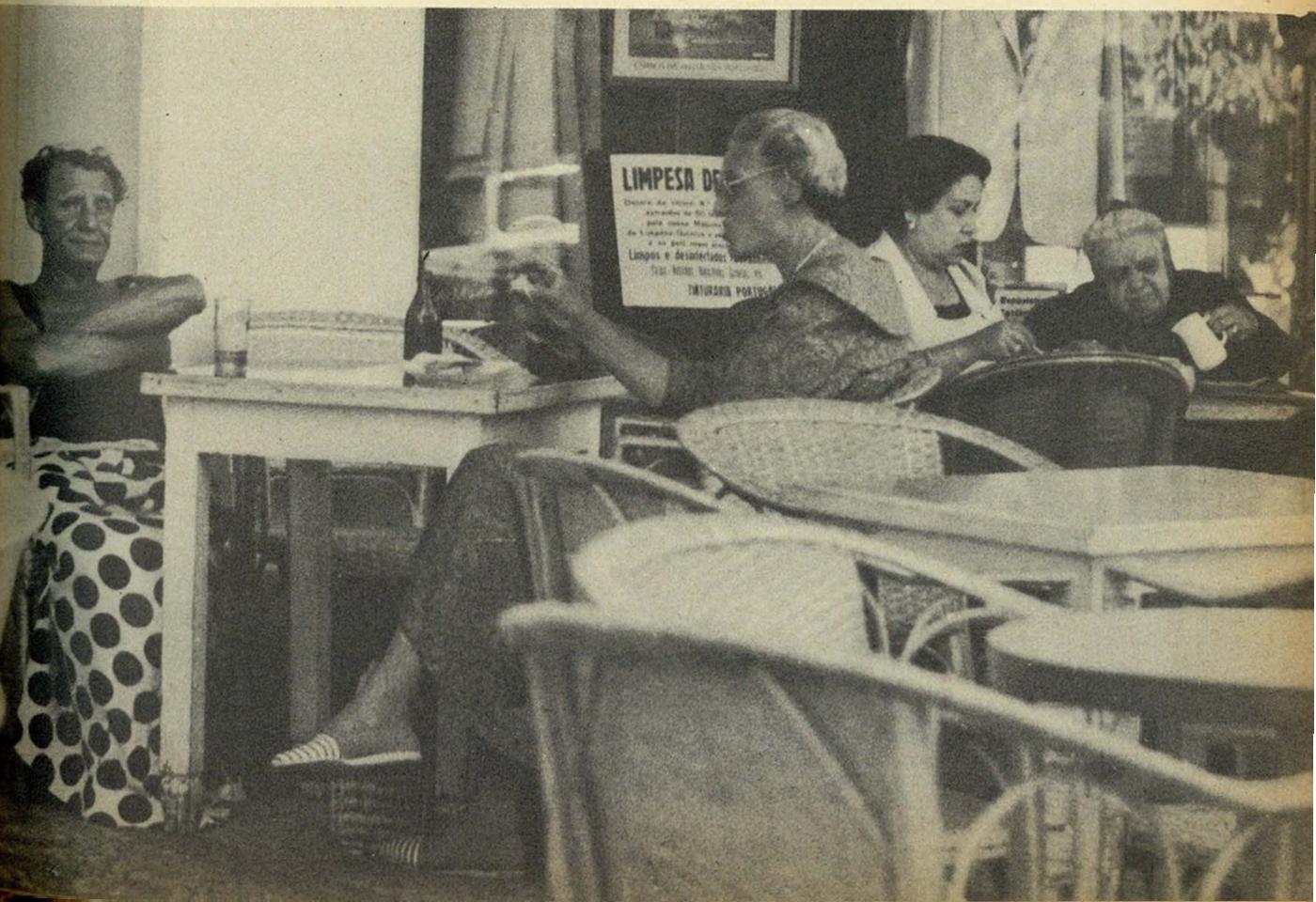
— Nunca entraram no bairro do Harlem?... Pois eu já...

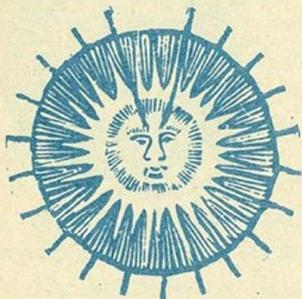
É uma atitude característica de quem traz na bagagem ideias feitas sobre o nosso País e não foge à tentação, afinal provinciana, de se mostrar superior. Há, porém, uma maneira de conseguir que o americano nos inveje um pouco: é dizer-lhe que uma renda de casa custa apenas quarenta dólares por mês. Isto, naturalmente, sem acrescentar seja o que for. Porque se ele percebe que os ordenados estão de acordo com as rendas e, na maior parte das vezes, em desvantagem, nada poderá impedir as suas críticas.

O «mayflower», mais culto, vem no entanto à Europa só para tirar fotografias. Quando o guia lhes pergunta o que prefe-



À porta de uma tinturaria, um americano, daqueles que perguntam quanto custou o Palácio de Queluz, aguarda que lhe limpem o fato





Para estes ingleses, simples operários, tudo corre bem desde que às cinco horas, estejam onde estiverem, lhes seja servido o chá

rem: panorama, vida local ou museus, optam em geral, pelos dois primeiros. O que para nós não tem qualquer interesse e é já até sensaborão, enche-os de uma alegria que raia o delírio: o burro com hortaliças, a lota da Ribeira, os pescadores da Nazaré.

Mas outros, que constituem porventura a maioria, e são em muito semelhantes à americana com dois filhos atrás citados, saem do seu país para viajar até à Europa, mas sem grandes preocupações de marcar um itinerário ou ver seja o que for, desembarcando em Lisboa e pensando que se encontram em Espanha, o que para eles não faz qualquer diferença.

Com esses estranhos espécimes, que a nossa mentalidade se recusa a compreender, é possível a um guia, como já sucedeu, entrar nos Jerónimos a falar de futebol e sair a falar de «baseball», sem se ter referido uma única vez ao local onde se encontravam.

É vulgar ouvir um americano perguntar, em pleno Terreiro do Paço, apontando Caci-lhas, se do outro lado do rio — que para ele é o estreito de Gibraltar —, fica África! Mais ainda: o Atlântico no Estoril é sempre, para



eles, o Mediterrâneo, e houve já quem confundisse a serra de Aire com os Pirenéus!

Evidentemente, para nós, viajantes esporádicos incapazes de sair do torrão pátrio sem levar o itinerário bem marcado no mapa e no livro de apontamentos, é quase impossível compreender o procedimento do americano, que nos visita sem saber em que país se encontra. Exactamente como uma criança, trazida pelos pais a um local que não lhe diz nada, que não compreende, e só lhe suscita observações muito engraçadas, é certo, mas despidas de nexos.

Talvez o episódio mais curioso proporcionado por americanos — à parte a surpreendente interrogação de uma senhora perante as oliveiras do castelo de S. Jorge, sobre se a azeitona preta era destilada para dar o azeite —, seja o ocorrido na Torre de Belém, que nos foi narrado por uma senhora que é guia profissional.

Explicava ela, com toda a consciência, qual a origem histórica do monumento, quando uma jovem de cabelos cor de cenoura a interrompeu, exclamando de forma estentória:

— I know! É a torre onde começaram a falar muitas línguas quando estava a ser construída, não é?... E já não a acabaram...

E não houve maneira de lhe explicar que a Torre de Belém não tinha qualquer relação com a lendária torre de Babel.

Não haverá, assim o cremos, episódio mais eloquente.

O CHÁ DAS CINCO

Sobre os ingleses, turistas abundantes no nosso País, pouco há a dizer. Os ingleses ricos quase não viajam, de tal modo os impostos os levaram a abdicar da maior parte dos seus prazeres. Em contrapartida, as classes operárias viajam cada vez mais, procurando o nosso País em número maior de ano para ano.

Todos eles revelam um surpreendente interesse pela nossa história, sobretudo nos pontos em que ela se relaciona com a história da Inglaterra, e não se cansam agora de exclamar que o Infante D. Henrique era filho de uma inglesa...

Contudo, até mesmo quando viajam, continuam a ser ingleses. Se o guia que os acompanha numa excursão não proferir uma pa-

lavra, eles não lhe dirão nada nem farão qualquer pergunta que possa denotar curiosidade pelo que vêem, ou interesse em saber pormenores. Receia os interrogatórios e mantém-se calado. Mas se o guia fala continuamente, esforçando-se por lhes provocar uma palavra ou um gesto de admiração, limitam-se a ouvi-lo com a maior impassibilidade, não lhe pedindo sequer que se cale.

Mas para que qualquer excursão de ingleses, em Lisboa ou arredores, tenha êxito, é preciso que às cinco horas, impreterivelmente, lhes seja servido o chá...

AS PEREGRINAS

Nós mandamos para os Estados Unidos toneladas de inúteis aparas de cortiça, para as tampinhas de todas as «coca-colas» que lá se consomem, e eles vingam-se remetendo-nos regularmente contingentes de velhas, muito velhas, de pele muito vermelha, montes de rosas na cabeça e vestidos com todas as cores do arco-íris, destinadas ao santuário de Fátima.

Não se diferenciando umas das outras senão pelos óculos — que umas usam e outras não —, arrastando os pés ao peso da gordura e dos dólares, abandonam o transatlântico espacial em fila indiana, pachorrentas, e entram logo no comboio especial ou nas camionetas também especiais que as conduzem imediatamente à Cova da Iria.

Creio mesmo que a maioria desconhece em que país se situa Fátima. Outras, também, confundem Portugal com a Espanha.

Fazem a viagem sem olhar a paisagem e sem formular perguntas, desembarcam em Fátima e fazem as suas orações com espantosa impassibilidade, regressam no mesmo comboio e entram no transatlântico que as reconduz ao seu país, onde morrem felizes.

Recentemente, efectuou-se uma peregrinação original. Noventa negros naturais da Nigéria, dirigidos pelo primeiro eclesiástico negro que o Papa sagrou bispo, desembarcaram em Lisboa expressamente para visitarem Fátima.

PARA OS ESTRANGEIROS AINDA SOMOS EXÓTICOS...

Além da nossa situação económica e social, alguns dos nossos hábitos, arreigados, pro-

vocam ainda comentários e a estranheza dos estrangeiros, fazendo-os crer que somos um povo exótico.

Uma pergunta que todos, sem excepção, fazem aos guias ao entrar nos cafés de Lisboa, é se as mulheres ainda estão muito presas em casa. O facto de só verem homens sentados às mesas a conversar e a beber café, leva-os a supor — e não de todo erradamente —, que só com dificuldade a mulher portuguesa consegue sair à rua...

E outra pergunta infalível:

— Porque é que as mulheres portuguesas gostam tanto do preto?...

(Pensemos na dificuldade que o guia terá para desfazer a superioridade do estrangeiro ao fazer estes reparos).

Em matéria de limpeza — dizem todos os turistas —, somos o inverso de outros países. Enquanto em França e Itália, por exemplo, o Sul é sujo e o Norte é limpo, em Portugal sucede o contrário; é no Sul que se verifica uma limpeza irrepreensível, tão grata ao espírito dos estrangeiros.

Com frequência os turistas nos censuram um terrível hábito: o de lhes querermos mostrar tudo o que possuímos, sobrecarregando de forma cansativa os seus programas. A partir de um limite, a saturação impede que se veja e oiça seja o que for. Certa ocasião, em Setúbal, à hora do almoço, um grupo, de estrangeiros foi arrastado, para admirar, fora de portas e por estrada péssima, o novo matadouro...

NÓS E OS TURISTAS

Perante os turistas a reacção do português é sempre de espanto incontido — um espectáculo ainda melhor que o oferecido pelo próprio forasteiro —, quer se encontre perante uma francesa de calças ou um escocês de saias (se é que este alguma vez gastou dinheiro para se deslocar fosse onde fosse).

Um pacato e inofensivo turista que atravessasse o Rossio de «shorts» e camisa aos quadrados, na hora de maior movimento, atrai mais olhares que todas as Lollos do mundo do cinema em circunstâncias idênticas, e, mais ainda, uns sorrisinhos irónicos e superiores de quem se julga «comme il faut».

O turista consegue alcançar a Betesga, depois de vir do Largo de D. João da Câmara, não dando pelos olhares ostensivos ou pensando que cada um tem o direito de vestir o que quiser e de pensar como muito bem entender, mas a curiosidade, doentia, teimosa e insatisfeita, continua a persegui-lo, perfura-lhe as costas, mede-lhe as pernas com pêlos, ou sem eles, estigmatiza-o definitivamente.

Nem queremos pensar no que sucederia com frequência se os estrangeiros compreendessem a nossa língua, ou se os portugueses pudessem dizer as suas piadas nos idiomas alheios.

Mas o que é curioso é que os turistas, na sua generalidade, gostam dos portugueses, e isto, segundo eles próprios declaram, porque estes lhes oferecem sempre uma recepção admirável.

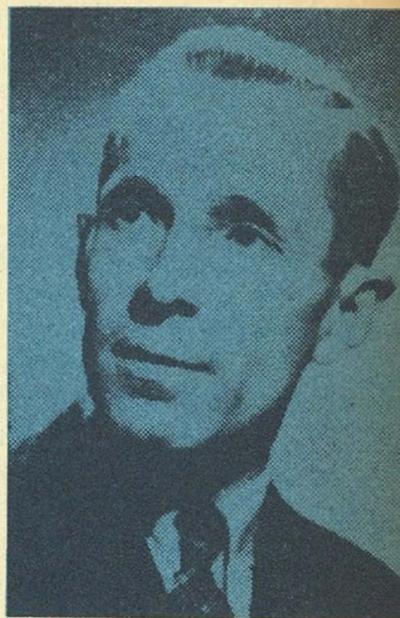
(Na verdade, somos um povo que, para os turistas, tem sempre os braços (e a bolsa...) abertos. É o que se conclui, lendo os folhetos turísticos do SNI e as notícias dos jornais sobre os especuladores dos «dancings» e dos restaurantes «soi disant» típicos).

O português que não conhece uma palavra de qualquer idioma que não seja o seu, usará de todos os processos, espremerá todo o seu espírito de inventiva, só para se conseguir fazer entender por qualquer turista que pretenda saber como pode chegar ao castelo de S. Jorge. De tal forma se mostrará diligente, que o estrangeiro se obriga a ficar-lhe eternamente grato, mesmo que não tenha percebido patavina do que o outro lhe disse, mesmo que o português se espante perante os seus calções ou o seu chapéu com peninhas.



nos bastidores da

V-1



MEIA DÚZIA DE FRANCESES SALVARAM LONDRES DA DESTRUIÇÃO

Uma conversa ouvida por acaso num café revelara aos membros do grupo resistente **Agir** que os alemães haviam iniciado no Baixo-Sena a construção de instalações militares dum novo género. Michel Hollard resolveu investigar o que se passava. Dirigiu-se a Ruão e sob o pretexto de que era representante duma missão protestante foi autorizado a contactar com os operários que trabalhavam nas novas construções. Mas uma vez sabidos os locais que lhe interessava conhecer, Michel Hollard vestiu um fato-macaco e preferiu passar por operário para chamar menos as atenções. Dirigiu-se a Aufay e descobriu nos arredores uma grande zona de construções: centenas de trabalhadores agitavam-se em torno de numerosos edifícios meio-construídos e abriam uma estrada. O barulho dos **bulldozers**, dos martelos pneumáticos, etc., atroava os ares. De longe Michel não podia imaginar que espécie de trabalhos seriam aqueles. Era-lhe, portanto, necessário aproximar-se. Mas penetrar no estaleiro sem que ninguém desse por isso não era possível pois teria de passar pelas sentinelas. Viu então um carrinho de mão abandonado. Pegou nele e penetrou no estaleiro sob os olhares indiferentes dum soldado alemão. Aproximou-se dum grupo de traba-

lhadores, e pôs de lado o carrinho e imitou-os; ajudou-os a transportar cimento. Ninguém lhe fez qualquer pergunta e daí a pouco ele conversava à vontade com os operários.

— Que construções são estas? — perguntou.

— Ninguém sabe — respondeu-lhe um dos trabalhadores. — Dizem que são garagens para os camiões.

A resposta não convenceu Michel. Os edifícios eram demasiado pequenos e não podiam abrigar mais do que meia dúzia de veículos. Era portanto evidente que os alemães procuravam esconder as suas intenções.

UM AMIGO MEU PROCURA TRABALHO...

Michel deixou os seus novos companheiros, pegou no carrinho de mão, pôs-lhe dentro uns tijolos e deu uma volta pelos trabalhos. Pôde então averiguar que estavam a ser construídos dez edifícios, ligados uns aos outros por caminhos de cimento.

Depois de mais algumas voltas conseguiu falar com o contramestre.

— És novo aqui? — perguntou este.

— Sim — replicou Michel — disseram-me em Ruão que havia falta de braços.

— Então, aceita um conselho: não faças perguntas, os alemães não gostam...

— Sim? Estes edifícios são assim tão misteriosos?

— Não sei. Apenas sei que eles têm pressa de os acabar.

— Há outros sítios onde se constroem coisas semelhantes?

O contramestre indicou meia dúzia de locais. Depois observou Michel, cheio de curiosidade. «Porque tens tanto interesse em saber,» — perguntou.

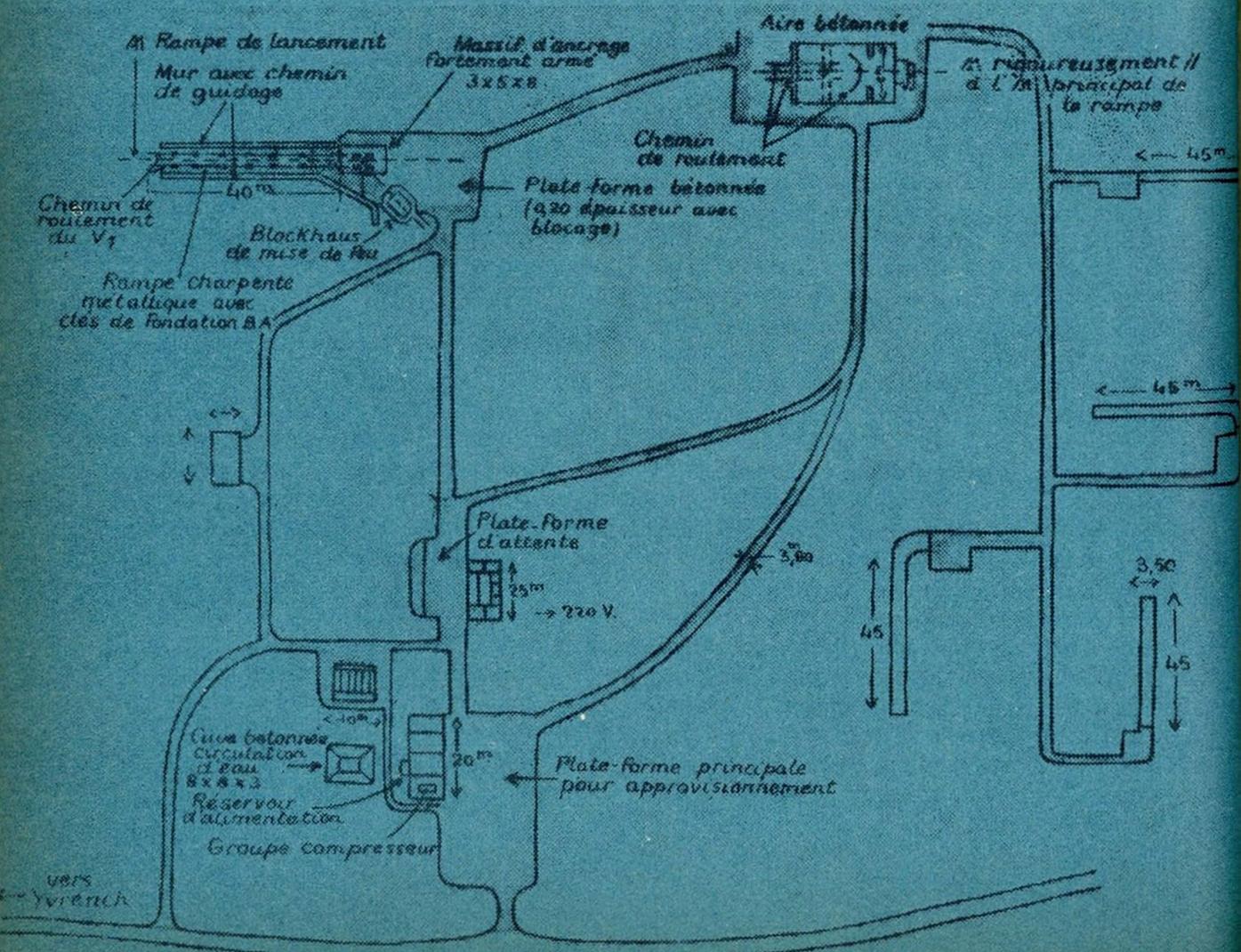
— Um amigo meu procura trabalho — explicou-lhe Michel.

Em seguida pegou de novo no seu carrinho de mão, atravessou calmamente a linha das sentinelas e regressou a Aufay. À noite estava de novo em Paris. Observou o mapa que tinha pregado na parede e verificou que o eixo das construções que havia visitado se orientavam na direcção de Londres. Seria um acaso?

As indicações que ele colhera na sua bússola estariam erradas? Seja como for, Michel achou que não devia desprezar a suspeita de que aquelas construções estavam **propositadamente** apontadas para Londres.

Dias mais tarde chegava à Suíça para se avistar com O. P. (tratava-se de James Krüger, funcionário do Consulado britânico em Genebra). Este não se mostrou particularmente interessado. De toda a parte de Serviços Secretos britânicos recebiam indicações de construções estranhas, que depois se verificava serem perfeitamente inofensivas. Uma das missões de O. P. consistia precisamente em seleccionar as informações para evitar que Londres fosse inundada com relatórios desprovidos de interesse.

Mas havia uma razão para O. P. levar em consideração as informações de Michel. É que, no passado elas tinham-se revelado sempre rigorosas e cheias de valor.



Ora desde 1942 que corriam diversos rumores acerca de armas secretas. Em Abril de 1943 Londres recebera um relatório relativo ao Centro Experimental de Peenmünde, no Báltico. Entretanto, fora da Alemanha ninguém sabia ainda que espécie de armas seriam essas. A hipótese mais plausível era de que se tratava de foguetões de tipo desconhecido.

O governo inglês considerava com muita atenção esse assunto e em Junho chegava a Londres um primeiro relatório acerca duma bomba voadora com asas. Dois meses mais tarde outras informações confirmavam aquele relatório. Coincidência curiosa: coube a O. P. o papel de prevenir o governo britânico.

UM OBJECTO VOADOR PARECIDO COM UM CHARUTO

Eis as circunstâncias:

Pouco tempo depois da visita de Michel, O. P. foi visitado por um desconhecido que viera a pé de Luxemburgo e que o informara de que «um objecto voador em forma de charuto e munido de asas» tinha sido lançado e percorrerá duzentos quilómetros, tendo caído no Báltico.

Pouco tempo depois, quer dizer em meados de Agosto de 1943, um cidadão dinamarquês descobriu um estranho engenho caído numa praia da ilha de Bornholm. Corajosamente desenhou o objecto e mandou o desenho para Londres. Mas como seriam disparadas essas bombas? As informações de Michel Hollard davam uma primeira indicação: essas bombas seriam lançadas de bases situadas na Normandia e orientadas para a capital britânica.

Londres deu instruções para que Michel investigasse pormenorizadamente o que se passava. E este, de colaboração com os seus agentes, cada um deles munido de uma bicicleta, exploraram cuidadosamente a costa francesa. Em três semanas eram descobertas sessenta bases!

Mas Michel continuava sem saber para que serviriam tais instalações (todas dirigidas para Londres).

Foi então que o acaso o ajudou: mas o acaso só favorece quem merece ser favorecido e o mérito de Michel consistiu em estar no sítio oportuno no momento exacto.

O seu problema continuava a ser: para que serviam aquelas bases? Assim, tendo lido um anúncio que pedia pessoal para trabalhar por conta dos alemães, enviou-lhes Robert Rubenbach o qual foi imediatamente contratado e mandado para Bernes. Robert pediu o auxílio dum engenheiro seu amigo (André Camps) que se dirigiu imediatamente a Bernes. Entretanto as autoridades alemãs de Bernes pediam trabalhadores que seriam enviados para um local que não era especificado no convite. Robert suspeitou que nesse local haveria qualquer coisa de importante relacionada com a curiosidade de Michel Hollard. E com o seu amigo engenheiro inscreveu-se.

UM HOMEM TÍMIDO

O engenheiro conseguiu um lugar de alta responsabilidade como desenhador. Mas André era demasiado tímido, nunca desempenhara nenhum papel na Resistência.

Michel hesitava. Poderia confiar nele? Uma razão, porém, levou-o a confiar: é que André era o único francês que tinha acesso aos planos desejados! Não havia escolha, era preciso ter confiança...

Ora André verificou que o plano mais importante, aquele que verdadeiramente daria o segredo daquelas construções, acompanhava sempre o engenheiro alemão. Ele trazia-o no bolso da sua gabardine e nunca a despia! Nunca? André descobriu que todas as manhãs ele saía do escritório sem a gabardine e desaparecia durante cinco minutos atrás duns arbustos.

Por vezes o alemão levava um jornal e nesse caso demorava-se mais. André não podia escolher outra ocasião. E certa manhã em que por felicidade o alemão levou o jornal, André desferiu o seu golpe. Sem mesmo esperar que o alemão desaparecesse, introduziu-se no escritório dele e tirou o plano. Decalçou-o rapidamente, tomou nota das cotas principais. Três minutos depois repunha o papel no bolso da gabardine do alemão e regressava outra vez ao seu escritório.

No dia seguinte — e para justificar a sua partida para Paris — André queixou-se de grandes dores abdominais. Teve de se demorar vários dias em Paris para conferenciar com Michel e por isso um dos cirurgiões dos hospitais de Paris forjou um atestado falso

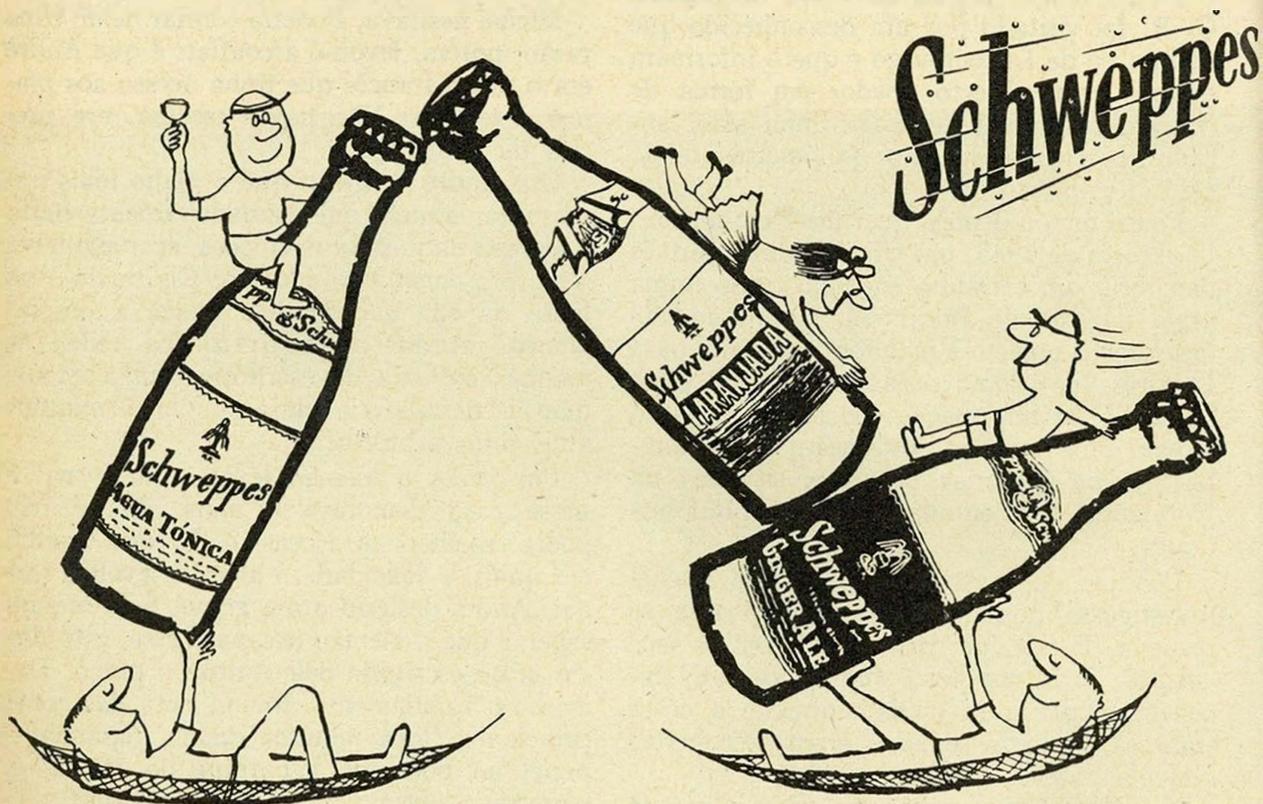
do seu internamento numa clínica, atestado esse que foi enviado às autoridades alemãs.

A partir dos dados que obtivera e de acordo com os conhecimentos do engenheiro, de acordo também com aquilo que Michel já sabia, os dois franceses puderam descobrir

finalmente o significado daqueles construções: eram nada mais, nada menos do que rampas de lançamento de projecteis cuja direcção era Londres!

E essa informação procurava-a o **Intelligence Service** havia vários meses!

Cada momento deste Verão será um prazer com...



INSISTA SEMPRE EM SCHWEPPES

diário europeu

**não se esqueça
estimado leitor,
de que é europeu**

LIVROS

Os diários e as memórias não são muito do gosto dos portugueses. Há quem diga que este facto se explica facilmente e que a vida nacional, monótona e rotineira, não dá origem a que surjam personalidades fortes e ricas em aventura. A vida dos portugueses do nosso tempo desenvolve-se, melhor seria dizer que se arrasta, em termos de «escritório durante o dia», «Diário Popular» à noite e «cinema ao sábado».

Os grandes eventos da vida do português médio são os aniversários familiares, o reumatismo dum tio e, talvez, uma peregrinação anual a Fátima ou a uma quinta na província...

Os grandes acontecimentos passam-se para lá dos Pirinéus e deles só tomamos conhecimento pelos jornais... as grandes figuras só esporadicamente e, mesmo assim, de passagem, tocam no aeroporto...

Não é de espantar, portanto, que os portugueses não publiquem as suas memórias...

Vem isto a propósito de dois livros curiosos, dos quais um conquistou rapidamente a Europa e o outro não poderá deixar de captar a atenção de todos os que se interessam pelas grandes personalidades da arte europeia.

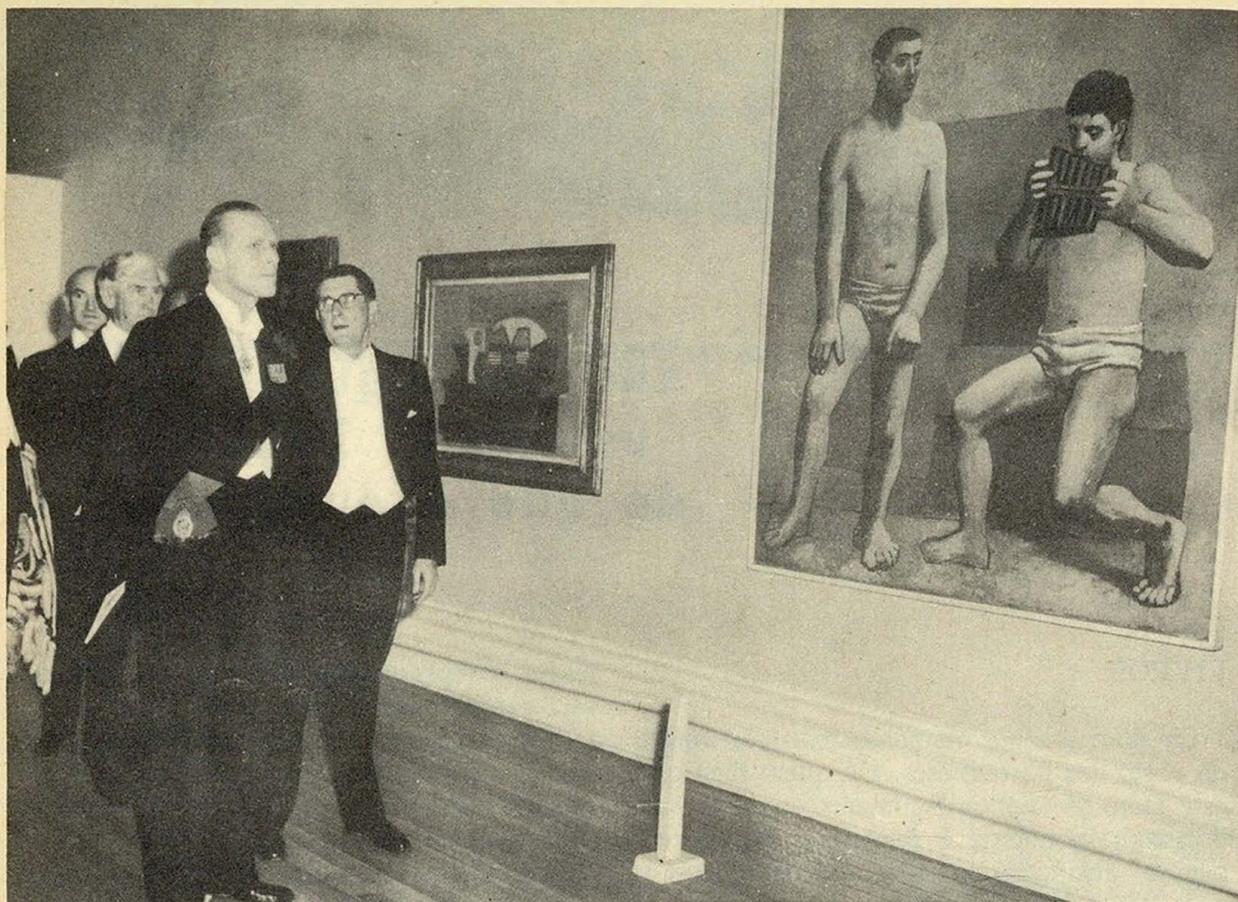
O primeiro, da autoria de Giuseppe di Lampedusa, intitula-se «Il Gattopardo» e conquistou sucessivamente o público italiano, inglês e francês.

Giuseppe di Lampedusa, duque de Palma e príncipe de Lampedusa, pertencia a uma

classe e representava um tipo de vida que está rapidamente a desaparecer.

Extremamente culto e viajado, apaixonado pela literatura europeia, viveu os últimos anos da sua vida em Palermo, onde presidia a um autêntico salão literário.

Diariamente se reunia no seu palácio um grupo de jovens que se não cansava de ouvir o velho príncipe dissertar acerca da literatura do séc. XIX, principalmente acerca de Stendhal. Durante 25 anos falou dum romance que tencionava escrever, sem que, todavia, o iniciasse e só depois de avisado pelos médicos de que sofria de uma doença incurável, é que Giuseppe di Lampedusa resolveu começar o seu livro «Il Gattopardo» levou um ano a escrever e foi recusado por vários editores antes de se tornar um dos «Best Sellers» europeus. Actualmente as edições sucedem-se. «Il Gattopardo» conta a história dum mundo que acaba, a história duma maneira de viver que desapareceu. A acção tem início na Primavera de 1860 e termina em 1910. Fabrizio, príncipe de Salina, domina milhares de hectares e centenas de vidas humanas que vivem na miséria mais completa, entrecortada, de vez em quando, pelas festas esplendorosas do «senhor». Deve dizer-se que Fabrizio (identificado com o bisavô do autor) não era um déspota nem tinha campos de concentração escondidos ao fundo da quinta... Tratava-se dum senhor à antiga, mais dado à caça e à astronomia do que à perseguição dos seus súbditos, desporto que só mais tarde se tornou popular e que, queiram



ksky, André Breton, Greer Van Velde, James Joyce, Jean Arp, Brancusi e muitos outros, tomam banho, amam, dançam e riem-se de si próprios e da vida.

Só os génios portugueses é que nunca se riem de si próprios e... talvez tenham razão. O autor deste «Diário Europeu», ao vê-los, também tem vontade de chorar...

CINEMA

Os escândalos do Festival de Cannes divertem todos os anos os milhares de leitores que compram e devoram as centenas de revistas de cinema que aparecem à venda nas tabacarias. (Será que essas revistas são, mesmo, escritas e impressas nas tabacarias?) Este ano o escândalo foi causado por dois filmes: «La Dolce Vita» e «L'Avventura», muito embora, para manter a tradição e dar que falar aos milhares de «entendedores» de cinema que existem por esse mundo fora, o actor francês Alain Cuny tenha sido a **persona non grata** ao Festival. (Ao que parece Alain Cuny insultou um cantor durante uma ceia «muito cinéfila» e iluminada a velas do Del Duca).

Os leitores deste «Diário Europeu» já devem ter lido muito coisa acerca do filme de Fellini que obteve um grande sucesso em Paris e, consoante tenham lido as impressões dum «entendedor reaccionário» ou dum «entendedor progressivo», (ah! os rótulos com que os que nada fazem se distinguem uns dos outros!) sabem que a «Dolce Vita» é uma obra de génio ou um elemento disfarçado de dissolução social...

Em Cannes as opiniões dividiram-se e quando o prémio foi concedido à «Dolce Vita» o número dos que aplaudiram foi igual ao número dos que patearam. Michelangelo Antonioni, ao contrário, não foi tão feliz como o seu colega Fellini. Ao receber o prémio de consolação do júri a pateada abafou os poucos aplausos que se ouviram na sala. Já na semana anterior, durante a exibição do seu filme, tanto o realizador italiano como Monica Vitti tinham sido insultados pelo público que abandonara a sala, às centenas, para, na rua, continuar, a gritar contra «L'Avventura».

Pergunta-se, sem qualquer segunda intenção, se os distintos cinéfilos (ou cineastas, o autor não os distingue uns dos outros)

O Duque de Edimburgo estuda a obra de Picasso durante o festival retrospectivo de Londres.

Victória Fairbanks, filha do conhecido actor Douglas Fairbanks mostra os balões que decoraram o salão onde teve lugar o seu baile de debute.



ou não queiram reconhecê-lo, foi descoberto por «senhores» dum outro tipo...

A vida de Fabrizio sofreu o seu primeiro choque com o desembarque de Garibaldi na Sicília e com a queda da monarquia dos Bourbons em Nápoles. Fabrizio foi forçado a tomar uma decisão: ou resistir à inevitável transformação histórica ou aliar-se a ela... resolveu, prudentemente, jogar com um pau de dois bicos e casou um sobrinho empobrecido com a filha dum vizinho que a «Nova Ordem» enriquecera, mas recusou todas as honras que lhe eram oferecidas. Vinte anos mais tarde o velho Fabrizio morreu tentando compreender o significado da sua vida e da sua classe...

Termina o livro em 1910 com a casa ilustre do «Gattopardo» representada por três velhas grotescas que não deixarão marcas na história do seu tempo...

Mais leve do que o livro do príncipe italiano, mas não menos interessante, é o livro de Peggy Guggenheim, «Confessions of an Art Addict» (Confissões duma Amadora de Arte) editado em Julho por André Deutsch.

A autora, sobrinha do célebre Guggenheim, é conhecida de todos os artistas e amadores

de arte dos grandes centros europeus e o seu livro não só relata o que lhe aconteceu durante os anos em que administrou a sua loja «Guggenheim, Jeune Gallery» em Londres, mas também as suas numerosas aventuras até esta data. Sem pretensões literárias e escrito num estilo vivo e alegre, este livro é uma autobiografia cujas páginas estão recheadas da descrição de personalidades que todos conhecem. Logo no início Peggy Guggenheim confessa que, em dada altura, esteve loucamente apaixonada por Samuel Beckett, o autor de «Esperando Godot», «Molloy», «A Morte de Malone», etc.

Da sua descrição desse autor surge-nos um Beckett humano, alegre, bem diferente do intelectual grave e sisudo em que os críticos graves e sisudos nos querem, à força, fazer acreditar... Quer os intelectuais da nossa terra queiram, quer não, as grandes obras não se escrevem na atmosfera densa dos cafés e os grandes autores não se passeiam pelas ruas das cidades com aquele ar triste e grave que os génios portugueses adaptaram para mostrar que andam tristes porque «É triste a condição humana»...

No livro de Guggenheim, Beckett, Kandi-

que patearam o filme de Antonioni seriam capazes de realizar qualquer filme ou se seriam, apenas, daqueles que «Falam em fazer filmes»...

É aliás, inútil responder à pergunta.

Julgamos que dentro de dez anos os «entendedores de café» que nessa altura estiverem gozando o prestígio de serem realizadores verbais», vão classificar «L'Avventura» de obra-prima...

O filme de Antonioni conta a história dum grupo de ricos italianos que, no decorrer duma viagem de recreio nos mares da Sicília, desembarcam numa pequena ilha vulcânica onde Ana desaparece. Sandro, amante de Ana, e Cláudia, a sua maior amiga, vão em busca dela mas não a encontram. Teria Ana fugido com um pescador? Ter-se-ia suicidado? O filme não esclarece o mistério nem o seu esclarecimento interessa. É que, durante a busca, Cláudia e Sandro apaixonam-se um pelo outro e, por lealdade para com Ana, resistem a um amor cujo estudo os espectadores percebem, desde logo, constituir o objecto do filme. Sandro, um arquitecto falhado, não resiste a umas aventuras amorosas que Cláudia só perdoa nas cenas finais do filme ao compreender que ambos são fracos e que só lhes resta consolarem-se mutuamente...

O que provocou a ira do público não foi propriamente o enredo descrito mas sim o processo adoptado pelo realizador para contar a história. Não existe uma continuidade aparente no filme, isto é, não se verifica uma sequência facilmente compreensível com um diálogo que leve os espectadores a estarem à espera dum final previsto e lógico... e este método de Antonioni não agrada a todos...

Inventar uma técnica, descobrir novos processos de filmar ou ser, de qualquer forma, original, ainda um dia será um crime previsto e punido pelo Código Penal daqueles a quem a natureza não dotou com a possibilidade de inventarem técnicas, de descobrirem novos processos de filmar ou de serem originais...

Cada um se defende como pode e quem pode pouco defende-se gritando contra os que podem mais.

Os filmes que representaram a França no Festival não tinham a categoria dos filmes que a representaram em 1959. A «Nouvelle Vague» — que nunca se definiu — acabou

sem alarido, como não podia deixar de ser. Foram, todavia, apresentados 3 filmes de mérito: «A Bout de Souffle» de Jean Luc Godard, «Le Trau de Becker» e «Moderato Cantabile» de Peter Brook. O último foi pateado por todos, incluindo os críticos. Trata-se duma adaptação do livro de Marguerite Duras por Gerard Jarlat e conta a história duma mulher casada que se apaixona por um empregado de seu marido e que, por fim, renuncia a esse amor. A equipa que tanto prometera com o «Hiroshima mon Amour», não obteve, este ano, o sucesso a que se habituara.

Deve aqui fazer-se referência especial à «Nouvelle Vague» que nunca ninguém soube em que consistia, que não teve mentores, doutrina, ou, sequer, uma atitude definida em relação à vida. Deve dizer-se, em abono da verdade, que os próprios realizadores e escritores classificados de «Nouvelle Vague» recusaram-se sempre, terminantemente, a aceitar esse rótulo inventado pelos jornais e adoptado pelas meninas cinéfilas e literatas dos cafés de Saint Germain. Os artistas de mérito, popularizados por essa pseudo-escola, uma vez lançados, largaram o rótulo e os mediocres que à sua sombra pretenderam ascender, regressaram, sem alarido, à sua mediocridade original. Deverá, daqui, concluir-se que para nada serviu essa «Nouvelle Vague» de que tanto se falou ou que apenas serviu para que os jovens artisticamente impotentes de todas as «mansardas» europeias julgassem que tinha chegado a sua hora? De forma alguma.

A «Nouvelle Vague» tornou possível à França encontrar a sua nova geração e, através dela, renovar-se. Isto bastaria para a justificar.

A Inglaterra encontrou nos «angry young men» o sangue novo que faltava já a uma literatura impregnada de Somerset Maugham e a um cinema em que os processos estafados já não correspondiam às necessidades do momento. «A room at the top», «The entertainer», «Look back in anger», «We are the Lambeth boys» e outros, mostram que o cinema inglês, menos dado às descobertas geniais que duram dois meses, do que o francês, continua vivo e até, talvez, mais verdadeiro do que este último.

Foi apresentado ultimamente em Londres a versão cinematográfica de «Sons and Lo-

Lucinda Lambton, cujo baile de debute foi o sucesso da vida social inglesa em Junho deste ano.



vers». O filme dirigido por Jack Cardiff, embora não siga passo a passo o romance de Lawrence, é-lhe inteiramente fiel e o espectador sai do cinema com a certeza de que é possível extrair um filme dum livro cheio de subtileza sem alterar a verdade psicológica das personagens.

Talvez fosse interessante que a «Vieille Vague» do cinema português se deslocasse a Londres...

Para encerrarmos a parte deste diário que se refere a cinema, convém resumir e definir o que, neste campo, se está passando na Europa.

Os filmes «de cruzada» em que os grandes problemas sociais são estudados e apresentados ao público sem **Chantilly**, estão definitivamente postos de parte durante os tempos mais próximos. Em compensação vão surgir filmes que tratam de problemas individuais e em que o homem, embora angustiado, revela uma angústia com características «humanas», ou «eternas», ou seja do que for que não possa ser resolvido pela alteração da ordem social existente...

É que os filmes de cruzada social, irreverentes, corajosos e honestos, só podem surgir desde que as esquerdas tenham uma grande força ou, pelo menos, uma influência

reconhecida; e na França de De Gaulle como na Inglaterra de McMillan, a influência das esquerdas está temporariamente diminuída.

A França já descobriu que «Les Liaisons Dangereuses» não podem ser exportadas porque diminuiriam o seu prestígio externo... daí a descobrir que uma censura salutar incorrerá para o seu prestígio interno, vai um passo...

TEATRO

Em matéria de teatro o mês passado não revelou, em Inglaterra, valores novos ou obras-primas apresentadas por autores consagrados. Pode dizer-se que o facto mais notável foi a apresentação, em Londres, no Royal Court, da trilogia de Arnold Wesker, composta pelas três peças «Roots» (As Raízes), «Chicken soup with Barley» (Sopa de galinha com aveia) e «I'm talking about Jerusalem» (Estou falando de Jerusalém).

As três peças indicadas apresentam três aspectos do socialismo vistos através do prisma de três famílias judaicas. A acção decorre entre 1936 e 1959.

É sabido que a propaganda dos governos conservadores tenta demonstrar que o trabalho implica, necessariamente, uma

igualdade que destrói a alegria da vida e a livre realização dos valores individuais. Arpol Wesker, na sua trilogia, demonstra que o sentido de humor e a alegria de viver fazem parte integrante do conceito socialista da vida.

Já não há bilhetes para os quatro meses mais próximos...

Em Paris, no Théâtre des Nations, o Berliner Ensemble levou à cena várias peças de Bertolt Brecht dirigidas por Helen Weigel, viúva do autor. Ainda dentro do âmbito do Festival de Teatro, têm sido apresentadas outras peças a que o «Diário Europeu» fará referência em Setembro.

ARTES PLÁSTICAS

O duque de Edimburgo inaugurou em Londres um Festival de Picasso. Foram expostas ao público telas, gravuras e cerâmicas originais do grande artista, que atraíram um público numeroso. Também em Londres teve lugar uma exposição dos bronzes de Epstein. O «Antique Dealer's Fair», talvez a maior exposição anual de antiguidades, foi inaugurada com o brilho a que os amadores de Arte já se habituaram. Foram expostas peças de Mobiliário de Cerâmica, de Pintura e de Escultura provenientes de quase todos os países europeus e os preços atingidos até esta data pelas peças vendidas bateram, já, os recordes dos anos anteriores.

Em Paris foram vendidas 14 águas-fortes e pontas secas de Picasso (editadas por Val-lard em 1913) por 29.000 francos novos.

Dum modo geral, Maio e Junho em Paris decorreram como era de esperar: grande número de exposições nas galerias comerciais destinadas aos turistas em férias e um número reduzido de exposições públicas. A mais importante dentre as últimas foi, certamente, a da obra de Nicolas Poussin, que teve lugar no Louvre.

BIENAL DE VENEZA

A 30.^a Bienal de Veneza foi inaugurada com a presença dos grandes especialistas, jornalistas e amadores de Arte da Europa. Ao contrário do que sucedera nos anos anteriores o júri foi composto por 7 «especialistas de Arte Moderna» e não pelos Comissários dos diversos países. Dele fizeram parte

Um quadro de LANDSEER
emprestado pela rainha Isabel
à exposição de antiguidades.

Herbert Read, Jean Lemayrie, Giulio Carlo Argan, Giuseppe Marchiori, etc. Os prémios foram concedidos da seguinte forma:

— Grande Prémio de Pintura: Hartung e Fautrier;

— Grande Prémio de Escultura: Não foi concedido;

— Prémio especial para os italianos: Vedova e Consagra;

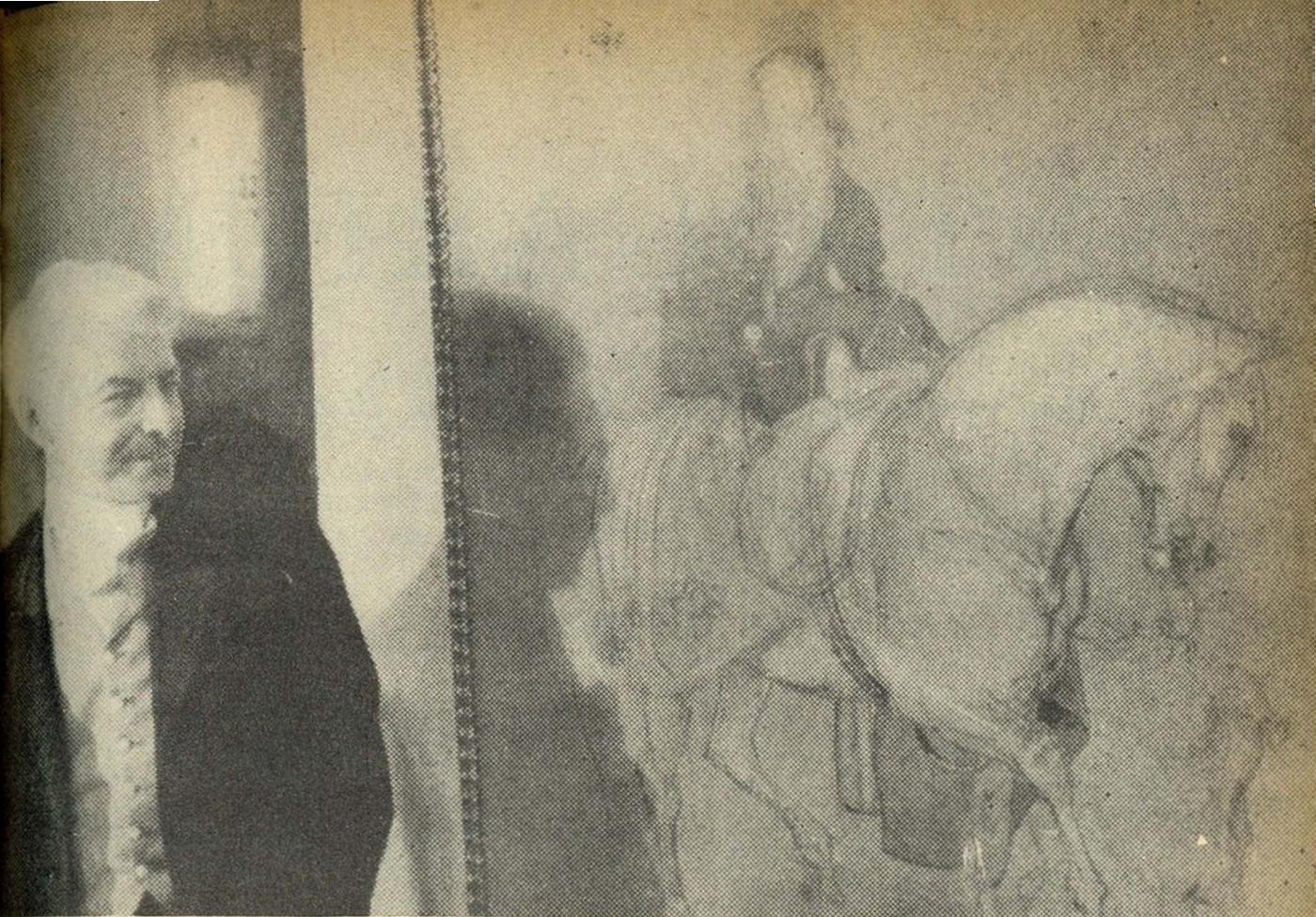
— Prémio da Instrução Pública: Franz Kline;

— Prémio Bright: Courtin;

— Prémio Einaudi: Michau.

MÚSICA

Apresentada pela Fundação Gulbenkian, sob o patrocínio do Earl de Harwood no Sadler's Wells Theatre; teve lugar em Londres a semana anual de Haendel. As duas óperas apresentadas foram a «Hercules» produzida por André Anderson com cenários de Ralph Koltai e «Radamista» produzida por Douglas Craig com cenários de Carl Toms. Durante o Festival de Cheltenham (um subúrbio de Londres), foram tocadas



músicas de Stravinsky, Holst, Boulez, Schoenberg, Mátyás Seiber e Arthur Bliss pelas seguintes orquestras: Halle, Orquestra Sinfónica de Londres, Orquestra Sinfónica da B.B.C., Ensemble Melos e New Music Ensemble.

Não é, evidentemente, possível ao «Diário Europeu» fornecer aos seus leitores uma lista completa dos grandes Festivais de Música ou dos Concertos que tiveram lugar na Europa durante um mês, nem este modesto diário tem outra pretensão que não seja manter o leitor a par do que se vai passando, motivo porque somos obrigados a mencionar apenas os acontecimentos mais importantes e a fazer uma selecção.

Em Lisboa teve lugar o 4.º Festival Gulbenkian que decorreu com o brilho que era de prever. Acontecimentos capitais: A «História Trágico-Marítima» de Lopes Graça, a vinda de David Oistrakh, a execução da 9.ª Sinfonia e dos Quartetos de Bela Bartok.

VIDA SOCIAL

Paris começa a morrer em Maio e renasce em Outubro. Isto, evidentemente, do ponto de vista mundano...

Londres tem características diferentes. É que, enquanto que Paris actua como um

íman que atrai todas as personalidades «Mundanas» da França, em Inglaterra estas vivem durante o ano nas suas casas, dispersas pelo país e apenas se concentram na capital para a abertura da «Season» social. As festas, os bailes, os **cocktails** e os **garden-parties** sucedem-se, em Londres, a partir de Maio. Foi o que aconteceu este ano e, como aliás, sucede sempre, houve um baile que atraiu as atenções do público e dos cronistas mundanos. Foi o baile oferecido pelos viscondes de Lambton para o debute de sua filha Lucinda Lambton. O que caracterizou esta festa sensacional foi o facto de Cecil Beaton ter sido convidado para decorar o pavilhão de dança e de ter preparado essa decoração com um ano de antecedência. As plantas, as fontes e os animais exóticos de que Cecil Beaton se utilizou para decorar o referido pavilhão que também fora erguido expressamente para esse fim, causaram o espanto da sociedade britânica, habituada, desde sempre, a festas esplendorosas.

Outra das muitas festas que tiveram lugar em Londres nos últimos dois meses foi o baile de Victoria Fairbanks, filha do conhecido actor Douglas Fairbanks. Durante o decorrer deste baile os convivas foram bombardeados por milhares de balões que ostentavam o nome de Victoria em grandes letras.

ANTIQUARIUM

das afamadas colchas de Castelo Branco

Bordados em tons de verde, amarelo, castanho e branco com franja vermelha e branca. 2,20 × 1,58 m. Col. do Museu de Arte Popular.

Bordado em tons de azul, castanho e branco com franja branca. 2,20 × 1,58. Col. do Museu de Arte Popular.

por Manuel Deslandes

Por entre as inúmeras tradições populares portuguesas que o progresso vai aos poucos destruindo, avulta como das mais curiosas, a confecção das afamadas colchas chamadas de noivado.

Orgulha-se e com razão a simpática região de Castelo Branco, de ter sido berço deste pitoresco costume. Hoje, que o gosto pelas antiguidades está tão generalizado, cabe a estas colchas um lugar de tal modo destacado que conhecemos casos de apaixonados colecionadores terem dado milhares de escudos por um exemplar de comprovada antiguidade. Contudo, pedimos-te leitor amigo

que, quando se te deparar uma destas colchas te abstenhas da tua paixão de antiquário e prestes homenagem à memória da sua obreira, tentando pelos caprichosos bordados, descortinar um pouco da sua alma.

Era uso nos séculos XVI, XVII, XVIII e primeiro quartel do século XIX, irem as raparigas, tanto pobres como remediadas ou ricas, alguns meses antes do dia marcado para o seu casamento, fazer com o maior carinho e com devoção quase religiosa, a colcha que deveria cobrir o seu tálamo conjugal e servir exclusivamente na sua primeira noite de núpcias, pois, segundo a tradição, não



deveria ser usada colcha que já tivesse servido. Assim escolhido e retirado do bragal materno a peça de linho cru de fabrico caseiro com o tamanho pretendido, bordavam com primores de arte em ponto de Castelo Branco com seda frouxa por vezes por elas próprias tecida e tingida, inspirados desenhos. Quantas noites de rigorosa invernia junto à lareira com a cabeça baixa de olhos fitos no bordado e o alvoroçado pensamento no seu prometido, elas não iam sem querer bordando pedaços da sua alma.

Quantos anseios de ingénuas virgens estas colchas não representam. Não é pois, possível, por mais que se procure, encontrar duas iguais. Há-as de uma simplicidade comovente. Meigas avezinhas representam a esperança na felicidade futura; fartas espigas, símbolo da abundância; garbosos galos de

cabeça alçada e bico aberto como que cantando um hino à nova vida que se avizinha; heras e gavinhas entrelaçadas como que a significar o amor que unia os noivos; lírios brancos personificam a castidade. Enfim, verdadeiras apoteoses de simbologias, todas elas com o seu significado bem especial e particular.

Decorria o tempo e chegou o tão desejado dia do casamento, era às moças solteiras de maior amizade da noiva que competia o fazer da cama de noivado.

Testemunha de toda uma liturgia de amor, era a colcha no dia seguinte, passada a noite de núpcias, guardada de olhares indiscretos, entre alvas toalhas de linho em arca perfumada a alfazema. É por isso que ao admirarmos uma destas colchas, nos sentimos como que profanadores de sentimentos bem íntimos.

Bordados a dourado dum só tom, com franja também dourada. Acusa nítida influência Indo-portuguesa. 2,28 × 1,77 m. Col. do Autor.





o Marinheiro
de Amsterdão

conto policial por Guillaume Apollinaire

I

O navio holandês **Alkamaar** voltava de Java, carregado dos mais variados artigos e especiarias. Em Southampton fizeram escala e os marinheiros aproveitaram a estada para visitar a cidade.

Um deles, Hendrijk Versteeg levava um sagui no ombro direito, um papagaio no esquerdo, e às costas peças de tecidos hîndus, que pensava vender na cidade juntamente com os animais.

A Primavera aproximava-se a medo e anoi-tecia cedo. Hendrijk caminhava rapidamente. A cidade tinha um aspecto desagradável, o nevoeiro era cerrado e as ruas àquela hora estavam já iluminadas.

Para desanuviar o espírito começou a pensar no regresso; havia três anos que deixara Amesterdão e agora estava ansioso por voltar. Tinha saudades da mãe e, além disso, esperava casar-se logo que chegasse. Aquelas viagens tão compridas e a pouca hospitalidade de Southampton ainda mais lhe aguçavam a nostalgia e lhe lembravam a noiva. Pôs-se a calcular quanto lhe renderiam os animais e os tecidos e procurava uma loja onde os pudesse vender.

Ia a passar na Above Bar Street quando foi abordado por um cavalheiro muito distinto que lhe perguntou se estava interessado em vender o papagaio.

— Esta ave agrada-me — continuou e'e. — Vivo sozinho e sinto necessidade da presença de alguém que me fale sem ser necessário que eu lhe responda.

Hendrijk Versteeg, como a maior parte dos marinheiros holandeses, compreendia, menos

mal, o inglês. Fixou um preço que o outro aceitou imediatamente.

— Siga-me — disse ele. — Vivo um pouco longe. Tenho lá uma gaiola óptima para o papagaio e talvez cheguemos a um acordo a respeito desses tecidos.

O marinheiro estava satisfeito. A princípio ainda tentou estabelecer diálogo. À falta de assunto começou a elogiar a sagui. Que pertencia a uma raça muito rara, que facilmente se afeiçoaria ao dono, que resistia bastante bem ao clima de Inglaterra...

Mas em breve desistiu. O desconhecido nada respondia e nem sequer dava provas de o ter escutado.

Um ao lado do outro, em silêncio, seguiram o resto do percurso.

Assustados pela neblina e saudosos da selva os bichos iam agitados. O macaquito gemia como um recém-nascido e o papagaio batia as asas de aborrecimento.

Havia uma hora que o silêncio se prolongava quando, finalmente, o desconhecido falou.

— Já estamos perto de casa.

Estavam fora da cidade. A estrada era ladeada de casas com jardins gradeados; de quando em quando brilhavam entre as árvores as janelas de uma casa de campo e ouvia-se muito longe, no mar alto, o sinistro grito de uma sereia.

Por fim, pararam. O desconhecido tirou a chave e abriu um portão. Ao fundo do jardim via-se uma casa que, embora pequena, tinha uma aparência boa. Tudo estava numa calma absoluta. Fechou novamente a cancela com mil cuidados. Quando pararam à porta da casa, Hendrijk ia apreensivo. Um homem,

que embora distinto, nada dizia, uma casa sem vida num local sòzinho, tudc isso era bastante lúgubre.

Mas reagiu logo. Ele avisara-o de que vivia só. Era um original, pensou; e como um marinheiro não é suficientemente rico para que alguém pense assaltá-lo, envergonhou-se logo daquele momentâneo terror.

II

— Se preferir, acenda um fósforo — disse-lhe o desconhecido enquanto abria a porta.

O marinheiro obedeceu e, enquanto entrava, o outro surgiu com uma lanterna que iluminou uma sala mobilada com gosto.

Hendrijk Versteeg tinha recobrado a tranquilidade.

Naquele momento já alimentava a esperança de que o seu estranho companheiro lhe iria comprar boa parte dos tecidos.

O desconhecido, que saíra da sala, voltou com a gaiola.

— Ponha aqui o papagaio — disse. — Quando estiver amansado e disser o que eu quero que diga, pôr-lhe-ei um anel que comprei expressamente para a ocasião.

Fechou a gaiola e ordenou ao marinheiro que entrasse no quarto contíguo, onde havia, disse, uma mesa óptima para desembrulhar as fazendas. Entretanto, tinha apagado a lanterna.

Hendrijk já estava sossegado. A porta atrás dele fechou-se; a chave girou. Estava preso.

Confuso, largou a lanterna em cima da mesa e quis atirar-se à porta e forçá-la. Uma voz deteve-o:

— Mais um passo e mato-o!

A voz viera de cima. Olhou em redor e viu-se sòzinho na sala. Levantou a cabeça e, por uma clarabóia que, ate então, não notara, viu o cano de um revólver apontado para ele. Deteve-se, aterrado.

Impossível lutar. A faca, que nunca o abandonara, era, agora, completamente inútil. E, mesmo que tivesse um revólver, na posição em que estava, de nada lhe serviria. O desconhecido disse-lhe então:

— Oiça-me com atenção e obedeça. A tarefa forçada que irá desempenhar será recompensada. Mas a decisão é minha. Vai obedecer-me cegamente, senão matá-lo-ei como a um cachorro. Abra a gaveta dessa mesa... Encontrará um revólver de seis tiros, com cinco balas. Agarre-o.

O marinheiro obedecia automaticamente. O sagui ainda estava no seu ombro direito e agora gritava e tremia. Ele começou a agir quase inconsciente. O desconhecido continuou:

— No fundo do quarto há uma cortina. Afaste-a.

Hendrijk encontrou-se no limiar de um quarto de dormir. Estendida na cama, amarrada de pés e mãos estava uma mulher que o olhava desesperadamente.

— Desate essa mulher — ordenou-lhe o desconhecido — e tire-lhe a mordaga.

Executada a ordem, a mulher, nova e de uma beleza admirável, ajoelhou-se e gritou para a clarabóia:

— Harry, isto é uma cilada infame. Trouxeste-me para aqui à traição. Já tinhas planejado assassinar-me. Quando alugaste esta vivenda com o pretexto de passarmos aqui

os primeiros tempos da nossa reconciliação, mentiste. Acreditei ter-te convencido. Harry, por favor, tem confiança em mim. Harry, estou inocente!

— Não acredito — disse secamente o desconhecido.

— Harry, estou inocente — repetiu a mulher, já completamente desiludida.

— Essas serão as tuas últimas palavras; registo-as cuidadosamente. Vão ser-me repetidas toda a vida — a voz dele tremeu um pouco para em seguida ficar firme. — Infelizmente ainda te amo, pois caso contrário seria eu a matar-te. Assim é-me impossível fazê-lo... Agora, marinheiro, atenção: vou contar até dez. Se não matar essa mulher imediatamente, cairá morto junto dela. Um, dois, três, quatro...

Antes que o desconhecido, pudesse contar até cinco, Hendriek fez fogo. Ela mantinha-se ainda ajoelhada, com uma expressão de angustioso terror. Caiu imediatamente. Um tiro soou a seguir. O marinheiro foi atingido na têmpora direita. Hendriek caiu de bruços em cima da mesa enquanto o ságui, lançando agudos gritos de espanto tentava esconder-se em qualquer lado.

III

No dia seguinte, ouviram-se uns gritos estranhos numa casa de campo dos arredores de Southampton. Os agentes da polícia entraram e deparou-se-lhes um espectáculo es-

tranho: Os cadáveres de um marinheiro e o de uma mulher bastante nova. O macaquito ao ver gente, assustou-se de tal maneira que se atirou a um polícia. Estes estavam de tal modo surpreendidos que o mataram imediatamente.

Os jornais no dia seguinte comunicaram a opinião da justiça. Era lógico admitir que o marinheiro depois de ter morto a rapariga se suicidara. Entretanto, as circunstâncias em que tal drama se teria desenrolado eram um mistério autêntico. Não houve dificuldade alguma em identificar os cadáveres. Perguntava-se como seria possível encontrar-se Lady Finngal, mulher de um par do reino, sòzinha, numa isolada casa de campo com um marinheiro holandês desembarcado na véspera em Southampton.

O proprietário da casa não conseguiu prestar declaração alguma que satisfizesse. A casa tinha sido alugada uma semana antes, por um tal Collins, de Manchester, que nunca pôde ser encontrado. Collins usava óculos e tinha uma longa barba loura, falsa certamente. O Lorde chegou de Londres, rapidamente. Adorava a mulher e o seu desespero comovia toda a gente.

Tal como a polícia, não conseguia descobrir a mais remota explicação para o caso.

Desde então, passou a viver retirado. Isolou-se numa casa que tinha em Kensington, sem outra companhia além de um criado mudo e um papagaio que repetia sem cessar:

— Harry, estou inocente!

*as latitudes
da
felicidade*



ITÁLIA



Todos os anos nascem em Itália 436.000 raparigas e casam-se 366.000. Chegam elas ao casamento livres, conscientes e emancipadas — ou não?

Em Itália, todos os anos, nascem em média 436.000 raparigas. E, todos os anos se casam 366.000. (As outras 70.000 morrem antes de chegar à idade de casar ou ficam solteiras). E as 366.000 são felizes? Que lhes acontece? São livres, conscientes e emancipadas — ou não?

Porque depois é tarde. Depois na vida da rapariga italiana não há mais nenhuma alternativa. Quando se casam ficam irremediavelmente ligadas à família.

Ser-lhes-á possível serem livres, emancipadas e conscientes — quando são semi-analfabetas? Em Itália na primeira classe das escolas primárias estão matriculadas 540.000 raparigas e 530.000 rapazes. Cinco anos depois, no primeiro ano de liceu estes números transformam-se respectivamente em 290.000 e 337.000. Muitos milhares de pais pensam que estes poucos anos de escola são suficientes para uma rapariga poder encarar capazmente a vida.

(Muitos outros milhares não pensam assim mas, infelizmente, não se lhes oferece outra alternativa).

Encontramos mais tarde na Universidade, cerca de 139.000 rapazes e apenas 38.000 raparigas; e destas apenas 7.000 se chegam a licenciar!

As que se formam são raparigas sensíveis, verdadeiros prodígios de tenacidade, de abnegação e de coragem. É talvez por esta razão que os italianos têm pelas mulheres formadas, respeito, desconfiança e receio...

Que tipo de mulher prefere o italiano? Emancipada, livre, independente, instruída — ou semelhante a uma muçulmana? Há treze anos quando as mulheres obtiveram o direito de voto vivia-se em Itália um ambiente de entusiasmo. Mas este entusiasmo passou — e não parece haver indícios de que regresse. Um jornalista inglês escreveu, sobre os jovens italianos de hoje: «Não têm aspirações nem reivindicações sociais; são moderados, pouco rebeldes, desejam apenas atingir uma situação estável e frequentar gente respeitável e importante». Se estes são os jovens, os netos, como serão, meu Deus, os avós?...

Que culpa têm disto as raparigas? Se os homens as querem como odaliscas porque se



Gostaria de ter um MG dos antigos. E depois um bom marido

hãode transformar em raparigas do tipo das norueguesas?

A família italiana vive numa atmosfera semelhante à das casernas e as raparigas recebem, em casa instrução quase militar.

O pai comanda o regimento e a mãe não é a amiga da filha, mas sim o seu sargento. Não educa os filhos (e como poderia fazê-lo se é semi-analfabeta?).

Mesmo que pertença a uma boa família, tenha o curso do liceu e seja instruída, os anos passam, todas as noções que a ajudaram nos seus exames se transformaram num pequeno amontoado de datas e de nomes consumidos pela poeira do tempo; quando chega aos quarenta-cinquenta anos a dona de casa que frequentou as escolas clássicas está completamente ignorante; veste as suas filhas, lava-as, alimenta-as e guarda-as como se fossem galinhas.

Ensina as filhas a fazer «spaghetti» e a conseguirem um marido, comportando-se como raparigas puras e estúpidas. Com um pouco de inglês e francês (verifica-se actualmente um ligeiro progresso: já não tocam

piano) a sua cultura fica completa — o homem latino nada mais deseja.

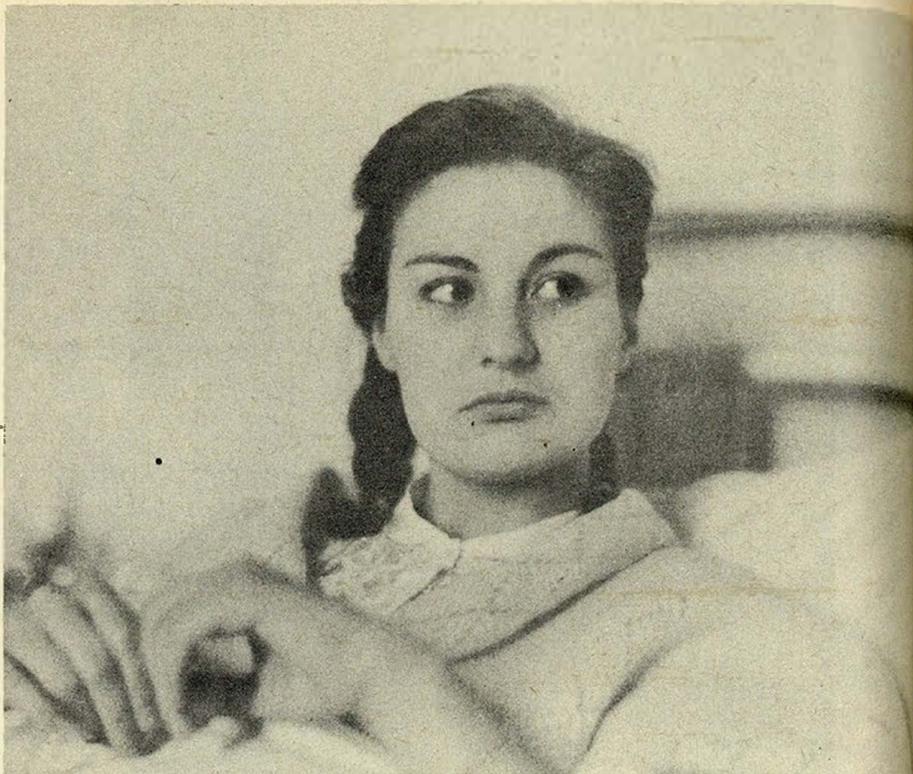
Este quadro é talvez demasiado severo no que diz respeito às modernas famílias de Milão, Turim ou Trieste. Mas não o é suficientemente para famílias de Áquila, Matera ou Sassari. E este artigo refere-se a raparigas de toda a Itália. Portanto é a média que corresponde mais ou menos à da família do funcionário público italiano.

É certo que está agora surgindo um mundo novo, com novas exigências e com novos problemas. Mas onde estão os novos costumes? Os costumes italianos são antiquados, aflitivamente decrépitos. E, sobretudo, não existe um novo italiano. Mantém-se o antigo que não concedeu nada até hoje e nada está concedendo. Não quer uma mulher que trabalhe, que seja activa e culta — prefere-a bonita, elegante, caseira e calma. Não tem o menor interesse por uma mulher com consciência social, prefere uma mulher com consciência caseira. Não gosta da mulher independente, mas da mulher séria isto é, da mulher cujo comportamento sexual é irre-

Não me façam chorar! Com certeza que lhe perdoou, com certeza que casaria com ele

Ser actriz não é tudo para mim. Quero também ser feliz

Gosto de representar. Mas não é um passatempo; é a maneira de ganhar as sopas. Preciso de trabalhar. Não é por minha culpa que tenho um título



preensível. (Único significado, em Itália, da palavra «seriedade» aplicada a uma mulher). Que espécie de igualdade com o homem pode ela atingir assim?

Mas, mesmo assim, numa sociedade como a italiana há alguma possibilidade das pessoas serem felizes. Conhecem por exemplo a história de Vicenzina d'Urso, rapariga siciliana de 21 anos. É uma história de amor e de honra com muito folclore.

Vicenzina namorava Enzo d'Agostino, motorista de camionetas. Mas as famílias não chegaram a acordo sobre o dote e o casamento não se fez. Os dois jovens terrivelmente apaixonados, não puderam esperar mais. Enzo raptou Vicenzina.

E veio então à cena o problema da honra.

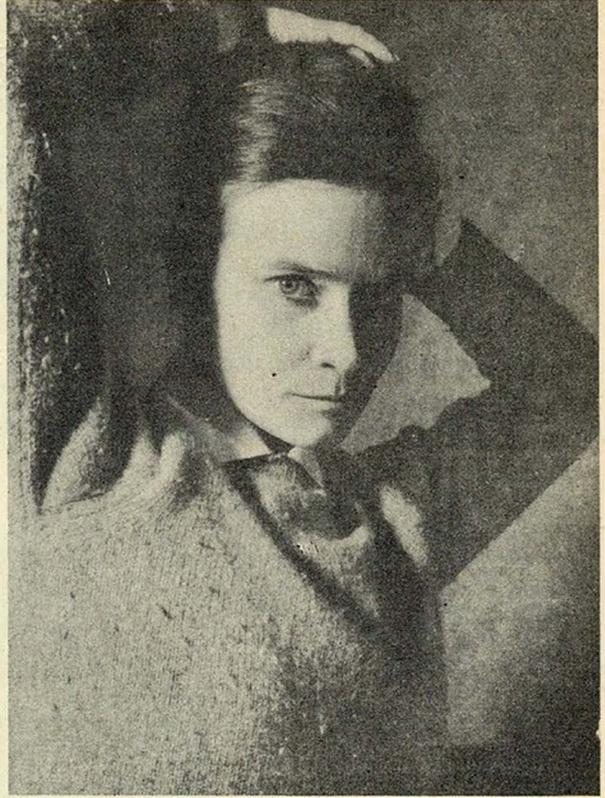
Seis anos antes a rapariga conhecera um tal Ernesto, elegante e sedutor. Fora um amor breve e ardente, depois Ernesto casara com outra mulher. Mas Enzo, quando Vicenzina lhe confessou o seu pecado, ficou furioso; e, não sendo ainda seu marido mas apenas o homem que a raptara, levou-a a casa dos pais contando-lhes o que se passara. O pai

da rapariga, sucumbido com a revelação, expulsou Vicenzina de casa e pintou a porta de preto.

De acordo com um esquema secular Vicenzina organizou então o seu plano. Foi procurar Ernesto, que de nada sabia, com um punhal escondido no vestido. Encontrou-o numa paragem de autocarro e cravou-lho no peito. Durante o julgamento declarou: «Era a única maneira de vingar a minha honra ofendida». Os juízes admitiram que uma mulher deve zelar pela sua honra. Condenaram-na a três anos de prisão (Ernesto, felizmente não morreu).

O coração de Enzo ficou dilacerado. Vicenzina, depois de ter cravado o punhal no peito do seu rival, estaria de novo pura. Fez-lhe uma proposta de casamento. Ela aceitou. Casaram na capela da prisão de Catanis. E agora Enzo d'Agostino espera que a mulher seja posta em liberdade. Provavelmente, com as amnistias, esperará menos do que três anos.

No post-guerra a necessidade levou para fora de casa as mulheres italianas. A neces-



sidade é mais forte que os princípios e os costumes. Mas terá o trabalho melhorado a situação da mulher italiana? Não; bem pelo contrário, piorou-a. Primeiro que tudo o marido italiano deseja que a mulher esteja em casa: é para ele, uma questão de prestígio. Mas quando não pode mantê-la em casa que acontece? A mulher indo trabalhar não se liberta da sujeição ao marido, mas o homem, sem abandonar nenhuma das suas prerrogativas, beneficia de um rendimento aumentado. O trabalho das mulheres, na Itália, melhorou a situação dos homens.

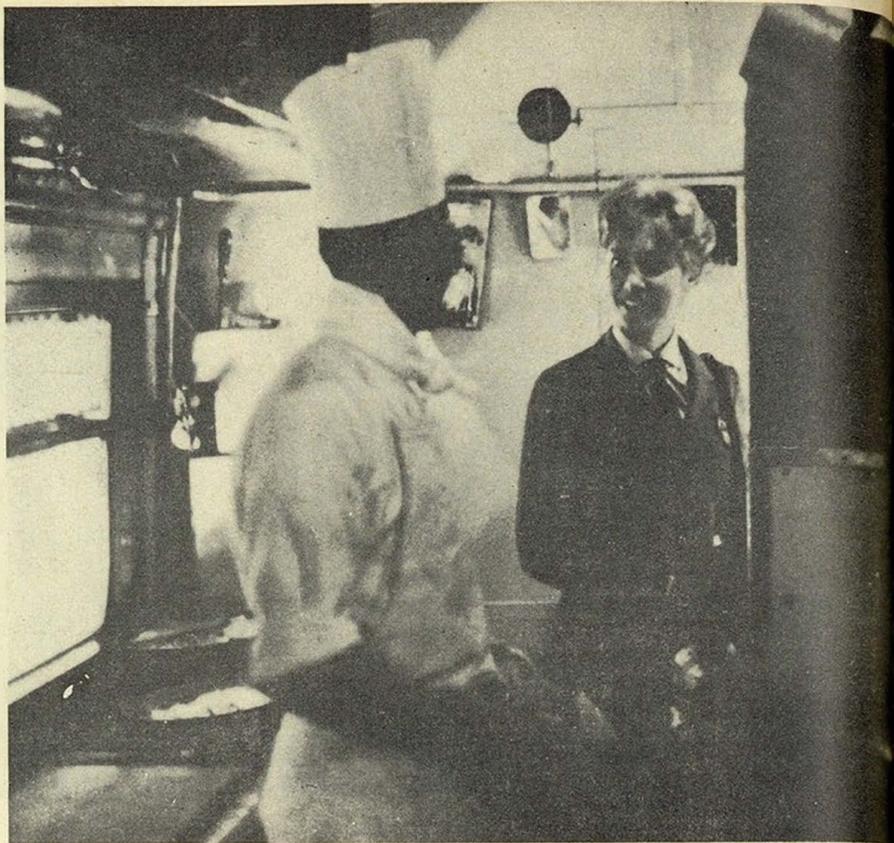
Porque se passam as coisas assim? Porque a mulher italiana não deseja, realmente trabalhar. Se é pobre, é apenas uma maneira de ganhar as sopas (e isto somente até casar). Se vive bem é um processo cansativo de comprar mais vestidos e conseguir uma certa independência em relação aos coronéis e sargentos militares.

Mas o seu verdadeiro objectivo final, a prova de que conseguiu ser alguma coisa, a meta da sua vida — é o casamento.

Donatella Rimoldi, de 17 anos de idade que vive em Parioli acabou o liceu e empregou-se como hospedeira numa companhia de caminhos de ferro com um ordenado de 80.000 liras: trabalha para comprar um carro. Gostaria de ser actriz e não de trabalhar. Mas preferia ser uma boa actriz ou fazer um bom casamento. «Um bom casamento, com certeza, e ter oito filhos»... Completamente diferente da ideia de emancipação da mulher inglesa ou sueca...

Olga Canini nasceu em Alessandria em 1935. Quando tinha seis anos o pai morreu na campanha da Rússia. E, quando tinha treze, a mãe morreu também. O tio Giovanni, seu tutor, internou-a num colégio de freiras. Saía só três horas ao domingo à tarde. Tinha 15 quando num salão de dança encontrou Piero Rossi, estudante de Medicina, filho de um rico lavrador de Quarguento. Apaixonou-se por ele. As suas relações duraram cerca de dois anos, altura em que as freiras a expulsaram do colégio. Alugou um quarto e viveu em grandes dificuldades com os poucos milhares de liras da

As hospedeiras de bordo dos Caminhos de Ferro trabalham na linha Roma-Veneza-Milão. «Porque é que este comboio sacode tanto?» — perguntam-lhe os passageiros. E elas têm que sorrir e pedir desculpa



sua pensão. Piero, o estudante, o filho dos ricos disse que não podia ajudá-la.

Olga adoeceu com tuberculose e recolheu a um hospital onde soube que estava grávida. Quando, feliz, o participou a Piero este pareceu aborrecido e tentou convencê-la a abortar.

Desesperada, sem um centavo, Olga foi ter com os pais de Piero, em Quarguento: receberam-na muito friamente e não conseguiu convencer esses sólidos, severos e ricos lavradores de Piemonte.

A 11 de Julho de 1956 nasceu em Brescia a pequena Grazia que morreu em Novembro de uma broncopneumonia. Olga escreveu longas cartas a Piero, mas o estudante nunca lhe respondeu. No caixão branco a mãe colocou uma fotografia do pai e acompanhou, sòzinha, a pequena Grazia ao cemitério.

Depois tomou o comboio e foi para Turim onde Piero frequentava a Universidade. Encontrou-o, implorou-lhe que não a deixasse. Mas o estudante fez o possível por a evitar. Na véspera de Natal Olga pediu-lhe de novo que a não deixasse só: mas ele foi-se em-

bora. Queria passar o Natal com a família em Quarguento. Voltou a 14 de Janeiro. Olga telefonou-lhe para o hospital e marcaram um encontro para o fim dessa tarde. Ela foi para a entrevista com um revólver. Piero como de costume estava apressado e impaciente. Por fim ela disse-lhe calmamente: «Se não te importas comigo, pensa ao menos na menina». Mas o estudante respondeu: «Eu nem sei se a menina...». Olga não o deixou acabar e descarregou o revólver sobre ele ferindo-o num pé e no pescoço.

Foi condenada a vinte seis meses de prisão. Saiu, o mês passado da cadeia de Perugia. Mas teve que ser internada num hospital: a prisão não é o local ideal para melhorar uma tuberculose. Fomos vê-la ao hospital. Não há uma flor no quarto. Aquilo que nos disse vem publicado à parte. Piero será um profissional distinto; tem diante de si uma brilhante carreira. Os pais em Quarguento sentem-se orgulhosos dele.

Esta história, sabêmo-lo, é triste. A conclusão não é risonha como a de Enzo e Vincenzina. Mas é reveladora de um sistema de

costumes, de uma sociedade de uma mentalidade. Numa sociedade que tolera factos como este, as raparigas podem ser, algumas vezes, muito felizes, mas nunca podem saber em que situação de desespero se poderão vir a encontrar um dia. Vicenzina, na prisão é feliz. Olga fora dela é mais infeliz que nunca. Está a morrer por amor e tem apenas vinte e cinco anos...

Felizes? Infelizes? Voltamos de novo ao princípio. Se em alguns países a mulher e o homem se encontram em pé de igualdade, em Itália tal situação não existe. As raparigas italianas não se podem sequer revoltar contra o regime em que vivem. É verdade que a liberdade não pode ser oferecida de repente. Exige uma preparação. Se as raparigas italianas recebessem, de repente, as chaves da sua casa, nada sucederia e isso é grave porque deveria suceder qualquer coisa. De que necessitarão elas para sentirem que fazem parte da vida, para saírem à noite, para obterem empregos que lhes garantam independência e consciência dos seus direitos?

Desejarão aprender a viver com o outro sexo em termos de igualdade, e de lealdade ou preferirão continuar como até aqui, pondo as suas esperanças num casamento futuro e hipotético? De ambos os modos podem ser felizes...

Os depoimentos seguintes talvez cheguem para que se faça uma ideia das raparigas italianas, das suas aspirações e dos seus desejos.

MITZI RONCETTI

— Estudante de pintura em Brera. 20 anos de idade.

— Frequento o 3.º ano da Academia de Brera. Em Setembro exporei os meus quadros pela primeira vez. Tenho uma ambição: Pintar.

— Dou lições de cerâmica na Escola Leonardo da Vinci. Trabalho 8 horas por semana e ganho 30.000 liras por mês, que gasto na aquisição de telas e de tintas...

— Todos me dão um conselho: que não assine as minhas telas com o meu nome verdadeiro. É que ninguém compra quadros de mulheres...

— Não tenho fantasias. Gostaria de ter um MG velho, e um dia, um marido bom e inteligente. Na minha terra ter um marido

é útil. Se um dia descobrisse que ele me era infiel, abandonava-o.

— Não gosto do sul da Itália, mas também não gosto da Noruega...

— Tenho ideias modernas. Julgo que devia haver divórcio em Itália.

ANA MARIA GUARNIERI

— Declamadora — 24 anos.

— Só não vivo como sinto que devia viver porque me lembro de minha mãe e minha irmã.

— A minha ambição é ser feliz.

OLGA CANINI

— 25 anos de idade.

Errei e paguei o meu erro. Ele, ao contrário, errou e nada lhe aconteceu...

Se minha filha estivesse viva, lutaria pela vida mas assim... Por quem hei-de lutar?

— Fui feliz durante dois anos. Era uma criança.

— Os juizes e os jornalistas compreenderam-me. Chegaram a dizer que eu era uma heroína.

Só quero uma coisa: ser como toda a gente. Nunca mais quero o meu nome nos jornais.

— Recebi embrulhos com vestidos mas não é de vestidos que necessito, é de auxílio e de protecção.

— Ponham o retrato dele no jornal. Só queria saber onde ele está e o que faz.

— Disseram-me que trabalha no campo, em Quargueto. Será possível que, depois de tantos anos de estudo, tenha chegado a isso?

— Nunca me escreveu. Não é generoso mas é bom rapaz.

— Se ele voltasse e quisesse casar consigo?

— Não me faça chorar... É claro que casava. Não me faça chorar.

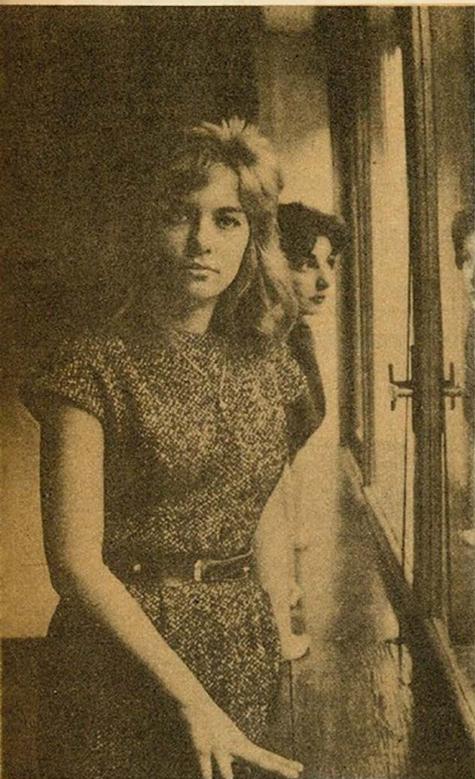
OLGHINA DI ROBILANT

— Contabilista. Desempregada. 24 anos.

— Em Itália ter um título não auxilia quem necessita de trabalhar...

— Todos pensam que trabalhamos por desporto...

— Um colega meu um dia disse-me que me não preocupasse porque os meus amigos ricos certamente estariam à porta do teatro esperando por mim com os seus automóveis



Simonetta Rimoldi, filha de Adriano Rimoldi, tem dezanove anos; é funcionária dos Caminhos de Ferro e ganha 80.000 liras por mês

Donatella, de dezassete anos, irmã de Simonetta gostaria de ser atriz, e, ter mais tarde, oito filhos. Por enquanto trabalha nos Caminhos de Ferro

de luxo e, no entanto, visto-me mal e, por vezes, ando com fome...

— Em Londres ou Paris ser-me-ia mais fácil viver mas teria menos amigos. Em Roma, apesar da hipocrisia, basta um gelado ou um copo de vinho para que tudo melhore de aparência...

— Dos 16 aos 20 anos tentei viver em Portugal sem fazer nada. Andava a cavalo e interessava-me por touradas mas não aguentei. Não me senti capaz de viver como um parasita... O meu pai vive lá mas eu não podia mais.

A minha ambição é ser feliz. Tenho um título mas não tenho culpa disso.

RETRATO DA RAPARIGA ITALIANA

Pesa cerca de sessenta quilos. É mulher por volta dos 13 anos, embora muitos sustentem que nunca o chegue a ser nem física nem mentalmente. Casa com 24 anos (quando casa). Nascem anualmente em Itália 26.000 crianças ilegítimas.

Por cada italiana que defende o divórcio, existem 2,5 que a ele se opõem.

38% das italianas do Norte pensam que as mulheres não devem usar calças. 62% das mulheres do Sul pensam da mesma forma

mas, na Sicília, apenas 42% das mulheres manifestaram a mesma opinião...

A mulher italiana, entre um automóvel e um casaco de peles do mesmo preço, opta pelo primeiro. Gosta de ler as vidas de pessoas como Soraya...

Passatempos favoritos: Rádio, conversar, passear. Querem ter três filhos.

Actores preferidos: Gregory Peck e Gary Cooper.

86% das italianas não praticam nem praticaram alguma vez desporto.

61% confessaram que não tem qualquer interesse.

1.300.000 italianas são viúvas, 500.000 vivem separadas dos maridos e 2.000.000 são solteiras...

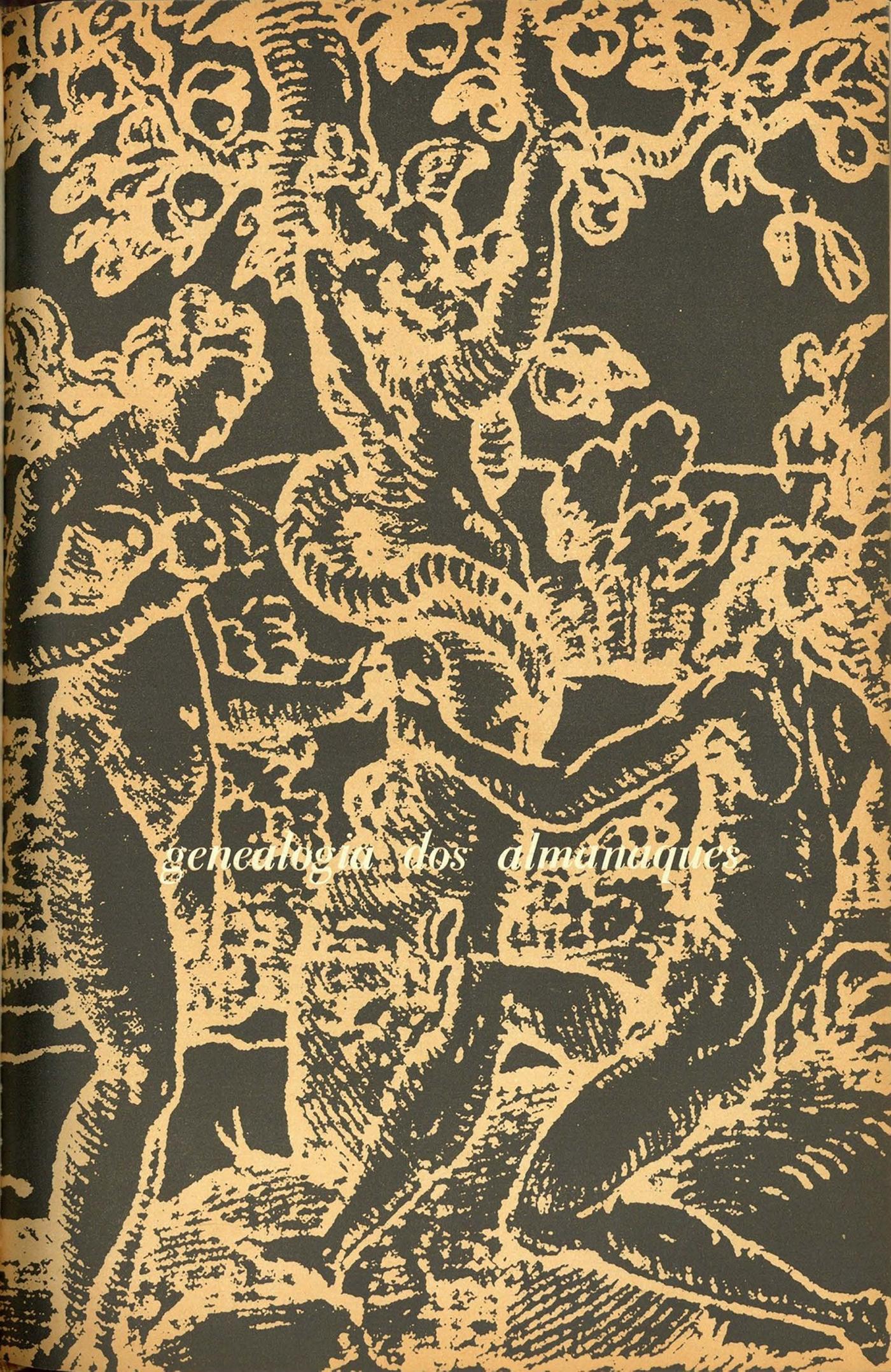
Em 1956, 19% das italianas consultadas disseram que «eram muito felizes».

O art.º 37.º do Estatuto italiano declara que os direitos e os salários das mulheres que trabalham são iguais, mas:

Na lavoura e na indústria os salários das mulheres são inferiores ao dos homens respectivamente de 30% e 10%.

Existem, em Itália, 380 advogadas e 1.132 mulheres com carta de condução.

São felizes? Não são felizes? O leitor que julgue por si.



genealogia dos almaniques

DECERTO não parecerá deslocado ou impróprio falar, dizer, em «Almanaque», alguma coisa acerca de... almanaques: da sua origem, história e evolução.

Começaremos por anotar a derivação da palavra. Querem uns que venha do grego «Almenachiton» e outros do árabe «Almana». Mas, em qualquer dos casos, o étimo significa «cálculo».

Com efeito os primeiros almanaques eram fundamentalmente tabelas astronómicas que davam o fruto do estudo e saber desse tempo acerca do Sol, da Lua, das estrelas, dos signos do Zodíaco, prognósticos do tempo ou da temperatura, etc.

Os primeiros almanaques (como tal os vemos ou podemos considerar) eram... de pedra, pois consistiam em inscrições, nas fachadas dos templos, indicando as principais festas litúrgicas e as preces adequadas a cada uma delas.

Foram estes os mais remotos antepassados do «Almanaque».

O Egipto dos Faraós já tinha almanaques, como os tinha a China dos Mings. Qualquer deles resumia-se a uma simples colecção de conselhos astronómicos: uma espécie de calendário.

O mais antigo «Almanaque» de que temos notícia deve ter mais de 3.000 anos, pois foi encontrado junto de uma múmia egípcia. Escrito em papiro, evidentemente, com os nomes dos dias a letra vermelha e diversos sinais, que eram prognósticos do tempo.

Encontra-se agora no Museu Britânico, em Londres.

Durante a Idade-Média o «Almanaque» (manuscrito, é claro) era de duas espécies: o das catedrais e o dos particulares (raros): grandes senhoras feudais ou burgueses ricos.

A função do «Almanaque» era, por então, meramente *calendarial* — se me é permitida a expressão — dado que o princípio do ano não era estável ou não estava claramente fixado: tanto podia ser a 25 de Dezembro (Natal) como a 1 de Janeiro (Dia da Circuncisão de Cristo).

Carlos Magno determinara que o ano começasse em Março, mas esta determinação nunca foi estritamente cumprida, pois (nos «Almanaques» das catedrais, por exemplo) o começo do ano era fixado em Janeiro, pois os signos do Zodíaco, segundo o estudo da ciência do tempo, «dão a marcha do Sol, elevando-se, com ele, de Janeiro a Junho e descendo de Julho a Dezembro».

Crê-se que o primeiro «Almanaque» impresso conhecido seria o de Jorge de Pambach, impresso em Viena de Áustria no remoto ano de 1456.

Mas logo em 1476 apareceria o calendário-almanaque de Juan de Montereio, edição da casa Pictor, Loslein & Ratdol — o primeiro que se publicou com título, sumário, local e data da impressão, etc.

Os primeiros almanaques impressos eram ilustrados com uma gravura simbólica do sucesso ou figura mais importante do ano anterior e abriam com o retrato do rei, obra, sempre, dos melhores gravadores do tempo.

Rabelais apresentou, em 1535, um «Almanaque» «calculado sobre o meridiano da nobre cidade de Lyon».

O célebre «Almanaque dos Pobres» fornecia todos os anos, desde o início do séc. XV, ensinamentos agrícolas, de higiene e... de moral. Este «Almanaque» imprimiu-se até meados do séc. XVII.

No séc. XVIII o «Almanaque» foi verdadeiramente popularizado, adoptando nomes tão variados como bizarros: «Almanaque das Musas», «O Amigo das Formosas», «O Divertimento das *Coquettes*», «O Passatempo das Mulheres Formosas», «O Pequeno Almanaque dos grandes homens» (1788), de Rivarol e Chapenitz, «Almanaque dos Jogos de Engenho» (1762), de Chevrier, etc.

Foi ainda durante o séc. XVIII que o «Almanaque» começou a ser utilizado para efeitos de propaganda política, aparecendo então vários: o «Almanaque das Pessoas Honradas», o «Almanach du Bonhomme Richard», o «Almanach des Sans-Cullotes», o

«Almanach du Pére Gerard», o «Almanaque de Collot d'Herbois», o «Almanaque de Sylvain Marechal», o «Almanach de l'Abbé Mulet», etc. — todos de propaganda e inspirados pela Convenção francesa.

Um dos mais afamados (e duradoiros) almanaques deve ser o «Almanaque de Gotha», que se publica desde 1763, editado em francês e alemão e primitivamente com o título de «Calendário da Corte».

Entre nós alguns almanaques marcaram posição destacada ou historicamente notável. Destes apontarei tão somente três, os três mais notáveis de que tenho conhecimento: «A Folhinha da Terceira para o ano de 1832», o «Almanaque de Camões» (1880) e o «Almanaque Encyclopedico», sonho-realidade de Eça de Queiroz.

«A Folhinha da Terceira» é uma publicação hoje raríssima, editada na ilha Terceira, durante a ocupação liberal, por Simão José da Luz Soriano. A colaboração histórica era de José António Guerreiro (um dos membros da Regência) e a geográfica de Bernardo de Sá Nogueira. Consta de 143 páginas e uma de index, impressa em corpo 6.

Diz-se que foi por este almanaque que a rainha D. Maria II pessoalmente ensinou a ler os seus filhos. Afirmou-o o próprio Sá da Bandeira, observando com prazer esta prova de atenção ou reconhecimento da rainha por quem tanto tinha trabalhado e tanto se sacrificara para lhe conquistar e dar o trono.

Já agora, visto o seu valor e raridade, sempre darei um apontado do seu conteúdo: depois do **calendário** segue-se a parte histórica, que consta dos seguintes artigos. Do reino de Portugal e seus domínios; Estado da Nobreza; Estado do Clero; Estado do Povo; Causas do prodigioso engrandecimento da realeza; Decadência do estado da Nobreza; Decadência do estado do Clero; Decadência do estado do Povo; Leis e Diplomas fundamentais da monarquia portuguesa; Tratamento dos reis de Portugal; Títulos do filho primogenito d'el-rei de Portugal; Catálogo dos reis de Portugal.

A parte geográfica consta dos seguintes artigos: **Noticia geográfica portuguesa**; Arquipélago dos Açores; Arquipélago da Madeira; Arquipélago de Cabo Verde; Bissau e Cacheu; Costa da Mina; Arquipélago da Guiné; Costa de Loango; Angola e Benguela; Governo de Moçambique; Estado da Índia; Costa da China; Timor e Solor. Seguem-se ainda estes artigos: Épocas mais notáveis do regime constitucional em Portugal desde 1826; Extracto dos principais actos da regência de Portugal e Algarves, instalada na ilha Terceira em nome de S. M. a Sr.^a D. Maria II; Vitórias principais das tropas constitucionais sobre os rebeldes até 1829; Campanha dos Açores.

No ano anterior (1831) havia sido já publicada «A Folhinha da Terceira», de que se fizeram duas edições, mas esta não tem o merecimento nem a raridade daquela.

O «Almanaque de Camões» foi posto à venda no dia 3 de Junho de 1880. Era colaborado por Pinheiro Chagas, Gervásio Lobato e António Feliciano de Castilho. Publicou-se apenas nesse ano, comemorativo do centenário de Camões, só a ele se referindo. E ...custava 200 réis!

Para fecharmos esta tripla referência duas palavras acerca do «Almanaque Encyclopédico», que Eça de Queiroz organizou e apresentou em 1896 e para o qual escreveu uma **Introdução** (a abrir o I volume) que seria depois arquivada em «Notas Contemporâneas». Lá encontrará essa maravilha de graça, que não destoa das melhores páginas do Mestre, quem quiser saber algo mais ou mais fundamentado acerca de «Almanaques».

Nos séculos XIX e XX o «Almanaque» proliferou e criou raízes. Serão centenas (se não milhares) os almanaques publicados nestes dois últimos séculos, até entre nós, desde os popularíssimos «Seringador» e «Borda d'Água» até a esse magnífico «Almanaque Bertrand», verdadeira enciclopédia que foi a última obra do operoso e ilustre homem de letras o general Fernandes Costa.

BRANDÃO DE MELLO



O corpo feminino tem mudado pouco. Nos Estados Unidos, por exemplo, a medida das ancas das mulheres é, hoje, exactamente igual às da Vénus de Milo.

À vista, porém, o corpo feminino varia de feitio e de dimensões todos os anos. Se umas vezes dá realce às ancas, outras vezes esconde-as completamente...

De entrada poderia pensar-se que o fenómeno indicado não tem razão de ser e que a moda obedece à fantasia dos desenhadores e dos grandes costureiros, muito embora se saiba desde há muito que a moda é dirigida por interesses económicos definidos a que as grandes revistas femininas nunca fazem referência...

É claro que, de quando em quando, surge alguém que revela o jogo e todos ficamos a saber que o aumento ou a diminuição do comprimento das saias não foi determinado apenas por critérios estéticos...

ancas uma importância maior ou menor consoante a época é de prosperidade ou de crise? Claro: Não afirmamos peremptoriamente que isto seja verdade. É perfeitamente possível que se trate de uma conclusão errada a que se chegou apressadamente, mas revela que, se adoptarmos um ponto de vista diferente do habitual ao observarmos qualquer realidade, podemos chegar a conclusões surpreendentes...

Nos últimos 90 anos, por exemplo, a moda feminina, no que diz respeito ao volume das ancas variou consideravelmente.

Em 1879, ao que parece, surgiu pela primeira vez um tipo de espartilho que deu origem às «cinturas de vespa» das nossas bisavós e as ancas, conseqüentemente, atingiram o ponto máximo da sua glória...

Esse ano coincidiu com o início de uma época de prosperidade e, até, com o início da expansão americana.

Os Espartilhos e a Bolsa

Para além dos interesses directos e concretizáveis, porém, a moda está relacionada com outros factores?

É evidente que «a maneira de vestir» é determinada pela maneira de viver dos povos e que uma mulher que envergasse uma saia com 2 metros de roda não caberia num «Volkswagen» nem se poderia sentar num banco de bar... A própria nivelção das classes sociais obriga a moda a adoptar padrões que apenas variem nos detalhes, visto que seria impossível no nosso tempo, a existência de «maneiras de vestir» radicalmente diferentes para as diversas classes...

Os próprios detalhes, porém, variam de ano para ano e é possível que estejam relacionados com factores psicológicos e económicos ainda não determinados.

Tomemos um caso concreto; as ancas e o maior ou menor relevo que a moda lhes atribui.

Que diriam os leitores, por exemplo, se soubessem que a moda feminina atribui às

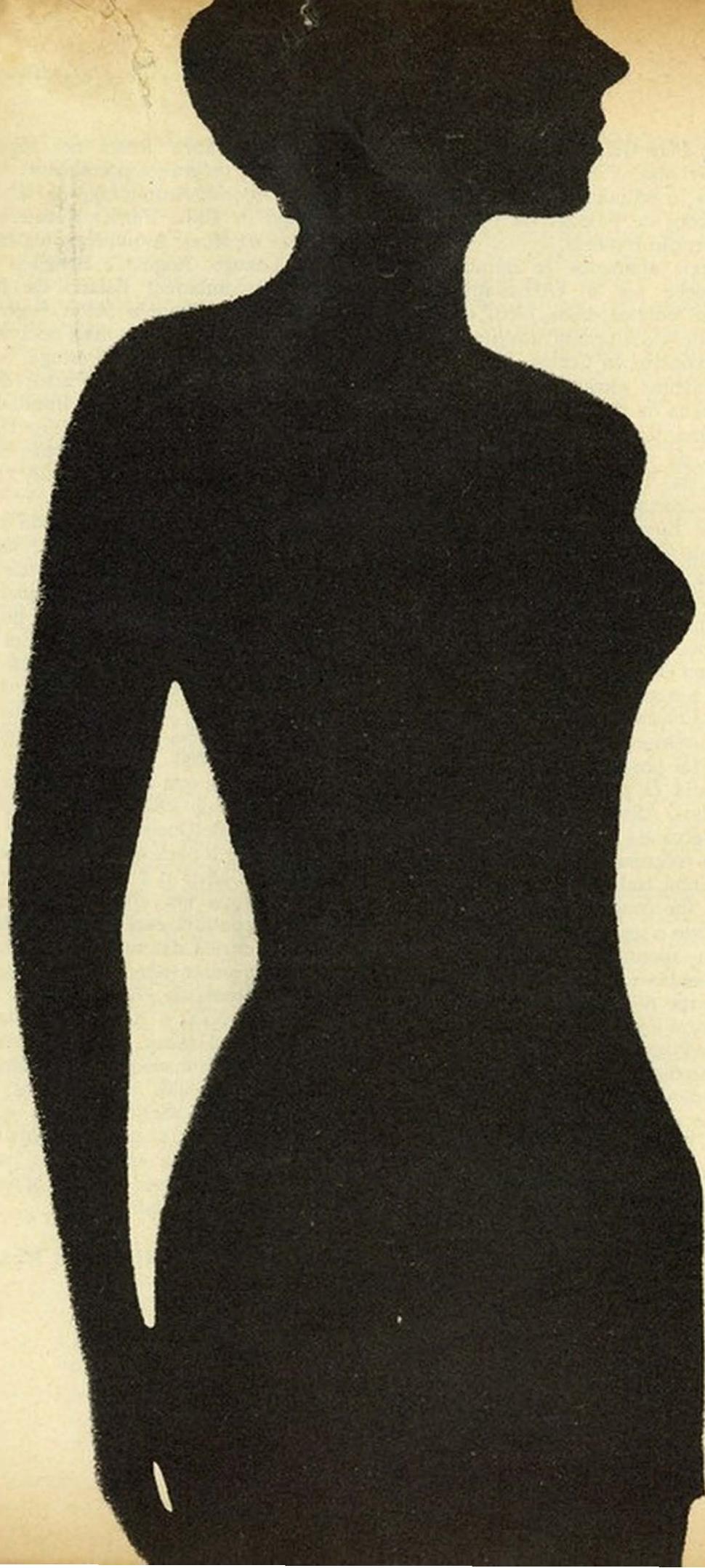
Até 1907 a moda manteve-se mas, nesse caso, surgiu um novo tipo de espartilho que deu ao corpo feminino uma forma tubular que se manteve até 1914.

Já notaram, caras leitoras, que foi nesse mesmo ano e meses após a nova moda, que começou a primeira grande crise americana e que a Wall Street se começou a tornar famosa no mundo?

Em 1914, nos Estados Unidos teve início uma nova época de prosperidade devido à guerra que começara na Europa. Note-se que, precisamente por a Europa estar em guerra, o comando da moda passara temporariamente para a América, enriquecida pelos contratos do material de guerra provenientes da Europa.

Por volta de 1920 surgiu uma moda nova e desapareceram as ancas... Poucos anos depois estourou a grande crise...

Logo após a guerra o mundo entrou numa época de reconstrução e de prosperidade.



época essa que foi precedida num campo da moda, pelo reaparecimento das ancas!

Até 1958 as circunstâncias económicas — e a moda — mantiveram-se mas, nesse ano, surgiu a recessão americana e os seus efeitos fizeram-se sentir em todo o mundo. No campo da moda surgiu o célebre «saco» e, com ele, o desaparecimento das ancas.

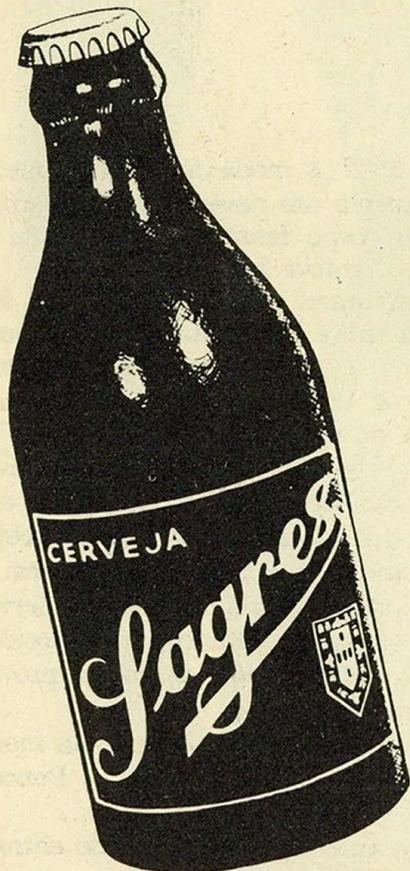
Foi à Itália que coube a honra de restituir às ancas o seu devido prestígio e a moda italiana voltou a alegrar os homens porque, diga-se de passagem, os homens não gostam da «mulher tubular»... Os psicólogos afirmam que os factos apontados não constituem uma coincidência: quando o homem tem a sensação de que tudo corre bem, atribui uma

importância maior à mulher e ao corpo feminino. Quando pelo contrário, a vida corre mal, o homem abstem-se...

Segundo afirmam os estudiosos as ancas femininas simbolizam para o homem fertilidade e este símbolo explica o fenómeno apontado.

É que segundo os psicólogos, as ancas femininas estão intimamente ligadas à ideia que o homem tem da mulher.

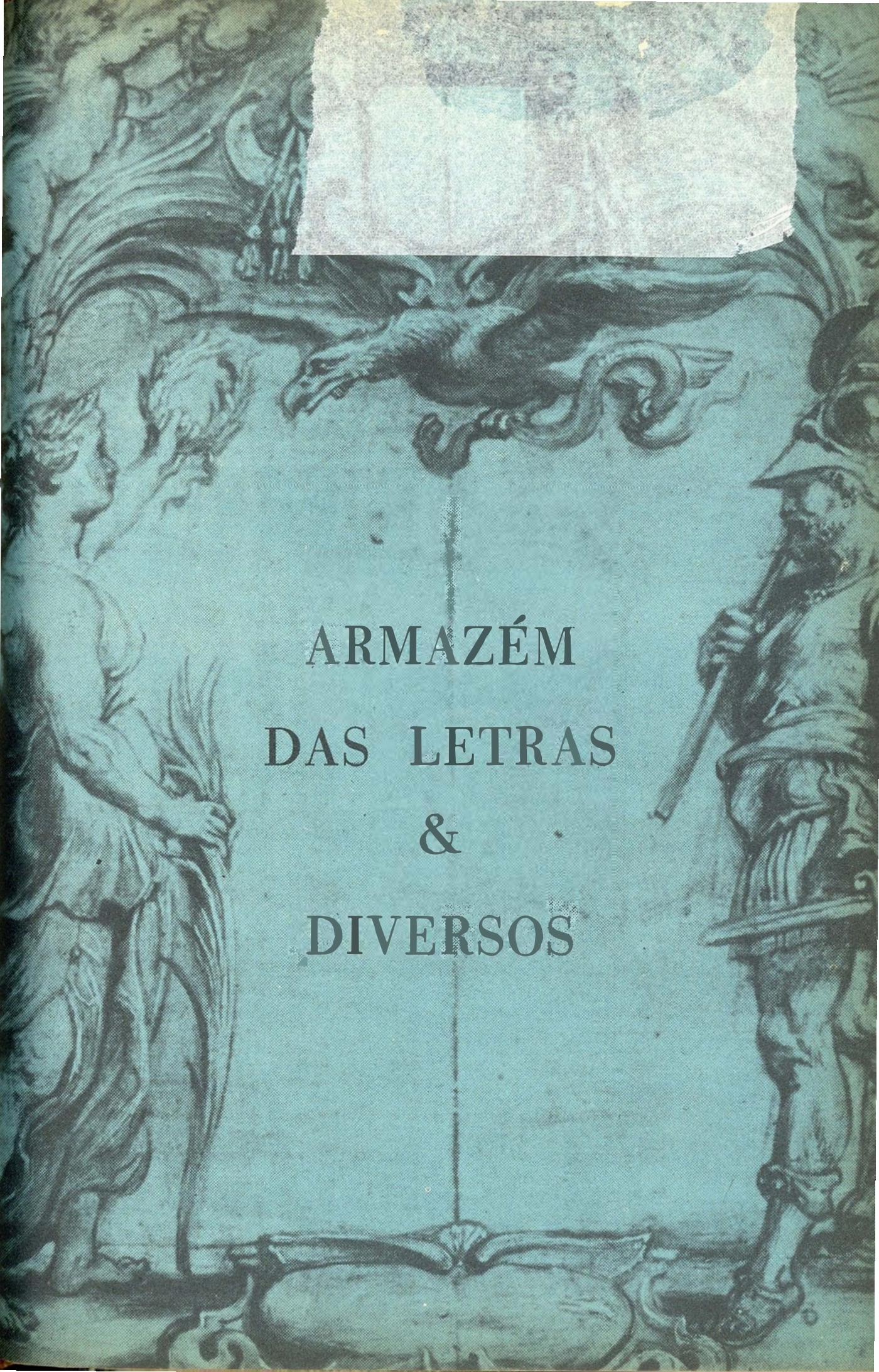
Será isto verdade? Teria o leitor, alguma vez, pensado neste assunto? Não o sabemos nem pretendemos saber. Pretendemos apenas que o leitor tome consciência da infinidade de assuntos que surgem com aspectos inteiramente novos desde que os repensemos.



BEBA CERVEJA

Sagres

SOCIEDADE CENTRAL DE CERVEJAS



ARMAZÉM
DAS LETRAS
&
DIVERSOS

o livro do mês

F. Rodriguez

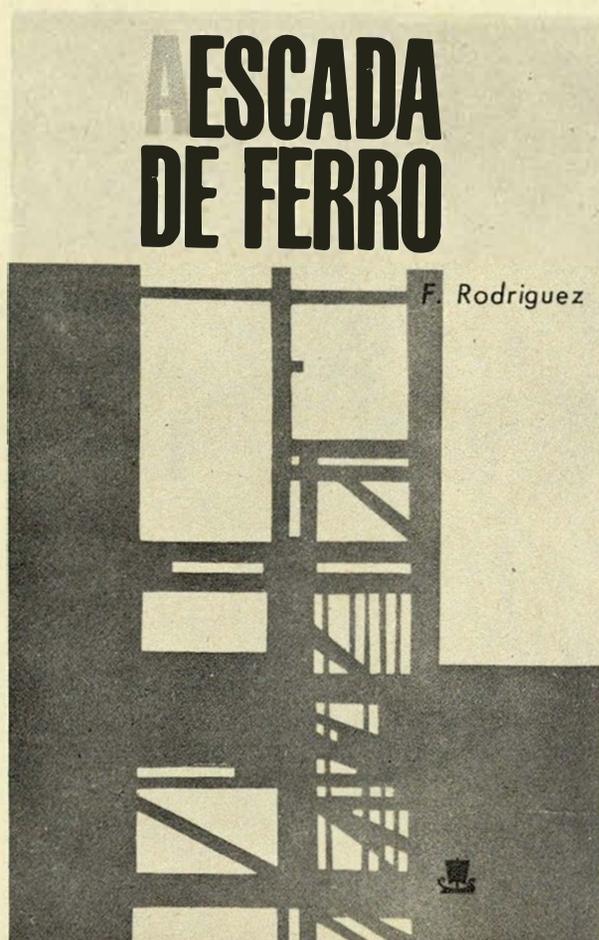
A ESCADA DE FERRO

Condenado à morte, acusado de espionagem contra a Alemanha, F. E. Rodriguez pensava: «A natureza humana tem as suas leis: estou vivo e parece que estou empenhado nisso. Ignoro o que o futuro me reserva, mas se eu tivesse uma probabilidade, por mínima que fosse?

Sòzinho, enfraquecido, escarnecido, ignorando tudo — acontecimentos, companheiros, família — agarro-me hoje, ao verbo **Aguentar**».

Fora da sua cela Rodriguez ouvia os passos decididos que ressoavam na escada de ferro da prisão. Que passos eram esses? O último passeio, o último quarto de hora de muitos homens que iam ser fuzilados. Mas esses homens eram iguais àqueles que os fuzilavam: tinham como eles pernas e braços, cabeça e tronco. Como era possível? Uma única resposta explicava tudo: estava-se em guerra.

O livro de F. Rodriguez é o relato extremamente dramático e angustiado dum homem para o qual o futuro deixou de existir. É a história terrível do que foi a vida de tantos milhares de homens durante a última guerra. É, nesse sentido, um terrível libelo contra a estupidez que divide homens estruturalmente irmãos uns dos outros.



A Noiva
inconsolável





conto por Maria Judith de Carvalho

Ambas a tinham beijado, abraçado, lamentado sinceramente, com palavras trémulas e lacrimejantes, muito sentidas: «Coitada, mas que pouca sorte a tua!» — «Oh filha, eu, quando soube, fiquei varada, nem queria acreditar...» — «Mas como é possível, como é possível?». Queriam saber pormenores. Como fora, afinal de contas? O que acontecera? O jornal explicava tão mal, a notícia era tão pouco clara... E Joana ia-lhes repetindo, incessantemente, no mesmo metal de voz insignificativo e cansado. Ele telefonara-lhe na antevéspera, dissera-lhe que no dia seguinte — ontem — tencionava ir com uns amigos à praia, ao fim da tarde, quando saísse do escritório. «Vamos num pulo a Carcavelos dar um mergulho». Ela parece que adivinhava, um pressentimento, não é? tinha feito tudo para o dissuadir. Mas ele teimara: que estava combinado, e isto e aquilo. Tinha ido. Não sabia mais nada. Ninguém sabia mais nada.

«Era a morte a chamá-lo».

«Era...».

«O nosso destino está marcado, filha. Digam o que disserem. Se ele não tivesse ido nadar para Carcavelos, acontecia-lhe qualquer outra coisa. Ficava atropelado, por exemplo. O dia dele era ontem.»

«O dia dele era ontem. O nosso quando será?».

Houve um breve silêncio cheio de perguntas. A Inês, uma morena muito pintada, disse, levantando-se, com um suspiro:

«Tenho que ir indo. Não quis deixar de te dar um abraço, mas agora tenho que ir indo. O dentista marcou-me hora às cinco e meia. Já não tenho muito tempo.»

A outra, que estava sentada perto da janela, perguntou se o dentista ficava na Baixa. Então ia com ela. Aproveitava a companhia. Precisava de ir comprar botões. «Tu desculpas, sim? Mas é que me fazem tanta falta!».

Houve novamente beijos muito estalados e pedidos, melhor, exortações à resignação. Agora já não havia nada a fazer. Era preciso ter coragem, encarar as coisas de frente. A Inês ia ainda dizer que as lágrimas não serviam de nada, mas deteve-se a tempo quando verificou que Joana não chorava, olhava-as de frente com o rosto seco e a expressão de todos os dias. De todos os dias? Bem, talvez não fosse exactamente assim. A expressão dela não era a de todos os dias, era mesmo uma expressão nova, diferente de todas as suas expressões. A Guida, porém, e a Inês não compreenderam o seu significado. Eram raparigas simples, que não viam muito para além das coisas.

A porta fechou-se e as duas começaram a descer a escada de caracol, íngreme e estreita, com degraus podres, roídos pelo tempo,

Maria Judith de Carvalho nasceu em Lisboa em 1921 e passou a sua infância primeiro na Bélgica, depois novamente em Lisboa.

Uma atmosfera citadina, entre angustiosa e opaca, encerra o mundo burguês, por vezes atrofiado e sonhador, das suas novelas tão humanas, irònicamente situadas entre o desespero e a ternura.

Cursou Filologia Germânica na Faculdade de Letras de Lisboa e mais tarde viajou por Espanha e França, tendo residido três anos na Provença e outros três anos em Paris. É actualmente redactora da revista «Eva».

Publicou em 1959 o seu primeiro livro de novelas — «Tanta gente, Mariana», que constituiu um invulgar e simultâneo êxito de crítica e de venda, tendo entrado, poucos meses após a sua saída, em segunda edição.

e que aqui e além gemiam de dor sob o peso das pessoas. Um sol de fim de tarde, amarelado e sujo, atravessava com dificuldade a clarabóia.

«Coitada, disse Guida abrindo a mala para se ver ao espelho, não se pode dizer que tenha tido muita sorte. Tanto se ralou para arranjar um homem e ele morre-lhe assim do pé para a mão. E logo afogado, que horror!».

«Sempre tive um medo horrível de morrer afogada, declarou Inês. Bem, eu sei nadar... mas a verdade é que ele também sabia. Não sei porquê, mas o fundo do mar... Aqueles bichos horríveis, moreias, não é? que parecem cobras. No aquário de Algés havia duas moreias pretas, de olhos muito vivos, a olharem fixos para mim. Tinha pesadelos sempre que lá ia. Quando era miúda, claro. Depois nunca mais lá voltei. Já devem ter morrido. Quanto tempo durará uma moreia?».

A outra riu.

«Sei lá! Em todo o caso, no mar de Cavaleiros não deve haver moreias. Que... bem, tens razão... A gente não sabe onde ele está, por onde anda. Não apareceu... Ainda não deu à costa. Quando isso acontecer, deve estar... Meu Deus, não vou comer peixe durante muito tempo.»

Teve um arrepio. «Coitada da Joana, nunca mais arranja outro. Com uma cara

daquelas... Ouve cá, tu achas que ele casava mesmo?».

«Levava-lhe jeito. Até tinham comprado uma mobília de quarto... Já vês...».

«Sim, claro, mas é esquisito, não achas?».

«É. Há muita coisa esquisita por esse mundo. Olha, eu, por exemplo, não tenho hora marcada no dentista. O Zé deve estar à minha espera na paragem do autocarro».

A outra foi atacada de riso.

«Eu também não vou à Baixa comprar botões. Vou à segunda matinée do Tivoli. E tenho que me meter num táxi, senão chego tarde.»

Separaram-se alegremente. No fundo, eram excelentes raparigas. Não tinham querido falar em namoros e cinemas, porque tinham o sentido do a-propósito.

Joana estava só. As amigas acabavam de sair e os pais e o irmão ainda não tinham chegado a casa. A mãe não se demorava com certeza, fora comprar-lhe uma blusa e meias pretas. Nem um beijo lhe dera nesse dia, nem uma palavra de ternura. Não agredia, isso não, sempre era uma vantagem que tinha sobre os outros. Ficava-se hirta e quieta, como que fechada por dentro no seu restrito mundo hermético. Era uma boa esposa,

uma boa mãe. As noites que tinha perdido, as noites que continuava a perder sempre que alguém estava doente! não lhe podiam pedir mais. O irmão, esse entrava e saía, nunca parava em casa. Rapazes, não é verdade? Agora é que era aproveitar... Quanto ao pai, chamava a todas as coisas que não fossem inteiramente transparentes, àquelas que lhe parecessem ligeiramente turvas, complicações de gente histérica. E falava sempre com o ar definitivo de quem tudo pode julgar porque tudo sabe.

Filha deles? Irmã do irmão? Quando pensava nisso parecia-lhe ter nascido de si própria, sem laços que a unissem a ninguém. E, no entanto, como esses laços lhe faziam falta! Uma semente vinda sabe-se lá donde e que o vento por acaso ali tivesse largado. Sentia-se longe da família, das suas pequenas ambições, das suas invejas mesquinhas. «Sou o homem de confiança do Rebelo, dizia o irmão. Vou fazer uma limpeza. O Rebelo, coitado, que é bom homem mas não deve nada à inteligência, tem sido ignòbilmente enganado por aquela corja. Agora vai entrar tudo nos eixos, olá se vai. Eles conhecem-me, sabem que corto a direito». O pai falava no cargo de subchefe que fora dado ao Silva, um incapaz, um analfabeto. «Era um lugar para mim, todos dizem que era um lugar para mim». O irmão tinha um sorriso superior, que a mãe aplaudia em silêncio: «O pai é um ingénuo. Teve tudo na mão mas não soube aproveitar a oportunidade. Lembra-se daquela tarde em que descobriu que o Felismino ia à caixa? Não soube aproveitar... Agora é tarde, claro. Por isso eu...».

No seu foro íntimo, Joana tratava-os pelos nomes próprios, respondia-lhes com o seu silêncio, com o livro que lia durante as refeições para não ser obrigada a ouvi-los, para se recusar a ouvi-los. Não os detestava, nem isso, simplesmente eles não a interessavam. Sentia-se longe, sòzinha no mundo, sòzinha em parte nenhuma. Era tudo.

E'a e o seu pequeno rosto ingrato, de coelho, os seus óculos espessos, de muitas dioptrias, a silhueta pesada e sem graça. Outras tantas grades a isolarem-na do mundo exterior, a taparem a entrada a quem viesse. Mas ninguém vinha. E ela tão só, coitada. Via-se ao espelho, estudava o novo penteado à Farah Diba, experimentava um creme de que se diziam maravilhas no último número

da «Elle». Mas a carinha de coelho era mais forte do que tudo. Estava sempre em primeiro plano.

Depois ele um dia aparecera. Bonito rapaz, simpático em todo o caso. Nunca se lhe pusera o problema de saber se o amava verdadeiramente. Mas o que seria amar verdadeiramente senão aquele precisar dos olhos dele a olharem-na, de algumas palavras que nunca ouvira antes e ele lhe dizia, da promessa das suas mãos?

A mãe, quando soubera do namoro, sentira-se preocupada. Dir-se-ia que procurava em volta, sem a achar, a razão — porque alguma devia existir — para aquele homem, o primeiro, se interessar por Joana. O pai limitara-se a dizer, sem levantar os olhos do jornal, que já não era sem tempo, e tinha perguntado logo a seguir, na mesma emissão de voz, se sabia quanto ele ganhava. Quanto ao irmão, olhara-a com um espanto quase insultuoso e dera-lhe de conselho que o agarresse bem e fizesse por casar depressa.

De princípio ele queria casar já e tinham mesmo comprado aquela mobília com as economias de ambos. Depois começara a falar numa situação muito vantajosa que lhe tinham oferecido em Luanda. Por fim deixara de se referir a ambas as coisas. Era raro aparecer e telefonava-lhe mais à pressa, tinha sempre um trabalho muito urgente a fazer, «tu desculpas-me, sim? Amanhã te explico». Não explicava, porque nunca aparecia amanhã, só dias depois e então tinha-se esquecido, era natural, com tanto em que pensar. E até parecia esquisito ela ir falar-lhe de coisas já tão passadas.

Mas, a pouco e pouco, as grades que havia meses tinham caído apareciam de novo à sua volta. Via outra vez coisas perdidas e reencontradas. A sua carinha de coelho, por exemplo, já com trinta anos, o seu corpo desengraçado, ouvia a sua voz fazer a si próprias perguntas a que se recusava a dar resposta. Tinha uma grande vontade de chorar e todas as manhãs pensava, aterrorizada, se seria nesse dia.

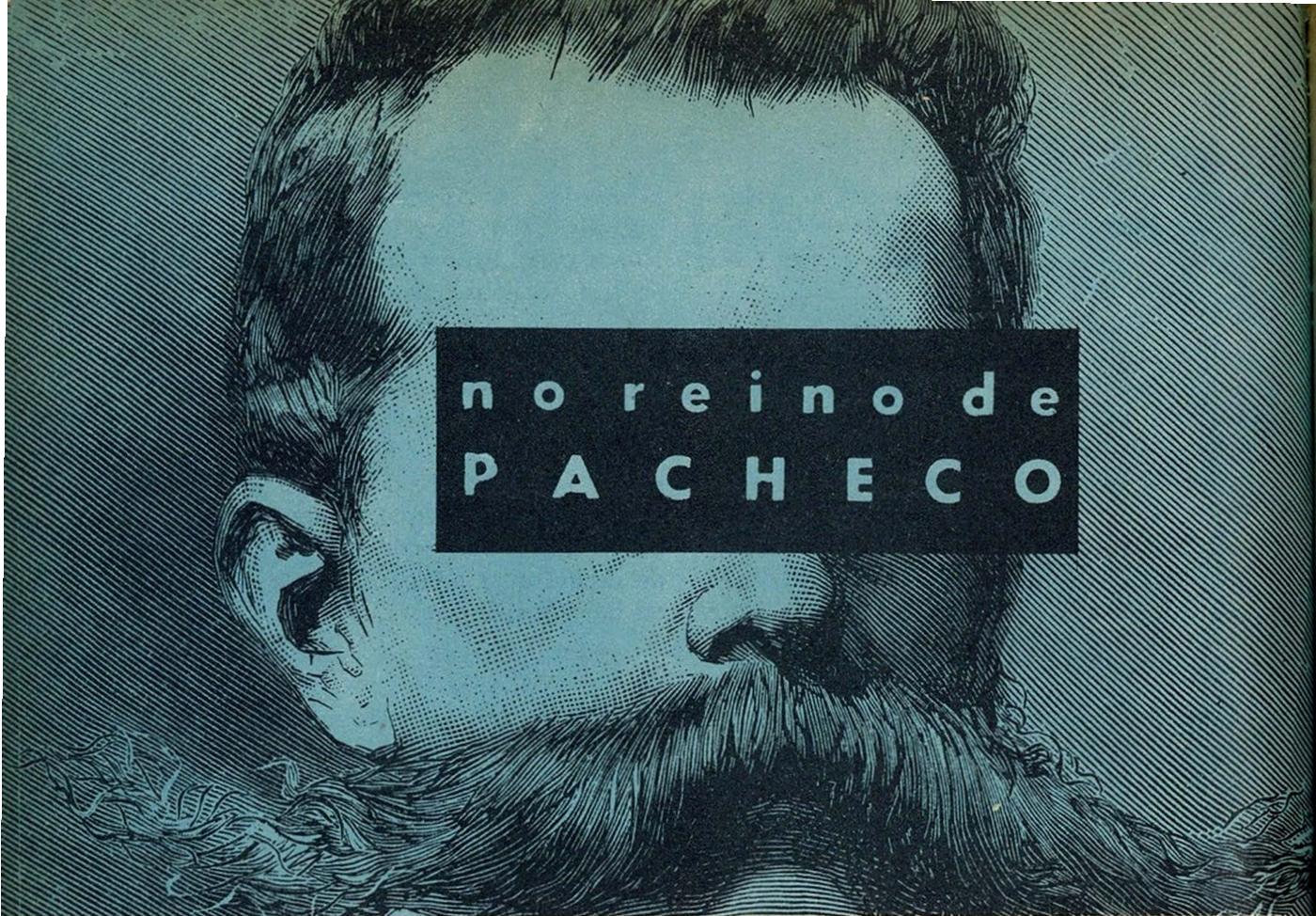
Na ante-véspera ele telefonara-lhe a dizer aquilo. Joana pedira-lhe que não fosse. Porque não a vinha ver? Tinham tanto em que falar! Havia já quase uma semana que não aparecia. «Uma semana? Pode lá ser! Estás a brincar...». Não estava. Uma se-

mana. «Meu Deus, como o tempo passa!» — exclamara ele com convicção —. Meu Deus, como o tempo é longo, pensava ela. Como o tempo custa a passar!

Depois, nessa manhã, lera a notícia no jornal. Vinha o retrato dele, um retrato antigo que ela não conhecia. Mas havia tantas coisas que ela não conhecia e tantas pessoas... Pessoas a falar e ela a ouvi-las e a responder, a ter opiniões. Quais? O que teria dito? O seu actual pensamento flutuava leve, levemente numa atmosfera mansa, batia ao de leve as asas, a florava as coisas. Toda a angústia desaparecera. Já não receava nada,

já não ia acordar todas as manhã a pensar que talvez tudo fosse terminar antes da noite. Nunca mais. Estava calma. Sentia essa calma no rosto que não via, nas mãos quietas, na voz que lhe saía sem quebras nem falhas. A serenidade que ele lhe legara! Apetecia-lhe sorrir mesmo sem estar alegre, sorrir precisamente porque estava triste. Sorrir à mãe quando ela entrasse com os trapos pretos que nunca mais havia de despir, sorrir ao pai, ao irmão, às amigas que tinham acabado de descer a escada, sorrir a toda a gente. Era de súbito outra pessoa. A noiva inconsolável do homem que morrera.





Vai o «Almanaqu» no seu 11.º número e muitos dos seus leitores, apesar de terem lido vários artigos acerca do Reino de Pacheco, continuam sem saber onde fica esse Reino. Alguns têm consultado mapas antigos e modernos sem conseguirem satisfazer a sua curiosidade natural e muitos nos têm escrito pedindo informações acerca deste reino misterioso que julgam ter sido imaginado pelos redactores do «Almanaque».

Ora o Reino de Pacheco existe. É tão concreto, tão real e tão verdadeiro como o Reino Unido ou o Reino da Dinamarca. A prova é que existe no Reino de Pacheco uma sucursal dos **Wagons-Lits** e todos sabemos que os **Wagons-Lits** não montam filiais em países que não existem.

Mas onde fica, afinal, o Reino de Pacheco? O que é esse Reino? De que cor são os seus indígenas? a tudo isto vamos tentar responder.

Comecemos hoje pelo princípio:

- 1.º — O Reino de Pacheco é um jardim;
- 2.º — É habitado pelos Pachecos;
- 3.º — Os Pachecos têm várias cores e, à semelhança de camaleões, mudam

de cor (discretamente) com frequência;

- 4.º — Alguns Pachecos são altos, outros baixos, mas todos são Pachecos;
- 5.º — Os Pachecos são latinos, isto é, cozinham com alho, mas têm sangue de várias outras raças. (Raças nobres, evidentemente);
- 6.º — Os Pachecos são bons segundo dizem os Pachecos bons e, para se evitar que esta bondade seja corrompida pela vida moderna e pelo contacto com os não-Pachecos, vivem em regime de Pachecosidade vigiada;
- 7.º — Os Pachecos têm horror ao vácuo, como se constata lendo os artigos de fundo dos seus jornais e ouvindo os discursos dos Pachecos bons;
- 8.º — Dividem-se os Pachecos em duas grandes classes:

- a) Os Pachecos bons;
- b) Os Pachecos maus.

Os primeiros são bons e os segundos são maus. A regra é esta: quanto mais Pacheco

for um Pacheco, melhor Pacheco será esse Pacheco, ou numa outra versão: Tudo pelos Pachecos nada contra os Pachecos.

Estes princípios vêm já, dos confins da história e foram contados no célebre poema que glorifica a raça dos Pachecos: os Pachecoziadas.

- 9.º — Os Pachecos celebram diàriamente o dia que decorreu cem anos antes. A essas celebrações chamam-se centenários e servem de pretexto para mais discursos. Por vezes também colocam bandeiras nas ruas, mas nem sempre;
- 10.º — O Reino de Pacheco é, como já se disse, um jardim plantado na bermã do mar que, segundo rezam as lendas é formado pelas lágrimas dos Pachecos bem nascidos. Os outros ouvem;
- 11.º — Os Pachecos são doutores e, no seu Reino, os doutores são quase todos Pachecos;
- 12.º — No que diz respeito à actividade, tem-se posto a questão de saber o que fazem os Pachecos, além de festejarem centenários. Os membros da primeira comissão de inquérito da O. N. U. foram, porém, unânimes em declarar que os Pachecos fazem... Pachecos. Isto ao sábados à noite, depois do cinema, porque ao domingo, os Pachecos passam o dia à janela ainda de pijama;
- 13.º — Das suas instituições pode dizer-se só uma coisa: são verdadeiramente institucionais;
- 14.º — A sua grande preocupação consiste na formação dum escol de Pachecos e, por isso revelam uma mentalidade escolar;
- 15.º — As Pachecas são como os Pachecos isto é, são Pachecas. Distinguem-se de'les porque têm uma obra: «A Dama das Pachecas», os Pachecos não têm obra e é pena. Seria uma linda obra. De qualquer forma já obraram tudo há uns séculos;
- 16.º — Em compensação têm um arranha-céus no Areeiro. É verde;
- 17.º — Os Pachecos, além de bons, são lindos. São os mais lindos do mundo e têm uma tendência no-

tável para se admirarem uns aos outros. Para evitar que esta tendência se agrave têm os Pachecos responsáveis promulgado algumas disposições legais. Um exemplo: nas praias não podem os Pachecos irresponsáveis expor aos olhares dos outros Pachecos irresponsáveis as partes do corpo que poderiam levar os primeiros Pachecos irresponsáveis a terem cólicas de admiração. Nos outros reinos estas leis não existem porque os Pachecos dos outros reinos não são tão lindos como os Pachecos do Reino de Pacheco;

- 18.º — Andam os Pachecos vestidos à moda dos Pachecos de todos os reinos mas, de vez em quando, têm crises de originalidade e resolvem vestir-se à moda dos Pachecos de Viana do Castelo, à moda dos Pachecos avarinados da Madragoa, etc. Dá-lhes isso muita cor local. Que lêem os Pachecos? Tudo. Nisto não se distinguem os Pachecos dos não-Pachecos. No que se distinguem, porém, é no facto de não digerirem o que lêem. (Nem com magnésia bisurada). Daqui resulta que os Pachecos são aquilo que foi o último livro que leram. Existencialistas depois de lerem Sartre, Surrealistas, depois duma indigestão de Dupont, etc...;
- 19.º — Que lêem as Pachecas? Nada; isto é, a grande maioria das Pachecas não lê nada, mas as Pachecas cultas lêem o «Diário de Notícias»;
- 20.º — De que mais gostam as Pachecas? De notas: notas de «cem», notas à história dos Descobrimentos, notas dos dias, etc. As notas pupulam no Reino dos Pachecos. Há, até, quem diga que os Pachecos são uma «Nota à margem da Europa».

E que mais há a dizer dos Pachecos?

Mais nada.

Nada mais.

Esperamos que os leitores tenham ficado elucidados.

Nós ficámos.

Quando o egocêntrico faraó Ramsés II mandou que se construísse numa das paredes rochosas que ladeiam o poético Nilo, aquilo que ficaria para os séculos como uma das mais prodigiosas obras que saíram da mão do homem — o fabuloso templo de Abu Simbel, — não podia adivinhar que naquela mesma terra, centenas de anos depois, nasceria um indivíduo de nome Abdel Gaamal Nasser que com o mesmo descaramento com que se apoderou do Canal de Suez, trocava toda aquela grandeza monumental por uma simples barragem, maravilha técnica de que se ufana a civilização actual, mas que, segundo diversas fontes, nada tinha de extraordinário para os homens de então, que as faziam em ponto bastante mais pequeno, apesar de tudo.

Mas a irritação do glorioso Rei Construtor subiria ao rubro se sobresse mais: que a barragem de Assuão custaria o sacrifício, não só de Abu Simbel, como também das maravilhas arquitectónicas e artísticas da ilha de Filae, de Dakka, Kalabcha e Semna Kuma,



afogam-se no Egipto 4.000

bem como todo o património artístico do Egipto desde Assuão a Akasha, já em pleno Sudão.

Para nós, porém, homens do século XX, essa verdadeira catástrofe representa qualquer coisa de infinitamente mais importante: com a perda de todos esses monumentos extingue-se o testemunho de muitos séculos de história, e de conhecimento que, se não nos levaria a conclusão alguma sobre o nosso destino, nos poderia, no entanto, ajudar a conhecer as nossas verdadeiras origens.

Assuão, que poderia ter sido a origem de mais um conflito mundial, faz antecipadamente pagar bem cara a discutível prosperidade que trará para o povo egípcio.

SOBRE A GLÓRIA DE RAMSÉS II UM LAGO ARTIFICIAL

Grande parte desses monumentos do Alto Egipto já há muito que estavam ameaçados.

Precisamente, desde 1912, data em que se inaugurou a primeira barragem em Assuão que, em funcionamento alaga uma vasta região que vai até Ouadi Es Sebua. A primeira grande vítima do progresso nessa região, foi a ilha de Filae, coberta pelas águas durante nove meses do ano. Apesar disso, os seus tesouros artísticos têm resistido a essa calamidade, mantendo teimosamente a sua beleza e não cedendo na sua estrutura mais que aquilo que milhares de anos lhes foram lentamente roubando.

Lá estão com a sua majestade e o seu mistério o templo de Isis, que faz a de Filae «a ilha sagrada»; o pequeno templo de Nectanebo II e a colunata que conduz ao templo de Isis, erigida no tempo da dominação de Augusto e Tibério, tal como o belo pavilhão greco-romano de Trajano, com um monumental pórtico de catorze colunas.

Mas quando a barragem de Assuão estiver construída e em funcionamento, um gigantesco lago artificial afogará grande parte da



anos de história

Núbia, submergindo o maravilhoso testemunho de uma civilização superior e de um passado de tremenda grandeza.

Desaparecerão assim todos os monumentos que fazem da Núbia um museu de história e de arte com centenas de quilómetros de extensão, perdendo-se para sempre a maravilha de Abu Simbel com os seus retratos de Ramsés II e da rainha Nefertiti, o espantoso baixo-relevo entre que se conta a «estrela do casamento», (celebrando a união de Ramsés II com a filha do rei dos Hititas), a «epopeia de Kadesh» (esculpida no muro setentrional do templo e descrevendo a terrível batalha travada entre egípcios e Hititas no ano de 1300 antes da era cristã) bem como as gigantescas estátuas que ornaram as fachadas dos templos representando o faraó construtor, a rainha Nefertiti, e o deus Osiris.

Perder-se-á o templo ao deus Thot, em Dakka, a Avenida Sagrada de Uoadi-Es-Sebua, constituída por uma fileira de esfinges

e aves sagradas ladeando o trajecto que vai do Nilo até ao templo construído por Ramsés II ao deus Amon.

Do templo de Gerf Husein, onde se fazia o culto de Ptah, não ficará senão a memória da beleza extraordinária das suas ruínas. E mais, muito mais se perderá. Porque para lá de tudo quanto se descobriu e desenterrou das areias, sob toneladas de terras de aluvião esconde-se possivelmente o que resta de um mundo maravilhoso que a humanidade desejaria conhecer em pormenor e que não me receu ainda o esforço de ninguém.

TRINTA MILHÕES DE DÓLARES PODEM SALVAR AS RELÍQUIAS HISTÓRICAS

A notícia da construção da barragem de Assuão, foi um verdadeiro grito de alarme para as entidades interessadas na exploração das paragens históricas do Alto Egipto.

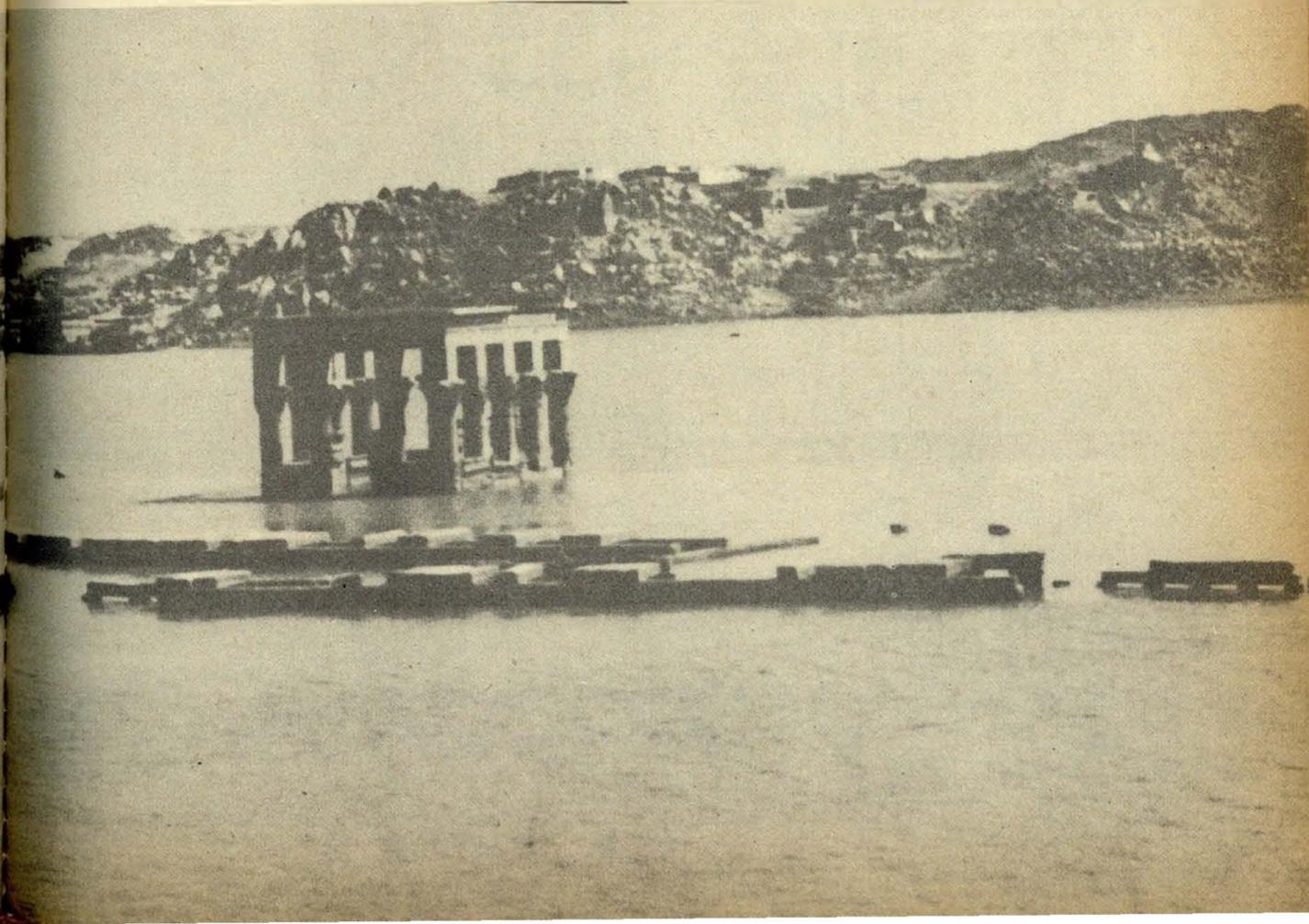
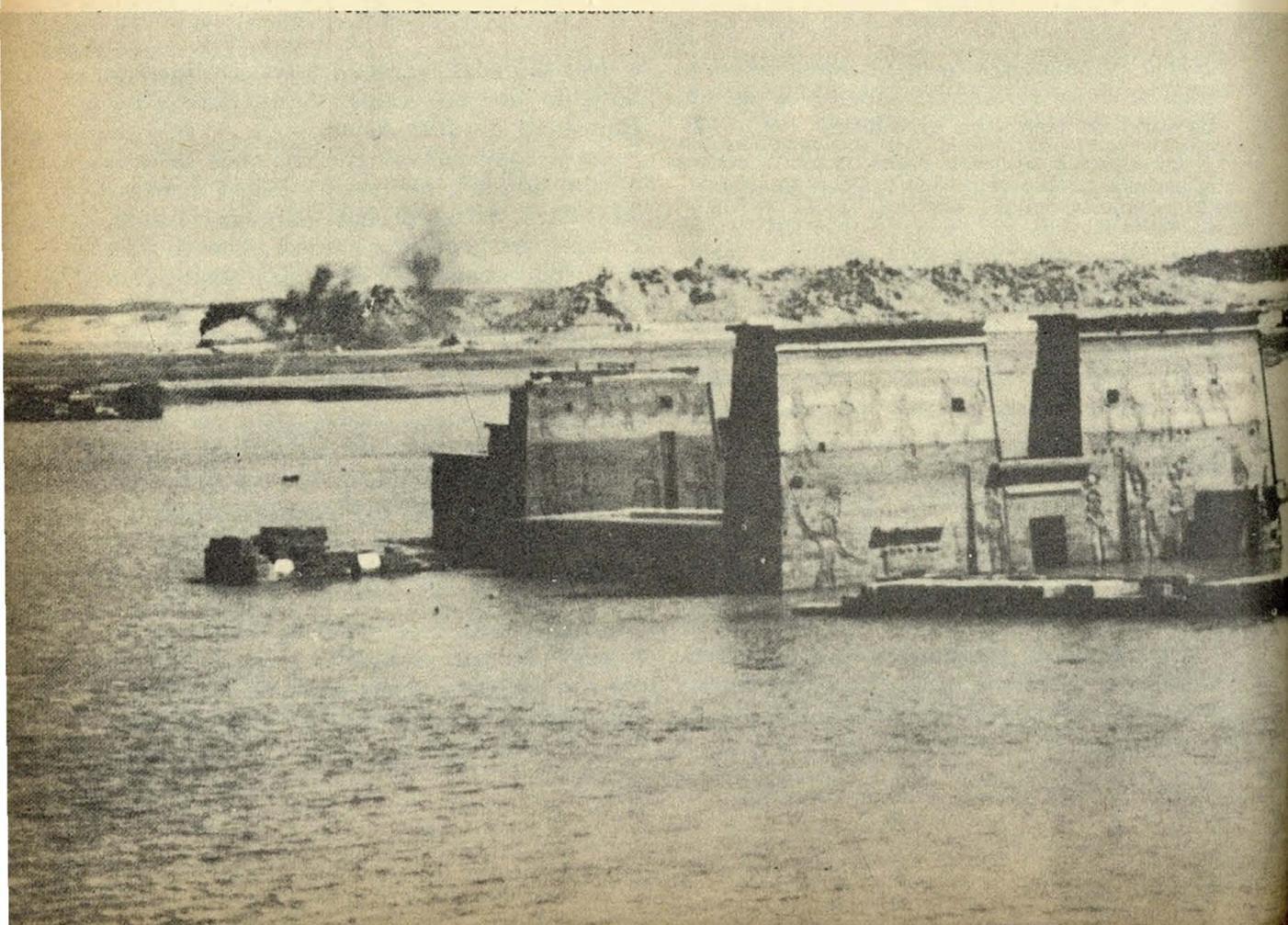
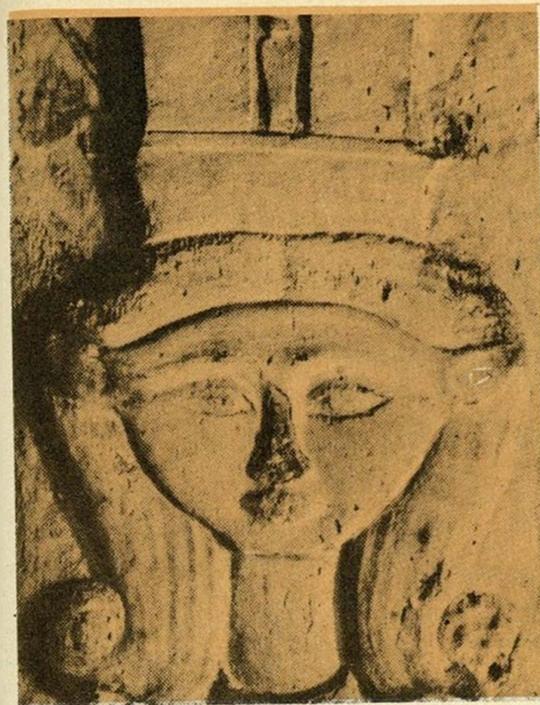
A sua acção vinha a processar-se desde há cinquenta anos, prazo excessivamente curto para a obra ciclópica que era necessário realizar. Por outro lado, todo o mundo pensava que havia muito tempo — todo — para ir desenterrando lentamente os tesouros egípcios. Enganaram-se. Porque daqui a quatro anos, cinco na melhor das hipóteses, as águas terão cortado em definitivo a possibilidade de recuperar tudo quanto o solo esconde.

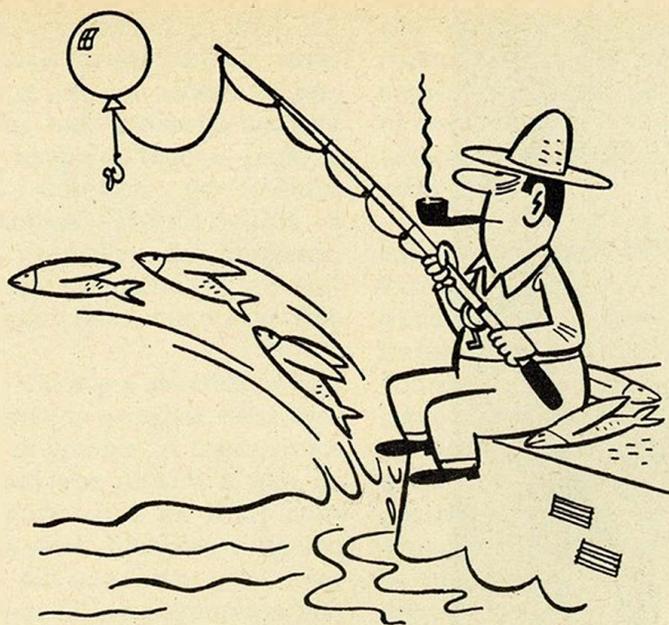
Entre a história e a energia eléctrica, Abdel Nasser escolheu a energia e realiza neste momento a «moderna pirâmide». A quatro anos de um acontecimento que tomará o tom de uma catástrofe, o governante da RAU notificou a Unesco das suas intenções e apelou para que o mundo salvasse, com os recursos que faltam no Egipto, o seu património histórico-artístico.

Apaixonadamente, a Unesco pediu a oitenta e um países que unissem os seus esfor-

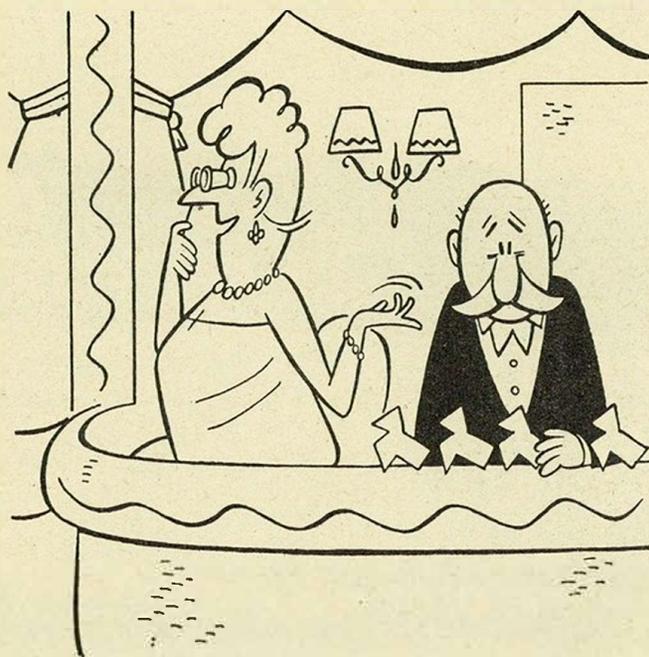
ços, contribuindo para que se reúnam os trinta milhões de dólares necessários para erguer diques que salvem grande parte dos monumentos do Nilo e que custeiem a trasladação de outros para locais afastados da zona alagada.

O governo egípcio, em troca, oferecerá cinquenta por cento dos achados feitos em explorações que se levem a cabo neste período e consentirá que sejam desmontados e transportados para outros países construções feitas há quatro mil anos. E se por um lado, como o acentuou o presidente da Unesco no seu apelo ao mundo, a quantia que se pede a Estados poderosos é desprezível em relação a gastos para armamento, por outro, a situação cria uma ocasião soberana para que os milionários americanos tenham nos parques das suas casas um templo milenário dedicado ao culto de Ísis ou Osíris, ou se transportem para as praias conduzindo um elegante carro de guerra dos Faraós...





Peixes voadores



— Dá-me o programa para eu ver quem está a cantar...

SURPRISE

PARTY



aperitivo

APERITIVO

Vamos, este mês, ser originais. Não há dúvida que faz calor. Agosto está abrasador e nada apetece tanto como um aperitivo fresco. É claro que as bebidas alcoólicas são, por natureza, quentes e é preciso, portanto, recorrer a receitas especiais para lhes aumentar o poder refrescante.

Aqui está uma que recomendamos e para a qual são necessários os seguintes ingredientes:

- a) Uma panela cheia de água fresca;
- b) Um cálice vazio;
- c) Uma pedra de gelo;
- d) Uma cadeira;
- e) Uma garrafa de qualquer bebida;
- f) Um leque;
- g) Uma mulher bonita.

MANEIRA DE PREPARAR:

1.º — Coloca-se a panela em frente da cadeira e, atrás desta, a mulher bonita com o leque na mão;

2.º — Deita-se no cálice a bebida que estiver na garrafa;

3.º — O bebedor senta-se na cadeira, com os pés dentro da panela e com a pedra de gelo no colo;

4.º — A mulher bonita começa a agitar o leque e leva-lhe o cálice aos lábios.

Para os homens com muitos filhos, o pro-

blema é mais fácil. A receita seguinte é barata e fácil de executar.

INGREDIENTES:

- a) Uma rede pendurada entre duas árvores e, 20 cms acima desta, uma tábua cujas extremidades devem estar pregadas às duas árvores;
- b) 6 filhos;
- c) Uma rede de gaze.

MODO DE PREPARAR:

1.º — O bebedor deita-se ao comprido na rede, com o tronco nu e em calções;

2.º — Coloca:

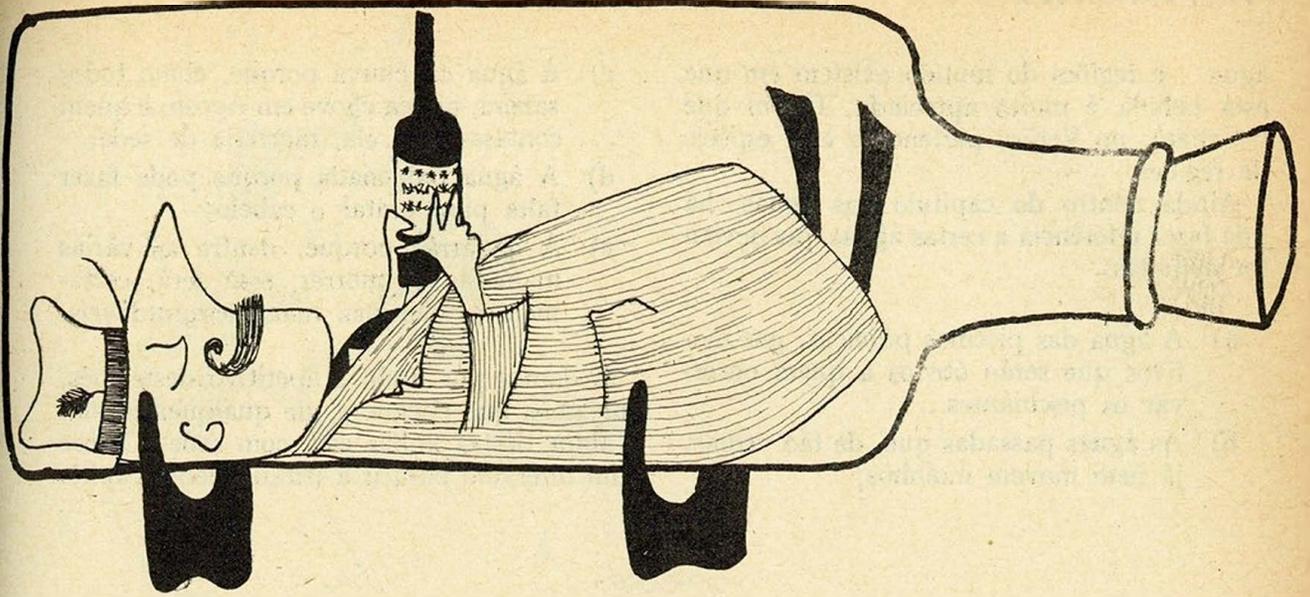
- a) Dois filhos sobre a tábua;
- b) Dois filhos debaixo da rede;
- c) Um filho de cada lado.

3.º — Os filhos, a um sinal do bebedor, devem começar a soprar ao mesmo tempo, orientando os sopros de forma a refrescarem o bebedor.

Nota — A rede de gaze destina-se a ser colocada sobre a boca de qualquer dos filhos que deite perdigotos.

Outra receita, refrescante e económica que carece, apenas, de dois ingredientes:

- 1.º — 4 imperiais geladas;
- 2.º — Um amigo.



As cervejas bebem-se e o amigo paga-as. Como se vê esta receita é magnífica. Outra bebida, também muito eficiente e económica, exige apenas um ingrediente: uma panela funda cheia de água gelada que se coloca sobre um banco baixo. O bebedor encalorado coloca-se em frente da panela e mergulha nela a cabeça até ao pescoço.

Começa por sentir uma frescura inigualável. Poucos segundos depois sente uma certa asfixia a que deve resistir porque, se martiver a cabeça na panela o tempo suficiente, acabará por não sentir o calor e, mesmo, por ter uma sensação de paz, total e completa, que é difícil de descrever.

Este aperitivo acaba com o calor definitivamente.

Para os leitores mais ortodoxos, o «Almanaque» apresenta os seguintes aperitivos, refrescantes e económicos:

- a) 1.º — Um cálice de **Gin**;
2.º — Um cálice de **Rose's Lime Juice**;
3.º — Água Castelo e gelo.
- b) 1.º — Um cálice de **Amer Picon**;
2.º — Uma colher de sopa de Groselha;
3.º — Água Castelo e gelo.
- c) 1.º — Um cálice de **Campari**;
2.º — Uma rodela de limão;
3.º — 1/2 cálice de conhaque;
4.º — Água de Castelo e gelo.
- d) 1.º — Um cálice de rum;
2.º — Um cálice de conhaque;
3.º — Um cálice de **Triple Seco**;
4.º — Água de Castelo e gelo.

- e) 1.º — Um cálice de **Vodka**;
2.º — Um cálice de **Kummel**;
3.º — Um cálice de **Gin**;
4.º — Uma rodela de limão e gelo.

(Agitar bem e passar por um filtro de bar ou por um pano branco e fino).

Por fim apresentamos uma bebida já antiga que continua a gozar duma merecida popularidade e que permanece imbatível para matar a sede: **um copo de água fresca**.

Deve dizer-se que a água fresca não é toda igual. Distinguem-se as seguintes variedades:

- a) Água da bilha que está na cozinha;
- b) Água do poço;
- c) Água da torneira.

A primeira sabe a barro. A segunda é difícil de obter porque cada vez há menos poços. A última sabe a desinfetante.

O leitor que escolha.

Usa-se também, ultimamente, água de garrafão. Recomendamos aos nossos leitores o maior cuidado na escolha dos garrafões. É que certas águas foram fabricadas para doenças específicas, como, por exemplo, a prisão de ventre.

O leitor desprevenido, que abuse desta água, pode terminar com mais calor do que tinha inicialmente...

Ninguém diga porém: «Desta água não beberei!». Mesmo bebedores profissionais e convictos têm-se visto forçados a beber

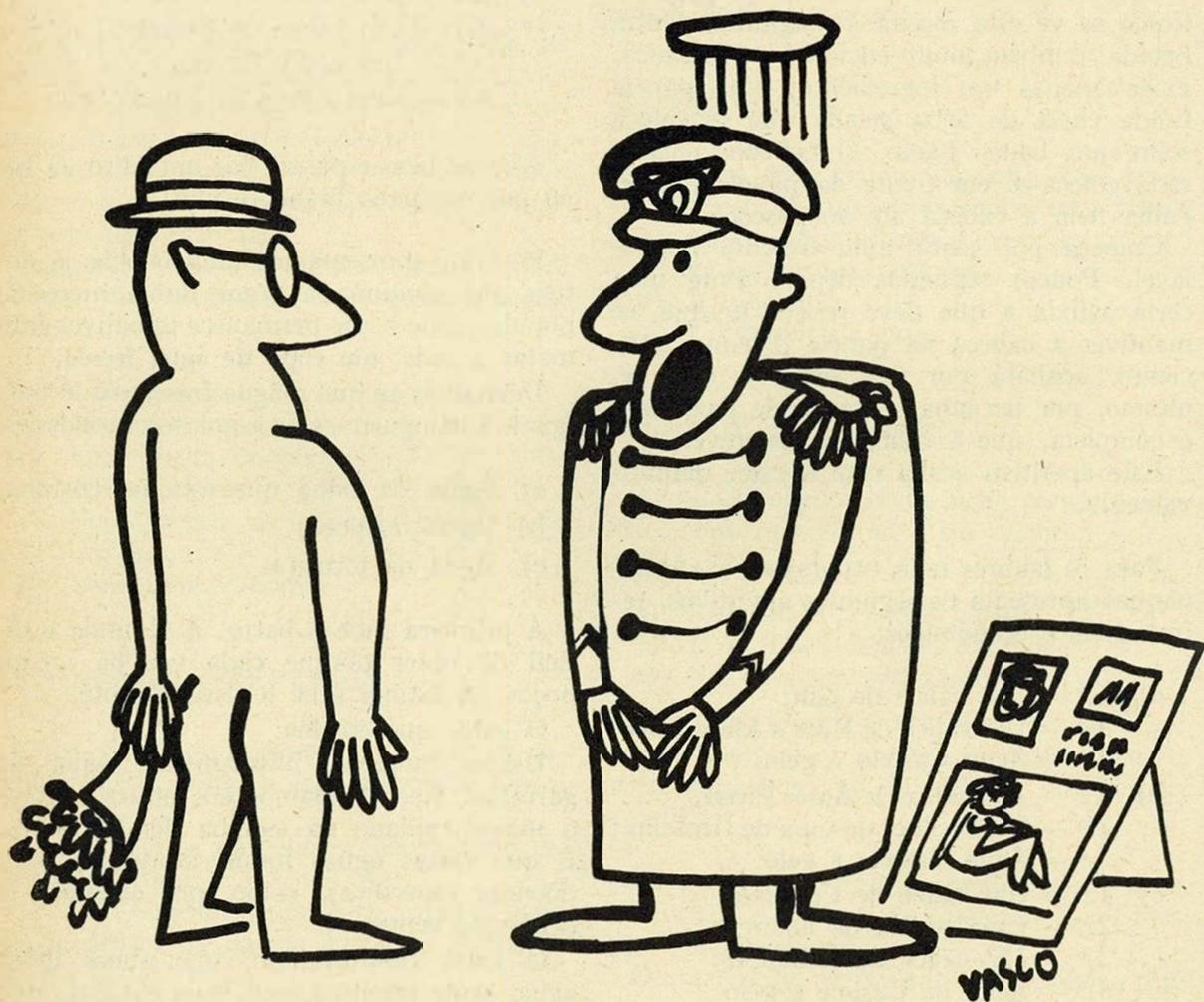
água... e regiões do mundo existem em que esta bebida é muito apreciada. Dizem que o Saará, no Verão, pertence a esta espécie de regiões.

Ainda dentro do capítulo das águas, há que fazer referência a certas águas que devem ser evitadas:

- a) A água das piscinas públicas, por motivos que serão óbvios a quem observar os piscinantes...
- b) As águas passadas que, de tão velhas, já nem movem moinhos;

- c) A água da chuva porque, como todos sabem, nunca chove em Agosto e quem contasse com ela, morreria de sede;
- d) A água oxigenada porque pode fazer falta para pintar o cabelo;
- e) A aguarrás porque, dentre as várias maneiras de morrer, essa será, certamente, uma das mais desagradáveis.

E damos por findo o aperitivo deste mês. Julgamos que chegue e, de qualquer forma, o autor destas linhas está com sede. Carece dum intervalo para ir à leitaria beber capilé.



— Lamento muito cavalheiro, mas não é permitida a entrada sem gravata!



culinária

DIÁRIO DO INSPECTOR GOURMET

Durante as últimas semanas de Junho o Inspector Gourmet almoçou todos os dias nos restaurantes de Lisboa e arredores. Não se pode dizer que tenha comido bem. Também se não pode dizer que tenha pago mal... Na estrada do Guincho, por exemplo, no restaurante «Monte Mar», onde foi almoçar com um amigo, prepararam um *cocktail* composto por um cálice de rum português, um cálice de brande Constantino e um cálice de Triple Seco. O almoço propriamente dito foi constituído por duas meias doses microscópicas duma salada mal temperada composta por folhas duma alface milenária e restos duma histórica lagosta «Firestone» que, ainda por cima, estava salgada.

Para esquecerem o gosto da lagosta, encomendaram os dois amigos cafés.

Nada conseguirá fazê-los esquecer o gosto dos dois pretensos cafés servidos por uma criada simpática e mal fardada.

Esta incrível refeição custou 109\$50. Julga

o Inspector Gourmet que, por 60\$00 ter sido muitíssimo bem paga. No dia seguinte — uma quarta-feira — foi o Inspector Gourmet almoçar ao restaurante «Oh Lacerda», na Avenida de Berna.

Figurava na lista, como prato do dia, «Bacalhau com todos». Perguntaram-lhe se preferia grão ou feijão verde. Optou o inspector pelo grão e, na realidade, foi-lhe servida pouco depois uma boa posta de bacalhau acompanhada de grão e dumas rodela de batatas cozidas.

As batatas, descascadas à faca, estavam cozidas há horas e tinham atingido um grau de transparência mais apropriado ao vidro do que às batatas. É claro que bacalhau com batatas e grão nunca foram nem serão «Bacalhau com todos».

Será necessário fundar uma escola para que as cozinheiras do «Oh Lacerda» aprendam a cozinhar os pratos que comiam em pequeninas, antes dos turistas americanos lhes forrarem com dólares as paredes do restaurante?

Um outro reparo: há no «Oh Lacerda» um único telefone que esteve todo o, almoço, ocupado pela proprietária do restaurante. Inútil será fazer comentários.

Por mais louvável que seja a «desconstracção», deve dizer-se que só é de admitir nos restaurantes em que faça parte da «atmosfera» do mesmo e meia tonelada de cebolas penduradas no tecto não criam «atmosfera» que desculpe a «desconstracção» das cozinheiras, das criadas e da patroa que fala ao telefone.

A Avenida de Berna não é St. Germain-des-Près, e nos restaurantes de St. Germain-des-Près, a desconstracção é estudada e acaba à porta da cozinha.

Na quinta-feira almoçou o Inspector Gourmet no «Petit Restaurant de Algés». Trata-se de um restaurante modesto e aseado onde a comida é bem apresentada e bem confeccionada. Pena é que alguns restaurantes pretensiosos não imitem o «Petit Restaurant de Algés». Os carapaus fritos com açorda estavam deliciosos como o estavam as ervilhas que acompanhavam o frango...

Na sexta-feira o Inspector Gourmet almoçou no «Polícia», um restaurante popular cujos preços são convidativos e onde vale a pena almoçar. Pena é que os proprietários do «Polícia» tenham sido mal orientados no que diz respeito à decoração do restaurante. Em qualquer cidade civilizada o «Polícia» estaria decorado duma forma atraente. Infelizmente, em Portugal, levados pelo amor aos nossos azulejos do século XVIII, concluímos que todos os azulejos são belos... mesmo os brancos que são fabricados para decorar as

paredes dos urinóis públicos e dos corredores dos edificios velhos adaptados a hospitais novos...

À parte a decoração, o «Polícia» é um restaurante que bem merece a preferência do público: o chispe com feijão branco, a hortaliça e chouriço de sangue dificilmente poderiam ser melhores... os pivetes com ervilhas são óptimos e, se não fossem umas linfáticas batatinhas mal fritas que vimos de longe, na mesa dum freguês, quase poderíamos beber à saúde dos cozinheiros...

A conta era razoável. Tão razoável que, habituados aos outros restaurantes de Lisboa, julgámos estar errados...

Ficam aqui, bem expressos, os nossos agradecimentos aos proprietários deste restaurante que continuam a servir bem e a não roubar os fregueses.

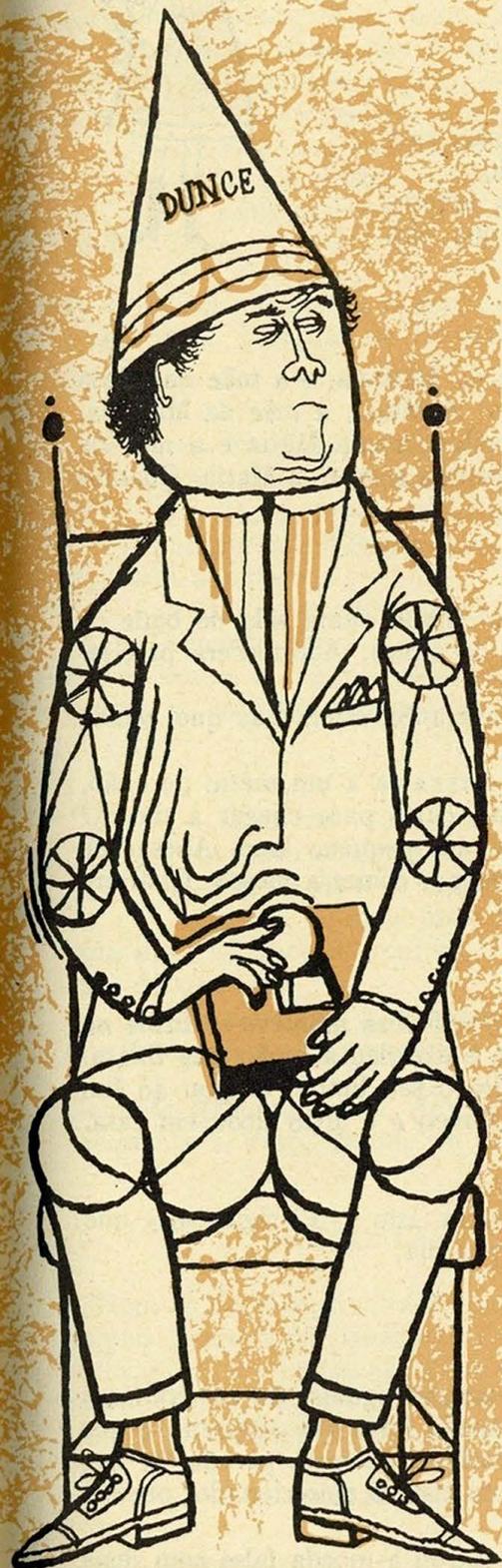
Oh! Quem não admirará os progressos deste século! Quem não admirará a iluminação azulada e horrorosa dos tubos néon?! (haverá alguém que não aprecie uma senhora transformada em boneca de cera azulada e um homem com ar de quem está com cólicas de figado?). Ninguém. Não é possível fugir ao azulinho tão queridinho dos restaurantezinhos desta Lisboazinha tão queridinha de todos nós (como somos queridinhos...).

Uma última nota. — Lá fora, nessa Europa pagã que não tem a felicidade de ter o Tejo à porta e o Cristo na Outra Banda, não há um só restaurante que se preze iluminado a néon. O progresso e o «brincas com o progresso» são coisas diferentes.

O Inspector Gourmet



DETERMINE O SEU GRAU DE ESTUPIDEZ



jan.



AVISO: O teste que lhe apresentamos não é fácil, mas com um pouco de paciência e muito papel acabará por resolvê-lo.

Os redactores do «Almanaque» esperam que os seus leitores levem menos tempo a responder a estas perguntas do que eles levaram...

1 A Maria cozinhou mais um biscoito do que a mãe da Mariana, e a mãe da Maria cozinhou, também, mais um biscoito do que Maria. A Maria, a mãe da Mariana, a Mariana e a mãe da Maria, cozinham 50 biscoitos, mas a Maria e a mãe da Mariana cozinham mais 4 biscoitos do que a Mariana e a mãe da Maria. Quantos biscoitos cozinhou a Maria?

2 Uma mosca gorda e estúpida dormia na parede do fundo duma sala de baile de 30 m de comprimento, 12 m de largura e 12 m de altura. Adormecera precisamente a um metro do tecto e no meio da parede.

A meia altura da parede oposta encontrava-se uma aranha esfomeada que, vendo a mosca, resolveu comê-la. (Não lhe gabamos o gosto...).

Foi descendo pela parede abaixo e, quando se encontrava a um metro do chão, parou e começou a fazer contas. Qual seria o caminho mais curto para chegar à mosca?

O quarto não tinha janelas e a sua única entrada era um pequeno arco. Apesar do frio e da fome, a aranha chegou a uma conclusão e acabou por comer a mosca. Qual era a mais curta distância que separava a aranha da mosca?

3 O João resolveu fumar menos e durante os primeiros 5 dias manteve-se firme no seu propósito. No 6.º dia encontrou-se com amigos e excedeu a ração que fixara. Mesmo assim, como nos dias anteriores não atingira o seu limite, chegou ao fim do dia dentro da média. O 7.º dia foi domingo, choveu e o João ficou em casa.

A noite a mulher perguntou-lhe:

— Então, como ficaste hoje, em matéria de cigarros?

O João confessou-lhe que fumara tantos como na véspera, isto é, 17 cigarros, e que a sua média geral fora, portanto, excedida de um cigarro por dia.

Qual era a ração diária que João se impusera?

4 Um coleccionador possuía 8 moedas raras e rigorosamente iguais. Ao mostrá-las a um amigo, por graça, mostrou-lhe, também uma moeda falsa que adquirira e que pretendia imitar as restantes. Esta moeda era ligeiramente menos pesada do que as outras e, no decorrer da conversa, misturou-se com elas. O coleccionador possuía uma balança mas não tinha pesos.

Usando-se apenas da balança e das suas moedas encontrou a moeda falsa com duas pesagens. Como procedeu?

5 O mais distraído dos professores do Liceu de Vila Nova é o Dr. Silva, que chega a ir para o Liceu de chinelos. Certo dia veio a Lisboa e deixou o carro na Praça da Figueira. Ao voltar esquecera-se da marca do carro e da própria matrícula... (Por mais improvável que pareça, aconteceu mesmo...). O guarda do parque pediu-lhe que tentasse recordar-se de qualquer detalhe que auxiliasse a identificação do carro. O professor Silva disse-lhe o seguinte:

— A matrícula tem 4 algarismos e o primeiro é igual ao último acrescido de 2. Nenhum dos números é igual e nenhum é 0. Lembro-me, ainda, de que o segundo número é maior do que o terceiro e o conjunto é o meu número de telefone lido ao contrário...

— E qual é o seu número de telefone, perguntou o guarda?

— Não me lembro — respondeu o Dr. Silva, mas sei que a soma é 16.456...

Sem mais perguntas o guarda rapou de um papel, fez várias contas e indicou o carro ao Dr. Silva.

P. S. — Não procurem o guarda da Praça da Figueira, porque está presentemente, a trabalhar num Instituto de Investigações Científicas Japonês.

6 — E agora — disse o marido, parando o carro num beco sem saída.

A mulher consultou o mapa e esclareceu:

— Deves ter-te enganado no cruzamento. Lembras-te da última tabuleta?

Dizia que Viseu estava a 12 quilómetros mas o pior é que não percebemos para que lado apontava...

— Creio que andámos mais 18 quilómetros do que devíamos...

O marido virou o carro e voltaram para trás. Partindo do princípio de que o carro andou sempre à mesma velocidade, a que distância do ponto de partida se encontravam quando a conversa relatada se verificou?

7 — Bom dia — disse a D. Amélia à vizinha ao encontrarem-se na paragem do autocarro do Saldanha —, como está hoje?

— Mal — disse a vizinha — se a D. Amélia fosse tão velha como eu hoje me sinto e eu, há 10 anos fosse tão nova como a D. Amélia hoje parece ser, a D. Amélia teria mais 20 anos do que eu tenho e, a verdade é que a D. Amélia parece ter menos 20 anos do que eu...

— É claro que a D. Amélia nunca mais falou à vizinha na paragem do autocarro, mas terá o leitor compreendido quantos anos mais velha se sente D. Amélia?

Nota da Redacção — D. Amélia usa geralmente vestidos roxos e chapéus de palha preta. Frequenta a Praça Duque de Saldanha. É de evitar.

RESPOSTAS

Nota — Nenhum dos redactores do «Almanaque» acertou em qualquer das respostas «oficiais» às perguntas feitas e como, por definição, todos eles são inteligentes, é de prever que os leitores que acertem o não sejam.

4 — Se a balança ficar equilibrada a moeda falsa será a menos pesada das que ficaram de fora. Pese duas delas. Se ficarem equilibradas a falsa será a que ficou de fora. Se não ficarem a falsa será a mais leve.

b) Se a balança não ficar equilibrada a falsa estará no grupo mais leve. Proceder como em cima;

1 — 14;

2 — 40 metros;

3 — 10;

5 — 93-17;

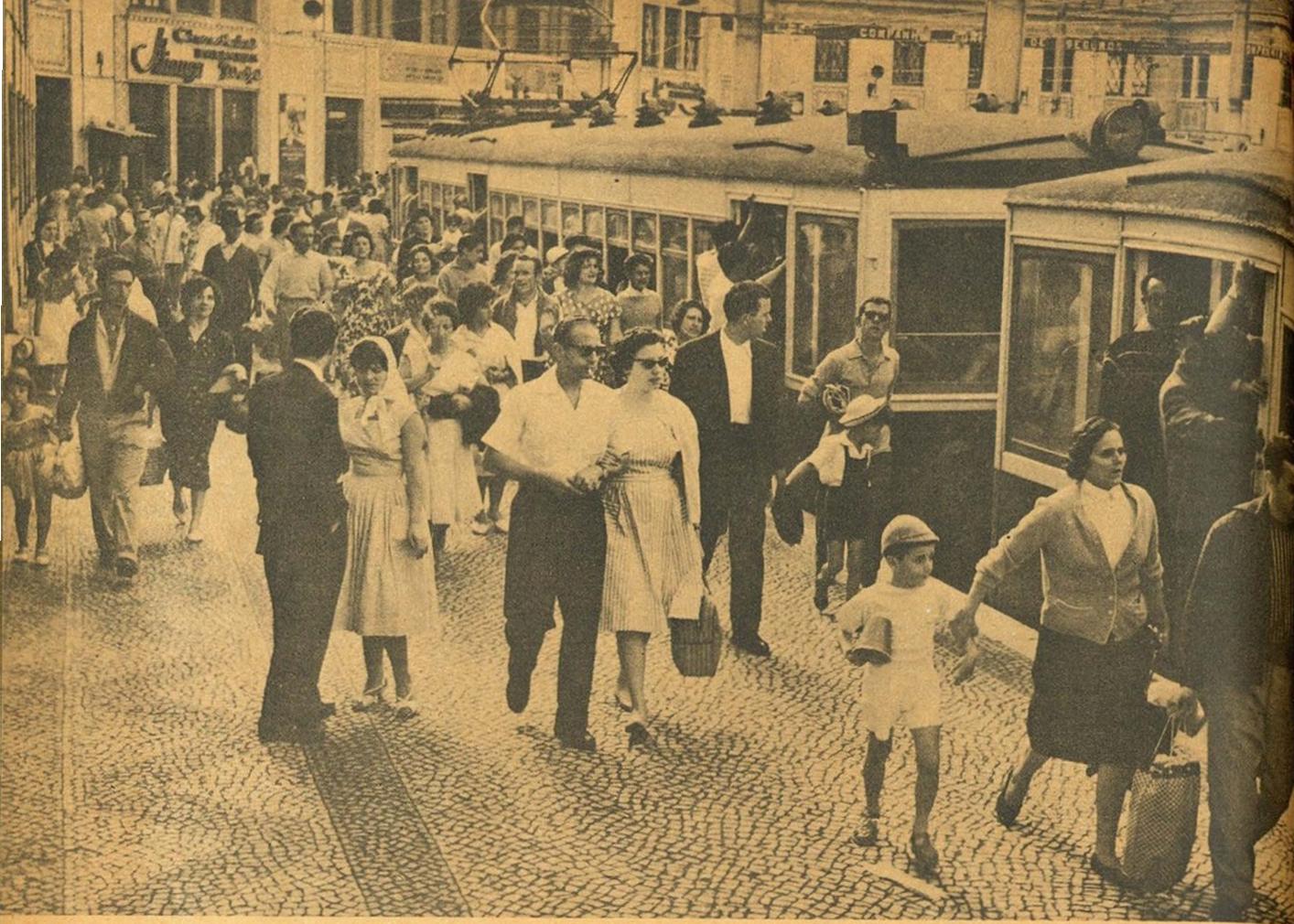
6 — 102 quilómetros;

7 — 10.



domingo de

AGOSTO



Um domingo de sol é um convite à praia. Logo de manhã o Lisboeta menos afortunado, que não ganha para as prestações da Lambreta ou do Automóvel, ataca os pontos de partida dos transportes públicos.

Com a mulher, com os filhos, com o farnel e, agora, com a telefonia portátil, o lisboeta «ataca» o Cais do Sodré. Percorre as plataformas em busca duma porta aberta...

Começa o seu dia «desportivo» à porta do comboio: Com licença... dá licença... não tenha pressa... há lugar para todos...



Ou vai «para a Costa»... com melancias e guitarras, fatos de banho, cestos e a esperança de voltar bronzeado...

Estoril é uma palavra com um som cosmopolita... O Estoril é, para muitos, um sonho...

Um sonho?



UM SONHO?



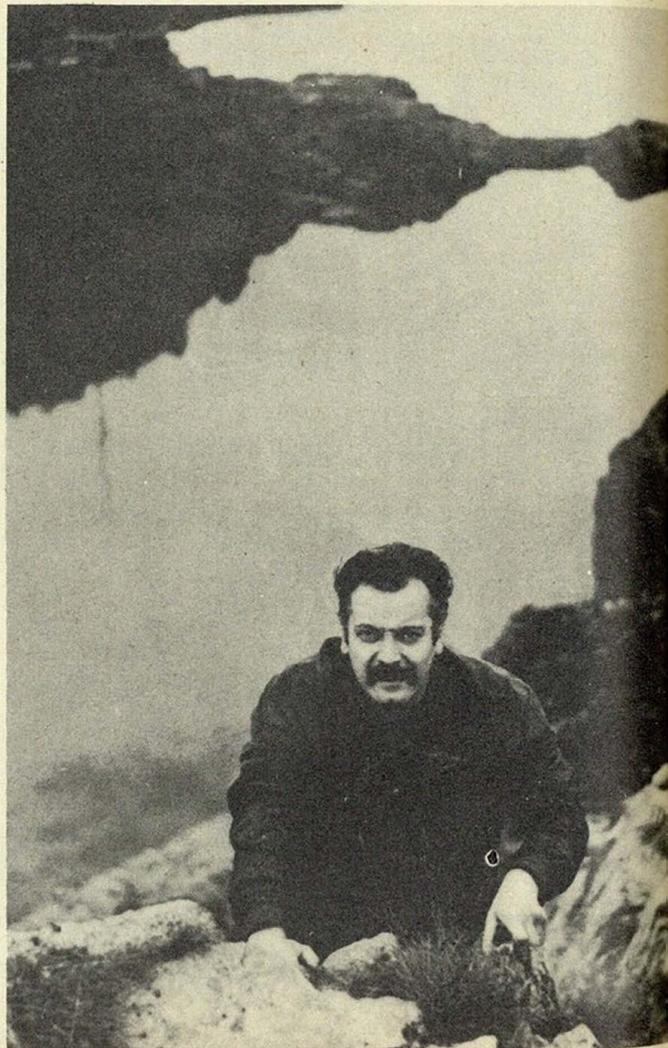
um coração de ouro

Ainda não há muitos anos quando Patachou apresentava no palco Georges Brassens com uma cara feroz, uns bigodes que metiam medo, e o ar de quem não está disposto a nenhuma concessão, o público olhava-o como quem olha um rinoceronte acabado de chegar da selva. Hoje o público bate palmas e o rinoceronte aprendeu a sorrir... Ele sente-se feliz, perdeu o seu velho ar feroz que era apenas timidez, e espera calmamente o momento de cantar para as multidões:

«Tout le restant m'indiffère
J'ai rendez-vous avec vous...»

SEIS MILHÕES DE DISCOS

A sua primeira microgravação, desenvolta, mas isenta de quaisquer vestígios de vulgaridade, foi um êxito prodigioso. A segunda confirmou o talento excepcional do autor-compositor. Não foram apenas as famílias que o ouviam ao serão, os jovens que se reuniam em torno dum gira-discos para o admirar... Numa Universidade sueca esse disco de Brassens serviu de texto nas aulas de francês... Depois... Basta dizer que na fábrica Philips uma das máquinas de impressão de discos trabalha apenas para Brassens! Seis milhões de microgravações do grande poeta francês estão espalhadas pelo mundo!



Georges Brassens aprendeu a sorrir

OPERÁRIO NAS FÁBRICAS RENAULT

Tímido, reservado, Georges Brassens não gosta de falar de si mesmo. Nasceu em Sète, em 1921 e, um belo dia, tinha então dezassete anos, desertou do colégio da sua cidade natal, receoso de que os professores destruíssem completamente o que nele havia de espontâneo e de vivo. E até aos trinta anos Brassens frequentou a escola da rua, seguindo «Les chemins qui ne mènent pas à Rome» como ele confessa numa das suas canções, e ganhando uma reputação péssima: trabalhando como pedreiro aqui e acolá, tocando piano à noite num café de décima quinta ordem.

Operário na fábrica Renault, acabou por ser levado para a Alemanha pelos nazis. Depois da Libertação, regressou recomendo a velha maneira de viver.

Foi então que o cançonetista Jacques Grello o descobriu:

— Acaba com essa história do piano — disse-lhe. — Dou-te a minha velha guitarra, procura ajeitar-te a ela...

CANTO PARA MIM MESMO

E quando Brassens se começou a ajeitar, Jacques Grello ofereceu-lhe um fato mais apresentável, pediu-lhe que arranjasse um pouco melhor os cabelos e levou-o a casa de Patachou.

Esta compreendeu imediatamente o partido que podia tirar dum semelhante fenómeno.

De princípio era ela própria que escolhia as canções que Brassens deveria cantar na sua boíte. Depois, vendo o êxito que ele obtinha, Patachou deu-lhe corda e deixou-o cantar livremente.

— Nunca me passara pela cabeça tal destino — confessou ele. — Mas porque havia eu de recusar? Deixei de viver à margem da sociedade... Além disso, ter um palco à minha disposição permitia-me dizer as coisas que eu achava importantes de dizer... Certo é que o êxito não era completo. O público admirava-me porque achava que as minhas canções eram pronográficas. Escapa-lhes o essencial! Essas canções escrevera-as eu para mim mesmo e para mais ninguém! E esses imbecis... Era necessária muita coragem para prosseguir. Canetti, o director artístico das gravações Philips, garante-me que me ouviu, de certa vez, insultar em voz baixa o público. Não me recordo se isso seria verdade mas acredito, porque não? E no entanto... Quem sabe se não era a mim que eu insultava?

«MADAME» JEANNE

Brassens ganha hoje muito dinheiro, mas não alterou os seus velhos hábitos de simplicidade e de boémia. Na época em que ninguém o conhecia, ele vivia num quarto que alugara em casa dum velho casal. Muitas foram as vezes que não pagou... Agora é ele quem tudo paga donde se conclui que a bondade é sempre (ou muitas vezes) recom-

pensada... Além do mais Brassens dedicou a esse casal uma canção:

«Elle est à toi cette chanson
Toi, l'Auvergnat qui sans façon
M'as donné quatre souts de bois

Quand, dans ma vie, il faisait froid...»

Esta «Madame» Jeanne para quem ele também compôs **La Cane de Jeanne** não é exemplo único da simpatia com que Brassens trata dos seus amigos.

OS CÃES VADIOS

De resto, só os amigos íntimos têm direito a entrar em sua casa. Todos os mais vêm fechar-se-lhes implacavelmente as grandes portas de ferro da sua casa. Todos os mais, não é bem: os pobres, os vagabundos, conseguem por vezes transpor a porta... E os jovens autores. Os jovens intérpretes quando Brassens lhes descobre algum talento. Não é apenas a porta que se lhes abre. A própria bolsa também...

Foi Brassens que encorajou René Louis Lafforge e muitas vezes ele ofereceu uma guitarra a artistas que não tinham dinheiro para a comprar.

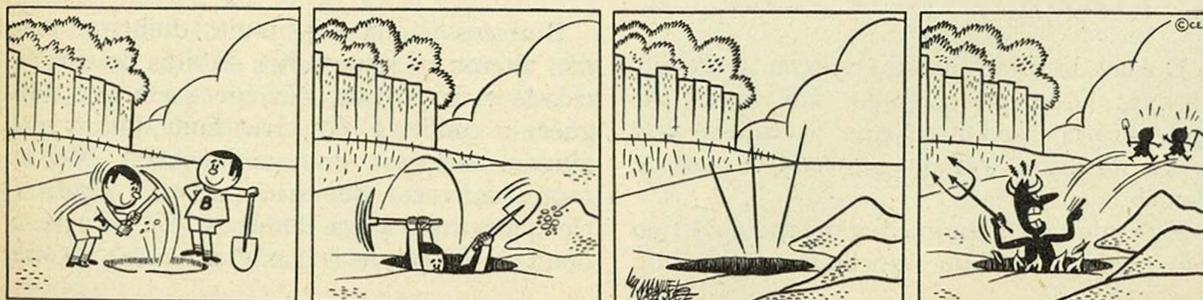
O RECEIO DA MORTE

O que impede Brassens de ser feliz é saber que há cães vadios. Porque Georges Brassens que durante tantos anos viveu uma vida miserável não pode ver animais abandonados. O seu quarto parece um Jardim Zoológico: gatos, cães, pássaros... Uma vez, em Bayonne, ele recusou-se a assistir a uma tourada e preferiu a companhia dos animais dum circo vizinho...

Brassens aprecia também os móveis rústicos, as caixas de tabaco, o seu barco de pesca (cujo nome é «Salve-se Quem Puder») e, acima de tudo, os alfarrabistas. Autores preferidos: os poetas Ruteboeul, Charles d'Orleans, Villon, La Fontaine, Paul Fort, Jacques Prévert... E o **uby Roi** de Jarry... E ainda Platão...

De todas as canções que compôs, quais as que prefere? Em primeiro lugar **La Mauvaise Réputation**. E depois, por ordem decrescente: **Le Fossoyeur**, **La Cane de Jeanne**, **La Chasse aux Papillons**, **Il Suffit de Passar le Pont**, **Le Testament**... Nesta última Brassens revela o seu medo da morte.

Je serai triste comme un saule
Quand le Dieu qui partout me suit
Me dira, la main sur l'épaule
Va-t-en- là-haut voir si j'y suis.



*um desconhecido
desacredita*

HOLLYWOOD

*desnudando
os seus vícios
e a triste realidade
dos seus heróis*

Um livro abala de novo os Estados Unidos, depois da sensação provocada pelos documentos do falecido Caryl Chessman.

Desta vez, porém, o debate que o actual «best-seller» vai muito naturalmente provocar, poderá ter resultados bem mais positivos que os conseguidos pelo pretense «bandido da luz vermelha».

O livro de que falamos, tem um título que traduzido para português dá mais ou menos «A Babilónia de Hollywood». É seu autor um cavalheiro de maneiras demasiado distintas para o assunto que se propôs tratar e o seu nome apareceu nas colunas dos jornais

com a evidente desvantagem do anonimato. Trata-se de Keneth Anger, escritor conhecido de meia dúzia de literatos, depois de meia vida integralmente dedicada ao jornalismo.

O livro vende-se por lá com a facilidade com que se negoceia em «Coca-Cola», e as razões do seu sucesso filiam-se, evidentemente, num fio de revelações sensacionalmente escandalosas, que farão com que os heróis actuais do cinema americano passem a ser olhados com bastante menos consideração por quem, naquele país, tenha um palmo de testa, fenómeno que, na opinião de Keneth Anger, acontece com pouquíssima frequência...

DO DIÁRIO DE RUDOLFO VALENTINO
ÀS «FARRAS» DE ERIC VON STROHEIM

A obra em questão descreve o ambiente da capital do cinema na época a que se convencionou chamar «de ouro» — ainda que se não conheçam perfeitamente as razões de semelhante ápodo, mesmo que se tenha em consideração a falta de concorrência do cinema europeu, então ainda em estado embrionário.

Os amores de Rudolfo Valentino, porventura a figura mais romântica de toda a história do cinema americano, aparecem nas páginas de Keneth Anger em tom suficientemente ridículo, para que acabe de uma vez para sempre um mito inexplicável.

Noutro capítulo, o autor ataca com curiosa vivacidade as verdadeiras orgias organizadas por uma das mais prestigiosas figuras do cinema americano de há vinte anos — Eric von Stroheim — que tinham a concorrência das «estrelas» mais em foco desse tempo. As actividades cinematográficas estritamente privadas de actores como Clark Gable, Joan Crawford e Jean Harlow que se traduziam em filmes proibidos destinados a «exibições para amigos», não passam em branco na memória do homem que se propõe desacreditar Hollywood.

JEAN HARLOW
VITIMA DOS SEUS PASSATEMPOS

Se a'guém pensar que o fenómeno de popularidade e bilheteira representado actualmente pela figura sofisticada de Brigitte Bardot é um caso sem qualquer precedente na história do cinema, que se desiluda.

A platinada Jean Harlow, precursora dos fenómenos curvilíneos Marilyn Monroe e «BB», era há vinte anos um caso muito sério; tão sério que trazia permanentemente de cabeça perdida a maior parte dos honestos chefes de família desse tempo. Os seus honorários, subiam a quantias que ainda hoje poderiam considerar-se astronómicas e a sua popularidade tinha qualquer coisa de doença social.

No meio de toda esta doirada grandeza — conta Keneth Anger — ela não passava de um farrapo nas mãos do mais temível dos vícios. Injectando-se diariamente com uma elevada dose de heroína, a deusa do cinema desse tempo acabou por sucumbir aos perigos do seu passatempo favorito...

Jean morreu de intoxicação e o seu último filme teve que ser terminado pelo seu duplo em cenas filmadas a grande distância ou em que a pretensa Jean Harlow aparecia de costas.

DAS MORTES DE MARIA MONTEZ E
JOHN GARFIELD AO ESCÂNDALO DE
LANA TURNER

Todos os «casos» que fizeram sensação nos Estados Unidos relacionados com a capital do cinema, surgem agora em «A Babilónia de Hollywood» com inesperada nitidez de pormenor.

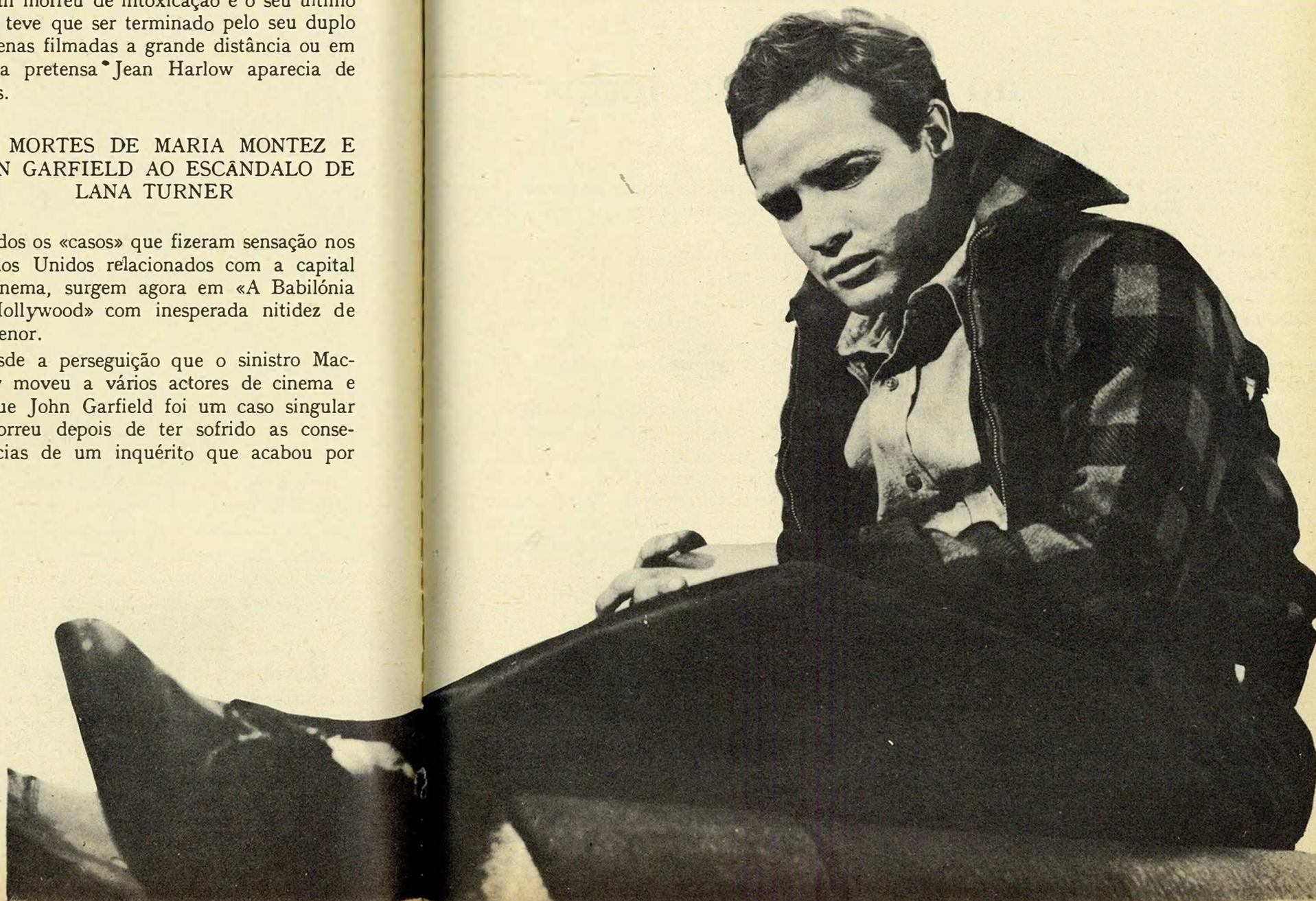
Desde a perseguição que o sinistro Mac-Carty moveu a vários actores de cinema e de que John Garfield foi um caso singular — morreu depois de ter sofrido as consequências de um inquérito que acabou por

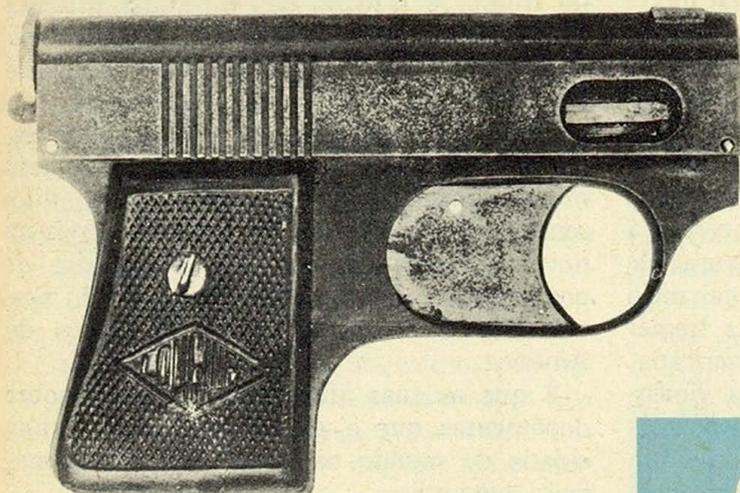
provar-se descabido — passando pela morte de Maria Montez, vitimada pela sua vaidade — tomava frequentes banhos de água fervente para manter-se bela... — até ao escândalo relativamente recente que envolveu Lana Turner e que atirou a sua filha Ceryl para um reformatório acusada de ter morto um «gigolo», as personagens que fizeram a Meca do cinema aparecem como figuras de uma pantomina trágica capaz de enojar meio mundo. O autor desta obra que faz tremer o santuário dos génios da arte americana, chega aos nossos dias com desusada violência, aclamando James Dean, o mito mais recente da juventude americana, como um simples impostor que fazia da pose um meio

de triunfo e fazendo das estranhas atitudes de Elvis Presley a apoteose final da sua obra.

Revivem-se desta maneira, mas com maior dignidade, os atribulados processos «Confidential». Em todo o caso, um pormenor estabelece entre os dois escândalos — Keneth é actualmente um escândalo — uma diferença substancial, no dizer de um cronista novaiorquino: ninguém terá a ousadia de processar o autor do livro mais vendido nestes últimos meses em todos os cantos da América.

É que as suas afirmações assentam sobre documentos que a glória da mais estranha cidade do mundo não pode recusar de maneira nenhuma.





O CRIME

ao alcance de todos

ROMANCE EM CASA DE UM ROMANCISTA

O famoso romancista Lawrence Whitfield introduziu-me na sua luxuosa casa e conduziu-me ao escritório. No chão estava estendido o corpo do seu secretário, Dick Steel. Na testa dele o orifício bem característico duma bala. Perto da mão direita, uma pistola.

— Não consigo descobrir as razões do suicídio — devia ter uma grande necessidade de dinheiro, maior ainda do que eu pensava. Ontem pediu-me aumento de ordenado e eu recusei, nunca pude pensar que as consequências seriam estas!

— Você havia-me dito que estava a proceder a investigações na Biblioteca Municipal no momento em que este desastre sucedeu. Procurei informar-me, mas nenhum empregado se lembra de o ver lá.

— É possível — respondeu Whitfield — costume ir lá quase todos os dias e já ninguém repara em mim. A Biblioteca é muito concorrida, como sabe... De repente resolvi sair e vir até casa. Não teria sido um sentimento? Deparei então com este triste espectáculo.

Eu continuei com as minhas perguntas: — Quando foi a última vez que você esteve com Dick?

— Há uma hora, não mais... Foi à Biblioteca consultar-me acerca duns papéis... Eu estava mal-humorado. Não sei já como foi, discutimos por causa dumas notas que ele tomara. Começou a gritar-me, muito exaltado. Tive de ordenar-lhe que saísse da Biblioteca.

— De quem é a pistola? — perguntei.

— É minha. Tenho muito dinheiro em casa... Dick sabia onde eu a guardava...

— Muito bem — respondi eu — parece impossível que um escritor tão famoso como o senhor não tenha inventado uma história mais verosímil. Terá de me acompanhar até à Polícia...

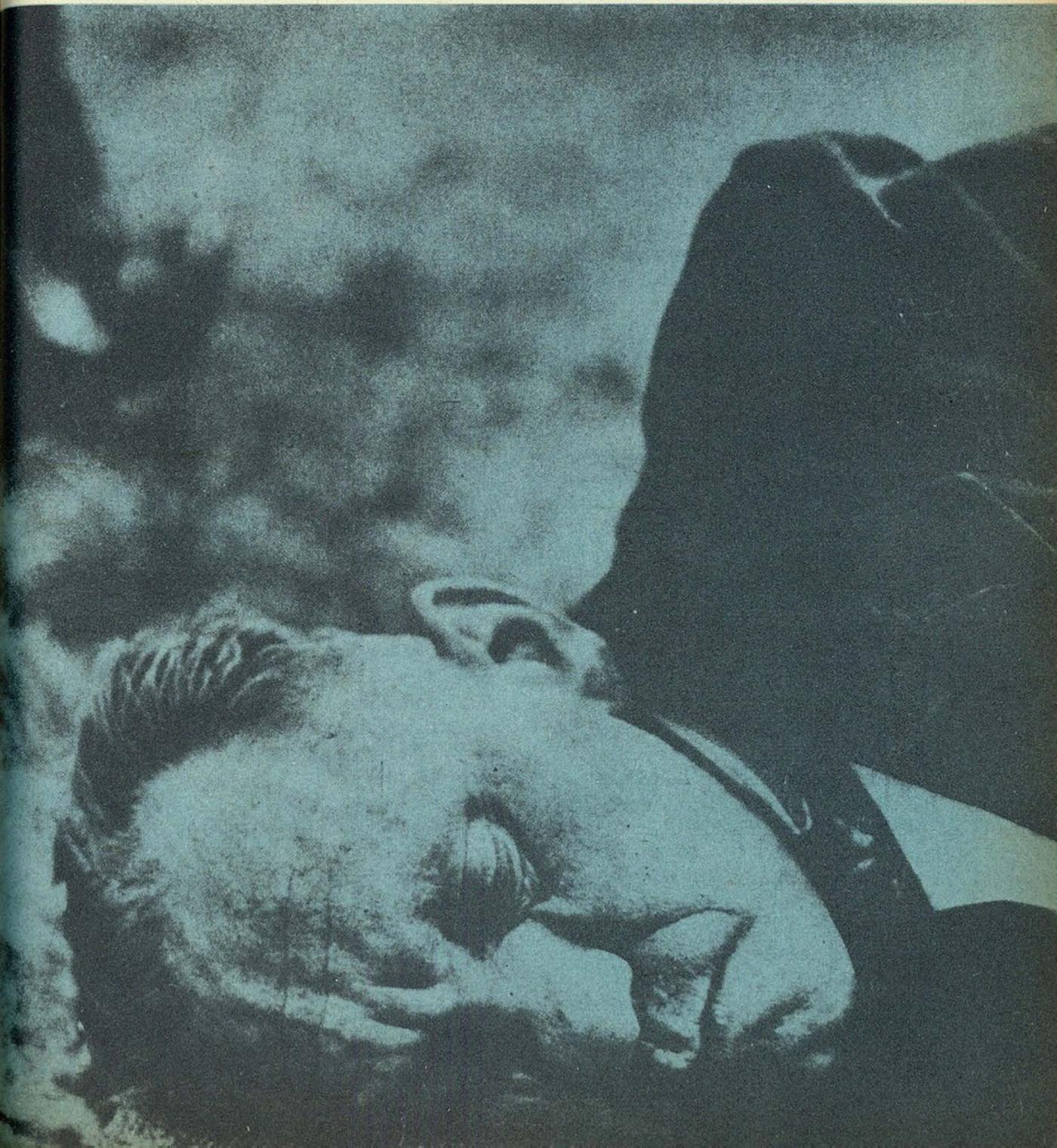
Pergunta-se: Quais os motivos que me levaram a desconfiar dele?

SOLUÇÃO

Mesmo que se admita a possibilidade de ninguém ter visto Whitfield na Biblioteca, é de estranhar que ninguém tenha dado pela discussão que ele travou com o secretário. Eis a razão porque eu desconfiei dele...

O SONO

*um negócio da China
nos Estados Unidos*





O SONO

Há cem anos, um excêntrico cidadão inglês dado às mais diversas especulações científicas, afirmava que o sono, era a resultante «de fumos vaporosos que, subindo do estômago para a cabeça, eram congelados por um resfriamento cerebral, interrompendo a circulação e a vida dos sentidos». Chamava-se L. Cogan, o imaginoso cavalheiro e como poderá supor-se facilmente, não foi muito longe na sua carreira científica.

Para alguém que queira ser mais exacto, o sono é um especial estado de consciência acompanhado de diminuição da actividade somático-motriz e das capacidades sensíveis.

Para os americanos, no entanto, a coisa é bem mais simples de definir: o sono, é apenas um negócio da China...

O século da depressão nervosa é igualmente o século da insónia e a verdade é que nos Estados Unidos, a acreditar num dos vícios mais em voga naquelas paragens (a estatística), há pelo menos oitenta milhões de pessoas para quem o sono adquire frequentemente a magnitude dos mais complicados problemas.

Entre gente que sofre de insónia e os sonâmbulos crónicos que recorrem aos estratagemas mais incríveis para contornar os inconvenientes de semelhante mal, têm os médicos americanos a mais admirável das clientelas.

Em 1940, o Instituto Gallup, demonstrava que todos os naturais dos Estados Unidos sofriam das tristes consequências de um sono irregular.

Claro está que num país onde tudo, mas tudo, é traduzível em dinheiro, este problema não podia deixar de trazer as suas consequências materiais.

Disso se encarregaram os milhares de laboratórios americanos que trataram de elevar o mesquinho soporífero à dignidade comercial até aí apenas atribuível à legião dos cosméticos e a publicações do género «Como enriquecer e alcançar o sucesso em dez li-

ções». A expansão de semelhantes produtos, não dispensava evidentemente várias campanhas de publicidade em grande estilo e foi a ocasião de se aconselhar o americano a «dormir como Cleópatra com o soporífero X» ou a «dormir com conta peso e medida, mas escolhendo a qualidade do sono», coisa que evidentemente só se conseguia graças ao uso do famoso comprimido azul...

Destarte, em breve se poderia retratar a América sem medo de pecar por exagero, como um país erguido, pintado e pavimentado com drogas que, diferindo na cor e na forma, tendiam todas para o mesmo fim: ganhar dinheiro fazendo dormir os outros. O sono tranquilo e reparador, tornava-se deste modo um dos maiores negócios dos Estados Unidos.

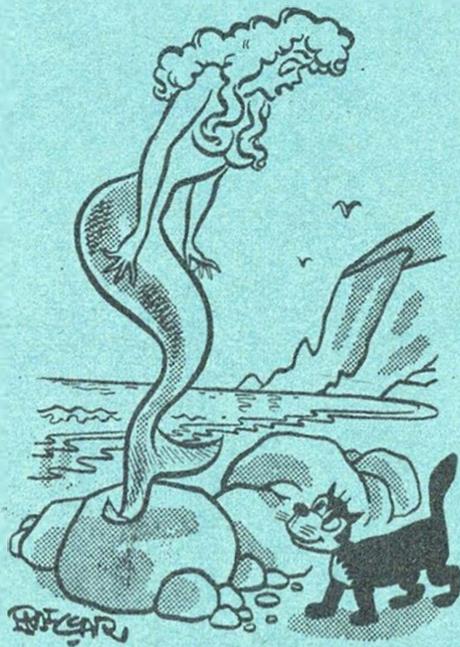
BARBITÚRICOS CAPAZES DE ADORMECER OS ESTADOS UNIDOS DURANTE TRINTA DIAS...

Que não mentimos e o negócio prospera, provam-no constantemente os alarmantes boletins médicos que se publicam na América. Em 1950 venderam-se nos Estados Unidos cerca de 5.000.000.000 de comprimidos para dormir, o que dá uma média de 33 pílulas por cabeça e 170 horas de sono artificial a cada americano. Entretanto, um jornal do país afirma que os barbitúricos usados anualmente pela população americana, davam para adormecer toda a América durante trinta dias.

Mas que muitos conseguem perfeitamente os seus intentos com o uso de soporíferos, prova-o claramente o boletim da Companhia de Seguros Metropolitana de Nova Iorque afirmando que cada mil pessoas que morrem anualmente nos Estados Unidos, um fecha os olhos para sempre graças ao abuso de semelhante prática...



— Mas que máscara tão original!



Sem palavras...

as «Bluebell Girls»

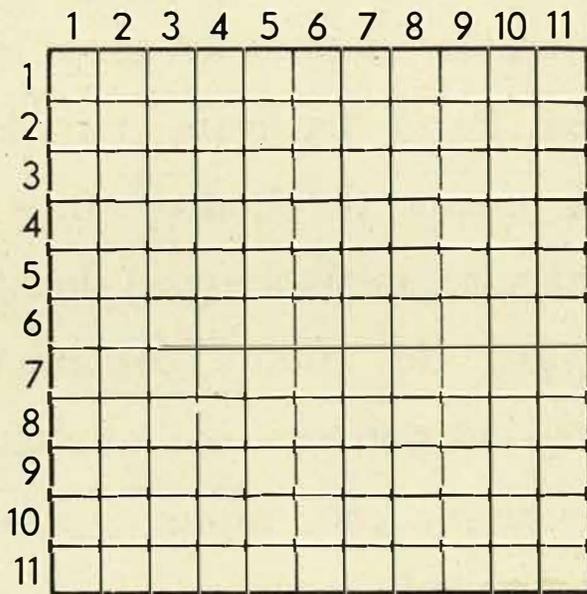
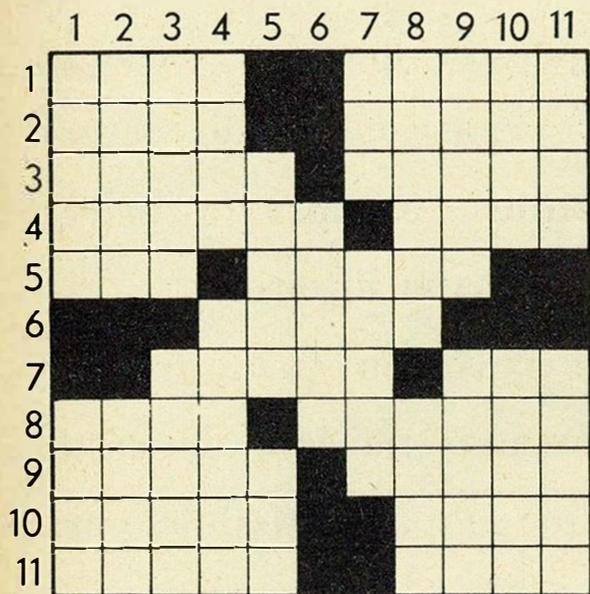


Estas são as famosas «Blue-bell Girls», o quarteto feminino que mais dinheiro vale em todo o mundo do «musichall» e (justificado) orgulho dos ingleses. As pequenas em questão, depois de uma temporada que fez sensação em Paris, partiram para Las Vegas onde vão actuar à média de quatrocentos contos por mês (a beleza paga-se, meus amigos) durante um ano inteiro.

Além do talento sàbiamente revelado pela gravura são as donzelas em questão exímias na arte de vestir e despir com rapidez, pormenor importantíssimo para o seu «show» que, por sessão, exige nada menos que dez trajes diferentes em trinta minutos. Este pormenor não deixará, por certo, de entusiasmar a plateia de **habitués** da roleta, enfadados pela monotonia que provoca o ganhar e perder dez vezes em cada noite a mesmíssima fortuna.

Quanto às «Blue-bell» pròpriamente ditas, arrastam uma vida claramente apaixonante, gastando metade do seu dia a treinar os seus virtuosos números, um terço a dormir e comer e o restante a gastar dinheiro. Como qualquer de nós afinal, se esquecermos o nosso tradicional sentido da economia no que se refere ao último ponto focado na existência destas beldades...

passatemp



PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTALIS: 1 — Transpirava; fiado. 2 — Homenagem. 3 — Afago; cruel. 4 — Instrumento para encurvar as calhas das vias férreas; consta; embaraços. 5 — Gostar; torrente. 6 — Berrai. 7 — Tosta; sublime. 8 — Mordisca; protecção; árvore terebintácea. 9 — Entusiasmo; cordel do tear. 10 — Último de uma série de oito (pl.). 11 — Contusão; registo.

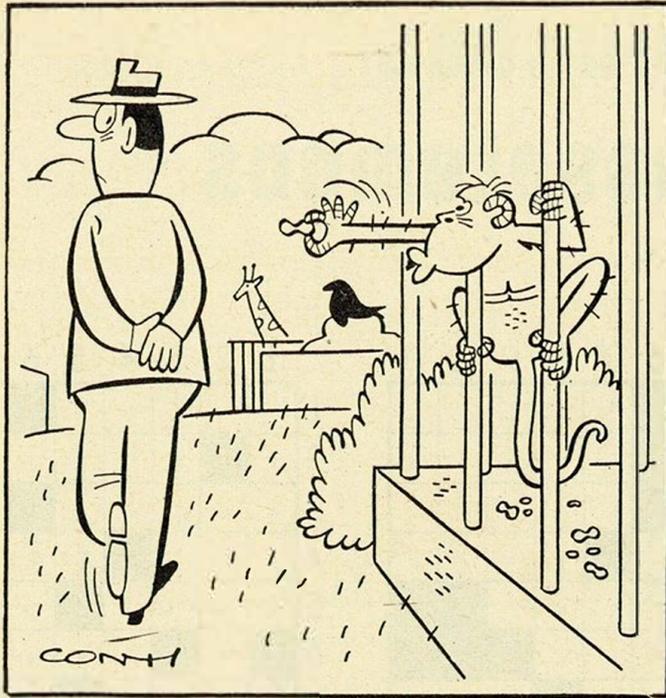
VERTICAIS: 1 — Fechara as asas para descer rápido; praia. 2 — Sensíveis. 3 — Acaricia; colocados. 4 — Aparece; caminho; troce. 5 — Idade; macaco americano. 6 — Beberrões. 7 — Operava; branca. 8 — Possui; liga; ião. 9 — Magnetiza; frouxo. 10 — Caloiras. 11 — Opada; nome próprio masculino.

PALAVRAS CRUZADAS

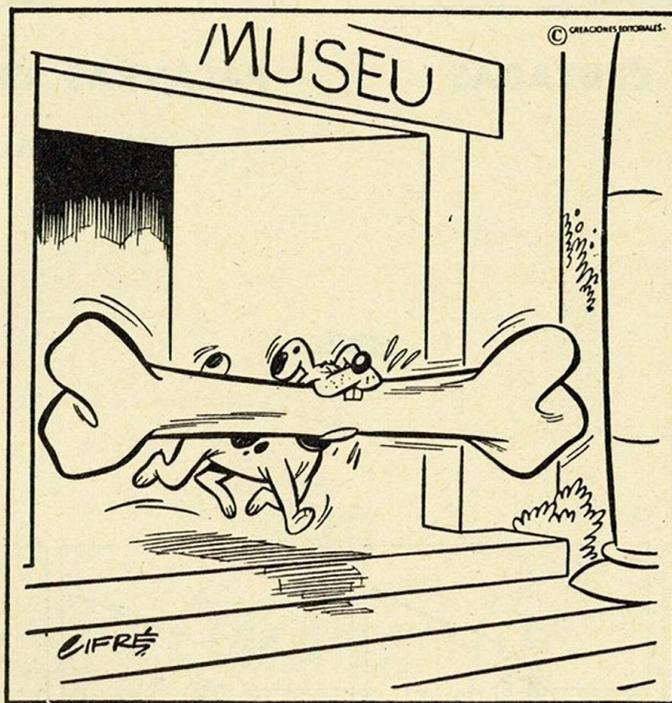
(NOVA MODALIDADE)

HORIZONTALIS: 1 — Ocasão; porcos. 2 — Perfume; provenho. 3 — Orai; vértice. 4 — Harmoniosa; enraivecer. 5 — Pega; estremeço. 6 — Areal. 7 — Graúda; encaixe em peça de madeira. 8 — Correria; contaminada. 9 — Cidade belga; veste indiana (pl.). 10 — Pegar; rilhes. 11 — Ave trepadora; queima.

VERTICAIS: 1 — Cavalo inglês; eleva. 2 — Lubrificantes; apelido de um costureiro parisiense de muita fama. 3 — Resmunga; garganta. 4 — Jarro (planta); praguejar (pop.). 5 — Animal carnívoro do Brasil; época. 6 — Cura. 7 — Outro nome de Cibele; abraços (inf.). 8 — Decora; vardasca. 9 — Filamentos extraídos da noz de coco; queridos. 10 — Mamífero felino; mudas. 11 — Costumar; relaxada.



— Pssst! Pssst!



Sem palavras

soluções dos passatempos

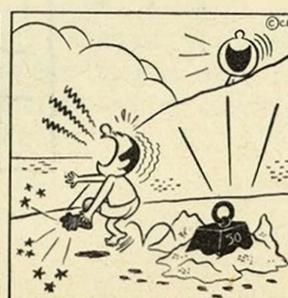
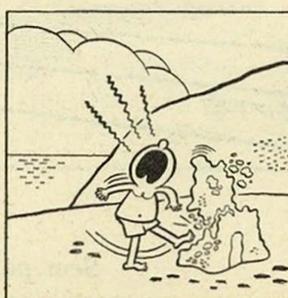
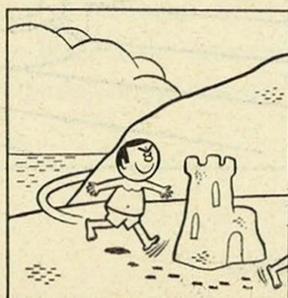
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	H	O	R	A			R	E	C	O	S
2	O	L	O	R			E	M	A	N	O
3	R	E	S	A	I		A	P	I	C	E
4	S	O	N	O	R	A		I	R	A	R
5	A	S	A		A	B	A	N	O		
6				P	R	A	I	A			
7			G	R	A	D	A		C	A	L
8	A	D	U	A		E	I	V	A	D	A
9	L	I	E	G	E		S	A	R	I	S
10	C	O	L	A	R			R	O	A	S
11	A	R	A	R	A			A	S	S	A

PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	S	U	A	V	A		A	T	I	D	O
2	I		M	E	N	A	G	E	M		B
3	A	M	I	M	O		I	M	A	N	E
4	R	I	M		S	O	A		N	O	S
5	A	M	A	R		D		L	A	V	A
6		O		U	R	R	A	I		A	
7	A	S	S	A		E		A	L	T	O
8	R	O	I		A	S	A		A	A	L
9	E	S	T	R	O		L	I	S	S	A
10	A		O	I	T	A	V	O	S		V
11	L	E	S	A	O		A	N	O	T	O

PALAVRAS CRUZADAS

(NOVA MODALIDADE)



RICHARD LLEWELLYN

O VALE ERA VERDE



ALMANAQUE

TITULO ORIGINAL
HOW GREEN WAS MY VALLEY

Copyright 1960 by
RICHARD LLEWELLYN



1960

GRUPO DE PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
LISBOA

— Estás a dormir, pequeno? — perguntou Owen, mas tão baixinho que não me acordaria se eu estivesse a dormir. Fiquei sem saber o que devia responder-lhe pois não queria dar-lhes a perceber que me dera conta de tudo o que se havia passado.

— Sim — respondi num tom sonolento como se tivesse acordado naquele momento.

— A mãe quer falar contigo — disse Owen.

— Que há, mãezinha? — respondi eu, e eles ficaram, de mãos dadas, com os olhos postos um no outro.

— Como tens passado hoje, meu filho? — perguntou minha mãe.

— Ótimamente, mãezinha. E a mãe, como está?

— Esplêndidamente também. A tua perna está a doer?

— Não, mãezinha, muito obrigado. O Dr. Richards disse que brevemente me autorizaria a levantar-me.

— Eu devo levantar-me no próximo sábado. Depois poderei ir aí ver-te. Que tal, tens comido bem na companhia de Bronwen?

— Sim, mãezinha, tenho comido bem.

— Mas Bronwen não faz a comida tão bem como eu, não achas? — perguntou minha mãe, e a sua voz estava impregnada de tanto afecto que procurei tossir para desfazer o aperto da garganta.

Como num filme, passaram pela minha mente os meses em que estava de cama pensando nos seus filhos e nas suas obrigações, agora tudo entregue a outra mulher, o seu espírito cheio de preocupações. Bronwen era uma cozinheira de primeiro plano e seria injusto dizer que minha mãe lhe era superior. Mas minha mãe era minha mãe e no tom da sua voz lia-se a ânsia de saber que notávamos a sua falta, que pensávamos nela, que era ainda a mãe querida, sempre desejada e nunca esquecida. Por isso era obrigado a mentir.

— Está claro que não, mãezinha. Penso e desejo muitas vezes todos os seus mimos, nas suas tortas de maçã e nas claras de ovos batidas.

— Ainda terás tudo isso — disse minha mãe, e a convicção da sua voz era comovedora — ; deixa eu levantar-me desta cama e verás o que farei nas minhas velhas panelas e caçarolas. Quase que endoideço lembrando-me do que podia estar a fazer em lugar de estar aqui de barriga para o ar dando de mamar a este potezinho de carne que está aqui ao meu lado.

Que encanto era a minha pequenina irmã. Chamava-se Olwen. Traziam-na muitas vezes para a minha cama a fim de brincar comigo enquanto Bronwen e Angharad faziam a cama de minha mãe; foi assim que nos tornámos grandes amigos.

— Diga-lhe para fazer bolhas, mãezinha — disse-lhe, porque ela fazia com a boca bolhas de ar e se lhe apertávamos a cara as bolhas que fazia eram maiores e irisadas.

Ora, filho — riu-se minha mãe ao mesmo tempo que pronunciava estas palavras — , ela está agora a dormir. Trata também de dormir.

— Sim, mãezinha. Então boas-noites.

— Boas-noites, meu filho. Diz a Marged para não avivar o fogo.

Eram assim as nossas conversas todas as noites. Lembro-me particularmente daquela noite, porque enquanto eu e minha mãe conversávamos Owen e Marged tinham ido enlaçados pé ante pé para o quintal e ainda lá permaneciam quando o meu pai entrou, de volta do ensaio, acompanhado de Ivor e Bronwen.

— Onde está Marged? — perguntou Bronwen.

— No quintal — respondi.

Marged entrou ruborizada e com a respiração acelerada como se tivesse corrido ao dar-se conta do regresso deles. Notei aquele sorriso indefinido muito particular de Bronwen quando se dirigia ao guarda-louça para ir buscar pratos e a viu entrar.

— Julgo que Owen gostaria de ter fogo lá fora para se aquecer — disse Bronwen mexendo nos pratos.

— Sim, porque está muito frio lá fora.

— Oh! — exclamou Bronwen.

— Foi ele quem o disse — emendou apressadamente Marged.

— Não se preocupe, menina — disse Bronwen para a pôr à vontade. — Não há mal algum em que vá ver e verifique por si própria. Ou já lá esteve?

— Não, não estive lá, nem uma vez sequer.

— Se foi não tem importância — disse Bronwen sorrindo desta vez. — Quer dar-se ao incómodo de pôr a chapa do fogão em condições? Temos de fazer bolos de milho para a ceia.

Quando, depois de aprontarem a ceia, Gwilym foi chamar Owen ninguém poderia pensar ter-se passado qualquer coisa entre ele e Marged tal o ar indiferente com que mutuamente se tratavam. Eu é que surpreendi os olhares que, por cima da mesa, trocavam enquanto os restantes comiam. Rápidos e curtos, mas pelos quais trocavam os seus pensamentos, e tão ardentes que me admirei que não tivessem provocado qualquer incêndio. Como pensavam que eu estava a dormir nem lhes passava pela cabeça que eu os pudesse observar pelo buraco da cortina.

Esse devaneio amoroso quase que inutilizou toda uma série de actos festivos preparados por meu pai para solenizar a saída de minha mãe do seu quarto de enferma.

Toda a espécie de surpresas fora preparada para a receber. O coro subira à colina para cantar em frente da nossa casa, para tomar chá convidara o novo pregador, o administrador da mina, o Dr. Richards, os tios e tias, toda a família de Bronwen e não sei quantas mais pessoas, quase que toda a população da aldeia.

Vieram de outros vales tocadores de vários instrumentos, e da cidade veio também um piano, que eu sabia que seria um presente de meus pais a Bronwen pelo primeiro neto, Gareth.

Idris John havia começado a pintar a casa de ponta a ponta, interna e externamente, e os móveis tinham chegado da cidade, com o piano, elegantes e novos em folha.

Uns dias antes minha mãe fora levada num colchão para casa de Bronwen para lá permanecer enquanto Idris pintasse os quartos. Tinham-lhe dito que iam arranjar a cama, que era velha e estalava por todas as juntas. Acreditara porque ela mesma havia dito que lhe dava às vezes vontade de agarrar num machado e fazer da cama lenha para o lume.

A expressão do seu rosto quando entrou em casa ao observar todos os melhoramentos daria vontade de rir a qualquer que assistisse mas depois comovê-la-ia.

Eu estivera a observar a cena da minha cama. Chegou-me a vez de também ser removido por Ivor para a sala da frente. Com o seu papel novo e a nova pintura, que linda estava! Os móveis vindos da cidade estavam em monte noutras casas à espera que as raparigas fizessem a limpeza depois de Idris acabar as pinturas.

Quando tornei para a minha cama, na manhã seguinte, a custo reconheci a cozinha. Idris, com os seus pincéis e as suas tintas, havia-a transformado. Depois de todos os buracos e fendas tapados pintara as paredes de azul-pálido e amarelo e o tecto de branco. A minha cama estava também pintada de amarelo e tão bonita que foi com alegria que a ela voltei e olhava para o sol reflectido nela como se compreendesse que o próprio sol estava também alegre por pousar nalguma coisa que tinha a sua cor.

Durante toda a manhã as minhas irmãs, as minhas tias, Bronwen e as mulheres da colina esfregaram, lavaram e lustraram para que quando minha mãe chegasse tudo tivesse um aspecto atraente.

Meu pai entrava e saía da cozinha a todo o momento procurando ajudar todos, olhando as cortinas, fazendo observações constantemente, como se tivesse comichão nos dedos e impaciente por tudo acabar.

Quando relanceava o olhar à sua volta e reparava que eu estava a observá-lo, disfarçava puxando o bigode como se estivesse envergonhado, fixando o chão e depois olhando para mim a pestanejar.

—Estás a ver, meu rapaz? Estou na fiscalização—dizia ele, e atirava o casaco para as costas e andava de uma maneira tão pândega que eu não podia deixar de me rir.

Afinal tudo ficou terminado, mas já centenas de pessoas esperavam fora, na rua. O coro subira até à nossa porta acompanhado de uma autêntica multidão e eu tinha ouvido os seus cânticos enquanto vencia a colina. Atacaram todos o hino ao mesmo tempo incluindo todas as mulheres que trabalhavam dentro de casa, as que cozinhavam e as que, lá em cima, davam os últimos retoques nas cortinas.

Vista do exterior a casa era uma coisa viva, com alma, que cantava e toda a atmosfera parecia que entoava uma canção única.

Meu pai acompanhava o novo pregador para mo apresentar enquanto minha mãe não vinha, e o Sr. Nicholas, administrador da mina, e o Dr. Richards também vinham com ele mas ficaram à entrada da porta, porque a cozinha estava cheia de mulheres até deitar por fora, umas cozinhando, outras cortando o pão e outros preparativos.

—Cá temos o Huw, Sr. Gruffydd—apresentou meu pai.—Este senhor é o reverendo Meirddyn Gruffydd, o novo pregador. Cumprimenta, meu filho.

—Não se incomode, deixe-se ficar deitado—disse o reverendo Gruffydd fixando-me com ar severo.—Huw Morgan, faça porque o brilho que se vê nos seus olhos se mantenha. Nunca se lembre de lamentar o tempo que está retido nesta cama. Desejaria ver-se livre da doença para brincar com as outras crianças?

—Sim, com certeza, Sr. Gruffydd—respondi.

—E tem a certeza de isso alguma vez acontecer?—inquiriu ele, agora a sorrir.

—Sim, senhor. Tenho.

—E faz muito bem. E não duvide um momento de que assim seja. Não confie demasiadamente nas palavras dos médicos.

Estas palavras alcançavam indirectamente o doutor—com sentido humorístico, note-se, mas o doutor foi o único que não riu.

—Essas palavras não vão fazer melhorar a criança Sr. Gruffydd—afirmou o Dr. Richards.—A natureza tem as suas exigências.

—A natureza é serva de Deus—assegurou o reverendo.—E a fé tem um efeito psíquico que pode acelerar a cura. Tem fé, Huw?

—Sim, senhor—respondi eu, ansioso.

—Faz muito bem. Há-de ver, no alto da montanha, florescer o primeiro narciso. Verá ou não?

—Verei, sim senhor—respondi.

—Deus o proteja, meu pequeno Huw. Virei vê-lo todos os dias. Está de acordo?—concluiu o reverendo ao mesmo tempo que me punha a mão sobre a testa.

—Obrigado, reverendo—disse meu pai, mas o Sr. Gruffydd apenas fez um gesto e sorriu para mim antes de abandonar a cozinha.

Depois da sua saída a cozinha ficou silenciosa. Bronwen seguira-o com a vista, toda enfarinhada, e as outras raparigas olhavam umas para as outras abanando a cabeça como se acabasse de acontecer qualquer coisa estranha.

—Que se passa, Bronwen?

—Nada de notável, pequeno—respondeu Bronwen num tom de que se depreendia que alguma coisa havia.—É um rico homem. De futuro a capela terá farta concorrência.

—Deve ser homem para incutir a fé em qualquer assembleia onde pague—disse a Sr.^a Idris voltando a prestar atenção às batatas.

—Até já estamos cheias de fé—rematou Bronwen apressando-se a tratar dos bolos.

Entretanto lá fora os cânticos continuavam agora não toda a gente, mas

somente o pessoal do orfeão. Nesse momento chegava minha mãe; reventaram aplausos e explodiram gritos que fizeram estremecer as caçarolas em cima da mesa.

Apressadamente, Bronwen acabaram o que estavam a fazer e fugiram da cozinha para não estar lá alguém quando minha mãe nela entrasse.

Foi um alarido extraordinário o que elas fizeram com o ruído das tijelas e dos talheres entrechocando-se procurando limpar a mesa, largando uma coisa para agarrar noutra, limpando a farinha do chão, apanhando cascas de limão, sujando outra vez a mesa, limpando-a outra apostrofando a primeira, avivando o lume, tudo acompanhado de encontrões umas nas outras, mas sempre rindo e galhofando enquanto lá fora os vivas e os aplausos se intensificavam, e elas readquiriam a seriedade por um momento e alisavam as roupas da minha cama sorindo para mim e Bronwen e Angharad me beijavam. Afinal saíram depois de uma olhadela rápida a tudo e um bater rápido do fecho da porta.

Ficámos apenas os frangos no espeto, os bolos no forno e eu.

Só quem passou por isso pode compreender como é estúpido ouvirem-se vivas e aplausos quando se está deitado de costas numa cama pintada de amarelo e se olha para um raio de sol que sobre ela incide, tentando por sua vez associar-se à exuberância de vivas que ouve.

Do fundo da garganta sobe um ruído que se emite como se se estivessemos engasgados e esforçamo-nos por produzir um som mais audível.

Depois fica-se na ignorância se foi Vi que se gritou ou Vvvvaaá e o á arrasta-se até se ficar sem fôlego. Se se consegue gritar Vivooô procurar-se-á que o som saia mais alto e então é certo que se produzirá uma fífia e será nesse momento que se terá a noção da figura que está a fazer-se com a boca toda aberta e a garganta arranhada pelo esforço e um Vivoô que não mais acaba! Somente porque se quer associar ao alarido.

Compreendi a figura que estava a fazer e deixei de gritar ficando na expectativa da entrada de alguém. Ouvi nesse momento abrir a porta da frente e o orfeão começar a cantar.

Que encanto, depois daquele alarido sem sentido, aquelas vozes, carregadas de dignidade e de beleza, erguerem-se com um objectivo nobre! Que esplendor encerra a voz dos seres humanos e como são suaves os sons da harpa!

Ao olhar para a porta da entrada vi minha mãe que me observava com olhos que cintilavam como estrelas e cobria a boca com a mão. Não sabia se chorava ou ria.

—Huw—exclamou ela—, meu querido!

Eu não conseguia que palavra alguma me saísse da garganta.

Minha mãe correu para junto de mim e ouvi o ruído da sua saia a arrastar no solo quando se curvou sobre a cama; ao ver-me fazer caretas também fez uns trejeitos e desatámos a rir ao mesmo tempo. Não havia razão para lágrimas, por isso seria tolice chorar.

—Não demora muito— disse minha mãe limpando a minha cara— que cheguem umas tortas de amoras silvestres. Espera só um bocadinho.

—Está melhor, minha mãe— perguntei.

—Se estou melhor?— volveu minha mãe, rindo.— Sim, parece que estou quase boa. Pareço-te melhor?

—Tem o cabelo branco.

—A neve pegou-se-lhe. Contigo não sucedeu isso porque levavas o teu velho boné— disse minha mãe com ar de brincadeira. As mulheres têm tanta coragem!

Meu pai, que estava de pé, à porta, observando-nos, perguntou:

—Estás disposta a ver a casa, Beth?

— Sim, decerto que estou — respondeu minha mãe erguendo-se. — Como puseram tudo tão bonito, Gwilyn!

Observava toda a cozinha, depois dirigia-me um olhar rápido, e corria, sim, corria de um lado para o outro e pelas escadas acima.

Meu pai e minha mãe permaneceram lá em cima um tempo, que me pareceu infinito, durante o qual o orfeão cantou quatro hinos e *Camaradas de Armas*. Depois é que desceram e entraram novamente na cozinha permanecendo ao pé da mesa.

— Encantada, Gwilyn — disse minha mãe a sorrir para meu pai.

— Encantado, Beth — respondeu meu pai, correspondendo ao seu sorriso.

— Está tudo um encanto.

— E eu estou muito satisfeito por teres gostado.

— Que resta agora na lata?

— Ainda está cheio.

— E depois de pagar ao doutor e satisfazer todas as despesas?

— Continua cheio e ainda sobeja — respondeu meu pai sorridente e piscando-me o olho.

— Como és bom, Gwil! E que fraca mulher tens tu, uma mulher que esteve na cama tanto tempo e deixou a família por mãos alheias!

— Sim, realmente — disse meu pai fingindo estar encolerizado —, e mandando vir mais uma irmã para Huw. Que rica mulher, de facto, que excelente mulher!

— O meu mais ardente desejo era levantar-me, Gwil.

— Minha querida! — balbuciou meu pai. — Até aquele momento nunca tratara minha mãe assim. E que encanto tiveram aquelas duas palavras! Minha mãe também o sentiu, pois ruborizou-se sob o branco dos seus cabelos.

— Caluda! — ciciou ela olhando na minha direcção; vendo-me a sorrir corou mais intensamente e pôs os seus olhares no chão torcendo o colar.

— Vamos agora ter com o Sr. Gruffydd, Beth? — sugeriu o meu pai olhando para mim e fazendo-me um sinal recomendando-me discrição.

— Vamos, mas não sei o que hei-de dizer-lhe — respondeu minha mãe.

— Dirás apenas duas palavras a todos os assistentes — disse meu pai, e riu. — Eles começarão a gritar se fizeres menção de te escapares.

Mas que hei-de dizer-lhes?

— Discursaste muito bem da última vez que falaste. Por se tratar de gente amiga, agora será muito mais fácil.

— Está bem — disse minha mãe baixando a cabeça, que era o seu sinal particular de aquiescência. — Mas se eu começar a rir no meio da oração a vergonha será toda tua. Da outra vez tinha eu carradas de razão para dizer coisas àqueles estúpidos. Mas agora nenhum fim há a alcançar.

— Então? — concluiu meu pai. — O motivo é o agradecimento — disse meu pai procurando apressá-la.

— Agradecimentos acompanhados de uma boa xícara de chá. As raparigas já estão em condições?

— Sim, mãezinha — esclareci eu. — Estão todas à sua espera.

— Vamos, Beth — disse meu pai —, e o resto do pessoal está lá fora há já muito tempo. Vem, Beth. Ah, não te esqueças: um sorriso bom para mim.

Não se conseguia ficar sério quando o meu pai olhava para as pessoas daquela maneira. A minha mãe ainda tentou dominar-se durante um momento mas depois desmanchou-se e começou a rir.

— Vamos, avie-se, jovem — disse ela deslocando o braço de meu pai da sua cintura e empurrando-o levemente para a porta. E voltando-se para mim: — Não me demoro, meu filho. Quando voltar já devo trazer a tua torta de amoras.

→ Obrigado, mãezinha. Fale alto para que eu a possa ouvir.

— Benza-te Deus — disse minha mãe, e riu-se. — És tal qual o velhote de teu pai.

Saíram e foi um alarido extraordinário que os acolheu quando abriram a porta da frente. Ouvi uma voz grossa a impor silêncio e admiti que o reverendo Gruffyd não teria dificuldade em ser ouvido no vale vizinho se o pretendesse.

— Cara irmã — orou ele, de pé, sobre o peitoril da janela da frente —, saúdo-a em nome de Cristo.

— Amen — respondeu a multidão, e o som grave percorreu a colina.

— A minha alegria é profunda — continuou — pelo facto de ter sido convidado, no primeiro dia do meu ministério entre vós, para vir a esta casa de sacrificio a fim de desejar as boas-vindas a uma esposa e mãe cujo nome será inscrito em letras de ouro na memória de todos os habitantes dos cinco vales e ainda mais longe.

Fez uma pausa porque a multidão era grande e o sussurro que fazia era enorme.

— É evidente — continuou ele, e sorria — que uma oração esgotaria a vossa paciência. E para isso iriam à capela.

A multidão riu-se porque sabia que teria de conservar-se em silêncio sob o tecto da capela.

— Beth Morgan — exclamou o reverendo —, entra na tua casa. Oh dedicada esposa, oh nobre mãe, recebe a homenagem que te dedicamos enquanto damos graças a Deus Todo-Poderoso pelas Suas mercês, pelo dom da tua vida e por ter poupado a do teu corajoso filho.

A multidão começou a gritar mas o tom dos vivas e dos aplausos era agora diferente.

O silêncio reinava agora na cozinha de tal maneira que se ouvia o ruído dos pingos da gordura dos frangos no espeto a cair no lume e a minha respiração, lenta e constante.

— Meus queridos amigos — era agora a voz de minha mãe —, estou cheia de gratidão pelas palavras do Sr. Gruffyd. Por ter voltado a minha casa dou muitas e muitas vezes graças a Deus e também a uma criança que está lá dentro. A vós todos também o meu reconhecimento. Nenhunas palavras mais me ocorrem. Entrem agora e comam. Contou-se com todos.

Vivas e mais vivas se ouviram. Muittas e muitas bocas se abriam e fechavam, bocas que estariam daí a pouco a abrirem e fecharem-se por causa da comida.

Num momento a cozinha encheu-se de gente. As raparigas corriam passando pela porta do quintal e gente em fila entrava e saía levando pratos de pão com manteiga, bolos, tortas e conduzindo vasilhas com água quente para as chaleiras dando encontrões uns nos outros, rindo, empurrando-se e fingindo não poder passar pela porta da entrada.

Minha mãe veio ter comigo abrindo caminho através da multidão com uma grande torta de amoras numa mão e chá na outra e os braços levantados acima da cabeça para poder defender o que trazia com tanto prazer.

— Aqui está — disse ela dando-me o que trazia —, espera que eu te traga um guardanapo.

— Não é preciso, mãezinha. Já estou à espera há tanto tempo que não posso resistir. Não preciso de guardanapo.

— Que dirá de mim o teu pai se te vir a comer sem guardanapo? Que estou a preparar-te para viver num chiqueiro? Espera um bocadinho, meu filho.

Mas antes que ela voltasse comecei a martigar a torta.

Que rica torta de amoras, com frutos tão grandes como o meu dedo polegar, umas negras, outras vermelhas, prenes de sumo com uma camada de açúcar envolvendo-as que se transformam em creme quando na boca e tudo com um sabor tal que fechamos os olhos e desejamos poder viver sempre na imensidade daquele delicioso instante.

Angharad trouxe o guardanapo enquanto minha mãe a substituíra a servir o chá, e Bronwen veio mexer o chá da minha chávena. Agora não podia conversar-se; não

era possível caber mais gente na casa, e o barulho que faziam era tremendo; algumas pessoas olhavam para mim e sorriam.

Estava grato a Bronwen que, sentada à minha cabeceira, me ocultava a vista de parte da multidão, mas todos que manifestavam o propósito de ver-me enfiavam a cabeça pela cortina e batiam levemente nos meus pés. Via lágrimas nos seus olhos e era sensível à simpatia que demonstravam mas não lhes podia agradecer porque me faltavam as palavras.

O barulho prosseguia sem desfalecimento.

Xícaras, pratos, pires, talheres, botas, sapatos, batiam, raspavam e entrechocavam-se, mulheres falavam e gritavam com vózes de soprano e contralto e homens em voz de tenor, barítono e baixo, tudo agitando-se como se alguém amassasse um bolo de som.

Foi então que ouvi lá atrás a voz de Owen em tom elevado. Como eu todos o ouviam, pois estabeleceu-se silêncio e os que se encontravam junto da porta procuravam fazer calar os restantes que ainda falavam.

— Não lhe reconheço autoridade para me dar ordens — gritava ele com furor.

— Só quero é vê-lo novamente junto de minha filha — gritava o pai de Marged. — Dou-lhe uma tarefa que o rebento, seu traste!

— Larguem-me, que eu vou-me a ele — explodiu Gwilym como se alguém o agarrasse.

— Cala-te, Gwil — disse Davy. — Sr. Evans — continuei a ouvi-lo —, não está certo que o senhor se dirija dessa maneira a meu irmão.

— É a mim a quem compete julgar — respondeu o Sr. Evans — e agradeço-lhe que não se meta no caso.

— Dá um soco nesse tarado — gritou Gwilym. — Um pontapé também serve.

— Cala-te, Gwilym — repetiu Davy —, estás a fazer piorar as coisas. Sr. Evans, faça-me o favor de falar com meu pai antes de fazer mais burburinho.

— Levo mas é a minha filha daqui para fora agora mesmo — retorquiu o Sr. Evans cheio de ira.

— E eu fugirei — disse Marged através das lágrimas.

— E agora, que me diz a isso, seu tarado? — troçou Gwilym.

— Cala a boca, Gwilym — impôs minha mãe abrindo caminho através da massa dos assistentes —; sai já daqui.

A gente que estava na cozinha abriu caminho para que meu pai e o reverendo Gruffydd passassem da casa da frente na direcção do quintal.

— Beth — perguntou meu pai —, que se passa?

— Vem cá, Gwilym — ordenou minha mãe sentindo-se mais tranquila com a chegada de meu pai. — Aconteceu realmente qualquer coisa desagradável. Fazes-me ter ter vergonha, Owen. Nem sei como tens o mesmo nome que teu pai. Pede perdão ao Sr. Evans.

— Não, minha mãe — respondeu Gwilym, teimoso como uma mula.

— Espera — atalhou meu pai. — De que se queixa, Sr. Evans?

— O seu filho estava no barracão do quintal com a minha filha.

«Oh, diabo», comentaram os circunstantes.

— Que faziam eles? — inquiriu meu pai.

— Oh! — hesitou em continuar o Sr. Evans, como se tivesse relutância em prosseguir. — Ele tinha o braço na cintura dela.

— Eu estava a beijá-la — confessou Owen francamente.

— Oh! — fez meu pai como se a exclamação encerrasse o caso. E julgo que sorriu e a assistência achou graça e riu.

Logo a seguir ouvi gargalhadas, que pararam quase no mesmo instante, e as pessoas da frente começaram a impor silêncio às que se encontravam atrás.

— Muito me alegre — dizia meu pai — por o caso ter acabado assim; sentir-me-ia satisfeitíssimo porque Marged faça parte da minha família.

— Também me sinto contente com isso — disse o pai da pequena. Lamento que tenha acontecido este desaguisado. Mas é que eu sou muito severo com casos desta natureza.

— Então tudo acaba em bem — rematou meu pai. — Gwilym, pede desculpa.

— Não peço desculpa pelo que disse quando ele estava exaltado — proferiu Gwilym —, mas agora o caso muda de aspecto. Peço desculpa, Sr. Evans.

Por momentos ninguém falou.

— É o melhor que se pode conseguir deste rapaz — disse meu pai, e novamente se estabeleceu a hilaridade.

— O chá está a arrefecer — avisou Bronwen. — Venham depressa — e agarrou na minha xícara e sacudiu as migalhas da torta pegadas ao meu queixo.

— Mas que maluco me saiu este velho Evans! — murmurou ela. — A mãe dela já sabia disto. Ele não sabe o que o espera em casa. Estava a representar.

Parece que adivinhava porque a Sr.^a Evans se manifestou imediatamente:

— Que vergonha o teu procedimento, Evans! — disse ela de maneira a ser ouvida, e de facto calaram-se todos. — Está claro que Owen Morgan casará com ela e também me sinto contente com isso. Mas a verdade é que foi uma vergonha esse velho maluco ter provocado uma trapalhada sem pés nem cabeça num dia festivo como este em que tudo devia ser riso e alegria.

— Agora vamos todos agarrar nos copos — rematou meu pai — e fazer uma saúde. Vamos, todos.

As conversas prosseguiram e alguém decidiu pôr-se a cantar.

— Owen nunca se esquecerá desta fita enquanto viver — disse Angharad de volta com a minha xícara cheia. — Se tivesses visto a cara dele!

— Vou conversar com ele — disse Bronwen. — Se ele me quiser ouvir!

Mas agora tudo cantava. Já estava escuro e os candeeiros acendiam-se parecendo flores amarelas.

As mulheres ficavam ainda porque muita coisa havia ainda a fazer mas os homens desciam a colina para fazer saúdes e cantar mais à vontade.

Owen não mais foi visto naquela noite.

8

PASSARAM-SE muitos dias sem Bronwen ter oportunidade para falar com Owen porque ele parava agora pouco tempo em casa. Minha mãe retomara as suas funções domésticas e orientava, agora, que permanecia cá em baixo, todo o serviço caseiro.

Bronwen aparecia à noite após a ceia de Ivor e sentava-se junto de mim para ouvir as lições que, já prontas para o dia seguinte, seriam entregues à Sr.^a Tom Jenkins, e depois ajudava Angharad na preparação das marmitas que, com a comida, seriam levadas pelos homens na manhã seguinte.

Uma noite minha mãe foi à reunião religiosa com meu pai, a primeira a que ia desde que tinha caído à cama; era uma reunião especial preparada em sua intenção a que todos compareciam. Todos menos Owen, que trabalhava com afã na sua invenção.

Últimamente ele andava muito bisonho. Algumas vezes até se tinha esquecido de comparecer às refeições; esta situação preocupava muito minha mãe, embora o meu pai insistisse porque não nos afligíssemos. Mas aflita ficava ela sempre quando qualquer de nós perdia o apetite porque, dizia ela, era indício certo de qualquer doença.

Não era só minha mãe que se afligia. Marged também andava preocupada embora procurasse não o demonstrar. Muitas vezes observei-a parada a olhar pela janela para

o barracão onde Owen executava os seus trabalhos, e as lágrimas permaneciam tanto tempo nos seus olhos que eu podia contá-las antes que caíssem. Depois estremeia dos pés à cabeça como se um arrepio de frio a atravessasse, voltava-se e corria para a casa da lavagem com a mão na boca. A porta fechava-se então lentamente atrás dela.

Na noite em que minha mãe saiu com meu pai e a casa ficou mergulhada em silêncio, Bronwen entrou pela porta das traseiras e tirou a capa como se tivesse de executar algum trabalho.

— Marged está cá? — perguntou.

— Não, Bron — respondi. — Saiu com a mãe, o pai e os outros.

— Está bem — acrescentou ela abrindo a porta. — Espera um bocadinho. Vou conversar uns momentos com Owen.

— Belo — disse eu, e segui com os meus estudos logo que ela fechou a porta.

Estava naquela ocasião entregue ao estudo da geometria de Euclides. Ainda mesmo hoje acho graça aos seus teoremas por serem tão simples e hábeis e bons para adestrar o raciocínio. Sempre me lembrarei do triângulo isósceles que desenhei dentro de um círculo pois foi precisamente quando eu estava a enfiar o lápis no compasso que Marged abriu violentamente a porta e ficou parada, com o vento a colar-lhe a capa ao corpo, a olhar para mim com ar trágico.

— Quem está com Owen? — perguntou ela com voz baixa.

— Bronwen — respondi.

— Vou matá-la — disse ela enquanto desabotoava sacudidamente a capa para se libertar dela.

— Estão a conversar — informei.

— A conversar? — explodiu Marged num tom sarcástico. — Há já semanas que fala comigo como que por favor. Estão então a conversar? Agora compreendo tudo.

— Que é que compreende? — perguntei, pois estava verdadeiramente surpreendido com a atitude dela, com os cabelos desgrenhados, os olhos dilatados e espuma aos cantos da boca.

— Cale-se — ripostou ela. — Não tardará muito que fique sabendo. — Voltou-se de frente para o barracão, com o busto erguido, a aspirar profundamente.

— Owen — gritou. — Bronwen Margot. Saiam daí. Venham cá.

Não precisou de gritar outra vez. A porta do barracão abriu-se antes que ela terminasse de pronunciar aquelas palavras e Bronwen veio a correr, e empurrou-a pelos ombros para a cozinha.

Owen entrou atrás dela e fechou a porta, à qual ficou encostado lançando olhares em que se lia a fúria para Marged, que se achava na sombra, encostada à parede, frente a frente de Bronwen.

— Que loucura a sua, menina! — verberou Bronwen olhando alternadamente de Marged para Owen e cruzando olhares comigo.

— Não estou louca, não — lamentou-se Marged como se a vida estivesse a abandonar o seu corpo. — Eu observei-a durante estas últimas semanas; a senhora comia-o com os olhos.

— Cale-se, menina — exigiu Bronwen. — A menina bem sabe que eu olhava para ele por outras razões que não as que está a insinuar.

— Diz-lhas — cortou Owen desprezivelmente.

— Agora não, Owen — respondeu Bronwen. — Lembra-te de que há uma criança aqui.

— Nada lhe escapa — disse Owen. — Diz-lhe porque vieste cá.

— Vim perguntar a Owen a razão por que se mostrava indiferente consigo.

— Diz-lhe também o que te respondi — continuou Owen com a mesma voz ou ainda mais grave que há pouco.

— Vão lá para fora e conta-lhe tu mesmo — aconselhou Bronwen.

— Estou condenada a ser tratada pelos dois como um farrapo? — perguntou Marged. — É melhor rasgarem-me agora. Não hesitem.

— Conta-lhe, Bron — insistiu Owen.

— Ele disse-me que deixou de a amar depois que toda a gente teve conhecimento do namoro — disse Bron.

— Depois que a senhora o conquistou, é o que ele devia dizer — redarguiu Marged.

— Tome cuidado com as palavras. Parece uma mulher perdida a falar — volveu Owen.

— Foste tu quem me perdeu — atalhou Marged. — Owen, foi culpa minha que meu pai tivesse feito aquele escândalo à frente de toda a gente? Não foste tu quem me beijou? Eu estava a encher os bules, disse-te que estivesse quieto, e tu cada vez me beijavas mais.

— Não é preciso — respondeu Owen. — A minha resolução está tomada e é irrevogável.

— Não sejam mauzinhos! — intervim eu na intenção de me enfiar pelos lençóis velozmente. Como nenhum deles se manifestou conservei-me como estava.

O trio olhou-se mutuamente, Bronwen e Owen para Marged, e esta para Owen.

— Owen — suplicou Bronwen.

Mas Owen mantinha-se mudo.

A pêndula do relógio continuava no seu movimento monótono parecendo elevar-se mais a cada pancada como se trouxesse o tempo para nós a ponto de me obrigar a pensar porque nunca o teria ouvido assim. Admito que seja porque quando certas coisas acontecem — como esta, por exemplo — o pensamento procura encontrar qualquer coisa costumada em que pensar, utilizando, para amortecer o choque, os sons costumados, digamos como o tique-taque do relógio, como um apoio para o seu mecanismo mental.

Marged baixou a cabeça e começou a chorar com tanta violência que quando soluçava a sua cabeça movia-se para cima e para trás. O seu pescoço era de tal brancura que eu quando o via ficava agradavelmente surpreendido.

Bronwen olhou novamente para Owen, mas este olhava fixamente para os ladrilhos azues que forravam o centro da cozinha.

— Está bem — disse ela como se considerasse tudo terminado naquela noite. — Venha, Marged, vamos tomar uma xícara de chá a minha casa.

Marged saiu sem dizer palavra, Owen afastou-se da porta para elas saírem e ficou a contemplar a mão, onde tinha uma ferida.

— Huw — disse ele sem olhar para mim —, creio ser ocioso recomendar-te discricção acerca de tudo o que ouviste.

— Pois sim, mas fazia pena vê-la chorar daquela maneira. E como é branco o pescoço de Marged.

— Fica agora quieto — aconselhou Owen aproximando-se do fogão.

Ouvia ainda Bronwen lá fora a falar com Marged.

— Como vieste do Hebron, Owen? — perguntei-lhe.

— De onde, pequeno?

— Do Hebron — respondi com os olhos nos livros —, onde te encontraste com Marged. Devia estar muito bonita, cheia de ouro e jóias!

— Cala a boca, rapaz!

— Tiveste de esperar também muito tempo, cinco mil anos. Conte aqui cinco mil tijolos. Demorei-me a contá-los e fiquei estonteado por olhar para eles durante todo aquele tempo.

Owen olhava para o tecto.

— Podias empregar o teu tempo em ocupação mais útil. Mais útil do que qualquer de nós também. E agora boa-noite.

—Boa-noite — respondi eu seguindo-o com a vista ao dirigir-se para a porta.— Diz a Bron que fico à espera dela para a lição.

Ele saiu lépido e abalou a casa com o bater violento da porta.

Bronwen, porém, não voltou.

Minha mãe, quando voltou da reunião, mandou buscar Marged, mas esta desaparecera horas antes; tinham dado por isso quando Morris, o carnicheiro, fora pedir a Bronwen que fosse acompanhar a mulher, que estava à espera do terceiro filho.

Marged foi procurada toda a noite na montanha e no rio, e de manhã, quando os mineiros partiram para a sua tarefa, souberam por Ellis, o carteiro, que ela se havia encontrado com algumas pessoas que acabavam de assistir à reunião na noite anterior e que se dirigiam para o vale vizinho, acompanhando-as.

Os meus pais ficaram muito irritados, mas ainda mais quando lhe apareceu o Sr. Evans, à noite.

Não assisti ao que se passou porque eles encontraram-se em casa de Bronwen, mas quando voltaram para casa meu pai estava tão irritado que não lhe apeteceu cear, de modo que ninguém ceou também e eu só o pude fazer depois de os outros se terem deitado.

Mas o caso é que Gwilym acabou por casar-se com Marged. Eram da mesma idade e Gwilym estivera sempre apaixonado pela rapariga e suponho que por Owen o ter estado primeiro. Este estava ausente no dia em que se realizou a boda e só Angharad e minha mãe a ela compareceram. Bronwen não pôde sair de casa naquele dia por causa de Gareth e meu pai não quis encontrar-se com o Sr. Evans alegando qualquer razão fútil.

Gwilym e Marged foram morar numa das casas novas do outro vale mobilada com dinheiro tirado da caixa de lata... da nossa lata.

O velho Evans nada lhes deu, nem uma xícara ou um pires, nem sequer um bocado de toucinho para a panela, mas ao morrer, dois anos depois, legou mais de trezentas libras à capela. Nunca ouvi meu pai falar dele depois do casamento. Tinham sido amigos, mas alguma coisa devia ter perturbado a amizade; nunca cheguei a conhecer a razão.

Owen durante muito tempo não apareceu, por andar por fora da região. Trabalhava nas fábricas de aço, nas secções dos modelos, onde lhe forneciam possibilidades e material para prosseguir nos seus inventos. Partiu de casa numa noite em que eu já estava a dormir e não assisti à sua saída. A casa ficou então quase vazia de rapazes, apenas com Davy e eu. Davy ficava tantas vezes fora que era quase um estranho quando regressava a casa.

A União ia em franco progresso. Estava ao facto disso porque era eu quem escrevia as cartas dele quando se encontrava em casa e muitas vezes lia as cartas dele aos seus amigos. Esforçava-se naquele tempo por conseguir a ligação dos mineiros com o pessoal dos caminhos de ferro, mas tinha tantos inimigos entre ele e as companhias eram tão poderosas que não conseguia progressos por mais tentativas que fizesse.

Progressos fazia eu graças aos bons officios do reverendo Gruffydd. Todos os dias me visitava, às vezes por minutos, de manhã cedo ou à noite, e outras vezes, poucas e de longe em longe, à tarde, durante uma hora. Era muito amigo de trabalhar com a noção de que não lhe era permitido permanecer ocioso. Subia à montanha dia sim dia não para visitar a população e perguntar-lhe porque não frequentavam a capela, ou sentava-se à cabeceira de um doente, ou conversava com os velhos que não podiam caminhar quilómetros através do mato para frequentar a capela aos domingos.

Aprendi com ele a nossa história. Carodog, Cadwaladr, Lud, Coel, Boadicea, toda essa cintilante pléiade passou para o meu conhecimento e, através de mim, para o pequeno Gareth, que já tinha então idade suficiente para compreender o que lhe

contavam. Observava nos seus olhos a luz que o Sr. Gruffydd devia ter visto muitas vezes nos meus.

— Os homens que extraem o carvão — dizia-me o Sr. Gruffydd — necessitam de energias e de coragem, mas pouco mais necessidade de espírito têm do que as minhocas e as toupeiras. Faz por ter um espírito elevado, Huw, porque o espírito representa a herança de imensas gerações dos que foram grandes na Terra. Assim como o teu pai limpa a lanterna para ter melhor luz, assim deves conservar o teu espírito limpo.

— E como poderei conservá-lo limpo, Sr. Gruffydd?

— Orando, meu rapaz, não resmungando nem praguejando, nem fossando como um porco nos sentimentos religiosos. Oração é apenas outro nome do pensamento bom, limpo, justo. Quando rezares pensa no que dizes e faz com que os teus pensamentos se apoiem em coisas dignas. Dessa forma a tua oração será enérgica e integrar-te-ás na energia que ela encerra e fará parte de ti, do teu corpo, do teu espírito. Ainda queres ver florir o primeiro narciso no alto da montanha, meu pequeno.

— Decerto, que quero, Sr. Gruffydd.

— Então, seja; meu filho — disse o reverendo, e retirou-se.

Naquele ano o Natal foi calmo, sossegado, em nossa casa, pois Davy e Owen estavam ausentes da terra e Gwilym fora com Marged visitar os pais dela; Angharad fora para a granja onde Ceridwen trabalhava a fim de ganhar para os nossos presentes Natal e Ivor, Bronwen e Gareth tinham ido para a montanha de visita a casa dos pais dela.

Desta maneira a casa estava quase sem ninguém e só no dia seguinte ao Natal é que o Sr. Gruffydd veio, acompanhado de outras pessoas, fazer uma noite de canto a nossa casa.

A harpa enchia de tal maneira a cozinha que o harpista teve de sentar-se à porta da rua para que todos pudessem aquecer-se junto do fogo.

O Sr. Gruffydd e o harpista ficaram junto de minha mãe, de meu pai e de mim. Estavam também presentes Miss Jenkins, da montanha, a Sr.^a Tom Jenkins e as suas duas filhas, mais crescidas agora, o carneiro Morris com a mulher, o Sr. Christmas Evans, o carvoeiro, o Dr. Richards e as suas mulher e filha, o Sr. Bowen Rhys, o caixa, o Sr. Owen Madag, da nova linha de caminho de ferro e um casal cujo nome não consigo lembrar, mas recorde-me de que os seus filhos estavam a chupar laranjas de uma maneira tão pouco própria que minha mãe olhava para eles de soslaio e mordida os beijos.

Os vizinhos ouviram o coro e calcularam que o Sr. Gruffydd estava em nossa casa o que deu origem a que dentro em pouco a frente e as traseiras da casa estavam apinhadas de gente que, de pé, escutavam, e alguns mais íntimos de meu pai metiam a cabeça pela porta para nos felicitarem, no fundo pondo em prática a velha esper-teza na esperança de um convite para entrar. Mas a casa não podia conter mais gente; de resto a atmosfera já estava tão carregada, tão espessa que custava a respirar. Eu por mim, na minha cama, sentia tanto calor como se estivesse no forno na companhia dos gansos. Mas os sons que provinham das cordas da harpa, tangidas pelos dedos de Miss Jenkins conseguiam fazer-nos esquecer quaisquer situações que não fossem a alegria do canto e o desejo de também cantar.

Cantos e melodias, cantatas, árias, hinos e salmos seguiam-se um após outro. Cantavam primeiro os homens e depois as mulheres. Minha mãe começou a cantar canções de embalar que já nos tinha ensinado e transmitira a estranhos e os estranhos também nos ensinavam as suas canções. Depois o Sr. Evans dançou duas canções, que aprendera com um cigano, acompanhando-as com o bater das mãos. A sua voz fazia lembrar um cacarejo e era tão cómica que se tornava ridícula quando acompanhada pela voz de baixo de meu pai que tive de violentar-me para não romper às gargalhadas.

No intervalo das canções bebia-se grande quantidade de cerveja e vinho e, para as mulheres, o chá corria em abundância. Se tivessem vontade de comer a mesa estava fartamente guarnecida de todos os alimentos que podem ser preparados pelas mulheres, interessadas em agradar aos vizinhos por via do estômago e desejosas de mostrar vaidosamente as suas habilidades culinárias. Nada podia ser mais grato a minha mãe do que ouvir louvores às iguarias que preparava. Talvez o termo vaidade não fosse o mais apropriado, mas agradava-lhe que reconhecessem que era boa cozinheira e que os outros gostavam do que ela fazia. Passava horas entregue aos seus trabalhos de culinária, era justo que lhe reconhecessem o mérito.

Elias, o lojista, acabava eu precisamente de cantar, abriu caminho através dos ouvintes, pela porta traseira, e ficou, apertado entre os outros, apenas com o rosto e um dos ombros a descoberto como se estivesse pronto a dar-nos o empurrão que nos faria cair no Inferno.

— Gwilym Morgan — gritou ele procurando cobrir com a sua voz os aplausos que me eram destinados —, o senhor deveria sentir-se envergonhado por dar esta festa numa noite como esta. Quanto ao reverendo Gruffydd, o seu procedimento é de molde a solicitar uma reunião de diáconos. Sinto-me surpreendido e profundamente chocado quando penso que é ele quem ensina os meus filhos na escola dominical. Vergonha para si, vergonha para todos.

— Beth, dá ao Sr. Elias um copo de cerveja — disse meu pai enquanto levava o cachimbo à boca.

— Se eu pudesse dar-lhe-ia com uma caçarola — respondeu minha mãe.

— Vergonha também para a senhora — dirigiu-se Elias a minha mãe —, libertada das garras da morte para pagar com a ingratidão que verificamos ao seu Criador, organizando uma bacanal destas no Seu santo dia.

— Mais energia nessa música, minha querida Miss Jenkins — disse meu pai, pois todos pareciam pouco à vontade. — Cantemos novamente *Camaradas de Armas*.

— Um momento, Sr. Morgan — disse o Sr. Gruffydd dirigindo-se a Elias. — Qual é o seu objectivo?

— O senhor nada tem a ver com isso — respondeu Elias — enquanto o seu procedimento não for apreciado pelos diáconos.

— Há oito diáconos aqui — prosseguiu meu pai. — Propõe que se realize a sessão neste momento?

— Vergonha para si — gritou Elias procurando aproximar-se de meu pai sem poder livrar-se da multidão, que o comprimia cada vez mais. — Violadores da santidade do dia, quando parais no caminho da iniquidade?

— Está bem — disse meu pai — se para si vem tudo a dar na mesma vou entreter-me com a perna daquele ganso se a Beth me passar a travessa.

O Sr. Gruffydd levantou-se e aproximou-se do Sr. Elias tanto quanto lho permitia a multidão e olhou não para ele mas para o seu íntimo. Dos olhos do Sr. Gruffydd parecia que saíam brilhantes e finos raios de luz como as agulhas de vidro na frente do vestido de minha mãe.

— Senhor Elias — começou ele —, lamento que o senhor possa ter julgado atencioso da ética religiosa o meu procedimento e que isso tenha perturbado a sua consciência. Mas não se esqueça de que o próprio Filho de Deus esteve presente nas bodas de Caná e até bebeu do melhor vinho. Que acha o senhor de censurável nesta reunião?

A calma voz do Sr. Gruffydd, mais grave em tão pouco espaço, tornara os assistentes tão silenciosos que se podia ouvir a água a correr no jardim.

— Se o senhor não tem a noção da violação que comete — respondeu Elias numa voz que demonstrava à sociedade que ele a ignorava — não é a mim que compete apontar-lha. Hoje é dia santo. Creio ser o suficiente.

— Está muito longe de ser bastante — retorquiu o Sr. Gruffydd. — O senhor entrou

abusivamente nesta casa e a sua impertinência toca as raias da má educação e para a justificar apoia-se na autoridade da Bíblia. Há muitos da sua qualidade sobre a Terra. Agora retire-se antes que o agarre pelo pescoço e o atire lá para fora como um trapo. Conversarei consigo na capela.

Como poderíamos então adivinhar que os factos que descrevi, mesmo insignificantes e tolos como foram, iriam ser a origem da miséria de todos? Mas a vingança, quando tinha ocasião de a exercer, para ele era doce. Como mel, ele saboreou-a plenamente, colher por colher.

Tudo se foi, tudo passou, aquele tempo, aquela gente, mesmo o Sr. e a Sr.^a Elias, os seus filhos, a sua loja. Como se pode odiar o que passou, o que morreu, coisas que se reduziram a pó?

9

NESTA casa em que reina o silêncio estou a pensar retrospectivamente na reorganização da minha vida, na reconstrução do que ruiu. Por vezes parece-me que a nossa vida é um simples esboço rabiscado sobre o Templo, com pouco pensar, pouco apuro e nenhum senso de desenho. «Por que razão, pergunto a mim mesmo, o povo sofre, quase sem precisão disso, quando afinal um pouco de boa vontade e algum esforço árduo afastariam a miséria de todos e enchê-los-iam de paz e alegria?»

A torrente de escórias move-se novamente.

Ouçõ-a sussurrando para si mesma, e enquanto ela sussurra as paredes desta heróica casinha retesam-se para resistir ao choque.

Durante meses, mais do que supusera que ela pudesse resistir, aquela forte torrente foi fazendo pressão sobre estas paredes, este tecto. Também durante meses a grande torrente foi sustada porque no tempo de meu pai os artífices construíam bem porque eram artistas. Vigas fortes, autênticos blocos, trabalho honesto e amor pelo trabalho foi com que esta casa foi erguida.

Mas a torrente de escórias move-se, faz pressão cada vez mais forte sobre toda esta casa, que era a de meu pai, de minha mãe, e agora me pertence. Dentro em pouco, talvez daqui a uma hora, a casa ficará soterrada, e a torrente de escórias transporá o alto da montanha e estender-se-á até ao rio, no vale. Triste rio, tão lindo que eras! Que alegre era a tua canção, que límpidas as tuas águas, como brincavas por entre os rochedos mergulhados num sono sem fim!

Lembrar-me-ei sempre do dia em que me foi dado contemplar-te depois da minha longa permanência na cama.

Naquela manhã o Sr. Gruffydd chegou cedo à nossa casa e entrou pela porta da cozinha de modo que o sol cintilava à sua volta. Parecia maior e repleto de uma intenção amável.

— Bom dia, Sr.^a Morgan.

— Bom dia, caro Sr. Gruffydd — disse, surpreendida, minha mãe. — Estou contente por vê-lo.

— A minha visita é devida a Huw — disse o reverendo como se estivesse a pedir qualquer auxílio para a velha S.^a Llywarch.

— Huw? — interrogou minha mãe olhando para mim por cima da mesa com as sobranceiras quase a tocarem este lenço azul.

— Sim — prosseguiu o Sr. Gruffydd —, hoje é o dia por que ele tanto esperou.

Olhei para o reverendo e compreendi. Mas minha mãe estava ainda surpreendida.

— Os narcisos estão em flor, mãezinha — disse eu.

— Oh, Huw! — exclamou minha mãe largando a faca do pão e desviando os olhos.

— Onde estão as tuas coisas, Huw? — perguntou-me o reverendo, e olhou para as costas de minha mãe.

— Debaixo do meu travesseiro — respondi.

— Do teu travesseiro? — admirou-se.

— Todos estes meses passados, prontas para hoje.

— Então vem — disse ele, e sorria. — Trarás à volta um ramo digno de uma rainha para a tua corajosa mãe, não é assim?

— Está claro que hei-de trazer — respondi, e virei o travesseiro tirando então a minha roupa, que eu conservava pronta a servir desde que começara a pensar no assunto.

Havia dor e fraqueza em todos os meus ossos, mas eu estava disposto a vestir-me. E vesti-me e não fiquei mal embora as meias me estivessem grandes e as calças de xadrez demasiadamente curtas. Compreendia-se: eu tinha crescido e estava magro, por isso não fazia sentido lamentar-me.

Deve ter sido um bom espectáculo a minha figura quando estendi as pernas e me pus de pé, mas como nem o Sr. Gruffydd nem minha mãe olhavam nesse momento para mim, não houve espectadores e eu fiquei contente por isso.

— Sobe para as minhas costas, Huw — indicou o Sr. Gruffydd e dobrou os joelhos de modo que eu pudesse pôr os braços à volta do seu pescoço.

Nunca me esquecerei a impressão que senti quando me vi às costas de um reverendo. Chocou-me tanta familiaridade. Mas lá ia eu naquelas condições a caminho da porta.

— O seu rapaz voltará dentro de duas horas, Sr.^a Morgan — disse o Sr. Gruffydd.

— Deus o abençoe — retorquiu minha mãe sem nos olhar.

— Adeus, mãezinha — despedi-me eu. — Tenha a jarra pronta para os narcisos. Trarei um grande ramo para si e alguns para Bron.

A caminho da montanha, e através das lufadas de ar tonificante, seguimos depressa com a neblina matutina e a luz do sol sobre nós, arrastados pelo vento sudeste e pelas correntes de ar sobre o vale.

— Vais bem, Huw? — perguntou o Sr. Gruffydd. — Achas que vou muito depressa?

— Não senhor. Pode continuar assim.

— Está bem. Temos agora aqui a estrada e lá em cima estão os narcisos. Agarra-te bem.

Aos primeiros passos tive de fechar os olhos para os preparar para a recepção dos raios de sol, de uma cor tão viva, tão pura, tão brilhante. Uns momentos depois, já acostumado e com menos lágrimas a empanar-me os olhos, senti-me em condições de ver sem cerrar as pálpebras e sem pestanejar.

A primeira coisa que vi foi o montão de escórias.

Tinha-se tornado enorme e comprido. Continuava negro, sem sinal de vida, ao longo da extremidade do vale em ambas as margens do rio.

A erva verde, os juncos e as flores haviam desaparecido sufocados debaixo dele. A todo o momento o monte era aumentado à medida que baldes e baldes na extremidade de cabos de aço que chiavam pousavam num plano inclinado e vazavam cargas pesadas de pó negro no terreno sujo e cheio de sulcos.

O montão no nosso lado do vale atingia os muros da frente da fila de casas do extremo, e servia de campo de brincadeira às crianças, que subiam e desciam as negras ladeiras gritando, rindo, cheias de alegria. Do outro lado do rio os telhados da primeira fila de casas mal se viam por cima da parte posterior, muito curva, do montão, e enquanto estive observando o panorama o cabo chiou e os baldes derramaram a sua repugnante carga.

Por entre o barulho dos baldes que subiam ouvia-se um silvo proveniente do poço Britâma como que a lembrar à população do vale que estivesse pronta para receber mais escórias enquanto o trabalho de extracção prosseguisse, ano após ano.

— Pode a mina fazer isto, Sr. Gruffydd?

— Fazer o quê, meu pequeno?

— Inundar tudo isto de escórias.

— Não a podem pôr noutro sítio. Olha para o alto da montanha, perto de Glas Fryn. Lá estão os narcisos.

Efectivamente lá estavam, com as suas folhas verdes no meio do ericado mais escuro da erva e as suas flores amarelas movendo-se ao sabor do vento, lá em cima, perto do Glas Fryn, e ao longo de todo o vale, tão longe quando eu podia abarcar virando a cabeça.

O ouro pode ser descoberto outra vez, os homens podem novamente ser vítimas dos seus efeitos de loucura, mas de qualquer maneira ninguém poderá experimentar as sensações que senti naquela manhã ao observar o ouro brilhante dos narcisos em sua plena florescência. O Glas Fryn era o local mais próximo da nossa casa onde eles floriam. Mais tarde plantei tubérculos deles no nosso jardim, mas era tão pequeno e a terra tão dura do pó das escórias que não conseguiram vingar apesar de terem brotado.

Naquele dia fui colocado pelo Sr. Gruffydd no meio de um local superpovoado deles para que eu pudesse colhê-los para lhes aspirar o doce perfume e agradecer a Deus.

Lá em baixo o rio deslizava, manso como sempre, feliz quando ao sol, mas triste logo que se encontrava entre os negros muros inclinados da escória; parecia então deixar-se possuir pelo medo e seguia abatido, sombrio, quase sem agitação. Quando ultrapassava o monturo aparecia cinzento e começava novamente a apressar-se como se estivesse ansioso por fugir. Mas as suas margens estavam poluídas e os juncos que nelas viviam pendiam negros, lânguidos, tristes, envergonhados do seu negrume, quase a morrer de vergonha e de tristeza em frente do seu amigo, o rio.

— Subirão até aqui os salmões este ano, Sr. Gruffydd? Procurou o cachimbo no bolso e ficou uns momentos calado.

— Disseram-me que nestes dois anos nenhum salmão virá até aqui.

— E trutas, também não? — perguntei.

— Creio que não, Huw — respondeu o reverendo. — Não devem ter coragem de atravessar aquele trecho, tão negro.

— É pena que a maior parte das pessoas não pense tão bem como os peixes. Ninguém me tornará a dizer que os peixes não têm senso.

— Apanha os teus narcisos, Huw. Eu disse à tua mãe que ficaria sem ti duas horas. Já deve estar à nossa espera.

Lamentei não ter podido arrancar todas as flores que estavam à nossa vista e levá-las connosco com terra e tudo. É triste ter de cortar as flores pelo caule e observar como perdem o seu rico sangue branco somente pelo prazer de as vermos aprisionadas na nossa casa em jarras. No entanto eu tinha prometido e procurava cumprir a promessa de modo que não tive outro remédio que não o de cortar as hastes, uma quantidade delas, e novamente trepei às costas do Sr. Gruffydd; a caminho de casa, descendo a montanha.

Era na verdade consolador observar a maneira como as pessoas me olhavam. Como as portas estavam abertas, quando passávamos as mulheres corriam para o exterior a acenar desejando-me felicidades. Lá no alto, em frente da nossa casa, minha mãe esperava por mim acompanhada de Bronwen e Angharad.

— Muito grata lhe estou, Sr. Gruffydd — disse minha mãe.

— Deixe-me tirá-lo das suas costas, Sr Gruffydd — disse Angharad preparando-se para pôr as mãos na minha cintura, mas eu empurrei-a.

— Larga, menina — disse-lhe —, já posso andar pelo meu pé.

E assim fiz, embora à maneira de aranha já velha arrastando a barriga. O meu apoio foi a parede até que atingi a cadeira de meu pai, na qual me deixei cair.

— Muito bem — aplaudiu o Sr. Gruffydd, enquanto minha mãe respirava opressivamente, ansiosa.

—Estou com uma fome...— disse eu.

—Espera— respondeu minha mãe.— Vais ter um almoço igual ao do teu pai, já, já. Uma xícara de chá para o Sr. Gruffydd, Angharad. Criaste raízes no sobrado ou quê?

Bronwen entrou com os narcisos na jarra. Que bela parecia com o ouro dos narcisos a reflectir-se no rosto!

—Não tardará muito que tenhas um camarada para os teus passeios, Huw, o Garethzinho— disse ela ajeitando as flores.

—Não— respondi.— Brevemente irei para a escola e, finda esta, para dentro da mina com o pai.

—Por que dizes isso, Huw?— perguntou-me o Sr. Gruffydd.— Por que não a escola, o colégio e a Universidade, e depois a medicina ou a advocacia?

—Sim— disse minha mãe como que sonhando.— Realmente seria bonito: Dr. Huw Morgan, o seu cavalo, o seu carro, a sua casa. Bem vestido e uma camisa de peitilho engomado! Oh, que sonho, meu filho! Que orgulho me darias!

—Não serei um doutor, mãezinha. Ainda não há seis meses dizia o Dr. Richards que eu não poderia pôr mais os pés no chão. Mas esta manhã fui à montanha. Amanhã irei outra vez, na outra manhã também e outras e outras. Mas não serei doutor.

Enquanto o Sr. Gruffydd tomava o seu chá minha mãe começou a falar empregando palavras que não traduziam claramente o seu pensamento, de modo que compreendi que ela se continha apenas pela presença do reverendo.

—Diga sem reservas o que pensa, Sr.^a Morgan— disse o Sr. Gruffydd a sorrir.

—Deus deu-me um rancho de burros— pronunciou, irada, minha mãe, voltando-se para mim e atirando para longe o atizador do fogão que empunhava.— Verdadeiros quadrúpedes manhosos é o que são todos. Se se diz qualquer coisa boa, não; se se passa qualquer coisa desagradável, não; a resposta para tudo que se diga ou faça é não. Eles é que sabem tudo. Pelo facto de o Dr. Richards ser um velho tarado deixarás de frequentar a escola e procurar ser qualquer coisa melhor? Tem juízo, pequeno. Ainda és muito jovem para ter vontade própria.

—Sim, mãezinha— respondi com o pensamento no toucinho, que cheirava tão bem que me fazia crescer a água na boca.

—Tenhamos fé no futuro— disse o Sr. Gruffydd levantando-se.— No domingo espero-o na capela e ele sentar-se-á no coro. E cantará sòzinho. Essa ideia animar-lhe-á o espírito.

—Oh, Sr. Gruffydd— exclamou minha mãe—, como Gwilym deve ficar doido de alegria! Obrigada, muito agradecida!

—E ponto nas conversas a respeito de doutores— rematou o Sr. Gruffydd.— Não falemos mais nisso. Até amanhã de manhã, Huw.

—Entendido, Sr. Gruffydd, e muito agradecido.

—Deus fique contigo, meu rapaz— disse ele a sorrir para minha mãe. E retirou-se.

10

○ meu desgraçado porvir decidiu-se para todo o sempre naquele domingo em que me foi dado cantar um solo, mas o caso nunca me entristeceu.

Durante a semana, todas as noites, depois de meu pai voltar da mina. tomava banho, comia com apetite e exercitava-me com o diapasão.

Agradecemos agora Todos ao Nosso Deus cantava eu e a música fazia o meu pai chorar. Na verdade eu cantava o hino com sentimento porque ele me tocava na alma. Estar sem possibilidade de andar durante dois anos e depois conseguir levantar-se para novamente pisar o solo faz com que se sinta o coração a rebentar de comoção a cada passo que se dá.

Todos se levantaram cedo no domingo de manhã. Quando olhei para o exterior, estava o meu pai a acender o fogão, vi o fumo começar a sair de todas as chaminés quase ao mesmo tempo, como se todas tivessem tido a mesma ideia de se levantarem cedo para se instalarem no melhor lugar.

O nosso almoço era frio como habitualmente mas minha mãe escalfou para mim um ovo na água quente do banho do pequeno Gareth e desculpou-se perante a sua consciência bebendo água fria em vez de chá.

Depois do almoço dirigimo-nos então para a capela.

Eu ia à frente com Angharad. Ceridwen, que tinha vindo da granja passar o domingo connosco, ia atrás de nós com Gwilym, a seguir Bronwen e Ivor, e fechavam o grupo os meus pais.

À nossa passagem abriam-se as portas, os homens com os seus fatos domingueiros saíam e, a sorrir, desejavam-nos os bons-dias; vinham acompanhados das suas mulheres, também com os seus melhores atavios, algumas de chapéu, como minha mãe, outras de touca, como Bronwne e Angharad.

Pelo mesmo caminho seguiam outras famílias, mas mais numerosas que a nossa. Se todos os meus irmãos vivessem connosco o caso seria outro.

O Sr. Gruffydd esperava os seus paroquianos no exterior da capela e apertava as mãos a todos que chegavam, mas a mim levantou-me nos seus braços e entregou as minhas bengalas ao meu pai.

— Vai lá para cima, para o coro, sim? — disse ele. — E a voz, que tal está?

— Ótima — respondeu meu pai. — Quase não tem sido necessário o diapasão.

— Esplêndido — prosseguiu o reverendo. — Temos então alguma coisa boa para oferecer a Deus.

A capela era maior do que eu pensava, acostumado às dimensões da nossa cozinha. Era muito branca e tinha um aspecto sólido com uma galeria de madeira envernizada à volta e um soalho tão polido e limpo que se podia comer sobre ele.

Na extremidade da capela que se opunha à porta erguia-se o púlpito e por baixo havia uma plataforma onde se instalavam os diáconos. Quatro fileiras de assentos, o detrás mais alto que o da frente, viam-se à direita e à esquerda, as mulheres de um lado e os homens do outro. Notava-se um cheiro de roupas guardadas e de velhos livros de hinos em toda a capela.

Fiquei junto do Dr. Richards, na plataforma, e senti-me tímido perante toda aquela gente que olhava para mim, sorria e cochichava.

Pensei que a origem de todos os murmúrios fosse uma das minhas delgadas pernas, de que talvez eles achassem ser motivo para troça, e procurei pôr as duas detrás dos pés da cadeira, mas estava tão débil de pernas que quase caí no chão.

— Senta-te bem e apoia os pés no soalho — murmurou o Dr. Richards ao meu ouvido. — De contrário partirás a cabeça. Se tornas a mexer-te amarro-te à cadeira.

Em primeiro lugar cantou-se o hino, depois o Sr. Gruffydd fez uma oração. A seguir mais hinos, cantados com vigor, sentimento e musicalidade, e o eco das últimas palavras de cada verso repercutindo no tecto.

O Sr. Gruffydd inclinou-se depois para mim e eu pus-me de pé ao mesmo tempo que a Sr.^a Tom Harrier executava a introdução.

O terror apossa-se de nós quando temos de nos conservar de pé diante de filas de rostos que a água que o nervosismo nos faz vir aos olhos, nos mostra húmidos e trémulos. A boca seca-se-nos, como se tivéssemos areia na garganta e na língua, dando motivo a que a nossa respiração se torne dolorosa. Chegada a vez de cantar, as palavras não nos ocorrem. Transformaram-se em rodas que se afastam de nós e rolam para longe direitas ao poço do esquecimento.

Se conseguirmos captar a primeira palavra todas as outras se lhe seguirão atravessando a nossa mente. Mas a primeira palavra oculta-se sempre atrás de alguém. No meu caso atrás da pena grande do chapéu da Sr.^a Phillips.

Três vezes a Sr.^a Tom Harries deu a entrada e abriu a boca para lhe indicar que estava atento, e, como se as palavras compreendessem a minha crítica situação, atravessaram o meu pensamento e atirei a minha voz para o alto, para a última fala da galeria, para o colo dos Prossers.

A seguir ouviu-se o sermão do Sr. Gruffydd, fez-se a colecta, depois cantou-se outro hino e a bênção e chegou o momento do regresso a casa.

Mas, com excepção das raparigas e de algumas velhas solteironas, ninguém se mexeu após a bênção. Minha mãe, as minhas irmãs e Bronwen também saíram, mas à minha volta, na plataforma, os diáconos e todos os que tinham cargos na capela ficaram a arrumar as cadeiras.

O Dr. Richards pôs-me de pé para que eu estivesse pronto logo que meu pai chegasse para me auxiliar a sair da capela, mas antes que ele viesse, o Sr. Parry, o carvoeiro, tinha-se levantado e dirigia-se à assistência, o que me levou a sentar-me novamente e o meu pai não pôde deslocar-se de onde estava. Pensei tratar-se das habituais comunicações sobre a orgânica da capela, e, uma vez que elas me não interessavam, empreguei uns momentos a multiplicar o número do primeiro hino pelo do segundo e dividindo pelo do terceiro, exercício costumeiro que meus irmãos tinham o hábito de fazer para ganhar uns centavos a meu pai como prémio da resposta certa e rápida, ou pagar multas pelos erros e demora.

Entretanto os olhos do Sr. Parry abriam-se tão severamente e a sua voz tornava-se tão elevada que a brincadeira dos números desapareceu da minha mente pensando até que ele se dirigia a mim; mas não, nesse momento passou ao meu lado uma rapariga, a chorar, que subiu os degraus da plataforma.

Era uma rapariga dos poços da mina. O seu vestido não era rico mas muito elegante e o seu rosto estava tão vermelho e molhado pelas lágrimas que senti o impulso de ir ter com ela e consolá-la.

— Adúltera — gritava o Sr. Parry, e todos os homens concordavam com movimentos de cabeça e franziam os olhos e a testa como se o facto lhes estivesse a dar grande preocupação.

Os sacerdotes, escribas e fariseus estavam no seu elemento regozijando-se à grande.

— Os teus excessos atraçoaram-te — explodia o Sr. Parry batendo de punho fechado na balaustrada — e pagaste o preço das tuas iguais. O seu corpo era a isca de que o Diabo se servia e permitiste que a tentação se apoderasse de ti. Agora, em oposição ao mandamento de Deus, vais dar ao mundo um filho ilegítimo. Não serás adúltera. Não vale a pena orar por criaturas como tu e nem sequer és digna de entrar na casa de Deus. Deverás ser envolvida pelo desprezo geral até aprenderes como te debes conduzir. Os pecados dos pais recairão sobre os descendentes até à terceira ou quarta geração. Meillyn Lewis, concordas que pecaste?

Meillyn Lewis escondeu o rosto num lenço ensopado e gaguejou palavras que queriam dizer «Sim» e «Concordo».

— Desejas ir em paz para o seio do Padre Eterno? — perguntou-lhe o Sr. Parry.

Sim, Meillyn desejaria entrar em paz em qualquer parte, e no seio de quem quer que fosse, mesmo no Inferno somente para poder sair daquela capela e atingir o alto da montanha, longe daquele ambiente condenatório, daqueles monossilabos de reprovação e da voz e da cara do Sr. Parry.

— Mas antes de mereceres a paz tens de sofrer a punição — com a sua voz ecoando nas jarras das flores pois ao nível onde eu estava soava como a trombeta do Dia do Juízo e o Sr. Parry tinha perfeitamente a noção disso.

— Oh, como sou desgraçada! — Meillyn Lewis assoou-se. — Tenha dó de mim. Nunca mais tornarei a cometer idêntica acção. Tomo Deus por testemunha.

— Invocas o nome de Deus de balde — disse o Sr. Parry falando ainda mais alto. — Tranquiliza-te, pecadora, e segue o caminho que os teus superiores te indicam. O Pai não te castigará porque Lhe pediremos.

Foi então que o meu anjo mau me impeliu para o caminho da minha infelicidade.

Não consigo lembrar-me da razão que me forçou a saltar e a gritar para o Sr. Parry. Toda a minha formação era contrária a tal acto irreflectido, especialmente no lugar em que me encontrava, e minha mãe teria morrido só de encarar tal possibilidade. Mas tal cólera se apoderou de mim que o próprio ar que me rodeava se tornou vermelho e o coração pulsava dentro do meu peito com força redobrada para fazer girar o meu sangue e dar-me energia.

—Hipócrita — berrei para ele, eu mesmo admirado com o tom da minha voz. — Primeiro tira a trave do teu próprio olho para teres a possibilidade de veres claramente e arrancares depois o argueiro do olho do teu próximo. Mas coitados de vós, escribas, hipócritas, fariseus, que impedis a entrada no reino dos Céus aos homens, pois nem vós entrais nem admitis que os outros nele penetrem. Ai de vós, escribas, hipócritas, fariseus, que sois como sepulturas brancas por fora que parecem belas por fora, mas que estão cheios de podridão. Do mesmo modo vós pareceis exteriormente justos aos olhos dos outros homens, mas estais cheios de injustiça e hipocrisia. Vós sois serpentes, víboras, e como vos livrareis da condenação às penas infernais? Verificareis que todos vos abandonarão!

A cara que o Sr. Parry fazia! Arrependi-me da minha atitude.

Imediatamente, antes que o Sr. Parry pudesse voltar a si do seu assombro, antes que o Sr. Gruffydd fizesse um movimento, antes que meu pai pudesse aproximar-se, me arrependi. O Sr. Parry era uma boa criatura, ninguém era melhor do que ele. Pagava melhor ao seu pessoal que a maior parte dos outros e era liberal com os que necessitavam e a sua generosidade ia a ponto de pagar a escola a muitas crianças do vale. Por isso me arrependi, a minha voz estacou, partiu-se e os fragemntos juntaram-se à respiração.

Nesse momento o Sr. Parry fechou a boca, com um ruído perceptível para todos os presentes, e o Sr. Gruffydd desceu lentamente do púlpito enquanto os diáconos e os dirigentes se olhavam mutuamente e para o Sr. Parry, e este me fixava e meu pai corria para mim agarrando-me pelo ombro.

—Meu tratante! — vociferou ele. — Meu maroto! Tiveste coragem de fazer um escândalo destes?

—Deixe-o por agora, Sr. Morgan — disse o Sr. Gruffydd docemente. — Leve-o para casa e por ora não toque no assunto. Não o traga à capela hoje à noite e esta tarde leve-o à montanha. Huw — disse para mim calmamente — amanhã de manhã quero falar contigo.

—Sim, Sr. Gruffydd — respondi eu.

—Vamos — disse meu pai e saímos para o exterior frio, mas cheio de sol, sentindo a efervescência dos pensamentos daqueles que estavam sentados, muito calados. Nenhum deles se voltou à minha passagem. As pessoas que estavam na entrada olharam para mim e apresentavam a meu pai um rosto severo, movendo os lábios para o cumprimentarem mas sem pronunciarem uma palavra. O meu crime era tão grande que tinha tornado as pessoas mudas.

—Foi uma grande maldade o que fiz, paizinho? — perguntei a meu pai depois de termos dado uns passos?

—Se foi uma grande maldade, meu filho? — demonstrou meu pai a sua grande admiração parando e fitando-me com surpresa. — Se foi uma maldade? Um dez-réis de gente como tu a dirigir-se assim ao Sr. Parry? Estou tão envergonhado que desejaria sumir-me pelo chão mas contigo a acompanhar-me.

—Mas eles foram desapiedados para com Meilyn Lewis.

—Isso é um assunto que diz respeito aos diáconos e ao Sr. Parry e não a ti.

—Mas tão diácono é o Sr. Parry como o paizinho. Por que não se sentou o paizinho no cadeirão?

—Calate e vamos jantar, meu filho — disse o meu pai com aborrecimento. —

Ah!, meu filho, em que fosso de víboras se tornou aquele quarto da nossa casa! Que caracteres os vossos! Sempre intempestivos, sempre com as palavras impróprias na ponta da língua. Não quero imaginar o que o futuro vos reservará.

Subimos, calados, a colina, e embora eu me aperecesse de um certo movimento das cortinas e eu compreendesse que era devido às pessoas estarem a espreitar ninguém saiu e pessoa nenhuma se achava no nosso caminho. Os próprios pássaros parecia terem-se afastado de mim e o sol quente ainda contribuía mais para tornar silencioso o ambiente.

Logo que entrámos em casa meu pai seguiu para a cozinha para trocar impressões com minha mãe e tomou a precaução de fechar a porta.

Angharad, com os dentes cravados no lábio inferior, olhou para mim com olhos cintilantes meneando ao mesmo tempo a cabeça.

— Estás arranjado quando a mãe souber! — sussurrou ela.

— Quem te contou?

— Foi a Sr.^a Prosser quem contou à Bron, eu estava lá e ouvi.

— Que disse Bron?

— Mandou afastar-me. Não compreendo porquê. De resto eu já tinha ouvido o pior.

Com um fio de pavor atravessando-me, sentei-me. Perguntava a mim mesmo o que me sucederia. Pensei que a polícia desceria a montanha para me prender. Ouvira na cozinha a voz de meu pai e depois nada mais.

O rosto de minha mãe estava mais vermelho do que habitualmente quando se dirigiu ao guarda-louça aonde foi buscar pratos. Por um momento pensei que estivesse demasiadamente zangada para poder falar, mas quando pegou num prato relanceou a vista na minha direcção e vi um sorriso nos seus lábios e os seus olhos orvalhados de lágrimas. Quando correu para mim apressadamente as suas saias rodopiaram: ajoelhou-se e abraçou-me quase a ponto de me levantar da cadeira.

— Meu querido filho: a tua mãe está tão contente que até tem vontade de gritar.

Neste momento meu pai entrou e ficou de pé a observar a cena, de mãos nos bolsos, completamente derrotado.

— Pelo visto, Beth — disse, com ar desconcertado —, és tão boa como ele.

— Sim, Gwilym — respondeu minha mãe pondo-se de pé e agarrando nos pratos —, e tu és tão mau como aqueles hipócritas.

— Lindas palavras. Não me admira. Agora já compreendo.

— Que compreendes agora? — perguntou minha mãe em frente dele olhando-se mutuamente mas sem qualquer indício de cólera ou de rancor.

— Agora compreendo a quem saíram os filhos e a origem de todas estas trapalhadas. A causa é Beth Morgan.

Minha mãe sorriu para ele e meu pai retribuiu-lhe o sorriso.

— Vai ver se as andorinhas já fizeram ninho no nosso telhado — e rodou apressadamente para a cozinha.

Meu pai deu um estalo com a língua e olhou para mim. A satisfação íntima que se lia nos seus olhos desceu rapidamente pelas rugas da sua cara e manifestou-se na boca.

— Que família esta! Vai lavar as mãos, pequeno, e vem comer.

NA tarde do mesmo domingo, quando nos encontrávamos quase no cume da montanha, meu pai parou para descansar e encher ao mesmo tempo o cachimbo. Enquanto contemplava lá ao fundo o vale, dizia-me:

—Compreendes, meu filho? Não podes dizer o que te vem à boca. Há coisas que devem ser feitas e outras que o não devem. Coisas boas e coisas más. E os melhores julgadores são os que mais tempo viveram e os que mais pensaram.

— Sim, meu pai — respondi.

— Sim, mas não gosto desse sim — observou meu pai. — Naturalmente o que queres dizer é: não, meu pai. Será isso?

— Sim, paizinho.

— Diz o que pensas — continuou meu pai, irritado. — Diz-me sempre o que pensas. Como poderei ajudar-te se me mentes?

— Mas... o paizinho chamou-me maroto quando eu, esta manhã, disse o que pensava!

— Sim... mas o caso era diferente. Nessa ocasião estavas a meter-te em assuntos que não são ainda para a tua idade. Não devias ter metido à tua colherada esta manhã. Se não estivesse doente das pernas terias voltado para casa com a tua mãe e Angharad.

— Então a pobre da Meilyn Lewis teria sido enxovalhada sem que alguém tivesse pronunciado uma palavra a seu favor.

— Meilyn Lewis é uma pessoa cuja conduta é censurável.

— Porquê. Porque teve um filho?

— Continuas a meter-te em assuntos que não estás em condições de apreciar e de que nada sabes.

— Sei, sim senhor. Meilyn Lewis foi lá acima à montanha acompanhada de Chris Phillips e ele agora não dá um passo para impedir que ela seja tratada como o foi na capela.

— Como sabes disso?

— Mas quantas vezes passaram eles pela nossa casa? E quantas vezes ouvi as mulheres a dizer que estavam a preparar-se sarilhos se ele continuasse a fazer-se esquerdo em lugar de comprar o anel e a mobília?

— Está bem, está bem... Tu só és uma data de senhoras vizinhas. De futuro terás de sair da cozinha. Para captar mexericos tens umas orelhas maiores do que as de um burro.

— Esta manhã foi a primeira vez que abri a boca.

— E oxalá que seja a última. Mais um escândalo igual ao desta manhã e seremos corridos do vale.

— Mas porquê?

— Porque, meu filho — respondeu meu pai gravemente —, não é próprio nem está certo que uma criança como tu faça certas observações. Tivemos sempre boas relações com toda a gente no vale porque temos procedido em todas as circunstâncias com correcção. As pessoas devem pensar duas vezes antes de fazer qualquer coisa, que pode sair errada. Se todas as Meilyn Lewis e as da sua espécie tivessem a liberdade de fazer tudo o que lhes apetecesse em que situação ficaríamos todos?

— O que aconteceria?

— Para começar teríamos de ter um posto da polícia no vale. Seria uma coisa pouco edificante para nós. Supor-se-ia sermos um bando de criminosos. E que seria dos nossos lares, da tua mãe e das tuas irmãs? Gostarias que Angharad estivesse nas mesmas condições que Meilyn Lewis?

— Oh, paizinho, Angharad não. Ela nunca foi lá para a montanha.

— Graças a Deus! — disse meu pai tirando o cachimbo da boca. — Que raio de rapaz és tu? Eu não queria referir-me a Angharad. Estava só a dizer «se»... ora essa! E se ela se colocasse nessa situação estrangulá-la-ia.

— Estrangulá-la-ia realmente, paizinho?

— Sim, juro que a estrangularia — afirmou meu pai com convicção. — Devemos fazer as coisas com ordem, justiça e honestidade. Na vida de um homem são essas coisas que valem. Sem elas a vida não valeria ser vivida. Meilyn Lewis servirá de exemplo. É legítimo supor que o acontecido esta manhã obrigará uma rapariga a pensar duas vezes antes que se disponha a enveredar por mau caminho.

— O mau caminho dela foi por ter ido para a montanha com um homem e não para a cama com o marido, não é, paizinho?

Meu pai ficou uns momentos calado, de costas, contemplando o vale lá em baixo.

O sol resplandecia. Mas lá em baixo, visto da montanha, o espectáculo era feérico: cada folha de verdura reflectia a luz solar e os prados estavam cheios de ouro e verde, e amarelos, vermelhos e azuis mostravam-se de entre as sebes, onde as flores esperavam as abelhas. Brotavam espinheiros brancos e as flores das amendoeiras estavam em botão e mais longe quatro filas de macieiras mostravam os seus frutos temporãos na quinta de Melrddym Jones. Vacas pretas estavam metidas no rio até à barriga aspergindo salpicos com as caudas ao tocarem na água depois do seu monótono movimento de sacudirem as moscas, e cá mais em cima, perto de nós, carneiros afundavam os fochinhos na erva tenra. Ouvia-se o mastigar dos seus dentes quando a ausência de vento o permitia.

Naquela tarde o vale tinha beleza, mas se nos voltássemos para a direita deparar-se-nos-iam os dois montões de escórias.

— Sim — respondeu então meu pai. — É por isso que a sua conduta é reprovável.

— E Chris Phillips, como se há-de classificar?

— O seu procedimento também não é edificante — respondeu meu pai, mas a sua voz não tinha tom convincente. — O Sr. Gruffydd vai entender-se com ele.

— Mas não em público. Se Meilyn Lewis é uma mulher de mau porte, Chris Phillips é um cobarde. E não sei qual dos dois seja mais censurável.

— Mais uma vez bico calado. Isso continua a ser um assunto vedado à tua pouca idade. Mais estudos e menos conversa. Vamos para casa para tomar chá.

Entretanto durante a nossa ausência muitas mulheres da colina tinham ido visitar minha mãe. Contaram-nos depois. Todas lamentavam o sucedido e todas ouviam a mesma resposta.

— Não vejo razões para lamentos, disse-lhes eu — narrou minha mãe enquanto cortava o pão para as torradas, com a faca reflectindo as chamas do fogão —, e nada vejo que possa fazer-se.

— E foi apenas isso que lhes disseste? — perguntou meu pai levantando os seus olhares para o tecto.

— Sim... disse isso e outras coisas, está claro — respondeu minha mãe.

— Está bem, contar-me-ás isso mais tarde — acrescentou meu pai. — Mas por agora encerremos o assunto. Ele vai esta noite para casa de Bron para ela o ajudar nas lições e nós vamos à capela.

— Esta noite não vou à capela — retorquiu minha mãe ao mesmo tempo que assentava o bule na mesa com tal força que as xícaras saltaram.

— Ah! Agora és tu? — exclamou meu pai, mas nada surpreendido. — Vamos à capela esta noite os dois, Beth. E nada de palermices. Não ligués importância às vozes do povo. A capela é a casa de Deus, e nós os dois iremos hoje visitá-la.

— Está bem, Gwilym — rematou minha mãe.

No dia seguinte esperei ansiosamente pela chegada do Sr. Gruffydd para ouvir

as suas palavras. Em toda a noite não pregara olho inventando fantasmas no meu pensamento e provocando íntimos pavores. Cada fantasma era portador de um castigo para mim alguns deles verdadeiramente impressionantes.

Como é louco o pensamento do homem quando inventa duendes para o seu próprio tormento, para se apavorar com coisas que não são reais!

O Sr. Gruffydd entrou com aspecto normal. De facto a única indicação de que qualquer coisa de anormal se passava era minha mãe quem a dava. Não podia segurar o bule devido ao tremor das suas mãos e foi Angharad quem serviu o chá ao Sr. Gruffydd.

Subimos a um ponto mais elevado na montanha que de costume porque eu sentia-me agora mais forte e utilizava apenas uma bengala. Do sítio onde estávamos podíamos avistar todos os vales encobertos por névoas azul-pálido com manchas acinzentadas e azuis de tom mais profundo onde as montanhas se erguiam.

Estava frio e era maravilhosa, quando se fazia ouvir, a melopeia do vento nordeste.

— Agora, Huw — disse-me o Sr. Gruffydd —, respira bem. Aspira profundamente e conta espaçadamente até cinco antes de encher de novo os pulmões. Depois conta outros cinco. E depois mais cinco para depois expirar. Vamos lá a ver.

— Sim, Sr. Gruffydd.

— Então vamos começar.

Começámos a fazer exercícios respiratórios na montanha enquanto no horizonte a névoa se ia tornando rosa e púrpura e o sol através dela adquiria tons de incêndio e irrompia com tanta energia e nos enchia de tanta luz que não o podíamos encarar. Assim deve ser — penso eu — quando nos encontrarmos na presença de Deus.

O vento fazia revoltear os cabelos do reverendo e o seu nariz brilhava como uma jóia. Mas ele assoou-se e dispôs-se a falar.

O Sr. Gruffydd tinha ombros largos e vestido de negro era uma figura de causar respeito. Mas eu nunca tive medo dele e apenas me assaltava por vezes o temor de perder a sua estima.

— Huw — disse ele por fim —, sentemo-nos aqui, meu rapaz.

Atingimos o rochedo que era o ponto mais elevado da montanha e onde todos os que subiam o caminho paravam para descansar e agradecer ao Céu que aquele fosse o ponto mais alto.

Banhados pelo sol, sentámo-nos sobre uma erva tão macia que parecia um pano de veludo verde. O sítio onde nos encontrávamos estava protegido do vento pelo rochedo, o que parecia irritá-lo. Notava-se essa irritação no tom da sua voz.

— Huw — começou o Sr. Gruffydd —, preciso de falar muito seriamente contigo.

— Diga, Sr. Gruffydd.

— O que se passou ontem na casa de Deus ainda me custa a acreditar. Uma criança a falar de um assunto impróprio da sua idade. Ele levantou a voz e falou sem estar autorizado. Interrompeu uma pessoa de muito mais idade. E foi ofensivo.

— Sim, Sr. Gruffydd.

— Qual foi a razão? — perguntou o reverendo olhando ao longe o vale como se a resposta fosse de pouca monta.

— Porque — respondi em tom baixo — tive pena de Meilyn Lewis. O que disse irrompeu do meu íntimo embora depois me tivesse arrependido.

— Fizeste mal — disse o Sr. Gruffydd pegando-me no queixo e olhando-me de frente — em te comprometeres a não repetir a mesma coisa. Uma vez já é tão absurdo que até já é de mais.

— Sim senhor — disse eu, mas pensei um «não senhor».

— Tenta fixar que a todos os actos da nossa vida somos levados por um de dois caminhos: um direito, outro torto. O teu pai tem passado maus bocados por tua causa.

É caso para perguntar: se tomaste aquela atitude na casa de Deus, que farás fora dela? E depois, que será de ti?

— Eles foram desumanos para com ela — observei eu, e tinha na garganta o mesmo ardor que sentira quando, na capela, defendera Meilyn Lewis. — Toda aquela gente só tinha murmúrios e gestos para a condenar. Aquelas não eram as palavras de Deus: «Vai e não tornes a pecar».

— Conheces a Bíblia de mais e a vida de menos. «Que haja moderação em todas as coisas», disse S. Paulo, o homem mais sensato que passou pelo mundo.

— Mas por que consentiu o senhor àquela cena, Sr. Gruffydd? — perguntei-lhe levado pela obstinada impressão daquela injustiça.

— Porque sou um pastor — retorquiu o Sr. Gruffydd com uma voz nimbada de tristeza. — Mas a seu tempo eu os modificarei sem precisar da ajuda de Huw Morgan.

Durante algum tempo o vento mostrou a sua irritação com alguns rugidos e tentou morder-nos mas o sol impediu-o de nos atacar.

O Sr. Gruffydd procurou contemplar o vale das alturas em que se encontrava mas os seus olhos, cegos pelos seus pensamentos, não lho permitiram.

— Deves convencer-te, Huw — disse ele — de que os homens que ali vivem, nos vales, criaram os seus filhos e edificaram as suas casas sem ninguém que os orientasse. O seu guia tem sido pelas suas vidas fora a Bíblia. Com ela é que se orientam. Nenhum outro guia nem qualquer outra lei possuem. A culpa é da condição humana se alguns hipócritas e fariseus têm surgido. Nem todos podem ser anjos. O homem-Adão tem muitas falhas e alguns são tão escorregadios e viscosos como cobras. Só é de espantar que os homens do vale não sejam todos bárbaros. Meilyn Lewis também me encheu de pena. Mas aquela lição tinha a utilidade de preventivo. Era cruel mas também é crueldade admitir que os maus costumes proliferem.

— Mas não devia ter-se dado o correctivo à frente de toda aquela gente.

— Não devia, Huw, mas por vezes devemos agir consoante as circunstâncias e eu precisamente tanto sirvo a capela como Deus. Ora os Diáconos são meus superiores. Modificações tenho de fazê-las lentamente de forma que não dêem por elas. Devo pensar para depois agir. Devo considerar o que precisa de ser feito e aproveitar a oportunidade. Mas se procedesse como tu pôr-me-iam na rua e eu iria pregar aos peixinhos, e então perder-se-iam as ocasiões de fazer modificações ou de praticar o bem. Compreendeste agora tudo?

— Sim, Sr. Gruffydd, e sinto-me agora ainda mais arrependido.

— Bem, Huw — proferiu o Sr. Gruffydd mostrando os seus bons dentes num rasgado sorriso —, pelo teu tão consolador arrependimento, vou dizer-te que te considero um excelente rapaz mas mal guiado pelos teus impulsos. Nunca te deixes levar pelas primeiras impressões. Observa e pensa. Torna a pensar. Depois apenas um passo para te firmares. Olha, procede como um pedreiro, que coloca um tijolo de cada vez para que o edifício seja sólido. Da mesma forma se deve proceder com as nossas acções. Formula o pensamento articuladamente. Pensa com solidez. Bem seguro, procede depois. Compreendes?

— Sim, Sr. Gruffydd.

— Vamos — terminou levantando-se. — Vamos embora. Parece-me que sinto, mesmo aqui, o cheiro do belo presunto que tua mãe lá tem em casa.

SE de facto houve burburinho com a chegada do filho pródigo não foi maior com certeza do que o reboiço causado pelo regresso de Ianto.

Estávamos justamente a almoçar quando Ellis, o carteiro, fez parar a sua égua branca em frente da nossa porta.

Com todos os filhos fora de casa, minha mãe correu logo que o sentiu e olhou para ele como que para um Deus, alegre e ansiosa ao mesmo tempo por não poder saber se as notícias que recebia seriam boas ou más.

—Tenho aqui uma bastante recheada, minha boa Sr.^a Morgan— disse Ellis a rir. E quatro *pence* de multa também por não vir selada.

—Entre, Sr. Ellis—volveu minha mãe indo buscar o seu porta-moedas.—Angharad, põe na frigideira um bom bocado de toucinho. Uma xícara de chá, Sr. Ellis, para aquecer.

—Está bem, Sr.^a Morgan. Será já o terceiro almoço hoje. É bom ter-se um estômago em condições para isso.

—Caluda!— disse minha mãe dando-lhe os *pence* e rasgando o sobrescrito.

—É de Ianto realmente—continuou minha mãe dirigindo-se para a janela.—Espere. «Meus queridos pais, naturalmente terão pensado que eu já não era vivo; mas não, tenho estado em Londres».

Minha mãe levou a mão à cabeça e olhou para nós com ar espantado.

—Em Londres—murmurou.—Tão longe e sem dar notícias. Com franqueza!—olhou novamente para a carta, e de súbito exclamou:—Vem para casa! Está de regresso a casa! Ianto volta para casa! Oh, Ianto, meu querido filho!

Ellis começou a manifestar-se exuberantemente batendo na mesa com a faca e o garfo e minha mãe, agarrando Angharad pela cintura, dançava agora à volta da mesa com lágrimas nos olhos.

Ouçam—disse minha mãe ao mesmo tempo que limpava os olhos—, Angharad, vai à mina e diz a teu pai o que se passa, e vai também contar a Bron. Depois vem depressa para casa para pormos a casa em condições. Vamos arrumá-la.

As voltas que se deram à casa certamente não poderiam classificar-se de arrumação. Todo o dia a casa permaneceu desarrumada com tudo virado do avesso, com água e sabão por todos os lados e no dia seguinte foi a nossa vez de cairmos a frente e a traseira da casa.

Ianto chegou no dia seguinte. Na noite do dia anterior todos os que o conheciam se concentraram em nossa casa e foram com meu pai à capela para assentar nos pormenores da recepção.

Ellis havia-se encarregado de enviar telegramas a Davy e a Owen e falara pessoalmente com Gwilym no seu caminho pela montanha. Angharad e eu estávamos permanentemente em casa de maneira que toda a família se encontrava reunida.

Meu pai mostrava no rosto a alegria de que estava possuído. De volta da reunião, quando entrou, postou-se de joelhos a orar, em acção de graças. O seu rosto irradiava e o seu bigode parecia feito de prata.

—Ó meu Pai do Céu!—dizia ele.—A minha humilde maneira sinto agora o que Vós sentis quando os nossos filhos regressam para junto de Vós. Por ter visto este dia e por ver que meus filhos e filhas estão de saúde Vos dou graças meu Deus. E, Deus meu, agradeço-Vos agora e sempre. Amem.

Depois seguiu-se a ceia, após a qual meu pai e o Sr. Gruffydd organizaram o cortejo com a banda à cabeça e na cauda a carroça de carvão de Twn Pregar, para carregar os barris e as garráfas.

No dia seguinte meu pai veio para casa uma hora mais cedo para ir com Ivor na carroça do Tomás à estação do caminho de ferro esperar Ianto.

Naquele dia não fui passear à montanha. Encarregaram-me da tarefa de lavar pratos e talheres atrás da casa, no quintal. Todas as vizinhas haviam dado a sua contribuição em louça porque quando muita gente se juntava em nossa casa pedíamos sempre emprestada louça e a minha mãe exigia que se procedesse à respectiva lavagem antes de ser usada. Esse era o meu trabalho e não o deixava de executar, embora não fosse muito do meu agrado, em atenção a Ianto e aos restantes irmãos.

Acabava justamente de soar a sereia indicando o fim do trabalho de tarde quando ouvimos os primeiros acordes da banda lá no vale, onde a multidão se encontrava à espera de Ianto.

Compreendemos que havia entusiasmo.

Minha mãe suspendeu o seu trabalho de pôr manteiga no pão e levou a mão ao peito.

— Chegou agora! Ceridwen, vem ajudar a vestir-me.

Angharad, acaba de pôr a manteiga no pão. Bronwen, olha pelas coisas que estão ao lume.

Então todas se esforçaram por acabar as suas tarefas o mais depressa possível e quando a banda subia a colina já nos achávamos todos em frente da casa à espera.

Quando Ifan Owen apareceu na curva, com a sua vara de prata e o cordão enrolado, os metais brilharam e os tambores rufaram, de facto o meu coração quase teve um colapso. Embora a banda não fosse numerosa, talvez umas dez figuras, e tocasse de ouvido, apresentaram-se muito bem, executando com muita perfeição.

A medida que se iam aproximando mais se ouvia o ruído a ponto de termos de pôr as mãos nos ouvidos.

Depois da banda vinha uma autêntica multidão de amigos nossos de todos os vales, das quintas e da mina.

Quatro orfeões, todos do lado de lá da montanha, o nosso, depois os grupos de futebol equipados, as mulheres com os seus saíotes vermelhos, depois toda a gente que pertencia à capela e das capelas dos arredores com os seus pregadores e finalmente o coro das crianças.

No coice do cortejo, na carroça do Tomás, toda ornamentada com panos e enfeitada de flores e verdura, vinha meu pai com os seus cinco filhos.

Eu estava à janela da casa da frente, mas era tão densa a multidão que depois de a banda passar nada mais pude ver, a não ser as cabeças de meu pai e dos meus irmãos, e quando desceram da carroça nem isso: apenas chapéus.

Então atravessei a cozinha e fui para o quintal, onde encontrei os meus irmãos que tinham vindo pelo caminho das traseiras para se esquivarem à multidão.

Ianto era mais alto que Ivor e trazia vestido um bom fato de Londres. É extraordinário que se possa lembrar de Londres a propósito de um fato. Será uma cidade tão maravilhosa que até um fato possa sofrer a sua influência?

— Estás famoso! — dirigiu-se ele a mim. — Em que rapagão te tornaste! Qual é a tua idade?

— Doze anos, que ainda vou completar na semana próxima.

— Ah sim? — exclamou. — Ele é isso? Fazes anos na próxima semana? Já estás a preparar-te para um presentezinho?

— Não é nada disso. Apenas respondi ao que perguntaste. Em todo o caso se quiseres fazer esse jeito agradeço. Mas se nada me ofereceres é o mesmo, não fico zangado.

— Trouxe de Londres uma coisa para ti. Está na minha mala. Se quiseres podes abri-la e veres o que é.

— Também contei contigo com uma lembrança, Huw — disse Davy. — Está na minha mala.

— E na minha — afirmou Owen.

— A minha oferta só a receberás no dia do teu aniversário — declarou Ivor.

— Agora dou-te seis *pence* — disse Gwilym — e não me esquecerei do dia dos teus anos quando ele chegar.

— Estás contente com a tua vida de casado, Gwil — perguntou Ianto.

Gwilym olhou primeiro para Owen e depois para o capacho.

— Oh, tudo tem corrido bem — respondeu Gwilym. — E a tua mulher, como passa?

— Morreu — respondeu Ianto.

—Morreu?— exclamou Ivor.— Mas não soubemos!

—Preferi não participar—olveu Ianto, colocando-me cuidadosamente no chão.

—E há quanto tempo?— tornou a perguntar Ivor.

—Há seis meses— informou Ianto.— Ela e a criança. Mas escusam de dizer à mãe. Amanhã contar-lhe-ei. E vejam de não ficam longe de mim para evitar que ela me faça muitas perguntas. E agora caluda!

A gritaria lá fora era coisa de espantar. Um denso aglomerado de gente cercava a casa chamando por Ianto, e as mulheres invadiam a casa por comida e chá.

Os meus irmãos foram arrastados para o exterior e eu fiquei isolado num canto a observar. Mas a atmosfera estava tão pesada e tanta gente queria entrar na casa que deliberei trepar à janela e passar-me para o barracão das traseiras longe daquele tumulto. Havia no barracão um canto reservado a arrumações, lugar sossegado com cheiro a sabão, azeite, carvão, lenha, batatas, maçãs e cebolas, onde minha mãe também costumava arrecadar cobertores e panos de que não tinha necessidade imediata. De uma janelinha via-se o cimo da montanha mesmo deitado nos cobertores. Ali costumava eu ler durante o dia e estudar quando havia visitas em casa ou quando ela ou as raparigas estavam a tomar banho na cozinha.

Fiquei ali um bocado a descansar, tranquilo, a ouvir o ruído distante da multidão quando dei pela entrada silenciosa de Marged, a qual fechou a porta.

Voltei a cabeça para a observar, mas não fiz qualquer ruído, e vi que ela caminhava na direcção da bancada em que Owen trabalhava quando estava na nossa casa. Havia ainda ferramentas nas prateleiras e o torno brilhava como se Owen tivesse acabado de o deixar. Eu limpava-o todos os dias.

Marged sentou-se no banco de Owen e começou a mover a roda do torno lentamente, pensativa; apercebi-me então de que estava a chorar.

Justamente quando eu estava indeciso sobre a atitude que devia tomar a porta abriu-se novamente e Owen apareceu no limiar e olhou para Marged. Durante um momento conservou a porta aberta. Possivelmente lembrou-se de que havia gente em redor e entrou então fechando a porta; ficou de pé, de costas para a entrada, mudo, e, como estava vestido de preto, na sombra, quase não se via.

—Marged— sussurrou ele.— Vi-te entrar e não pude deixar de vir também.

—Owen— respondeu a rapariga, e pronunciava as palavras através do choro—, morro por ti.

—Marged— disse Owen, mas desta vez junto dela—, já há tempo que eu devia ter acabado com a vida, mas sou um covarde. Estou amaldiçoado. Amei-te, Marged, querida, amei-te com todas as veras da minha alma, amei-te demasadamente. E ainda te amo. É esse o meu sofrimento.

—Nada há a fazer. Sou casada. Foi o fim.

Owen estava ajoelhado aos pés de Marged, que conservava ainda a mão no torno.

—Lembras-te de que foi aqui que me beijaste pela primeira vez?— perguntou ela com um sorriso triste,— Empurraste-me de encontro a este torno e magoaste-me nas costas.

—Gwil é um bom marido?— perguntou Owen ansiosamente.

—Excelente. Nem tu serias melhor. Tem gestos e expressões tão semelhantes aos teus que por vezes tenho a impressão de ter casado contigo.

—Por que estavas a chorar?

—Porque o velho sofrimento apoderou-se novamente de mim. Sofri, sofri durante horas e meses. Apenas uma palavra, um beijo, teriam bastado para anular esse sofrimento. Mas ele continuou até que um dia acabou.

—Acabou?— perguntou ele num tom de voz agora mais elevado.

—Acabou— pronunciou Marged com voz firme.— Uma noite, sofria tanto que me sentia enlouquecer, e gritava, e o pobre Gwil, tentando acalmar-se também estava

como louco. E então roguei a Deus que te arrancasse do meu pensamento, do meu coração.

— E Deus ouviu a tua prece — perguntou Owen em voz alta.

— Nunca esquecerei Owen Morgan — disse Marged, e levantou-se para agarrar na capa —, o Owen que me beijou e disse que eu lhe pertencia desde o tempo dos Faraós. Nunca. Amá-lo-ei de todo o meu coração até o último dia da minha vida.

— E agora?

— Agora sou a mulher de Gwilym Morgan, e Owen Morgan partiu e não mais voltará.

— Mas, Marged, eu estou aqui ao pé de ti, vê, sou eu.

— Tu? — exclamou Marged, e olhou bem de frente para Owen e abanou a cabeça. — Não, tu não és Owen Morgan. Não há homem igual a Owen Morgan. Ele partiu. Não mais voltará. E ele entregou-me ao irmão.

— Oh, Marged — exclamou Owen, e voltou-se.

— Sim, e vivo agora naquela casa com ele.

— Gostarias de me acompanhar? Serias mais feliz?

— Sômente Owen Morgan me faria feliz. E esse nunca voltará.

— Volta a ti, Marged — disse Owen voltando-se para a agarrar pelos ombros e olhar para ela de frente, como que a pedir-lhe.

Mas as suas palavras perderam-se, os olhos abriram-se desmesuradamente e fecharam-se em acto contínuo com força. As suas mãos caíram-lhe ao longo do corpo e, rápido, a soluçar, dirigiu-se para a porta e abriu-a.

«Marged», soluçava Owen. «Oh, Marged, querida! Que fiz eu de ti, que ente infernal sou eu?»

Saiu e fechou a porta.

Ouvi então o ruído de passos apressados por sobre as pedras. Gwilym abriu a porta de repelão e estacou no limiar com a respiração suspensa. Dirigiu-se em silêncio para Marged e rodeou-lhe os ombros com os braços.

— Vem, minha querida — e nunca lhe ouvira aquele tom de voz.

— Vamos voltar de carro para a nossa casa, sim, minha querida? Molhar-te-ei a cabeça e cantarei para adormeceres. Vem, meu amor, fica sossegadinha!

E tratando-a dessa maneira Gwilym conduziu tranquilamente Marged para fora do barracão e fechou a porta.

Sentia-me ansioso por uma xícara de chá, de forma que pulei do meu esconderijo e dirigi-me para casa atravessando a turba. Muitos já tinham saído a caminho da montanha para se refastelarem ao ar livre. As mulheres tinham aberto as sombrinhas para se protegerem do sol ardente e no ar vogavam as conversas e os risos.

Na cozinha minha mãe estava muito pálida e Angharad chorava a um canto enquanto Bronwen lhe batia ao de leve nos ombros para a animar.

Meu pai e os meus irmãos com o Sr. Gruffydd e outros pregadores achavam-se na sala da frente.

— Huw — acudiu minha mãe pondo-se precipitadamente de pé e afastando as mãos para impedir a minha entrada na sala da frente —, leva o que quiseses e vai espaiar para a montanha.

— Sim, mãezinha — disse eu, e Bronwen aproximou-se de mim a sorrir para me ajudar a escolher e a embrulhar.

— É inútil — dizia meu pai, e a sua voz ouvia-se acima dos ruídos à sua volta, o que fez com que minha mãe se voltasse tapando a boca com uma das mãos. — Não há doutor algum que a possa curar, Sr. Gruffydd. A pobre pequena está louca e isso rouba-me anos de vida por causa de meu pobre filho.

— Vai-te agora embora — murmurou Bronwen ao meu ouvido rapidamente. — E entretém-te por lá umas duas horas, compreendes?

Sai então, fui direito ao rio, meti a mão na água para ver se apanhava duas

trutas. o que não consegui, comi e bebi em cima de uma rocha, ao sol, com o rio como fundo.

Naquela noite em toda a casa se ceava. As mesas, por grandes que fossem, eram pequenas para tanta gente que a elas se sentava, de maneira que tivemos de ajeitar-nos como pudemos.

Na cozinha estava um grupo constituído por mim, meu pai, minha mãe, meus irmãos, o Sr. Gruffydd e mais dois pregadores, o Sr. Evans, o negociante de carvão, o Dr. Richards, o Sr. Parry, o Sr. Owen Madag e numerosos diáconos.

Estávamos todos apertadíssimos, mas as mesas estavam postas com abundância de maneira que ninguém se considerava importunado pelo vizinho. Ianto contava-nos coisas de Londres e a sua vida pela cidade. No escritório de Hopkin Jones, o negociante de fazendas, estivera um tempo, limpava máquinas nos hangares da Great Western, depois fora fiscal nas obras de construção de uma estrada, e ocupara-se em muitas outras coisas.

—O senhor é o homem dos sete officios—dizia um dos presentes.—Por que não se dedica a uma só ocupação?

—Porque nunca encontrei uma ocupação definitiva—respondeu Ianto.—Tive de continuar a procurá-la até a encontrar.

—E encontrou-a?—perguntou a mesma pessoa.

—Não—respondeu Ianto.—Éramos considerados quase como párias. No escritório exigiam-nos que vestissemos como lordes e pagavam-nos miseravelmente. Nos serviços rudes, embora nos pagassem melhor, as condições em que vivíamos eram piores do que as dos animais. Desta maneira tinha de trocar uma ocupação por outra e nunca deixar de procurar.

—E nunca encontrou ocupação que o satisfizesse?—perguntou o mesmo, possivelmente um daqueles homem de gracejos de mau gosto acerca de coisas que a sua mentalidade não atinge.

—Não—respondeu Ianto.—Nunca a encontrei. E provavelmente nunca a encontrarei.

—Assim—continuou o mesmo—o senhor continuará da mesma forma toda a vida? Dessa maneira isso não o abona muito.

—Dessa maneira—disse Ianto com os olhos a faiscar perante a impertinência do antagonista—o que me abona é que não me conservo sentado em cima do traseiro como o senhor, na sua qualidade de pregador, dizendo uma porção de coisas absurdas três vezes em cada domingo e outras igualmente inúteis durante a semana. Graças a Deus, não sou um parasita. Não exploro a sociedade.

Todos pararam de comer e depuseram os talheres, excepto eu, Davy, Owen e Ianto. Esperava pelo que ia acontecer, por isso o caso não me surpreendeu.

—Não posso ficar aqui sentado—explodiu o Sr. Gruffydd—quando o meu colega sofre semelhante insulto. Não há dúvida, reconheço-o, que as observações feitas pelo meu colega poderiam ter sido ditas de maneira menos irritante.

—As suas observações—disse tranquilamente Ianto—nunca deveriam ter sido feitas. A esta hora já teria o nariz esmurrado se fosse outro homem.

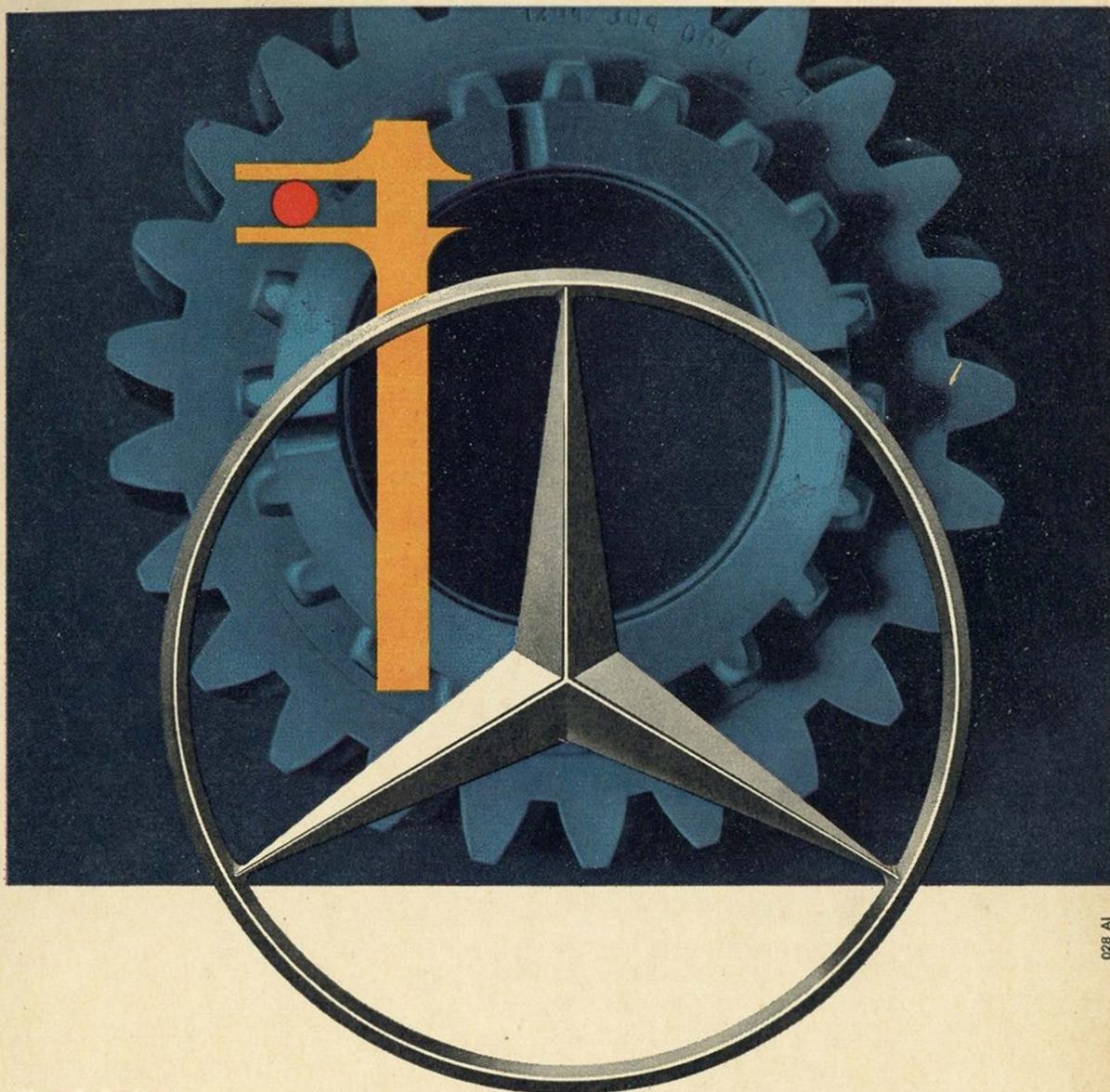
—Realmente—disse o pregador, aflito—, lamento ter originado semelhante incidente. Se eu, inadvertidamente, o ofendi apresento-lhe as minhas desculpas.

—Aceito-as—respondeu Ianto.—Agora quem pede desculpa sou eu. Sirva-se de mais um bocado desta torta de amoras feita pela minha mãe.

Desde então o ambiente já não foi o mesmo. As palavras pareciam ficar suspensas na atmosfera. Estabeleceram-se um mau-estar. As risadas de alguns não eram secundadas pelos outros.

Durante muito tempo o Sr. Gruffydd estivera mergulhado em abstracção fazendo

Qualidade - e o que está por detrás dela



11 828 A1

**Perfeição
no acabamento**

Na produção de um Mercedes-Benz, um cuidado meticuloso é posto na execução de cada componente e no acabamento do mais pequeno pormenor da sua elegante carroçaria. Esta esmerada perfeição permite oferecer ao cliente a mais elevada qualidade nos mínimos detalhes, a qual concede a maior segurança de marcha e proporciona o mais agradável conforto em todos os automóveis Mercedes-Benz.



M E R C E D E S - B E N Z

**A
G
I
D
A
D
E
L
A**

de A. J. Cronin

os poderes que a ciência

moderna dá ao médico

levantam problemas humanos

que, neste romance

já clássico, são

superiormente abordados.

editora ULISSEIA

1954 1954 1954 1954

1954